

ANEXO 1

1. CATÁLOGO DE SÍTIOS

Este catálogo tenta reunir todos os sítios arqueológicos do território de referência que foram cristianizados entre o século IV e VIII d.C.¹. Tivemos como suporte principal a informação publicada e/ou presente nas fichas da base de dados nacional *Endovélco* (mais de 10.000 fichas consultadas entre Março e Julho de 2007), nos processos do actual IGESPAR em Lisboa e em Évora, assim como da disponibilidade dos arqueólogos responsáveis pelas escavações e/ou do material exumado. Não foi possível incluir todos os sítios recentemente descobertos no âmbito dos trabalhos do regolho do Alqueva e de barragens que foram construídas no concelho de Beja nos últimos anos, uma vez que as escavações ainda não foram publicadas e/ou estão sob responsabilidade dos investigadores.

Este catálogo de sítios é organizado por distritos, dentro dos quais seguem os concelhos por ordem alfabética. Dentro de cada concelho elaborámos uma hierarquização dos locais:

1) todos os sítios que foram alvo de escavação e/ou que têm uma presença clara de cristianização e/ou que têm abundantes referências documentais, apresentam parágrafo independente, com indicação da freguesia entre parêntesis, seguido do Código Nacional de Sítio (CNS). Cada sítio é sumariamente descrito e interpretado, centrando-nos sobretudo nos vestígios directamente relacionados com a cristianização, seguido da bibliografia mais recente (a primeira referência, quando existe, é a do *Roman Portugal* (RP) de Jorge de Alarcão publicado em 1988, à qual só foram acrescentados os dados bibliográficos que não constam nesta referência). As publicações indicadas são unicamente referentes ao lugar em questão, as restantes indicações bibliográficas são consultáveis na bibliografia geral deste trabalho.

2) os sítios urbanos (por não serem o objecto principal do nosso trabalho) e os sítios rurais cuja cristianização necessita de ser confirmada - porque são somente conhecidos por prospecção, e/ou carecem de informações suficientes e/ou cujos dados podem sugerir uma ocupação tardo-antiga mas não forçosamente cristã - são estudados mais sucintamente.

¹ Omito voluntariamente de incluir no meu estudo as centenas de sepulturas abertas na rocha, abundantes no Nordeste Alentejano mas presentes em quase todo o território da *Lusitania*. Estas estruturas, por se encontrarem todas abertas, já sem cobertura e vazias não oferecem dados cronológicos concretos para poderem ser consideradas da Antiguidade Tardia, podendo também pertencer ao período muçulmano ou medieval cristão, nomeadamente as de forma antropomórfica.

DISTRITO DE PORTALEGRE

Concelho de Alter do Chão

Alter do Chão: Ferragial d'el Rei / Rua da Misericórdia (Alter do Chão)

CNS: 142

Na área de Ferragial d'El Rei, na vila de Alter do Chão, foram descobertos parte de um edifício termal (provavelmente semi-privado, semi-público), uma *domus* (séc. IV/V) ou *villa* suburbana chamada *villa* da Medusa, alguns enterramentos após a fase de abandono das termas (séc. VI-VII) e a sul da rua da Misericórdia, a uns 400 metros a leste de Ferragial, uma necrópole tardo-romana (século VII-IX), ocupando um sítio romano abandonado. Desde finais do séc. XIX, a vila de Alter do Chão está associada à *civitas* ou à *mansio* de *Abelterium*, citado no Itinerário de Antonino, localizado na via XIV ligando Mérida a Lisboa (Carneiro, 2008: 63). A descoberta em 2009 no derrube da “*domus* da Medusa” de um *imbrice* com o nome de *Abelterium* confirmou a identificação de Alter do Chão com este núcleo urbano² (Encarnação e António, 2009: 197-200).

Graças às recentes publicações do arqueólogo Jorge António, a ocupação do espaço das termas e da *domus* é mais bem conhecida e parece mais complexa: uma utilização do lugar entre o século II até ao século IV /V, com uma ampliação das termas devida, provavelmente, a um aumento da população ou à necessidade de fazer uma separação dos banhos segundo o sexo (António, 2009) e sobretudo, com a realização no decorrer do século IV do “Mosaico da Medusa” numa sala edificada no centro do peristilo (*triclinium*? biblioteca?) da *domus*, relatando o último canto da Eneida³. No entanto, em meados do século VI, as termas e a *domus* já estavam em ruínas e três enterramentos privilegiados⁴ foram feitos no interior de uma das piscinas do *frigidarium* (*ibidem*). Segundo os dados obtidos por radiocarbono, estes enterramentos, que foram encontrados selados, datam do fim da primeira metade do século VI até os meados do século VII. O espólio funerário resume-se a elementos de adorno e de indumentária (brincos, anéis e fivelas). Na primeira sepultura “foram exumados dois fragmentos de crânio, uma vértebra cervical e uma falange proximal de uma mão” (*ibidem*). O arqueólogo acredita estar diante de uma sepultura vazia cujo defunto a que estava destinada, morreu longe, esta sepultura sendo assim um *memoria*. Estes restos podem ser o resultado de um ritual oferecido em nome do defunto. As duas outras sepulturas continham, respectivamente, um indivíduo feminino de pouco mais de 20 anos, com um brinco de bronze e uma fivela em ferro, e um indivíduo masculino, ligeiramente mais novo, com um anel em bronze e um fragmento de fuzilhão em ferro.

A escassas centenas de metros, entre a actual rua da Misericórdia e a antiga estrada romana (sob a EN. 369), encontra-se uma necrópole com várias dezenas de sepulturas. Deste conjunto, vinte enterramentos foram estudados e datados entre o século VII a IX. Para esta necrópole, as características “cristãs” são evidentes: maioritariamente a cabeça para Oeste e pés para Este, havendo no entanto um pequeno número de sepulturas Norte/Sul. As sepulturas, na grande maioria, tinham tampas em xisto, paredes em pedra e fragmentos de *opus signinum* reutilizado ou em tijolo, algumas

² Uma vez que já tínhamos incluído este sítio na nossa base de dados, optámos por não o retirar apesar do seu carácter urbano.

³ Este mosaico foi achado em 2007 e apresentado ao público em 2009. Existem, por enquanto, somente artigos de jornais onde retirámos alguma informação acerca dele.

⁴ Anexo II, 4, fig. 1.

com fundo em tijoleiras rectangulares. Existe algum espólio associado tal como contas de colar, brincos, anéis, fivelas etc. Caso único registado foi a reutilização de uma epígrafe romana à cabeceira de uma das sepulturas. Outro caso de grande interesse é a de uma sepultura com um indivíduo masculino que abraçava uma criança⁵ (António, 2009).

Bibliografia: RP 6/118; ANTÓNIO (*no prelo*); ANTÓNIO e REIS (2008a: 353-366); ANTÓNIO e REIS (2008b: 335-352); ANTÓNIO e REIS (*no prelo*); ANTONIO e ENCARNACAO (2009: 197-200); CALADO (1944: 3-22); ISIDORO (1966: 5-35); PEREIRA (1912: 209-222); PINHO LEAL (1873: 165); REIS (2004: 126-127) Artigos de jornal: “Descoberto em Alter do Chão mosaico romano único na Península”, *Público*, 02.02.2009; MOURA, P. “César, Virgílio, Joviano, António e o mosaico mais belo do império”, *Público*, 16.02.2009.

Quinta do Pião (Alter do Chão)

CNS: 486

O sítio fica situado a cerca de 5 km a SE de Alter, junto à estrada que vai para Cabeço de Vide. Como o assinala André Carneiro: “A Quinta do Pião representa um dos melhores exemplos de *villa* de elevada monumentalidade e requinte nos componentes visíveis (...) podendo ter funcionado como uma *villa* suburbana de algum detentor de magistraturas locais ou, pelo menos, de alguém com importante estatuto social e económico.” (Carneiro, 2011: vol. 2, 12)

Graças à observação das estruturas aquando de uma visita às escavações e à informação oral do arqueólogo actualmente responsável pela escavação, Jorge António, é possível perceber a existência de três núcleos construídos, afastados entre eles por dezenas de metros: i) uma grande sala em abside (*triclinium*?) precedendo vários compartimentos; ii) estruturas balneárias com duas piscinas rectangulares (uma só escavada a meio) revestidas a *opus signinum*, pequenos tanques absidados e salas com mosaicos. Em uma destas salas observa-se a redução do espaço por muros internos mais toscos; iii) um conjunto de salas rectangulares, uma das quais acaba em abside, revestida por mosaicos. À volta desta sala e junto às estruturas das outras, foram descobertos vários enterramentos: dois grupos de dois enterramentos perfeitamente rectangulares encostam-se às estruturas, respeitando a sua orientação; do lado de fora da abside mas não se encostando a ela, encontram-se duas sepulturas que parecem de forma mais antropomórfica. Segundo o arqueólogo, os artefactos colhidos perto das sepulturas caracterizam-se por uma cerâmica de má qualidade, feita à mão, sem torno, o que parece denunciar uma cerâmica já posterior ao século VI – VII, concordando com as características tumulares.

As conclusões que se podem tirar deste sítio, concordando com as ideias expostas pelo arqueólogo, permitem alvitrar a existência de uma *villa* romana (*pars urbana*) que, depois de abandonada terá sido habitada e uma parte terá sido convertida em espaço funerário, com rituais já claramente cristãos, pelas características das sepulturas e sua orientação. Estaríamos tentados em ver na sala absidada uma possível basílica rural, uma vez que o chão é pavimentado a mosaicos, que eram ainda visíveis vestígios de pintura mural e que “atraiu” enterramentos por perto. No entanto, nenhum índice no chão desta sala (iconografia dos mosaicos, marcas de cancelas ou mesa de altar) nos permite tal afirmação. Só podemos afirmar com alguma segurança que as pessoas lá enterradas já seriam cristãos.

⁵ Esta particularidade só foi registada seis vezes em toda a Península Ibérica e parece uma característica tardia (séc. V- VI) e talvez ligada a um ritual funerário específico.

Bibliografia: RP 6/121; CARNEIRO (2011: vol. 2, 12); TIMÓTEO (1978: 278).

Concelho de Campo Maior

São Pedro dos Pastores (S. João Baptista)

CNS: 3393 / 5756 / 23179 / 25395

Este sítio é de interpretação muito complexa, uma vez que várias áreas foram escavadas ao longo de duas décadas, sem que se perceba a ligação entre as sondagens. Na base de dados Endovélico, quatro sítios arqueológicos são descritos na área que abrange o NE de Campo Maior, à saída da cidade e a caminho de Ouguela, na zona da ribeira de São Pedro até à Defesa de São Pedro: “Defesa de São Pedro” (CNS 3393), “São Pedro dos Pastores” (CNS 5657), “Ermida de São Pedro” (CNS 23179) e “São Pedro”, na zona do Hospital (CNS 25395). Esta vasta área de São Pedro deverá entender-se como um só sítio de ocupação humana durante o período romano, tardo romano e alto-medieval que compreende uma zona habitacional (possível *villa* ou *mansio* em “Defesa de São Pedro” e São Pedro dos Pastores”) e uma zona religiosa e funerária na área da “Ermida de São Pedro”. Hoje não é possível observar qualquer vestígio pois parte foi absorvida pela construção de um bairro de habitação e o resto foi tapado, restando somente um campo abandonado.

Foi identificado um núcleo habitacional de época romana, assim como um complexo termal. A escavação evidenciou parte de construções integradas numa sequência estratigráfica entre os séculos I e V/VI, bem como numeroso espólio, em depósito na reserva arqueológica de Campo Maior. Os vestígios de construções estavam em óptimo estado de conservação, chegando alguns muros a conservarem ainda 3 metros de altura. Uns anos depois foi descoberto mais um conjunto de construções romanas mas os níveis de utilização e abandono associados a estas estruturas parecem apontar para uma cronologia romana tardia, provavelmente do séc. V. No topónimo das Hortas de São Pedro, foi identificada uma inscrição funerária (IRCP 593) assim como um tanque revestido a mármore. Esta área pode corresponder a *Ad Septem Aras*.

No entanto, o que reteve a nossa atenção ao ler os relatórios de escavação de 1992 e 2001, foi a natureza das descobertas e a indicação da proximidade dos vestígios romanos e tardo-romanos (necrópole) junto da Ermida. O sítio de ocupação romana identificado na Defesa de São Pedro compreende um pátio porticado a Sul e a Este, três compartimentos a Norte (A, B, e C); no centro do pátio foi descoberto uma espécie de fonte quadrada, todo o conjunto sendo pavimentado por tijoleira. Não se sabe se se trata de termas ou de uma zona agrícola, este conjunto parece ter sido porém abandonado algures durante o século III ou IV, tendo logo a seguir sofrido um incêndio. Pouco tempo depois este sítio foi transformado em necrópole, uma vez que os compartimentos e o pórtico foram cortados por doze sepulturas de características tardo-romanas, uma das quais em sarcófago.

Os arqueólogos identificaram uma fase de reaproveitamento do espaço, com uma nova compartimentação das salas, em que o sarcófago parece ter tido uma certa relevância: “Numa fase posterior, depois de um abandono e ruína de grande parte do edifício, os compartimentos A e B foram reaproveitados, após um restauro sumário. A escolha desse espaço poderá estar relacionada com o facto de se tratar de um compartimento particular, decorado com pinturas a fresco e contendo uma arcaria de mármore, na qual seria sepultado um determinado personagem. Esta sepultura embora não contivesse qualquer espólio e fosse constituída por materiais reaproveitados,

sobressaía de todas as outras até agora identificadas em S. Pedro. Talvez dessa mesma época sejam todas as outras sepulturas identificadas.”

Estamos aqui provavelmente perante um sítio que foi cristianizado em momento precoce, tendo em conta o trabalho de restauro que foi realizado aquando da instalação do sarcófago. Infelizmente não temos mais informações, mas parece que estamos aqui diante de um processo parecido ao de Alter do Chão e de Silveirona, uma aproximação do mundo dos mortos ao mundo dos vivos, traduzindo dois aspectos: a redução do perímetro habitado, a reutilização de um local termal e/ou agrícola como necrópole e talvez o nascimento de alguma veneração *post mortem*, pelo menos em Campo Maior (e em Silveirona). Acresce-se a este facto, a proximidade da Ermida onde foram, como já indicámos, encontrados níveis tardo-romanos nas sondagens 1 e 2. Talvez possamos, com estes dados, alvitrar a existência de uma cristianização bastante antiga que foi, de alguma forma, perpetuada com a construção medieval da Ermida.

O interesse por aquela zona de São Pedro confirma-se ao ler o texto de Estêvão da Gama de Moura e Azevedo, do século XVII, copiado por António Carvalho a partir de 1918, intitulado “Notícias de antiguidade, aumento e estado presente da vila de Campo Maior, tiradas de A.A., papéis autênticos e

tradições antigas e conservadas na memória de seus naturais” e referido por Encarnação (Encarnação, 1989). Estêvão da Gama descreve a fonte no sítio de São Pedro da seguinte forma⁶: “Localizada numa importante saída de Campo Maior, perto do local onde se ramificam os caminhos que dão acesso a Onguela e às terras mais férteis do concelho (...) fica situada à entrada de um vasto terreno plano que antigamente se chamava “a defesa de S. Pedro”: a Fonte de S. Pedro, provavelmente a mais antiga, é local habitado desde os mais remotos tempos. Vestígios de ocupação romana têm aparecido com abundância no espaço que a rodeia. Perto da fonte, localiza-se o mais antigo dos locais de culto de Campo Maior: a Ermida de S. Pedro. Este templo assenta sobre vestígios de um templo romano” e mais adiante acrescenta, acerca da Ermida de São Pedro: “A Igreja de S. Pedro é uma Ermida feita de paredes de terra e de muito pobre arquitectura sem que tenha demonstração pudesse nunca ter mais avultados princípios. A qual se reedificou nos nossos tempos, porque no da Guerra da Aclamação (Restauração) padeceu grande ruína. As colunas (grandes pedras que se encontram neste lugar) que ainda se descobrem, mostram que o lugar tinha extensão porque há três anos que andando um lavrador lavrando uma pequena parcela de terra que está defronte do chafariz, descobriu uma sepultura de que tirou tijolos, para se aproveitar deles, de notável grandeza e qualidade de barro e fica este sítio em bastante distância da Igreja de S. Pedro. (...) Neste campo de S. Pedro se acham as ruínas, cimentos, sepulcros, além de colunas” (Estêvão da Gama, p. 29 e 30).

Os dados não são mais precisos, mas não queremos deixar de referir o interesse desta área no que se refere à *continuidade* de utilização do espaço, com a construção de uma ermida por cima de uma ocupação romana provavelmente religiosa (“templo romano”) e a reutilização do espaço de habitação em espaço funerário com uma sepultura privilegiada, provavelmente cristã. As características deste espaço com muros decorados a estuque pintado e abrigando um sarcófago pode significar a presença de um mausoléu ou mesmo de um edifício religioso.

Bibliografia: RP 6/165; CARNEIRO (2011: vol. 2, 69); CARVALHO (1988a); CARVALHO (1988b); ENCARNÇÃO (1989) RAMOS (2001a); RAMOS (2001b); SILVA, M. (1992). Processo 4.04.002 IGESPAR de Évora.

⁶ Excertos extraídos do blog do docente Francisco Galego de Campo Maior: <http://alemcaia.blogs.sapo.pt>, consultados em Janeiro de 2010.

Herdade da Olivã ou Alivã (S. João Baptista)

CNS: 5727

Esta herdade situa-se a alguns km a SE de Campo Maior. Em Deus, Louro e Viana (1955: 573) é indicado que nesta Herdade foram descobertas uma placa visigótica assim como uma pilastra, hoje conservadas no Museu de Elvas⁷. Neste sítio haveria uma “área enorme, *completamente* coberta de pedras aparelhadas, colunas, fragmentos de tégulas e de outra cerâmica e de mosaico”. Estranhamente, no Museu de Elvas estas peças são de proveniência desconhecida, pelo que nos é difícil saber o verdadeiro local de achamento.

A placa pertenceria a um mosteiro do período visigótico algures em Campo Maior (na Herdade da Olivã?). Tem uma decoração simétrica particularmente bem realizada: um grande círculo central decorado de pérolas totalmente preenchido por hexafólios e quatro rosetas “bizantinas” nos cantos. Ladeando este círculo, um monograma de leitura difícil. Apesar de já ter sido várias vezes publicada (ver bibliografia completa em Wrench: 397) e ter sido datada por todos os autores entre a 2ª metade do século VI e o século VII⁸, o seu monograma continua a não encontrar unanimidade. Rui Serpa Pinto, em 1932, limita-se a ler MONASTERIO, sem arriscar a leitura do santo padroeiro à direita (Pinto, 1932: 6-7). Em 1941, o Padre Miguel de Oliveira lê MONASTERIO SILVESTER (Oliveira, 1941: 48), leitura retomada por Manuel Real (1995) e Maria M. Alves Dias (Dias e Gaspar, 2006: 261); D. Fernando de Almeida propõe MONASTERIO de S. LEONARDVS ou LAVRENTIVS (Almeida, 1964: 214-215), leitura retomada por Schlunk e Hauschild, atestando o culto a S. Lourenço em Mérida, o que torna a leitura muito verosímil (Schlunk *et al.*, 1978: 154). No entanto, um artigo escrito em 1962 na Revista de Guimarães por Luís Chaves ficou esquecido⁹. O autor oferece uma nova leitura do monograma: MONASTERIO LEANTER (mosteiro de S. Leandro), mas tem a especificidade de explicar como chegou a essa conclusão, numerando as letras sequencialmente e dando uma explicação histórica fundamentada. A importância de S. Leandro, bispo de Sevilha até os primeiros anos do século VII, fez-se sentir em toda a Península, através da influência sobre Hermenegildo e Recaredo mas igualmente através da fundação da Escola da Catedral de Sevilha. “A Escola da Catedral de Sevilha foi o centro de formação e irradiação do movimento [intelectual], devido a S. Leandro. O próprio S. Isidoro recebeu a primeira educação” (Chaves, 1962: 425) Após a morte deste bispo, o seu irmão S. Isidoro continuou a sua obra e “no quarto Concílio de Toledo (633) (...), foi decidido criar seminários em todas as dioceses do Reino. (...) Deste impulso de 633 terá saído a criação do Mosteiro – MONASTERIUM – de Campo Maior, denunciado pela placa visigótica, seja ela ou não procedente desta vila” (*ibidem*: 426).

Talvez não se possa concluir de maneira tão assertiva a razão da criação deste mosteiro, mas a explicação parece-nos válida, adequa-se às datações oferecidas por todos os paralelos propostos pelos restantes autores e dá um enquadramento credível à existência desta placa, cujo trabalho escultórico indica um perfeito conhecimento das correntes artísticas bizantinas. Cruz Villalón considera que “todas estas analogías nos dan un campo de asociación interesante entre elementos norteafricanos e hispânicos, que nos llevan a pensar en la mediación africana para el desarrollo de estos temas de origen bizantino en la plástica visigoda con la consiguiente transformación” (Cruz Villalón, 1985: 356). Resta saber se os vestígios encontrados na Herdade da Olivã pertencem a este tal mosteiro.

⁷ Ver Parte II, peças Wrench: 394 e Wrench: 364.

⁸ Salvo Real que data a placa do século IX/X (Real, 1995: 45)

⁹ Talvez por ter sido publicado ao mesmo tempo que a obra de síntese sobre a arte visigótica por Fernando de Almeida?

Bibliografia: RP 6/197; ALMEIDA (1964: 214-215); CARNEIRO (2011: vol. 2, 75); CHAVES (1962: 425-426); DEUS *et al.* (1955: 568-578); DIAS e GASPAS (2006: 260-261); OLIVEIRA (1941: 48); PINTO (1932: 6-7); REAL (1995); SCHLUNK *et al.* (1978: 154)

Monte de S. Salvador (S. João Baptista)

CNS: 7268

O Monte de S. Salvador, zona de habitação e capela privada, situa-se numa pequena elevação na margem direita do Rio Xévoa e a cerca de 2 km da fronteira com Espanha. A leitura do processo do IGESPAR permitiu perceber que três zonas de escavação foram abertas: a zona 1, junto à capela, as estruturas da *pars urbana*; a zona 2, mais a Sul, que corresponde à continuação da *pars urbana* com tanques em *opus signinum*; a zona 3, mais a Norte, do outro lado da casa do guarda do Monte, uma área funerária.

A *villa* romana situa-se sob a actual capela do monte, estendendo-se para sudeste, parte tendo já ruído para dentro do rio. A *pars urbana* é constituída por vários compartimentos pavimentados com mosaicos geométricos policromos, distribuídos à volta de um peristilo. Esta *villa* teve várias fases de ocupação, visíveis nos remendos dos mosaicos, nas remodelações das salas, revelando assim uma ocupação de longa duração. As termas foram encontradas mais a norte, frente à casa do guarda do Monte, aquando de umas obras mas nunca foram escavadas. A algumas dezenas de metros a Norte das termas (atrás da casa do guarda do Monte) foram encontradas, adossadas a estruturais murais, quatro sepulturas com características tardias.

Este sítio chamou-nos a atenção por dois motivos: a sobreposição de “uma capela que assenta sobre a abside duma outra construção que poderá corresponder a um possível templo romano ou paleocristão” (Dias, 1988) assim como a presença de sepulturas tardias. Apesar de o material nunca ter sido publicado, as descrições deste nos relatórios apontam para uma datação da *villa* entre os séculos III e IV d.C. Uma vez que se têm operado vários remendos nos mosaicos assim com reestruturações dos compartimentos, acreditamos que a ocupação se tenha prolongado durante várias décadas ou séculos. A localização da capela sobre uma estrutura em abside não significa que estejamos forçosamente perante uma igreja paleocristã, no entanto o facto de a igreja ter o portal descentrado relativamente à capela-mor pode revelar uma planta condicionada por uma construção anterior de certa importância.

Não longe das termas encontravam-se quatro sepulturas de características cristãs: orientadas E-W, apresentam planta rectangular. A sepultura I era construída com grandes blocos de pedra e tijolos, a cobertura também era constituída por tijolos, o interior forneceu apenas uma pequena bilha de bocal trilobado. Não foi possível estudar esta peça mas a arqueóloga responsável propõe uma datação tardia. A sepultura II tinha planta rectangular, as suas paredes e cobertura eram em tijolo. Da sepultura III eram apenas visíveis alguns tijolos da cobertura; a sepultura IV estava já destruída, só foi identificado um alinhamento de tijolos, podendo ser uma sepultura de criança. Estas sepulturas eram adossadas e tinham sido cortadas por um muro (identificado com muro N1) o que pressupõe que este seria posterior, talvez contemporâneo da igreja?

Infelizmente pouco se pode dizer acerca desta *villa*, a não ser que tem características tardias, podendo ter sido ocupada durante o período visigótico. Os indivíduos lá sepultados já seguiam o ritual cristão da orientação dos túmulos e um deles tinha uma bilha trilobada, como encontramos nas sepulturas de Santo Amarinho, da Boa Morte (Castelo de Vide) ou de Silveirona. Tal como em outros sítios do Alto Alentejo, as sepulturas tardias encontram-se perto ou sobre as termas em

desuso (Alter do Chão, Herdade dos Pombais no Marvão). Aqui as escavações não foram suficientes para perceber a que estrutura o muro N1 pertence, provavelmente é já medieval, mas a área de dispersão das sepulturas é muito próxima de onde foram descobertos os arcos do hipocausto das termas.

Bibliografia: DIAS (1994); CARNEIRO (2011); Processo 4.04.009 IGESPAR de Évora.

Concelho de Castelo de Vide

Santo Amarinho (S. João Baptista)

CNS: 627

O sítio encontra-se a 500m a Oeste da estrada que liga Portalegre a Castelo de Vide, perto do apeadeiro, a cerca de 5 km para Sul de Castelo de Vide. O cemitério situa-se no topo de uma pequena elevação, junto ao actual monte, separado deste por um pequeno afluente da Ribeira de Nisa. Maria da Conceição Rodrigues (1975) refere-se que este topónimo era também associado ao Topónimo de “Capelinha”, cujas ruínas se avistavam ainda há algumas décadas atrás. A autora considera possível que essas ruínas tenham feito parte de uma igreja ligada às sepulturas visigóticas, o que justificaria o topónimo de Santo Amarinho ou Santa Marinha. Foram escavadas em 1975 quinze sepulturas de adultos e uma de criança¹⁰. As sepulturas são rectangulares ou trapezoidais, formadas por lajes de pedras nos lados e nas coberturas, deixando o fundo de terra. As sepulturas são todas orientadas Este-Oeste e acolham só um indivíduo. Em metade das sepulturas encontrou-se uma bilha ou pequeno cântaro à cabeceira¹¹.

Este sítio, se estiver de facto em relação directa com uma igreja contemporânea às sepulturas, será de designar antes como cemitério do que necrópole, uma vez que as sepulturas estão todas agrupadas, e ordenadas paralelamente entre elas, possivelmente junto ao edifício religioso. Estamos decerto diante de um cemitério utilizado por um espaço de tempo relativamente curto, talvez uma geração, uma vez que a construção das fossas sepulcrais é muito regular e bem alinhada, que não houve reutilização de sepulturas nem sobreposição das mesmas. A tipologia do espólio é igualmente homogénea, datada do século VI. De um ponto de vista da organização do espaço funerário, não é possível perceber se existiu alguma hierarquização. Porém, notamos que a sepultura 2, que se encontra a Oeste do conjunto funerário, foi construída com blocos de pedra consideravelmente maiores do que as restantes, podendo assim denunciar alguma sepultura privilegiada. Outro aspecto a ter em conta no que se refere à organização do espaço sepulcral é a localização da única sepultura de criança (sepultura 11), que se encontra encaixada no espaço de quatro sepulturas de adulto, o que pode revelar a presença de um conjunto familiar. Aqui o modo individual de sepulturar uma criança difere das situações em que a criança está sepultada conjuntamente com um adulto dentro da mesma caixa sepulcral (com acontece em Silveirona ou Alter do Chão).

A boa construção das sepulturas, com utilização em algumas coberturas de placas de xisto - que só existem a 10 km de distância (Rodrigues, 1975: 178), a coesão do espaço e a presença de espólio funerário para quase cada defunto revela um cemitério relativamente privilegiado.

¹⁰ Ver Anexo II, 4, fig. 3.

¹¹ Ver Anexo II, 4, fig. 4.

Graças à cooperação do Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (SACMCV) e especialmente à ajuda de João Magusto, foi possível realizar o estudo pormenorizado do espólio funerário inédito desta necrópole¹².

Tipologia do espólio cerâmico

- Bilha SA1¹³ da sepultura 11¹⁴: bilha de bocal circular, gargalo afunilado com uma dobra a meio, bojo baixo e achatado, fundo plano. Asa arredondada que arranca da dobra do gargalo e pousa no bojo. Decoração no bojo: três linhas incisadas em ziguezagues¹⁵. alt: 12,7¹⁶ diam. bojo: 11,8 diam. fundo: 5,8; diam. int. bocal: 2,5. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada, mas mais próxima das bilhas Nolen de tipo 5-c/5-d do que das bilhas que se encontram na tipologia de Flörchinger. Nolen refere que este tipo de bilha encontra-se sobretudo na região de Elvas a partir do primeiro quarto do século II (Nolen, 1985: 53). Possíveis paralelos mas com tamanhos e pastas distintos: bilha nº 94 de Monte do Padrão e nº 95 de Padrãozinho (*ibidem* :53, Est. XIV). Duas hipóteses se põem: i) as sepulturas deste cemitério são contemporâneas o que significa que temos aqui um exemplo de uma peça (tal como a bilha SA5) que retoma uma tradição de época romana com possível origem indígena utilizando técnicas rudimentares próprias da época visigótica (o grupo tecnológico 3 de Alba Calzado é predominante durante o século VII); ii) esta sepultura é uma das mais antigas do cemitério enquadrando esta peça para uma datação tardo-romana talvez do século V.

- jarro SA2 da sepultura 13¹⁷: jarro de bocal trilobado, gargalo curto alargando directamente para um bojo levemente ovóide, fundo plano, tinha uma asa que arrancava no bocal e pousava a meio do bojo. Tem decoração na parte superior do bojo: três sulcos paralelos formando ziguezagues. alt.: 17, diam. int. bocal: 4,5; diam. bojo: 12,2 diam. fundo: 6,3. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada, talvez Jarro Flörchinger tipo 9A. Paralelos: jarro sem contexto Alfunde 2 de S. Pedro de Alcântara; jarro de tipologia indeterminada da sepultura 19 de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 113 e 122). Meados séc. VI.

- Jarro SA3 da sepultura 5¹⁸: jarro de bocal levemente trilobado, gargalo largo e curto, bojo ovóide e levemente achatado, fundo estreito e plano, arranque de asa no bocal. alt.: 17,8 diâm. bocal: 9 diâm. int. bocal: 4,6; diâm. bojo. 14 diâm. fundo: 7,9. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Jarro Flörchinger tipo 10A e 10B. Paralelos: jarro da sepultura 21 de S. Pedro de Alcântara; jarro das sepulturas 20 e 43 de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 109, 122-123). Meados séc. VI – meados séc. VII.

- Jarro SA4 da sepultura 14¹⁹: jarro de bocal partido, gargalo largo, bojo ovóide, fundo levemente convexo. Asa de fita que arranca do bocal e pousa no bojo. Decoração no meio do gargalo: duplo sulco de grandes ziguezagues. alt: 18,3 diam. bojo: 13,8; diam. fundo: 8,7. Trabalho

¹² Os nossos agradecimentos à Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide (SACMCV), mais especificamente a João Magusto, por nos ter cedido todas as fotografias, desenhos de peças e plantas de Santo Amarinho e a Necrópole da Boa Morte.

¹³ Numeração dada pela SACMCV: SA de “Santo Amarinho”, com número sequencial.

¹⁴ Anexo II, 4, fig. 5.

¹⁵ As características da pasta de todas as peças não estão indicadas uma vez que não nos foi possível analisá-las.

¹⁶ Todas as medidas são tiradas em centímetros.

¹⁷ Anexo II, 4, fig. 6.

¹⁸ Anexo II, 4, fig. 7.

¹⁹ Anexo II, 4, fig. 8.

sem roda de oleiro ou a torno lento, grupo tecnológico 2 de Alba Calzado (2003: 308). Jarro Flörchinger tipo 9A/10B. Os paralelos são difíceis de encontrar uma vez que o gargalo é um dos elementos determinantes, mas os jarros de S. Pedro de Alcântara (Flörchinger, 1998: Alfunde Est. 7,11 e Est. 8,2) assemelham-se a este. 2ª metade do século VI. No entanto, o grupo tecnológico 2 de Alba Calzado é predominante no século VII.

- Bilha SA5 da sepultura 10²⁰: bilha de bocal partido, talvez trilobado, gargalo estreito que vai alargando para o bojo baixo e achatado, fundo plano. Asa larga e achatada parte do bocal e pousa na carena do bojo. alt.: 13 diam. bojo 12,7, diam. fundo: 7,7 diam. int. bocal: 2,2. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada, mas mais próxima das bilhas Nolen de tipo 5-c/5-d do que das bilhas que se encontram na tipologia de Flörchinger. Nolen refere que este tipo de bilha se encontra sobretudo na região de Elvas a partir do primeiro quarto do século II (Nolen, 1985: 53). Não encontramos paralelos satisfatórios, a peça SA1 sendo a mais próxima. Podemos novamente estar diante de uma das mais antigas sepulturas datada talvez do século V ou então esta sepultura é contemporânea das restantes datando do séc. VI-VII e nesse caso esta peça retoma uma tradição de época romana com possível origem indígena utilizando técnicas rudimentares próprias da época visigótica (Cf. Grupo 3 de Alba Calzado).

- Bilha SA6 da sepultura 16²¹: bilha cujo bocal foi restaurado como sendo trilobado, gargalo afunilado, bojo ovóide levemente achatado, fundo perfilado, pequena asa em fita que parte por baixo do bocal e pousa na carena do bojo. alt.: 12,6 diam. bojo: 10,3 diam. fundo: 6; diam. int. bocal: 2. Trabalho a torno. A pasta fina e laranja assemelha-se com a cerâmica comum fina de época tardo-romana, assim como a asa em fita, o pé levemente perfilado e o tratamento da superfície com leves estrias brunidas que partem do gargalo para o bojo. Este tipo de bilha aproxima-se da bilha Nolen tipo 1-h “Bilha de bojo ovóide, bordo em forme de L evasado” ou da bilha Nolen tipo 1-k “Bilha de bojo piriforme, bordo aprumado e geralmente decorado com ranhuras ou sulcos horizontais”, pelo que acreditamos que devia ter um bocal aprumado ou em L e não trilobado. O paralelo mais próximo é o da bilha nº27 da necrópole de Serrones (Nolen, 1985: 41) que a autora compara a uma peça de Conímbriga, datada do séc. V e período visigótico. A bilha SA6 é assim uma peça de tradição tardo-romana, que poderá datar do século V ou inícios do VI.

- Bilha SA7 da sepultura 15²²: bilha de bocal trilobado, gargalo afunilado, bojo ovóide, fundo largo e plano, asa arredondada que arranca no bocal e pousa no início do bojo. alt. 16,8 diam. bojo: 12,2 diâm. fundo: 8,7 bocal: 4,6 diam. int. bocal: 2. Trabalho sem roda de oleiro ou a torno lento, grupo tecnológico 2 de Alba Calzado (2003: 310). Jarro Flörchinger entre o tipo 9B, 10A e 10B. Paralelos: jarro da sepultura 94 de S. Pedro de Alcântara; jarro da sepultura 36 de Gerena; jarro da sepultura 7 de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 111, 117, 121). Meados séc. VI – meados séc. VII.

A datação da necrópole de Santo Amarinho, graças às peças²³, situa-se entre o século V até ao século VII, com uma clara tradição cultural tardo-romana. Um outro elemento de tradição tardo-romana cristã é a colocação do morto directamente sobre o substrato térreo, a fim de haver uma maior comunhão entre o corpo e a terra, o que difere da necrópole da Boa Morte onde o fundo é

²⁰ Anexo II, 4, fig. 9.

²¹ Anexo II, 4, fig. 10.

²² Anexo II, 4, fig. 11.

²³ Há referências (em Rodrigues, 1975) que para as sepulturas 5, 14 e 15 teriam aparecido respectivamente uma fivela, uma espada de ferro e uma fibula de bronze; um anel de bronze e uma fivela de ferro, mas este material não está na Reserva da SACMCV, pelo que é difícil confirmar esta informação.

constituído por lajes de pedra. A tradição de fundo da sepultura em terra será retomada em época medieval.

Este cemitério enquadra-se numa área envolvente com ocupação desde o século I d.C.²⁴. Uma ara funerária datada do século I d.C. foi exumada perto num chafurdão que se situa a 100 m. da necrópole visigótica (Almeida e Ferreira, 1967: 68-69), sítio onde abundam “fragmentos de cerâmica grosseira principalmente *tegulae* decorada com sulcos digitais” (Rodrigues, 1975: 178). No artigo de J. Mendes de Almeida é referido que naquele sítio eram visíveis numerosas sepulturas romanas, o que pressupõe que a ara estaria em contexto primário ou pelo menos reutilizada perto deste. No entanto, por informação oral dos técnicos da SACMCV, foi-nos dito que perto do chafurdão terá havido uma ocupação habitacional de época romana, pelo que a suposta necrópole romana deverá estar mais afastada deste sítio. Confirma-se igualmente a existência de três sepulturas medievais escavadas na rocha perto da necrópole visigótica.

Bibliografia: RP6/56; ALMEIDA e FERREIRA (1967: 68-69); CARNEIRO (2011: vol. 2, 96); RODRIGUES (1975: 176-194). Processo 4.05.023 IGESPAR de Évora.

Azinhaga da Boa Morte I (Santiago Maior)

CNS: 238

O sítio encontra-se à beira da barragem da Ribeira de Nisa, no extremo norte, a cerca de 11 km a NW de Castelo de Vide e a 4 km a SW de Póvoa e Meadas e a uns 15 km do cemitério de Santo Amarinho.

Este conjunto funerário da Azinhaga da Boa Morte é constituído por oito sepulturas, mas terá possivelmente havido mais enterramentos uma vez que estes se encontram muito próximas da água. As oito sepulturas são rectangulares, construídas em caixa por ortostatos de granito fincados verticalmente no solo e todas orientadas Este-Oeste²⁵. Este sítio guarda, tal como o de Santo Amarinho, um topónimo com um significado claro: “Azinhaga da Boa Morte”. Um sítio onde morreu gente cristã, uma vez que a morte é vista como a Salvação. As sepulturas todas orientadas indicam uma clara cristianização do sítio. A construção em caixa destas sepulturas difere um pouco das de Santo Amarinho que tinham o fundo de terra. Este tipo de construção pode ser um indício de datação mais recente, uma vez que várias necrópoles dos finais do século V e inícios do VI como Silveirona ou Santo Amarinho têm fundo em terra.

As sepulturas da Boa Morte I continham já pouco espólio, devido ao vandalismo e à acção da água, só se conservando quatro bilhas, duas fivelas e um anel sem indicação exacta da sua proveniência²⁶.

²⁴ Anexo II, 4, fig. 12.

²⁵ Anexo II, 4, fig. 13 e 14.

²⁶ Mais uma vez, um agradecimento sentido para a SACMCV, especialmente a João Magusto, para o acesso ao material gráfico deste sítio.

Tipologia do espólio cerâmico:

- Bilha BMI1²⁷: jarro ou bilha²⁸ de bocal partido, gargalo largo, bojo ovóide, fundo plano, tinha uma asa que arrancava no bojo. Ligeiras incisões decorativas em ziguezagues no gargalo. alt. máx. 16,4 diâm. bojo: 14,5 diâm. fundo: 7,6. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada, talvez jarro Flörchinger tipo 10 B. Paralelos: jarro de Alcalá de Gazules (Alfund); jarro 5 da sepultura 56 de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 104 e 124). 2ª metade do século VI até ao século VII (Cf. Grupo tecnológico 3 de Alba Calzado).

- jarro BMI2²⁹: jarro de bocal partido, gargalo largo e bojo ovóide com leve carena alta, fundo plano, arranco da asa na parte superior do bojo. alt. máx.: 17,9 diâm. bojo: 14,5; diam. fundo: 7,6. Trabalho sem roda de oleiro ou a torno lento, grupo tecnológico 2 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada, talvez jarro Flörchinger tipo 11. Paralelo: jarro 7 da sepultura 57 de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 124-125). Finais séc. VI até ao séc. VII (cf. Grupo Tecnológico 3 de Alba Calzado).

- potinho BMI3³⁰: pote³¹ com perfil em S, fundo plano (em Rodrigues, 1975 está representado com um arranque de asa que não parece ter existido). alt. 14,5 diâm. bojo: 14,2 diâm. fundo: 8,9; diâm. bocal ext: 8,6/int: 6,8. Trabalho sem torno de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). De tipologia indeterminada talvez pote Flörchinger tipo I B/I C. Paralelos: potinho 3 da sepultura 2 ou o pote 1 (Einzelfund) de Casa Herrera (Flörchinger, 1998: 121 e 125). Finais do século V – inícios do VI, porém as características desta peça parecem-nos situá-la já no século VI-VII (cf. Grupo 3).

- Anel³²: anel em fita com mesa oval decorada com S e I alternados, incisões decorativas laterais representando talvez palmetas ou aves estilizadas.

- Fivela de cinturão³³: Fivela de cinturão de aro oval e fusilhão cuja parte final tem forma de escudo. Paralelo idêntico provindo do cemitério da Abujarda (Cascais) apresentado por Zeiss (1935: 11 e Est. IX, fig. 6). Este autor pensa que se trata de um modelo de fivela germânica de tradição romana.

- fivela BMI4³⁴: fivela de cinturão quadrangular em bronze, já sem fusilhão nem placa. Fivela Flörchinger tipo 6. Paralelos: fivela da sepultura 4 de S. Pedro de Alcântara (Flörchinger, 1998: 108). Meados do século VII.

Desta forma, apesar de as peças deste sítio não serem atribuíveis a sepulturas certas e o número das sepulturas ser baixo, consideramos a tipologia da cerâmica assim como a construção sepulcral bastante homogêneas. A datação das peças é compreendida entre o século VI e aos finais do século VII d.C. o que permite enquadrar a necrópole nesse período histórico.

²⁷ Numeração dada pela SACMCV: BMI de Boa Morte I seguido do número sequencial da peça.

²⁸ Anexo II, 4, fig. 15.

²⁹ Anexo II, 4, fig. 16.

³⁰ Uma fotografia na Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide (Rodrigues, 1975: Est. CXIII) mostra este pote assim como o anel e a fivela como provindo da mesma sepultura, pelo que apresentamos as tres peças seguidamente.

³¹ Anexo II, 4, fig. 17.

³² Anexo II, 4, fig. 18.

³³ Anexo II, 4, fig. 18.

³⁴ Anexo II, 4, fig. 19.

Bibliografia: RODRIGUES (1975: 176-194); CAEIRO (1984a). CARNEIRO (2011: vol. 2, 90); Processo 4.05.006 IGESPAR de Évora.

Azinhaga da Boa Morte II (Santiago Maior)

CNS: 238

Estas sepulturas encontram-se do outro lado da Ribeira de Nisa, a várias centenas de metros do primeiro, pelo que não farão parte do mesmo cemitério. As duas sepulturas, orientadas, são construídas com lajes de granito fincadas verticalmente no solo, com uma fiada de blocos de pedra colocados para apoiar as lajes. A primeira sepultura é de forma rectangular enquanto que a outra é mais antropomórfica³⁵. Cada sepultura continha um jarro votivo. Estas sepulturas têm as mesmas características construtivas e de espólio do que a Necrópole I da Boa Morte. Aqui não podemos falar em necrópole uma vez que são só duas sepulturas.

Tipologia do espólio cerâmico

- púcaro BMII 1³⁶: púcaro de bocal ligeiramente extrovertido, bojo ovóide, fundo ligeiramente convexo, asa de secção circular arranca no bocal e pousa a meio do bojo. alt.: 12,6, diâm. bojo: 14 diâm. fundo: 7,6 diâm. int. bocal 4,8. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 3 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia indeterminada e sem paralelos. Pelas suas características tecnológicas esta peça enquadra-se no século VII, talvez de tradição local.

- Bilha BMII 2 da sepultura 1³⁷: bilha já sem bocal, de gargalo afunilado, bojo ovóide com leve carena alta, fundo plano, asa de secção circular que arranca no bocal e pousa na carena do bojo. Apresenta três perfurações no bojo. alt.: 22,3 diâm. bojo: 15 diâm. fundo: 9. Trabalho sem roda de oleiro, grupo tecnológico 2 de Alba Calzado (2003: 308). Tipologia bilha Flörchinger tipo 11. Paralelo: jarro 7 da sepultura 57 de Casa Herrera. (Flörchinger, 1998: 125). Meados do século VII.

Perto destas duas sepulturas, José Caeiro descobriu “vestígios de duas habitações, uma a 70 metros para SE e outra a ca. de 100 metros para Sul.” (Caeiro, 1984: 4). O autor atribui estas construções num período histórico compreendido entre os séc. VI/VII “altura em que já se verificava um corte ao nível tipológico e técnico com as cerâmicas do mundo romano” até ao século X “dado o carácter rural e de interioridade daquelas populações (...) período em que não se fariam sentir as novas tipologia e tecnologia de cerâmica árabe.” Estamos assim diante de uma ocupação rural, em que o mundo dos mortos começou a entrar no mundo dos vivos, num momento em que a população já era claramente cristianizada mas antes da igreja ter um controle nestas partes mais remotas do território rural.

Bibliografia: CAEIRO (1984b). CARNEIRO (2011); Processo 4.05.006 IGESPAR de Évora.

³⁵ Anexo II, 4, fig. 20.

³⁶Anexo II, 4, fig. 21.

³⁷ Anexo II, 4, fig. 22.

Monte do Mascarro (S. João Baptista)

CNS: 531

Pars rustica de uma *villa* romana situada a 5 km a poente de Castelo de Vide, a 250m a sudoeste do monte da casa pertencente ao Mascarro e a 500m par noroeste da Ribeira de Nisa. O microtopónimo da Herdade é “Judiaras”. A presença de uma judiaria em Castelo de Vide de época alto-medieval é conhecida, mas uma referência toponímica em ambiente rural pode significar uma presença judaica mais vasta.

Nas primeiras sondagens feitas por Maria da Conceição Rodrigues nos anos 1970 foi possível perceber que se trata aqui de uma provável *villa* romana reocupada durante o período visigótico, por terem sido encontradas duas moedas de ouro visigóticas e moedas do Baixo-império, assim como dois pavimentos sobrepostos, um em *opus signinum* por cima de um pavimento em tijoleira. Uma primeira sepultura foi encontrada nessa altura, sem se perceber a sua ligação com o resto das estruturas. As escavações efectuadas por Jorge de Oliveira (as anteriores não foram registadas) permitiram confirmar a ocupação romana de carácter agrícola seguida por um período de ocupação e utilização funerária de época visigótica. As escavações puseram a descoberto três sectores, A, C, D. Os dois primeiros revelaram vestígios de lagar e de trabalho do ferro ou de fundição de vidro, aparentemente abandonados nos finais do século IV ou V, se considerarmos que as moedas de Constantino e de Teodósio (Rodrigues, 1975: 171; Oliveira, Relatório da Campanha de 1984: 5) circularam até ao século V ou até mais tarde.

O sector que nos interessa aqui é o sector D³⁸: este revelou três níveis de ocupação, cujo último cobre directamente muros anteriores e está associado a um piso de tijolo moído. Esse nível revelou duas moedas de ouro visigóticas, uma das quais do rei Egica eleito em 687 e ungido em Toledo³⁹; três moedas do século IV, uma base de coluna considerada visigótica⁴⁰ e duas sepulturas⁴¹ colocadas por cima do piso de tijolo moído, tendo-o só rompido “para fixação das pedras constituintes das estruturas tumulares”⁴².

Torna-se difícil perceber o que sucedeu neste sítio, uma vez que se desconhece a relação espacial entre os três sectores escavados. No entanto, parece claro que houve uma ocupação sobre parte da *villa rustica* após o século IV ou V. O nível de ocupação posterior parece seguir sem interrupção, uma vez que a base de coluna e as sepulturas assentam directamente sobre o nível tardo-romano. O último nível deverá acabar no início do século VIII, datação dada pela moeda de ouro. A suposição de estarmos diante de um possível lugar cristianizado baseia-se assim na reutilização do sítio como espaço funerário associado a uma moeda de um rei católico.

Não nos esqueçamos que “próximo do local (...) encontraram a parte inferior de uma ara, em granito” (Rodrigues, 1975: 168). A leitura desta ara revelou ser votiva (IRCP 613), não se pode porém tirar muitas ilações acerca deste achado, só referir que já em época romana terá havido um ponto religioso perto deste local.

Bibliografia: RP 6/57; CARNEIRO (2011: vol. 2, 94); ENCARNÇÃO (1984: 675); RODRIGUES (1975: 176-194). Processo 4.05.002 IGESPAR de Évora.

³⁸Anexo II, 4, fig. 23.

³⁹Anexo II, 4, fig. 26.

⁴⁰Anexo II, 4, fig. 25.

⁴¹Anexo II, 4, fig. 24.

⁴²Oliveira, J., Relatório da Campanha de Escavação de 1984: 7. Processos 4.05.002 IGESPAR de Évora.

S. Salvador do Mundo (S.^{ta} Maria da Devesa)

A pequena capela de S. Salvador do Mundo encontra-se em Castelo de Vide, numa encosta íngreme à beira da estrada que, rodeando a vila, conduz à Beirã. “Não se conhece a data da fundação mas é tradição ser a mais antiga construção religiosa de Castelo de Vide. É um edifício de modestas dimensões, constituído por dois espaços: capela-mor e uma só nave. (...) No interior a servir de mesa de altar há uma pedra de forma paralelepípedica que nos parece ter tido utilidade diferente daquela que hoje tem. Mais parece uma ara do que pedra de altar. O portal principal está voltado sensivelmente a poente e é constituído por duas arquivoltas de volta inteira com silhares de aresta viva. As impostas⁴³ estão decoradas com uma cruz de braços iguais inscrita numa haste enrolada que descreve dois círculos” (Rodrigues, 1975: 190). Não nos foi possível entrar na capela, mas as impostas do portal principal foram fotografadas e são de factura claramente visigótica, datadas provavelmente do século VI. Uma vez que estas impostas estão inseridas no sítio arquitectónico próprio para impostas, poderão estar na sua localização original. O arco do portal e a planta poderão ser do século VI, tenho havido posteriormente remodelações e acréscimos.

Bibliografia: RODRIGUES (1975: 190-191); TRINDADE (1979: 123-124, pr. LIV, fig. 1).

Concelho do Crato

- O lugar dos Mosteiros (CNS 5813) na freguesia de Crato e Mártires, encontra-se voltado a oeste, numa pequena plataforma junto a uma linha de água subsidiária da ribeira da Espadaneira, será um sítio de ocupação romana, talvez de tipo *villa* (Saa, 1967: 76, 77 e 89; Carneiro, 2011:19). O local tem uma entrada voltada para oeste, onde ainda se encontra uma coluna tombada. Este conjunto estrutural é ortogonal e parece ser simétrico: a entrada está rigorosamente a meio das estruturas criando um pátio largo ladeado por dois blocos e um conjunto residencial rematado por uma larga abside. Neste sítio foi encontrado um fragmento de capitel⁴⁴, mais exactamente na fachada sul deste complexo edificado. A presença do capitel assim como o topónimo pode indiciar uma ocupação tardo-romana de cariz cristão, no entanto será necessário efectuar escavações no local para confirmar tal suposição.

⁴³ Anexo I, 2, n.º6 e anexo II, 6, fig. 6.

⁴⁴ Ver Anexo I, 2, n.º7 e Anexo II, 5, fig. 7.

Concelho de Elvas

Da cidade de Elvas concelho provêm cinco peças arquitectónicas visigóticas: pilar (Wrench: 365), imposta (Wrench:372), mesa de altar ou imposta (Wrench: 368), colunelo (Wrench 382), sem proveniência exacta porque geralmente reutilizadas como material de construção na cidade⁴⁵. Uma pilastra⁴⁶ está ainda hoje embutida na parede, a servir um dos lados de uma janela no Museu Militar de Elvas. Duas peças arquitectónicas provêm do sítio da Terrugem (colunelo torso e placa com hexafólio perfurada).

- Na Herdade da Fontalva (CNS 4151), situada na freguesia de Santa Eulália, a sul desta vila e a norte de Barbacena, foram encontrados variados objectos de época romana: cerâmica comum, *terra sigillata*, lucernas, vidros, elementos de ferro como pontas de lança, escopro, pregos etc. (Paço *et al.*, 1957: 111-131) que revelam provavelmente a existência de uma necrópole imperial. Além deste espólio apareceu uma sepultura com moedas do Baixo-Império (Paço e Ferreira, 1951: 5-14) pelo que a necrópole poderá ter funcionado até ao século IV. Nesta localidade apareceu igualmente uma fivela de cinturão visigótica (*op. cit.*; Almeida, 1962: 244), liriiforme, decorada a pontilhado. Zeiss enquadra esse tipo de fivela no estilo “godo-bizantino”, a partir de meados do século VI até inícios do século VIII (Zeiss, 1936: 151). A presença desta fivela pode revelar a continuação de utilização deste espaço funerário até aos inícios do século VIII.

- Na Herdade do Carrão (CNS 4600), Vila Fernando, situado perto de Elvas, a algumas centenas de metros a Norte da estrada que liga Elvas a Vila Fernando, foi achado “um extenso conjunto de edifícios” (Deus *et al.*, 1955: 568). Deverá tratar-se de uma *villa* de peristilo, cuja *pars urbana* foi escavada assim como parte do edifício termal. O sítio seria composto por vários compartimentos, um deles com planta absidal. Os pavimentos em mosaico apresentavam seis painéis diferentes, em “quatro planos de nível diferente” (*ibidem*), o que pode indicar uma construção em patamares avançando na direcção da linha de água (Carneiro, 2011: vol. 2, 138). No edifício termal foram postas a descoberto três salas com pavimento em mosaico e uma com um ralo de pedra, de forma de roseta, a um dos cantos do compartimento. Perto desta *villa*, existiam duas barragens contemporâneas, uma das quais foi totalmente destruída. O que nos chamou à atenção neste sítio é a presença, entre o material recolhido, daquilo a que os autores chamaram de “grande prato litúrgico” (Deus *et al.*, 1955: 569), tratando-se de um largo prato de 34 cm de diâmetro em *terra sigillata* Clara D, com decorações impressas de rosetas e palmetas no seu centro. O carácter litúrgico desse prato sendo difícil de confirmar, não deixa de ser interessante notar que já durante a sua utilização sofreu várias quebras que foram remendadas “pelo que mostra diversos orifícios onde se fixaram os ‘gatos’ de chumbo” (*ibidem*), o que poderia denunciar um carácter importante ou insubstituível deste prato. Contudo, este facto, pouco comum em época imperial, volta a verifica-se em época tardo-antiga tal como já acontecia durante a Idade do Ferro, pelo que não nos parece ser suficientemente relevante para poder considerar a especulativa utilização litúrgica deste prato mas antes uma prova de que numa altura em que esse tipo de produto escasseia, o hábito de “reciclar” será mais óbvio do que durante os períodos de produção em massa e de grande facilidade de acesso.

⁴⁵ Ver parte II, grupo escultórico Évora-Elvas e Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

⁴⁶ Anexo I, 2, n.º8 e Anexo II, 5, fig. 8.

Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa)

CNS: 5722

Esta *villa* romana situa-se na Quinta da Longas, a uns 7 km a Norte de Elvas, próxima da estrada N 246 que liga Elvas a Santa Eulália e a Portalegre. Esta *villa* será uma das mais sumptuosas da região do Alto Alentejo, com dimensões importantes, várias fases de ocupação (e de reconstrução), mas sobretudo devido ao conjunto de esculturas decorativas datado do século III, descoberto em 2000 (Carvalho, 2000: 8), conjunto esse que continua a ser um *unicum* em todo o território português.

As várias publicações parciais do sítio (ver bibliografia *infra*) não justificam aqui uma nova descrição detalhada acerca desta *villa*⁴⁷. Em resumo, trata-se de uma *villa* construída na segunda metade do século I que funcionou até ao século III (*villa* I); será totalmente demolida para ser reconstruída uma nova *villa* nos finais do século III – inícios do IV (*villa* II), que será habitada até ao início do século V. Esta *villa* II organiza-se à volta de um peristilo central de forma rectangular. A oeste uma grande sala de tripla abside, o *triclinium* (sala 1) e a sul, entre os diversos compartimentos, duas salas (sala 5 e 12) compõem-se por uma abside na sua extremidade meridional. Na última fase de ocupação, somente o peristilo, as duas salas absidadas e três compartimentos têm um novo pavimento em mosaico. A presença de um ninfeu, de vários tanques e do conjunto de peças escultóricas quase todas referentes ao mundo das águas mostram assim que o culto da água revestia suma importância nesta *villa* durante os séculos IV e V d.C. Nos níveis de abandono da sala 24 (adjacente à sala do ninfeu) terá sido depositado o conjunto das peças escultóricas acima referido. Uma vez que não foi encontrado completo, os arqueólogos crêem que estas peças poderão ter sido depositadas intencionalmente em época muito tardia, quiçá medieval ou moderna, para serem queimadas em fornos de cal.

O que nos interessa aqui será o último mosaico da sala 5 absidada. De facto, no início do século V o sector sudoeste da *villa* II sofrerá grandes transformações arquitectónicas mas igualmente no que se refere ao programa decorativo. Os mosaicos das salas meridionais serão refeitos numa menor qualidade, afastando-se claramente da boa execução dos mosaicistas do século IV, cujos motivos denunciam uma muito provável influência africana. O mosaico da sala 5 adapta-se ao espaço pré-existente desta sala construída durante a primeira fase da *villa* II e é novamente decorado por dois tapetes de mosaico: aquele que preenche a sala rectangular, de menor qualidade e que sofreu vários restauros em *opus signinum*, e outro tapete que decora a abside sobrelevada. A área externa do mosaico da abside retoma o motivo de peltas que se encontra no *triclinium* e o medalhão central é preenchido por quatro grupos de duas elipses enquadrando o centro ornamentado com o crismon⁴⁸. Este símbolo encontra-se em posição central, representado de forma esquemática: o chi (X) e o rho (P) sobrepostos, com tesselas pretas e brancas.

Estamos aqui diante do único mosaico com uma simbologia cristã clara do Sul da *Lusitania*. A particularidade deste crismon reside no facto de estarmos, teoricamente, num ambiente residencial e não religioso e ser o único crismon em mosaico na *Lusitania*. Não conhecemos nenhum paralelo directo, a não ser o da *villa Fortunatus* (Oliveira *et al.*, 2005) na zona chamada Pilaret de Santa Quiteria, a 5 km a Norte de Fraga, Huesca⁴⁹. Em exemplos extra-peninsulares temos o mosaico da

⁴⁷ Anexo II, 4, fig. 27.

⁴⁸ Anexo II, 4, fig. 28.

⁴⁹ O paralelo da *villa* do Prado perto de Valladolid referido por Oliveira *et al.* (2005) e retomado por inúmeros autores (Schlunck e Hauschild; Chavarria Arnau etc) não nos parece adequado uma vez que se trata de um mosaico com

igreja de Aosta (Perinetti e Bonnet, 1986) ou inúmeros exemplos do Norte de África (Duval, 1982), em que o crismon em mosaico decora sobretudo tampas de sepulturas no interior das igrejas.

Bibliografia: RP 6/190; ALMEIDA (2000: n.º22); CARVALHO (2000), CARVALHO e ALMEIDA (1999-2000); CARNEIRO (2011: vol. 2, 145); OLIVEIRA, CARVALHO e ALMEIDA (2005, no prelo); RODRIGUEZ MARTIN e CARVALHO (2008: 302-340).

Herdade da Terrugem (Terrugem)

CNS: 4599 e 5700

Em 1946 foi descoberta uma “povoação romana que existiu no cabeço de Santo António em cuja falda assenta a aldeia da Terrugem” (Deus *et al.*, 1955: 571). Segundo o material descrito visto em prospecção pelos autores, denuncia uma *villa* de época imperial com colunas, mosaicos, possíveis termas e uma necrópole associada⁵⁰.

No entanto, a ocupação que nos interessará aqui será a da Antiguidade Tardia, momento em que se instala uma necrópole de inumação com 22 sepulturas, ou mais se atendermos ao artigo de Manuel Heleno que recenseou “30 sepulturas” (Heleno, 1951: 94). Estas eram maioritariamente orientadas a NE-SW, de planta trapezoidal, construídas em caixa, com tijolos e *tegulae* ou com lajes de xisto ou de mármore. Uma das sepulturas, além de ter três “varões de ferro” para sustentar a cobertura⁵¹, continha uma bacia e um vaso de bronze; outra, “de pequeno tamanho”, supostamente para uma criança e construída em tijoleira, tinha uma colher dita “litúrgica”, em estanho (Louro, 1964: 9), com a inscrição “AELIAS . VIVAS IN . (*crismon*)” (Louro: 1948). Mede 18,6 cm de comprimento e 6,5 x 2,5 cm para a concha; a inscrição encontra-se no fundo da concha e no cabo da colher foi igualmente gravado um *crismon*.

Estas sepulturas não tinham uma orientação fixa, mas parecem seguir ou contornar as paredes de uma estrutura quadrangular, como se esta fosse “um elemento polarizador do espaço sepulcral” (Carneiro 2011). Trata-se de uma “edificação feita de blocos de granito de uns 0m,80 de comprimento por 0m,50 de largura e de espessura (Viana, 1950: 301). Esta “atracção” das sepulturas exercida pelo edifício verifica-se igualmente na necrópole do século VI de Silveirona⁵², podendo aqui ser talvez também um mausoléu ou uma igreja. Algumas destas sepulturas possuem um ossário integrado ou encostado⁵³. A maioria destas sepulturas foi reutilizada várias vezes, uma chegou mesmo a conter oito crânios, mais um elemento parecido com a necrópole de Silveirona, acentuando o carácter de inumações “*ad sanctos*”.

Para além da colher litúrgica - por enquanto única no território do Sul da *Lusitania* - provêm da Terrugem igualmente um “colunelo torso, de mármore” (Deus *et al.*, 1955: 572) assim como uma

decoração geométrica cujas cruzes gregas se repetem em todo o tapete, parecendo assim um motivo decorativo e não um motivo crismático.

⁵⁰Anexo II, 4, fig. 29.

⁵¹Tal como o sarcófago do séc. VII da igreja de Mosteiros (Portel).

⁵²Anexo I, Caso de Estudo 2.

⁵³Anexo II, 4, fig. 30.

“linda rosácea em granito” (Louro, 1948: 347), a servir de ralo para escoamento das águas pluviais⁵⁴ de “uns alicerces de um grande edifício” a “50 metros a norte das sepulturas” (Viana, 1950: 301). Estas rosáceas são produções tardias, “com labores de estilo visigótico” (Viana, 1950: 302), tal como se verifica na *villa* do Carrão ou na *villa* do Cabeção (Mora).

A conclusão que se pode tirar aqui é da clara presença de uma sepultura cristã e de uma provável existência de um edifício religioso cristão devido às peças arquitectónicas, ou pelo menos ao colunelo, mas sobretudo por causa da orientação sugestiva das sepulturas à volta das estruturas edificadas. A datação do sítio é já mais difícil de averiguar, no entanto, a tipologia de colher é romana - ou tardo-romana nesse caso, devido à inscrição paleocristã. Viana sugere uma datação ainda do século IV quando Heleno propõe já o século V (Heleno, 1951: 94)

Bibliografia: RP 6/217; ALMEIDA (2000: n.º 51); CARNEIRO (2011: vol. 2, 154); DEUS, LOURO, VIANA (1955); LOURO (1948); LOURO (1964); VIANA (1950).

Herdade da Chaminé (Vila Fernando)

CNS: 1472

Situada do outro lado da linha de água que o separa da *villa* do Carrão, no microtopónimo “Tapada da Chaminé”, pode tratar-se da necrópole relacionada com a *villa* da qual dista 70 m (Heleno, 1950: 85) ou mesmo de uma necrópole de várias *villae* ou de um *vicus* - visto a sua grande extensão - como o possível *vicus* da Atalaia dos Sapateiros que terá tido relevância durante o período proto-histórico e alto-imperial (Fabião, 1998).

Revela-se assaz complexo entender o que foi encontrado neste sítio, devido a vários factores: i) uma grande diacronia da ocupação (V a.C. até ao VI d.C.); ii) uma sobreposição de sepulturas de períodos totalmente distintos; iii) uma explicitação algo confusa ao longo dos vários artigos escritos por Viana (1950), Viana e Deus (1950) e Deus, Louro e Viana (1955), que levantam algumas dificuldades em entender a organização da informação.

De facto, em 1950, no seu artigo “Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas”, Viana menciona 25 sepulturas romanas (orientadas no sentido N-S), sob o sub-título “17. Cemitério romano-visigótico da Chaminé” (Viana, 1950: 306) e sob o sub-título “19. Necrópole da Idade do Ferro, na Chaminé” o autor refere “cinquenta sepulturas, orientadas de Nascente-Poente”, isso é: sepulturas do período visigótico (!). No entanto, nos intervalos destas 50 sepulturas já cristãs encontraram-se mais de 150 urnas da Idade do Ferro, daí a confusão de atribuição do período histórico para as diferentes sepulturas⁵⁵.

Resumindo, esta necrópole foi de facto utilizada desde: i) a Idade do Ferro (Fabião, 1998), representada por 150 sepulturas de incineração em urnas (os chamados “campos de urnas”), ii) durante a época alto-imperial com somente uma sepultura “curta e rectangular” que “continha 14

⁵⁴ Estas peças farão parte do grupo escultórico Évora-Elvas estudado na Parte II deste trabalho: Infelizmente não puderam ser vistas porque o museu encontra-se encerrado e as imagens não puderam ser digitalizadas por serem fotografias de qualidade insuficiente.

⁵⁵ Frade e Caetano consideram as 25 sepulturas romanas e as 50 sepulturas cristãs como fazendo genericamente parte da “necrópole mais tardia” (1993: 850).

vasilhas, cinzas e carvões” (Viana: 1950: 308), iii) durante o período baixo-imperial, caracterizado por 25 sepulturas trapezoidais orientadas de norte a sul e por fim, iv) durante o período visigótico, representado por 50 sepulturas de inumação orientadas Nascente-Poente.

Estas sepulturas “eram dispostas simetricamente, algumas à profundidade de quase um metro”, eram “de forma trapezoidal e pouquíssima largura, estreitando tanto em um dos topos que não verdade terminavam em bico”, “tratava-se de sepulturas de inumação, mas todas tinham aos pés, pela banda de dentro, um ossário” (Viana, 1950: 308). Eram feitas em lajes de xisto serviam para um ou mais indivíduos e o espólio funerário resumia-se a “contas amarelas, fivelas, anéis, um com SS, vários brincos e uma vasilha apenas”(Deus, Louro e Viana, 1955: 569), o que revela hábitos funerários típicos de época cristã ou dita visigótica. Manuel Heleno acrescenta o epíteto “visigótico” às fivelas, datando o fim da necrópole do século “VI da era cristã” (Heleno, 1951: 91).

Bibliografia: RP 6/210; ALMEIDA (2000: n° 41); CARNEIRO (2011: vol. 2, 139) DEUS, LOURO e VIANA (1955); FRADE e CAETANO (1993); HELENO (1951); VIANA (1950);

Herdade da Camugem (Vila Boim)

CNS: 427

Esta necrópole de inumação é constituída por três sepulturas “formadas por lajes de mármore” (Deus *et al.*, 1955: 571)⁵⁶. Vários aspectos parecem confirmar a datação tardo-antiga e o provável carácter cristão a este conjunto funerário: uma das sepulturas continha dois esqueletos “colocados a par”, e outra era construída por lajes e inscrições funerárias pagãs reutilizadas, com as faces inscritas viradas para dentro (IRCP 585 e 597). Este hábito só se verifica em necrópoles paleocristãs, tal como a necrópole de Silveirona⁵⁷, a necrópole em Alter do Chão ou a necrópole de Segóvia (Almagro Basch, 1975), num momento em que estas inscrições pagãs já não tinham significado nem eram mais respeitadas como tal.

Bibliografia: RP 6/218; ALMEIDA (2002: n° 56); CARNEIRO (2011: vol. 2, 155); FRADE e CAETANO (1993: 861); IRCP 585 e 597.

Monte da Nora (Terrugem)

CNS: 11667

A uns dois quilómetros a NE da aldeia da Terrugem, no âmbito da construção da auto-estrada A6, foi encontrado um provável povoado indígena que se manteve em ocupação durante todo o Império, já com ligação à próxima via XII⁵⁸. Segundo a monografia realizada acerca deste sítio, foi possível detectar várias fases de ocupação (Teichner, 2008): “Phase I”: um povoado da Idade do Ferro (2ª metade do II a. C. – inícios do séc. I d. C.) delimitado por dois fossos paralelos e um portão de acesso; “Phase II”: durante o Alto-Império verifica-se uma remodelação do espaço, os fossos foram em parte cortados, várias estruturas são construídas, fornos de cerâmica, um lagar,

⁵⁶Anexo II, 4, fig. 31.

⁵⁷ Anexo I, Caso de Estudo 2.

⁵⁸ A possível atribuição deste sítio à *mansio* de *Montobriga* proposta por Teichner (2008) é no entanto revista por Carneiro (2011) devido à distância do povoado com a via XII e à ausência de espaços de acolhimento e de termas que uma *mansio* requer.

áreas residenciais com plantas e orientações divergentes, assim como uma rua; no século IV um dos fornos é encerrado pela abertura de silos parecendo assim haver uma reorientação produtiva.

A “Phase III”⁵⁹ será a que nos interessará especialmente aqui: durante o século V ou VI, parte do espaço habitacional terá sido abandonado pois é progressivamente substituído por uma necrópole de inumação (chamada necrópole D). As 17 sepulturas estão todas orientadas Nascente-Poente, foram construídas com lajes de xisto e cobertas com lajes que na maioria das vezes já tinham desaparecido no momento da descoberta (Teichner, 2008: 78). Os esqueletos foram quase todos preservados, em posição de decúbito dorsal, seis eram indivíduos masculinos, sete eram indivíduos femininos e havia somente uma criança. Nenhum artefacto é mencionado, provavelmente por não existir.

A datação destas sepulturas não parece clara: uma das 17 sepulturas (sepultura D14) obteve por C¹⁴ “eine unerwartet späten Sterbezeitpunkt im 8. Jh. hin” (*ibidem*) o que leva o autor a preferir a datação de duas sepulturas “ohne erkennbare Verbindung zu der großen Necropole D” (Teichner, 2008: 79), localizadas no sector E a 40m a Sul do sector D, com uma datação que ronda o século V ou inícios do VI, não se sabendo ao certo que cronologia atribuir à necrópole D. No entanto, as orientações E-O denotam já a clara cristianização do sítio.

Bibliografia: ALMEIDA (2000: n.º 52); CARNEIRO (2011: vol. 2, 143); TEICHNER (2008: 61-91).

Concelho de Fronteira

Neste concelho conserva-se numa colecção particular parte de uma cancela visigótica⁶⁰ de proveniência desconhecida, não se sabendo se provém do Concelho de Fronteira ou de um concelho limítrofe.

- No arqueosítio designado Burraz 2 (20144), Fronteira, será um casal rústico, com ribeira na base e um poço nas imediações (Carneiro, 2005: n.º 202). O local apresenta uma importante mancha de concentração de materiais, com fragmentos cerâmica de construção (muitos imbrices e algumas tegulas), cerâmica comum, um bordo de *dolium*, um peso de tear e um elemento movente de mó. Como elementos arquitectónicos encontra-se um silhar de granito, vários fragmentos de pedra afeiçãoada e um cimácio em mármore⁶¹ que terá pertencido a uma igreja paleocristã. De facto, a propriedade imediatamente contígua chama-se “Courela da Capelinha”, o que denota a memória de um edifício de culto medieval, ou talvez já do período visigótico. Serão necessárias escavações no local para se confirmar esta possibilidade.

⁵⁹ Anexo II, 4, fig. 32 e 33.

⁶⁰ Ver estudo da peça no Anexo I, 2, n.º10 e Anexo II, 5, fig. 10. Grupo Escultórico Évora-Elvas analisado na Parte II deste trabalho.

⁶¹ Esta peça fará tipologicamente parte do Grupo Escultórico de Beja (e não de Évora Elvas apesar da sua localização geográfica). Ver estudo da peça em Anexo I, 2, n.º 11 e foto em Anexo II, 5, fig. 11.

Herdade da Palhinha (Fronteira)

CNS: 13728

Neste local terá havido uma *villa*, cujos vestígios se estendem por cerca de três hectares, ao longo de duas encostas suaves, voltadas a Oeste com ribeira na base estando a maior concentração de achados mais próxima de um dos topos. Foi achado um conjunto muito bem conservado de cerâmica de construção (imbrices, *tegulae*, tijoleiras de pavimento, pedras de granito) assim como cerâmica comum, dois fragmentos de *terra sigillata*, um fragmento de *dolium* e um fragmento de ânfora.

No entanto, o achado mais importante deste sítio, para o nosso estudo, será o da inscrição paleocristã de *Petra*⁶², cuja leitura feita por M. Manuela Alves Dias (Dias e Gaspar, 2006: n.º156) revela que esta menina terá vivido oito anos num mosteiro dito “de Lancia”. Apesar de nenhum dado no terreno poder confirmar tal edifício, este poderá estar num terreno próximo. Será de notar que “no adro das casas do monte estavam depositadas uma base de coluna, um tambor e uma mó movente, todos em granito. Por informação oral do antigo proprietário da peça foi indicado o achado de uma ‘pedra circular toda escrita à volta’ (um marco miliário?) entretanto destruída. Um antigo trabalhador da Herdade mencionou que no mesmo local foram encontradas outras epígrafes, entretanto perdidas: uma com figuração antropomórfica (uma cara grosseiramente desenhada) sobre texto latino, uma segunda com representação de um cavalo sobre texto latino, e uma terceira só com texto. Referiu ainda que, a Este do local de povoamento, estaria uma zona de necrópole, pois ali se encontraram lajes de xisto, bilhas e jarros e uma sítula de bronze.” (Carneiro, 2011: vol. 2, 205)

Este local parece revelar uma importância sobretudo de um ponto de vista epigráfico (se bem que a maioria das inscrições tenha desaparecido) o que denota a presença, além da *villa*, de uma necrópole de época romana que terá perdurado pelo menos até ao século VI. A presença de um mosteiro neste local ou nas redondezas é mais difícil de averiguar, além de que a indicação de sítios em inscrições pode revelar, pelo contrário, uma localização longínqua que é recordada pelo defunto para se demarcar do sítio de onde foi sepultado.

Bibliografia: DIAS e GASPAR (2006: n.º 156); BATATA, BOAVENTURA e CARNEIRO (2000); CARNEIRO (2002: 143-144; 2004: n.º 24; 2005: n.º 12; 2011:vol. 2, 205).

Concelho de Marvão

Em S. Salvador de Aramenha, na cidade romana da *Ammaia*, foi achada uma inscrição funerária paleocristã - já desaparecida - de um certo *Optatus* falecido em 513⁶³. No entanto, esta única presença paleocristã não fornece, por enquanto, dados suficientes para afirmar uma ocupação e existência de uma igreja paleocristã nesta cidade. Os recentes estudos acerca da cerâmica fina deste núcleo urbano (Quaresma, *no prelo*) patentizam uma ocupação até finais do século V, sendo residual nos inícios do século VI, denotando assim um abandono em favor provavelmente de outro núcleo (em *Abelterium*?). Desta forma, a inscrição paleocristã e o sítio do Monte Velho (*vide infra*) são as duas únicas referências cristãs conhecidas hoje em dia para este concelho.

⁶² Anexo I, 3, n.º18

⁶³ Ver estudo da peça na Parte III acerca da epigrafia e no Anexo I, 3, n.º17.

Herdade dos Pombais (Beirã)

CNS: 2745

A *villa* e a necrópole do Monte da Herdade dos Pombais situam-se a dez quilómetros de Santo António das Areias, num olival de pequena encosta, a sul da via de caminho de ferro e do rio Sever.

Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em 1982 numa necrópole que tinha sido parcialmente destruída por trabalhos agrícolas. Doze sepulturas orientadas E-W foram identificadas, das quais seis tinham sido violadas. Todas eram paralelepípedicas, formadas por finas lajes de xisto (salvo as sepulturas 8 e 9 geminadas por uma laje de granito), sendo que a cabeceira era sempre composta por uma pedra mais larga. Duas sepulturas (3 e 8) apresentavam mais de uma inumação e duas (6 e 7) eram de crianças. Em três sepulturas foram encontrados brincos (2, 3, 9), duas continham vasos de cerâmica tardo-romana (8, 10) e a sepultura 9 continha um vaso de vidro. Logo nesta campanha percebeu-se que as sepulturas necropolizaram um espaço de habitação, com vários muros e um canal de escoamento.

Em 1983 identifica-se “uma grande casa, compartimentada a sul, [e] no seu interior, a Norte, um pequeno conjunto estrutural de pedra e argamassa, cuja função não é ainda conhecida.”⁶⁴ Do lado exterior, a norte, foi escavado um tanque revestido a *opus signinum* e foram ainda recolhidas placas de mármore. O conjunto material demonstra a vocação da *villa* (objectos de ferro documentando actividades agrícolas e tesselas de mosaico) e o contexto tardio uma vez que as referências a *terra sigillata* indicam essencialmente as variantes Hispânica e Clara. Em 1984 escavou-se um “compartimento D”, com uma parede “consolidada com argamassa branca, interrompida a meio pelos arranques salientes de novas estruturas de pedra, ao que parece, contrafortes.” A norte surgiu a estrutura de arcaria, ainda hoje visível, que indicava a existência de termas. Identificaram-se novas sepulturas atingindo o número de 20, encostando-se aos muros destas termas. Em sondagens exteriores à área construída foi recolhido espólio abundante: fragmentos de cerâmica comum, TSCI C e D, TSH, pré-luzente, vidros, lucernas, alfinetes em osso, variados objectos em bronze, moedas e muitos ossos. É de notar neste sítio a abundância de ferro – escórias de diversos tamanhos e objectos de variadas formas, tamanhos e funções: pregos, cavilhas, hastes, tiras, argolas, placas, fechaduras e outros de função indefinida. (Carneiro, 2011: vol.2, 236).

Nos anos seguintes continuaram a ser escavados vários compartimentos assim como mais oito sepulturas mas desta vez provavelmente romanas por serem orientadas N-S. Eram construídas por “paredes internas formadas de pequenas pedras sobrepostas, outras de tijolos, outras ainda utilizando imbrices e tegulas, como é usual encontrar em necrópoles romanas desta região peninsular.”⁶⁵ Durante a última campanha foram descobertas mais dez sepulturas, elevando o total para trinta e sete, continuando a tratar-se de caixas de inumação com pouco espólio, geralmente apenas com uma bilha na cabeceira. Na escavação do espaço entre as sepulturas identificaram-se três moedas do século III, vários fragmentos de TSCI C e um fragmento de lucerna com crísmo no disco, indicando assim uma possível cristianização deste sítio.

Este lugar é de identificação complexa pois parece indicar, além da reconversão do espaço em necrópole paleocristã, a continuação da habitação do sítio, talvez com funcionalidades diferentes

⁶⁴ Isabel Fernandes, 1983 - Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1983. Processo 4.10.002 do IGESPAR de Évora.

⁶⁵ Isabel Fernandes, 1987: 63.

do que as da prévia *villa* imperial, notando-se particularmente o trabalho do ferro como podendo ser uma das actividades tardias do sítio.

Bibliografia: CARNEIRO (2011: vol. 236); FERNANDES (1985: 101-116); FRADE e CAETANO (1993); REIS (2004: n.º 91). Processo 04.10.002 IGESPAR de Évora.

Monte Velho (Beirã)

CNS: 4403

Este sítio foi descoberto de maneira fortuita nos anos 40 do século XX por Afonso do Paço onde realizou escavações numa casa de habitação⁶⁶.

Trata-se de um provável *vicus* de grandes dimensões, rodeado por uma necrópole. O povoado encontra-se voltado a norte e a este, no vale de uma pequena linha de água que parte de um conjunto de nascentes, precisamente na extremidade da azinhaga de acesso ao local (uma calçada que poderá ser medieval). Este povoado encontra-se definido por um muro de pedra seca, talvez para delimitar a área residencial. No interior, avistam-se construções rectangulares, com compartimentos internos, cuja marcação das portas é feita através de estelas fincadas. A alvenaria é sobretudo feita em pedra seca, e no chão encontram-se cerâmicas de construção: algumas *tegulae* e muitos imbrices. Fora do povoado existe aliás uma área onde existe um “tapete” de cerâmica de construção que recobre uma larga zona do solo. A diversidade de estilos e cozeduras das cerâmicas é muito ampla, tal como o notou Afonso do Paço: “milhares de fragmentos de telha de um fabrico muito grosseiro, curvaturas bastantes diferentes e pastas diversas. Muitas delas apresentavam decorações, todas executadas antes da cozedura, umas de incisão bastante profunda praticada com instrumento afilado, outras de um ténue ondulado devido a simples arrastar das pontas dos dedos do oleiro.” (Paço, 1949: 9). É também visível uma rua central mais larga e outras mais estreitas que acompanham as curvas de nível. A casa que Afonso do Paço escavou tinha uma zona de armazenamento e de fundição de hematite de ferro, o que o levou a considerar este povoado “um mixto [*visi*] de agrícola e rudimentar indústria extractiva e metalúrgica” (Paço, 1949: 10).

À volta do *vicus*, na periferia da zona murada e ocupada por estruturas, existe um grande número de sepulturas escavadas na rocha sem nunca entrarem dentro da área definida, denunciando assim uma estreita relação/separação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

O aspecto que reteve a nossa atenção neste povoado foi a presença de uma inscrição paleocristã na habitação escavada por Afonso do Paço (1949: 13); encontrou telhas com marcas de fogo, alvitando um abandono precipitado do local relacionado com a invasão muçulmana. Entre estas telhas queimadas encontrou um imbrice partido em três fragmentos com a inscrição - funerária? - (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(V)S, realizada antes da cozedura da peça, o que prova a cristianização do local ou de quem realizou a telha. Usando as palavras de Afonso do Paço: “um oleiro de certa cultura, sabedor da arte de escrever (...). Era cristão, conheceria a frase de a ter ouvido sabe Deus quantas vezes aos clérigos de então e aplicando-a, não a reproduziu com a justeza de pessoa a quem eram familiares as formas clássicas latinas, mas utilizando uma ortografia sónica, mais em harmonia com a língua bárbara que deviam falar as populações de então” (Paço, 1949: 13-14).

⁶⁶ Anexo II, 4, fig. 34 e 35.

O maior problema deste povoado reside contudo na sua datação: os materiais romanos abundam e a inscrição seria datada algures entre os séculos VI e VIII, segundo os paralelos de Afonso do Paço. A. Carneiro propõe estarmos diante de pequenos casais romanos, que terão sido progressivamente cristianizados e que não terão forçosamente sido abandonados com as invasões árabes, propondo um prolongamento de ocupação do espaço em época alto-medieval. (Carneiro, 2011:vol. 2, 238)

Bibliografia: PAÇO (1949: 5-19); CARNEIRO (2011: vol. 2, 238)

Concelho de Monforte

Torre de Palma (Vaiamonte)

Este sítio arqueológico, ponto emblemático do concelho de Monforte durante o período romano e paleocristão, será tratado no **Anexo I, Caso de Estudo 1**.

S. Pedro de Almuro (Monforte)

CNS: 24151

Neste sítio avistam-se as ruínas de uma igreja construída provavelmente no século XVII⁶⁷, a antiga igreja de S. Pedro de Almuro, situada junto à ribeira do mesmo nome. Foi sede de freguesia até ao início do século XX. O interesse deste sítio reside no facto de grande parte das suas paredes terem sido construídas com material romano e visigótico, cuja origem se desconhece. Este sítio foi unicamente publicado na *Monografia geral sobre o concelho de Monforte* em 1985 pelo autodidacta e já falecido António Cunha, seguido por André Carneiro (2004).

Do período romano provém “da antiga freguesia de S. Pedro de Almor” (Encarnação, 1984: 658) - deste sítio em concreto? - uma placa funerária referente a quatro pessoas da família *Preccia* destinada a ser colocada no jazigo desta mesma família (IRCP 595a). Além deste testemunho, várias outras peças arquitectónicas do período romano foram achadas reutilizadas nas paredes desta igreja ou no terreno à volta: silhares de granito cinzento de grão fino, grande quantidade de blocos de granito rosa embutidos nas alvenarias ou depositados à volta da igreja. Na parede Este estão inseridos tambores de coluna em mármore branco e em granito. Na frente da igreja estão blocos de granito cinza de grande dimensão, incluindo um muito comprido. Está tombada uma coluna de mármore no adro da igreja e no pavimento são visíveis placas de mármore e *tegulae*. Todo o conjunto destas peças denuncia a existência de um edifício romano (*villa?* mausoléu?) nas imediações desta igreja.

No entanto, as peças que nos interessam directamente para o nosso tema serão aquelas representadas no desenho de António Cunha⁶⁸ assim como o fragmento de cancela visigótica hoje

⁶⁷ Anexo II, 4, fig. 36 e 37.

⁶⁸ Anexo II, 4, fig. 36 e 37.

conservada na Câmara Municipal de Monforte e estudada por nós na parte II⁶⁹. Este fragmento de cancela estava a servir de ombreira a uma das janelas do edifício religioso, outro fragmento de cancela ou friso estava embutido por cima de um arco – a abside? – no interior da igreja (localização exacta assinalada por uma “+” segundo o desenho de A. Cunha). Esta peça era igualmente profusamente decorada por um *crismon*, arcadas, rosáceas etc mas está hoje desaparecida. Outra peça parece-se a um friso ou placa decorada por um colunelo torso com capitel. São igualmente representados uma base, um capitel, uma imposta decorada com arcos, um fragmento de fuste de coluna e uma “pia baptismal”, esta talvez já medieval.

Somando todas as peças desse período histórico, devíamos ter aqui ou nas imediações, uma igreja visigótica. Tal como a cancela guardada em Fronteira⁷⁰, estas peças poderiam talvez provir da basílica de Torre de Palma, visto que dista de poucos quilómetros destes sítios. No entanto, esta suposição deixaria crer que não existiriam outros locais de culto na região durante o período visigótico a não ser Torre de Palma, pelo que preferimos propor a existência de um edifício de culto paleocristão em S. Pedro de Almuro.

Bibliografia: RP 6/175 (S. Pedro de Almor); CUNHA (1985: 152, 164, 251, 253, 255, 309); CARNEIRO (2004: 72; 2011:vol.2, 277)

Monte do Pombal (Vaiamonte)

CNS: 11912

Este Monte situa-se a 300 m a NW da *villa* de Torre de Palma. Existem aí vários pontos de ocupação desde o período calcolítico, passando pela época romana com alguns vestígios, mas aquele que ocupa a maior extensão no cabeço será o cemitério dito visigótico (Boaventura, 2002, mapa 4), a norte e este do actual monte.

A documentação consultada para este sítio compõe-se de relatórios, cartas e um inventário escritos por João Lino da Silva⁷¹, então empregado do Museu Nacional de Arqueologia, seguindo directamente as ordens do seu então director, Manuel Heleno. Este sítio foi escavado simultaneamente com a cabeça de Vaiamonte e a *villa* de Torre de Palma. Através da documentação, apercebemo-nos que a primeira sondagem no Monte do Pombal terá sido levada a cabo pelo próprio director já em 1947, referida dois anos mais tarde numa carta de Lino da Silva a Manuel Heleno no dia 2.10.1949. As novas sondagens serão realizadas no dia 17 de Março de 1952 por Lino da Silva, sem grande resultado. Será só em 1953, durante a campanha de escavação entre Setembro e Novembro, que 16 sepulturas visigóticas serão escavadas. As descrições no relatório de 1953 são sumárias e resumem-se a frases vagas que descrevem o estado das ossadas (quando as havia) “destruídas” ou “completas”. Numa ocasião Lino da Silva especifica “dois crânios à cabeça, um monte de ossos a meio e aos pés”, o que parece revelar uma sepultura múltipla com redução aos pés. A maioria não tinha qualquer espólio, com excepção de uma que tinha “uma jarra mas com as duas asas partidas”. Outras sepulturas foram escavadas no meio de um dos sítios pré-históricos do Monte pois apresentavam “fragmento de faca neolítica”, “fragmentos de pesos de rede neolíticos”, “pontas de seta”. O relatório de 1954 descreve a descoberta de três sepulturas dos últimos dias da campanha

⁶⁹ Ver ficha da peça em Anexo I, 2, nº 12 e Anexo II, 5, fig. 12.

⁷⁰ Ver ficha da peça em Anexo I, 2, nº 10 e Anexo II, 5, fig. 10.

⁷¹ Toda esta documentação é consultável no Arquivo de Manuel Heleno no M.N.A..

(15, 16 e 17 de Setembro), cada uma continha “uma fíbula”. Em 1955, duas sepulturas tinham, respectivamente, um anel de ferro e a outra uma fíbula e cerâmica. No Inventário do mesmo ano somente dois objectos parecem referir-se à necrópole visigótica “LXII: argola de bronze – sepultura”, “LXIX: fíbula de ferro – sepultura a 100 cm [de profundidade]”.

Assim, um total de 22 sepulturas foi escavado entre 1947 e 1955, uma das quais com uma peça cerâmica à cabeceira, quatro sepulturas com “fíbulas” que serão antes fechos de cinturão (Machado, 1964: 120) e uma com um anel de ferro.

Tal como a necrópole da Chaminé, aqui parece ter havido a instalação da necrópole visigótica directamente sobre um sítio proto-histórico. De facto, Manuel Heleno refere “Também no monte de Pombal (...) encontrámos um cemitério visigótico, com fechos de cinturão e anéis, aberto numa povoação eneolítica (...). Uma boa armadilha para os arqueólogos, porque as primeiras sepulturas exploradas apresentavam os esqueletos dispostos à maneira medieval, mas continham um espólio eneolítico, lançado para dentro com a terra que encheu a cova” (Heleno, 1962: 314).

Nada mais se sabe sobre este sítio. Como foi escavado ao mesmo tempo que Torre de Palma e Vaiamonte, sucedeu uma problemática identificação do material destes três sítios no M. N. A.⁷², sendo difícil saber quais são as peças provenientes do Pombal.

Bibliografia: RP 6/146; Arquivo de Manuel Heleno (A.M.H.) no M.N.A.; BOAVENTURA (2002); HELENO (1962); MACHADO (1964).

Curral do Sampão ou Sapão (Vaiamonte)

CNS: 24138

A primeira referência deste sítio data de 1923, aquando de uma visita ao local de José Leite Vasconcelos, acompanhado de Manuel Heleno, o então Conservador do museu: “No Curral de Sampão, a 2 km de Vaiamonte, para SE, apareceu um poço antigo, uma moeda de Graciano e 3 ou 4 bilhas que quebraram. Próximo do poço encontraram-se sepulturas feitas de pedras postas de cutelo e dentro ossadas. Provavelmente sepulturas romanas” (Vasconcelos, 1927-1929: 200).

No entanto, as primeiras escavações ao local começaram nos anos 60 do século XX, por João Lino da Silva, simultaneamente com sondagens ao Cabeço de Vaiamonte: “foram exploradas algumas sepulturas visigóticas no sítio do Sapão, com peças únicas em Portugal” (Heleno, 1962: 314, nota 1).

A documentação existente acerca desta necrópole constitui-se por algumas cartas de João Lino da Silva dirigidas a Manuel Heleno⁷³, do ano de 1964: “comecei os serviços no dia 17 [de Agosto], estou fazendo escavação no cemitério de Sampão conforme as instruções de V. Exa., já encontrei quatro sepulturas e também já as explorei; só numa delas é que encontrei uma fíbula visigótica e um pequeno ferro do feitio de cunha; os ossos não os posso aproveitar porque apareceram todos desfeitos juntamente com as terras” (Silva, carta de 23/VIII/1964). Uns dias depois escreve “continuo no Sampão, a onde já encontrei mais três sepulturas, nestas não encontrei espólio, tenho a impressão [sic] que, algumas sepulturas já foram exploradas, ou então nunca serviram pelo motivo de encontrar dentro delas apenas terra limpa, também fora das sepulturas não aparecem objectos; como disse a V. Ex. estou fazendo sondagens no lado das construções apareceu algumas, mas objectos ainda não encontrei” (Silva, carta de 27/VIII/1964). E por fim “continuo no cemitério do Sampão, aonde encontrei mais quatro sepulturas, mas não encontrei espólio; fora das sepulturas

⁷² Anexo 1, Caso de Estudo 1.

⁷³ Cartas do Arquivo de Manuel Heleno consultável no M.N.A.

também é muito pobre, só encontrei uma pequena fíbula e dois pesos romanos (...). No sítio a onde encontrei as moedas no ano passado, fiz mais umas sondas e apareceram mais cinquenta.” (Silva, carta de 31/VIII/1964).

Através de todos estes documentos contamos onze sepulturas visigóticas, mas podem ter sido mais numerosas, uma vez que Saavedra Machado menciona “um cemitério romano-visigótico com cerca de 20 sepulturas, dalgumas das quais foi exumado espólio de merecimento: contas, fíbulas, objectos metálicos, etc”. Além das sepulturas, as cartas mencionam alicerces de “construções” e um tesouro monetário com mais de 50 moedas. Para além desta documentação de origem, na ficha do Endovélico intitulada “Sampão 1” podemos ler as observações de terreno actuais: “mancha de materiais de 50x50m com imbrices (alguns modernos), *tegula*, *sigillata* e cerâmicas comuns (algumas de aspecto mais recente)” e aparece a referência “segundo John Huffstot (informação pessoal) a cronologia dessas moedas, depositadas no M.N.A., pode ser atribuída aos sécs. IV-V”.

Teremos assim um sítio pequeno romano (contemporâneo à próxima *villa* de Torre de Palma), que terá sido abandonado pouco depois do ocultamento do tesouro, algures entro século IV e V. Posteriormente, o espaço terá sido utilizado como necrópole visigótica. Esta última fase de ocupação será provavelmente contemporânea à basílica com baptistério de Torre de Palma.

Bibliografia: RP 6/***(p. 151); A.M.H. no M.N.A.; BOAVENTURA (2002); HELENO (1962); MACHADO (1964).

Concelho de Sousel⁷⁴

• O arqueosítio Torre do Álamo (CNS 5717), na freguesia do Cano, foi referido pela primeira vez no tomo III de *As Vias da Lusitania* de Mário Saa: “Segue-se a vila do Cano (...) e sua precursora, Torre do Almo, por onde a estrada passava, na direcção de S.^{ta} Vitória do Ameixial e de Estremoz. Incrível quantidade de fragmentos de telharia romana, a par de muros velhos, se dispersa na planície da Torre do Almo!” (Saa, 1962: 269). Este lugar tem de facto maioritariamente indicadores de presença romana, provavelmente uma *villa* cujos vestígios se estendem, em prospecção, por mais de um hectare, com “grande quantidade de cerâmica de construção – tegulas, imbrices, tijolos, tijoleiras, algumas com digitações, tijolos paralelepípedicos - numerosos fragmentos de *dolium*, dois pesos de tear, TSCI C, TS hispânica bem como restos de conchas (fauna malacológica). Nota-se a escassez de cerâmica comum. A estes indicadores há que juntar dois fragmentos de peso de lagar (em mármore?) embutidos na porta da Torre, uma mó e blocos de *opus signinum*.” (Carneiro, 2011: vol.2, 334). No meio destes vestígios romanos foi achado um fragmento de peça arquitectónica visigótica⁷⁵ que poderá talvez denunciar a presença aqui - ou nos arredores - de um edifício de culto paleocristão.

Horta de S. Pedro (Sousel)

CNS: 4610

Local conhecido como "Sousel Velho", somente referido de passagem por J. de Leite Vasconcelos em 1914. Está situado entre dois cursos de água, a dispersão de material - que se concentram no topo da elevação - atinge quase um hectare e deverá corresponder a uma *villa*. O sítio

⁷⁴ Para o concelho de Portalegre, registámos unicamente o fragmento em mármore do período visigótico embutido na parede externa da igreja S. Domingos de Fortios, estudada na Parte II e cuja ficha se encontra no Anexo I, 2, n.º13, foto em Anexo II, 5, fig. 13.

⁷⁵ Ver Anexo I, 2, n.º e foto em Anexo II, 5, fig. 15.

foi recentemente prospectado e foi descrito pelo responsável da prospecção: “cerâmica de construção (tegulas, imbrices, tijoleiras, todos com boa qualidade de construção, alguns com sobrecozedura), *dolium*, bojos e asas de ânfora, cerâmica comum, em especial de contentores de pastas escuras, TSC D e um fragmento de TSH com decoração de rodas dentadas” (Carneiro, 2011: vol. 2, 331). Há sinais de presença de um edifício termal através de restos de hipocausto. Perto destes vestígios foram encontradas sepulturas “com lajes em cutelo, de lado e à cabeceira, formando uma caixa, e no interior contendo um esqueleto” (*ibidem*), provavelmente tardias. Do outro lado do curso de água, haveria sepulturas que continham espólio em cerâmica e recipientes em vidro”, estas de características romanas.

O que nos interessa aqui particularmente é que “muito próximo foi encontrado e recolhido um ábaco paleocristão” (*ibidem*)⁷⁶. É de salientar que no alto desta elevação teria havido uma igreja – medieval – que foi destruída aquando da construção da linha do caminho-de-ferro. No local, efectivamente existe “um rectângulo perfeito onde a vegetação não cresceu. Em torno há grande concentração de tijolos de quadrante (inteiros), tegulas, grande densidade de cerâmica de construção muito fragmentada, e muita pedra, de vários tipos, que foi utilizada como alvenaria” (*ibidem*). Resta saber se a “pedra com decoração visigótica proveniente de Sousel” (Machado, 1964: 121) será originária deste sítio ou não. Foi uma oferta do “Sr. Augusto de Sousa e Meneses Calça e Pina ao director do Museu, que as depositou, para estudo, neste estabelecimento” (*ibidem*: 121, nota 166/167)⁷⁷.

Desta forma, após a ocupação deste sítio durante o período romano (*villa* com necrópole do outro lado do ribeiro), o local de habitação terá tido necropolizado e poderá ter sido construído um edifício de culto paleocristão sobre a antiga necrópole romana, como acontece em vários sítios da região (Torre de Palma, Monte dos Pombais, Alter do Chão, Silveirona, etc). Em época medieval, e no ponto mais elevado do terreno, terá sido construída uma igreja, talvez em memória de um culto antigo.

Bibliografia: RP 6/172; CARNEIRO (2011: vol. 2., 331); MACHADO (1962: 121); VASCONCELOS (1914: 390).

DISTRITO DE ÉVORA

Concelho de Alandroal

Do concelho de Alandroal provêm quatro peças arquitectónicas visigóticas (além daquelas encontradas em S. Miguel da Mota): três embutidas nas muralhas do Castelo de Juromenha (imposta, friso e pé de altar) e um pé de altar reutilizado como base de cruzeiro em S. Brás dos Matos, a meio caminho entre Juromenha e São Miguel da Mota⁷⁸, denunciando assim a existência de pelo menos uma igreja visigótica nos arredores (ou de dois, se os pés forem de altares principais).

⁷⁶ Ver Anexo I, 2, n.º14 foto em Anexo II, 5, fig. 14.

⁷⁷ Esta peça não consta no Livro de Entradas do M.N.A.

⁷⁸ Peças estudadas na parte II deste trabalho, no grupo escultórico Évora-Elvas. Ver também Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos. E artigo de Correia (1995: 493-498).

S. Miguel da Mota (N^a S^a da Conceição)

CNS: 1771

Na encosta Nascente do outeiro de S. Miguel da Mota, que se localiza a 4 km a norte de Terena e a norte da ribeira de Luciféce⁷⁹, encontra-se o santuário romano da divindade indígena *Endovellicus*, cujo grande conjunto epigráfico (mais de 80 peças) foi dado a conhecer desde as explorações de José Leite de Vasconcelos em 1890. No entanto, já no século XVI o Duque de Bragança D. Teodósio I recolheu ali as primeiras inscrições de Endovélico, realizando a primeira resenha epigráfica, trazendo-as para o Mosteiro de N^a. S^a. da Graça e para o Palácio de Vila Viçosa. No topo da crista deste outeiro foi construída em tempos remotos, talvez no período visigótico ou moçárabe, uma ermida dedicada ao arcanjo S. Miguel, utilizando dezenas de epígrafes e esculturas romanas na sua construção. Nas *Memórias Paroquiais* deste concelho não havia já memória da edificação da ermida, ao contrário do que sucedia com todas as restantes igrejas da zona.

O sítio foi parcialmente escavado em 2002 (Guerra *et al.*, 2003) a fim de contextualizar este culto e entender a cronologia da utilização do local. Nenhuma estrutura de tipo “templo” foi encontrada sob a ermida, terá antes sido um “santuário de terraços” (Guerra *et al.*, 2003: 60) na encosta a nascente que foi frequentado desde o séc. I d.C. ao início do séc. III d.C., havendo no entanto indicadores datando do século IV-VI no topo do monte.

Os dados acerca da cristianização deste culto já no período visigótico são difíceis de obter. Entre o material epigráfico e escultórico romano, o M.N.A. tem nas suas reservas vários fragmentos de cancelas e um lintel com o motivo em espinha, cuja atribuição ao período visigótico, mais exactamente ao século VII, parece evidente⁸⁰. Não se sabe, contudo, o sítio exacto da sua proveniência. Uma peça semelhante a esta foi igualmente achada durante as escavações de 2002.

As escavações de 2002 revelaram sob o pavimento da ermida várias sepulturas de inumação orientadas sem espólio que não dão indicações suficientes para se lhes atribuir uma cronologia certa: “por falta de elementos de cronologia segura, não é possível saber se teriam pertencido a uma fase de ocupação francamente anterior à ermida de S. Miguel ou a um momento antigo da existência deste templo cristão” (Guerra *et al.* 2003: 446). As suas características são no entanto cristãs, excluindo a pertença ao mundo islâmico. A total ausência de espólio parece porém apontar para uma datação já alto-medieval. No entanto, os raros artefactos do século IV até ao VI d.C.. que foram encontrados em S. Miguel da Mota - fora de contexto - apareceram unicamente no topo do monte e em níveis inferiores aos pavimentos da ermida (UE24) ou no nível de entulho, remexido em 1890 por José Leite de Vasconcelos (UE1). Não deixa assim de ser interessante saber que na [UE1] foram achados um bordo de prato com parede recta em TSCI D, forma Hayes 61 (séc. IV-V) e um fragmento de lucerna “Africana Clássica” datável entre o séc. IV e VI (*ibidem*: 456). No que se refere à [UE24], trata-se do mais claro “resíduo de uma ocupação antiga, de época tardo-romana” (*ibidem*: 453), que forneceu um bico fundeiro de uma ânfora de fabrico lusitano (Almagro 51c), um anel de bronze com decoração reticulada desenhada a buril e um bronze de tipo *Victoriae* DD de um dos descendentes de Constantino. É de assinalar igualmente que todas as estruturas construídas e actualmente visíveis no monte são em grande parte construídas por silhares de granito e mármore.

⁷⁹ É interessante notar que este santuário se situa a 4 km a Sul da “Rocha da Mina”, outeiro também à beira da mesma ribeira, que sempre foi considerado como um suposto local de culto proto-histórico: No entanto, nada se sabe acerca da realidade arqueológica daquele local (Cardim Ribeiro, 2002: 80).

⁸⁰ Peças publicadas em Almeida (1962) e Wrench (2008). Este material faria parte do grupo escultórico Évora-Elvas, “conjunto S. Miguel da Mota”, ver Parte II.

Bibliografia: RP 6/288; ALMEIDA (1962: 119-120); CARDIM RIBEIRO (2002: 70-90); GUERRA, SCHATTNER, FABIÃO e ALMEIDA (2003: 415-479); PEREIRA (2006: 40-45); REAL (1995: 17-68).

Concelho de Arraiolos

Uma cancela visigótica decorada por círculos secantes está conservada no M.N.A. com a indicação de “Arraiolos”, sem mais pormenores sobre a localização do seu achado, terá dado entrada em 1919 e terá sido oferta por um certo João Lourenço⁸¹. Será o único dado propriamente “paleocristão” deste concelho do distrito de Évora.

A igreja de Santana do Campo (CNS 10086) é um local de culto cristão reutilizando as paredes de um templo romano cujas delimitações do cemitério parecem ser a do recinto desse mesmo templo, conferindo-lhe assim claras características norte-africanas (Schattner, 1999: 189-217). No entanto, nenhum dado aponta para uma cristianização precoce do edifício pagão.

Concelho de Estremoz

Silveirona (S. Estêvão)

Trata-se da segunda maior necrópole visigótica com inscrições paleocristãs da *Lusitania* e foi quase integralmente publicada em 2008 por nós (Cunha, 2008). No entanto, o material arquitectónico de uma provável basílica é apresentado agora pela primeira vez no **Anexo I, Caso de Estudo 2**.

Além deste sítio, a única peça arquitectónica que poderá ter pertencido a um pé de altar provem de S. Bento de Ana Loura⁸².

Concelho de Évora

Antes de abordarmos o único sítio rural claramente cristianizado do concelho de Évora, iremos apresentar várias localidades paleocristãs e visigóticas urbanas - sem no entanto saber ao certo onde se localizaria o grupo episcopal - seguidas de sítios cuja cristianização primitiva está mais ligada a aspectos documentais do que propriamente arqueológicos.

- No museu de Évora estão conservadas três peças arquitectónicas (capitel n.º ME 18312, cancela n.º ME 4120, pé de altar n.º ME 18317) pertencentes a uma igreja visigótica que terá existido perto do templo romano, ao nível do actual museu e da Sé Catedral, uma vez que foram descobertas aquando das escavações no âmbito da remodelação do Museu de Évora. Apesar de aqui estarmos num ambiente urbano que se afasta do propósito do nosso trabalho, será importante notar que estes dados confirmam a existência de uma comunidade cristã em época visigótica, quando até agora só se tinham elementos textuais acerca da sua presença. Outra peça paleocristã está também conservada no Museu de Évora: a inscrição funerária a *Paulus* (n.º ME 1725). Foi gravada numa grande placa de mármore de S. Brissos cinzento escura, é decorada na sua parte superior por um

⁸¹ Ver parte II, grupo escultórico Évora-Elvas e Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

⁸² Ver Anexo I, 2, n.º 3 e fotografia em Anexo II, 5, fig. 3.

arco estriado, dentro do qual foi gravada uma cruz pátea em círculo ladeada por duas flores de quatro pétalas. André de Resende afirma que provém de Évora.

- No que se refere à antiga igreja de S. Pedro⁸³ (CNS 15767), situada na actual Rua Diogo Cão, a ficha do Endovélico refere em 1998: “os trabalhos arqueológicos realizados na antiga Igreja de São Pedro, uma das mais antigas paróquias da Cidade de Évora, que no século XII servira de Igreja Templária, mas antes fora já ermida, vieram confirmar a antiguidade do edifício e a veracidade das fontes documentais escritas. Cedo foi alvo de remodelações, que lhe foram sucessivamente alterando a fisionomia original e culminaram no século passado com a dessacralização do local. Este antigo edifício não foi excepção ao hábito funerário de sepultar os mortos, traduzindo-se na reutilização e perturbação dos espaços já ocupados no seu interior. Foram detectados até ao momento três fases de enterramentos, correspondentes a períodos cronológicos distintos que vão do século VI ao XV.” Temos aqui provavelmente o espaço funerário contíguo à igreja visigótica situado sob o actual Museu de Évora, a 100 metros a Norte. A continuidade de ocupação entre estes dois pontos (a antiga igreja de S. Pedro e o actual Museu de Évora) foi confirmada pelo acompanhamento arqueológico realizado em 2002 no actual Largo Dom Miguel Portugal (CNS 11120), onde foi encontrado um espaço funerário ininterrupto entre o período romano e medieval.

- Fora de Évora⁸⁴, situada a uns 10km a sul da cidade, na margem esquerda da ribeira de Valverde, a *villa* romana da Tourega, da qual foram escavadas as termas, encontra-se a 100m a oeste da igreja paroquial de N.ª S.ª da Assunção da Tourega. Esta *villa* terá funcionado entre meados do século I e o terceiro quartel do século V (Viegas e Pinto, 2000: 355). Por baixo do alpendre da igreja medieval foi encontrada em reutilização uma inscrição funerária do século III d.C. relativa a indivíduos com os mais altos cargos senatoriais que denuncia assim a evidente importância desta *villa* em época romana (IRCP 382). A sua implantação perto ou sob uma igreja medieval é um lugar-comum no território da *Lusitania*, não constituindo assim provas para justificar uma continuidade de ocupação do sítio. Contudo, a cerca de 300 metros no montículo que domina a mesma igreja paroquial, para o lado nascente, existem as ruínas da capela de *Santa Comba e Inonimata*, mártires do hagiólogo lusitano, que a tradição sacrificou neste sítio no ano 305, durante o governo de Décio. Não existem hoje provas arqueológicas acerca deste martírio, mas textos do século XVIII referem-se a S. Jordão (como um dos lendários bispos de *Ebora*) e às suas irmãs, Santa Comba e uma irmã anónima, como tendo sido presos, levados a uma “quinta de recreação, que tinha com hum magnífico Palacio, de que hoje se vem vestígios no lugar da Ourga, que ficam em duas legoas de distancia da Cidade de Evora, (...) os mandou degolar (...) Sepultaraõ-se em huma gruta, a que chamaõ hoje a Cova dos Martyres” (Aranha, 1761: 203). Não se sabendo o que é verídico nesta lenda, notamos que hoje existe, além desta capela, a 60 m da ermida para o lado norte e na vertente da encosta, um antigo poço onde, segundo a crença popular, tombaram as cabeças degoladas de Santa Comba e sua anónima irmã, brotando do local, milagrosamente, a *Fonte Santa*, e a sua água passou a ser considerada excelente para várias doenças, sobretudo as dos olhos. E assim se fixou a chamada “Cova dos Mártires” ou “Cova de S. Jordão”.

⁸³ Actualmente “Edifício S. Pedro” que durante o século XX serviu de espaço para a Direcção Geral de Viação. Desde o século XII este edifício era uma igreja dedicada a São Pedro e a rua também se chamava Rua de São Pedro.

⁸⁴ As Memórias Paroquiais acerca de S. Miguel de Machede referem-se ao convento de S. Bento com vestígios ‘godos’: “No sitio em que esta Parochia e seu adro se achão situados consta havia antigamente no tempo dos godos hum Convento de Sam Bento (...). Do ditto convento se descobrem alguns vestígios, como alicersses, sepulturas aparecendo destas muitos ossos, sendo o signal mais evidente o Pilar de pedra em que se acha a imagem do Santo Christo crucificado (...)”. No entanto, não encontrámos nenhuma referência a estas ruínas visigóticas.

O culto a S. Jordão foi a origem de uma antiga freguesia do mesmo nome do concelho de Évora (hoje extinta, encontrava-se a 20 km a este da Tourega, perto de S. Manços) e a igreja de N.^a S.^a da Tourega é ainda hoje sede de freguesia. A importância deste culto é assim notável (sede de freguesias, ermida e fonte santa) e não será de descuidar o facto de que se trata de um martírio do século IV d.C. cuja suposta localidade se encontra a 300 m. de uma rica *villa* ocupada entre o século I d.C. e V d.C. Somente escavações na *villa* e no sítio da ermida dedicada a Santa Comba e *Inonimata* poderão confirmar - ou não - a presença de uma ocupação paleocristã.

Igreja paroquial de São Manços (São Manços)⁸⁵

CNS: 14358

A vila de S. Manços situa-se a uma vintena de km a SE da cidade de Évora, na margem direita da ribeira da Azambuja, afluente do rio Degebe, e junto da estrada que liga Évora a Portel⁸⁶. A igreja paroquial dedicada a S. Manços situa-se perto da ribeira, ficando assim descentrada relativamente à vila. Este sítio constitui até hoje o único sítio rural claramente cristianizado durante a Antiguidade Tardia do concelho de Évora e, à semelhança da Tourega, é conhecido a existência de um mártir através de fontes documentais⁸⁷.

A vasta herdade de S. Manços foi doada ao Cabido da Sé de Évora em 1278 e segundo vários documentos do século XV é referida a herdade e a sua “ermida”, não parecendo haver ainda nenhum aglomerado populacional à volta. Nas Memórias Paroquiais do século XVIII já é referida a “aldeã” de São Manços (Maximino, 2010: 77).

As primeiras intervenções arqueológicas em S. Manços realizaram-se a 200 m a NE da igreja paroquial, numa zona chamada Álamo da Horta. Segundo o relatório de escavações datado de 1989 “(...) o conjunto de muros encontrados (de excelente construção) definem o pátio de um pequeno templo rural, provido de tanque central e com toda a ala Norte coberta por um telhado, como se de um pórtico de tratasse. Este pátio teria sido, num segundo momento, coberto de mosaicos. Nada sabemos, nem das relações de simetria desta construção, nem da área onde estaria a *cella*. Provavelmente a partir do séc. VI esta zona foi utilizada como necrópole.”⁸⁸. Estes dados confirmam a existência em época romana de uma *villa* - ou de um *vicus* - com provável templo que terá sido necropolizado em época visigótica.

A actual igreja data dos finais do século XVI- inícios do XVII e “sucedeu a outro [templo] mais antigo que o Cabido da Sé de Évora fundara em época interminada [*sic*] da centúria

⁸⁵ No sítio da Cabida da Raposa 2 (S. Manços), foi escavada em 2007 uma sepultura já muito destruída (Martins *et al.*, 2010: 1216-1220). As suas paredes eram constituídas por fragmentos de grandes dimensões de talhas e no interior da sepultura foi encontrado parte de um pote de cerâmica comum de bojo ovóide e lábio extrovertido de cariz tardo-romano, o que levou os autores da escavação a datar esta sepultura entre os séculos V e VII. No entanto, nenhuma indicação é feita acerca da orientação da caixa tumular, tendo sido somente assinalado que a sepultura foi destruída do seu lado Este por causa do talude da estrada. Através da fotografia e do respectivo desenho, o lado Este parece um dos lados maiores da sepultura, conferindo-lhe assim uma orientação N-S, i. é. de cariz mais provavelmente pagão, pelo que não incluímos esta sepultura na nossa listagem de sítios paleocristãos.

⁸⁶ Restam vestígios de uma calçada romana no leito da ribeira de Azambuja, a Sul de S. Manços (Maximino, 2010: fig.: 54), provavelmente restos da via que unia *Ebora* a *Pax Iulia*. No entanto nenhuma escavação foi feita para comprovar tal facto, poder-se-á tratar de uma calçada muito mais tardia, quiçá medieval.

⁸⁷ Aqui analisaremos os dados arqueológicos enquanto as fontes são abordadas na Parte I.

⁸⁸ Processo 2.00.386 IGESPAR de Évora, V. H. Correia, Informação de 1989.

quatrocentista na sua herdade de S. Manços” (Espanca, 1966: 373), mas o mais peculiar desta igreja é sem dúvida o aparelho monumental elaborado com silhares de granito na construção da abside, a nascente⁸⁹. D. Fernando de Almeida considera esta construção como sendo uma torre: “Estas torres não teriam sinos mas serviriam para, de longe, orientarem os peregrinos” (Almeida, 1974: 180-181), partindo do princípio que seria uma construção tardo-romana ou visigótica. Assim, em 1988 foram feitas várias intervenções no interior da igreja para confirmar a existência de uma construção romana e posterior reutilização.

As conclusões do relatório destas escavações são bastante claras: as estruturas romanas correspondem a um “mausoléu romano, de provável datação do séc. I d. C. de dimensões arrojadas (+/- 11 x 13 m), construído em *opus quadratum* de granito local⁹⁰, actualmente conservando os seus alçados numa média de 6 a 7 m.; em três dos seus lados (que formam o exterior da capela-mor da Igreja). Praticamente inalterado na sua estrutura básica este mausoléu recebeu uma abobada moderna, bem como revestimentos e paramentos internos (que incluem pinturas a fresco de estilo maneirista), todos eles relacionados com a construção da igreja.”. As fases seguintes são de “destruição da parede oeste do edifício romano e provável construção de uma nave de que não restam vestígios. As escavações e as fontes documentais disponíveis sugerem o séc. VII como datação para este momento”. Todas as fases seguintes até ao período medieval indicam uma intensa utilização do espaço para enterramentos.

Concluindo sobre este sítio, existe uma estrutura funerária do século I d.C., monumental, que terá feito parte – ou não – do núcleo funerário da Horta do Álamo. Terá pertencido possivelmente a um proprietário de uma *villa* no início do Império romano. Esta estrutura foi em parte destruída no século VII para ser reutilizada (como igreja martirial?) e nunca destruída até aos nossos dias. A primeira fase do mausoléu não terá provavelmente ligação com o santo mas a sua reconstrução ou remodelação em época visigótica⁹¹ com a presença de uma torre (e outros edifícios descritos mas não descobertos) poderá corresponder ao início da veneração do santo, provavelmente a construção empreendida pelos senhores *Julianus* e *Julia*. De facto, o texto refere que após uma primeira sepultura digna que o viajante ofereceu ao santo, estes ricos senhores⁹² terão construído um importante conjunto de edifícios. Podem ter reutilizado um rico mausoléu da família que estivesse no terreno da proprietária e teriam mandado erigir a basílica martirial utilizando a sua estrutura. Os dados arqueológicos parecem coincidir com os textos e assim confirmam o local onde este santo foi desde cedo venerado. Este tipo de construção com torre tem um paralelo directo na basílica do século VII dedicada a Santa Eulália em Mérida (Mateos Cruz, 1999).

Um aspecto peculiar desta construção é a da sua grande altura, o que parece corroborar com o texto antigo que indica como a basílica a São Manços era visível de longe graças às suas torres e que era protegido por um recinto que albergava os três edifícios, a basílica, a igreja para catecúmenos e o baptistério (Fernández Caton, 1983: 163). Um dado que irá também ao encontro da antiguidade

⁸⁹ Anexo II, 4, fig. 38.

⁹⁰ Anexo II, 4, fig. 39 a fig.41.

⁹¹ O aspecto actual dos silhares romanos não serão do mausoléu mas deverão ter sido removidos e recolocados para transformar o espaço consoante as necessidades durante o século VII (entre outros para fazer uma torre). Acerca das construções em silhares durante o período visigótico ver Arbeiter, 1996.

⁹² *Julianus* é referido no texto como “varon muy distinguido” (Excerto traduzido do Leccionario de Burgos in Fernandez Caton, 1983: 162), este « rico homem » pode estar na origem da toponímia do “Val do Ricomem” ou do Monte do Rico Homem, a poucos quilómetros a SE de S. Manços: talvez o terreno pertencente a este senhor? Ou tratar-se-á antes do sítio onde foi sepultado em primeiro lugar São Manços pelo viajante? Nesse caso o “rico homem” poderia ser o viajante “personaje respetable” (*ibidem*. 160). Estas são meras hipóteses toponímicas sem fundamentações arqueológicas.

da origem deste edifício será a da sua localização na aldeia: contrariamente à generalidade das aldeias medievais que nascem toda à volta de um edifício religioso, aqui a igreja situa-se a oeste no núcleo habitacional, virada para a ribeira, ficando assim totalmente descentralizada do resto das construções “virando-lhe as costas”. Assim, a construção da igreja não terá sido no intuito de criar uma aldeia, mas pelo contrário, esta, atraída pela santidade do local, foi progressivamente crescendo por onde podia, isso é, atrás da igreja uma vez que a parte ocidental é ocupada pela ribeira.

Por fim, não queremos deixar de referir a presença de importantes canalizações romanas encontradas na Horta do Coelho, a menos de um quilómetro a sul de S. Manços (Perpétuo *et al.* 2007: 434-445). Abasteceriam muito provavelmente a *villa* (ou *vicus*?) de S. Manços e os autores da intervenção acreditam que as remodelações observadas (reutilização do Canal 1, aplicando-lhe uma cobertura parcial em madeira) comprovam que estas canalizações teriam sido utilizadas ainda no período visigótico, no contexto das novas construções - e infra-estruturas que estas implicariam - no âmbito do culto ao santo⁹³.

Bibliografia: RP 6/320; ALMEIDA (1962: 180-181); ESPANCA (1966: 373-374); FERNANDEZ CATON (1983); MACIEL (1996: 100-102); MAXIMINO (2010); PERPETUO *et al.* (2007: 434-445); Processo 2.00.386 IGESPAR de Évora.

Concelho de Montemor-o-Novo

Neste concelho, em nenhum sítio encontrámos vestígios com características paleocristãs suficientemente claras, pelo que apresentamos somente sítios prováveis e as escassas referências a elementos visigóticos e/ou paleocristãos. A inscrição de fundação de monumento religioso – trazida de Mértola para Montemor-o-Novo - realizada por *Sisenandus* e *Isabelle*, gravada numa placa de sarcófago romano, parece datar do século X (Barroca, 2000: 50-53 *apud* Dias e Gaspar, 2006: 284) e não do séc. V ou VI d.C., como indica a ficha da base de dados Endovélico⁹⁴ nem ter sido forjada no século XVI como propõe J. d'Encarnação (1984: 443). O Museu de Montemor-o-Novo conserva duas peças arquitectónicas, uma placa decorativa e uma imposta⁹⁵, de características visigóticas que poderão ser provenientes de algum edifício religioso deste concelho. Notemos igualmente a presença de uma lucerna com crísmo provindo de Montemor-o-Novo (?) ou de Tróia, referenciada por J. Leite de Vasconcelos (1915: 381 *apud* Maciel, 1996: 207, nota 1426).

- Entre 2001 e 2004 foram achadas estruturas de habitação compostas por seis compartimentos no arqueosítio chamado Ribeira do Matoso II (CNS 16224) na freguesia de N.ª S.ª da Vila, a este da Barragem dos Minutos e do Cerro do Godelo. Esta área habitacional encontrava-se delimitada por uma linha que corresponde ao talude, separando-a da necrópole situada junto à ribeira do Matoso. Aqui foram identificadas duas sepulturas, ambas com orientação Este-Oeste, sendo que apenas na primeira sepultura se registou a presença de espólio: um jarro trilobado em cerâmica comum⁹⁶. A presença deste jarro, tal como em Fonte da Senhora (Montemor) e em

⁹³ Referiremos igualmente a presença de um topónimo interessante na freguesia de São Manços: “Hospital”, onde em prospecções apareceram vestígios de uma construção romana. Os “hospitais”, no mundo rural em época medieval são o equivalente aos *xenodochia* de período paleocristão, sítio onde se acolhia e tratava dos peregrinos.

⁹⁴ Ficha “Montemor-o-Novo”, CNS 2700.

⁹⁵ Estas peças farão parte do grupo escultório de Évora-Elvas. Ver parte II deste trabalho e Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

⁹⁶ Ver ficha do *Endovélico* « Ribeira do Matoso II ».

Silveirona (Estremoz), assim como a orientação das sepulturas, podem indiciar estarmos perante uma necrópole tardo-romana cristianizada.

- A menos de dois quilómetros a sul da Ribeira do Matoso II, no arqueosítio Fonte da Senhora 7 (CNS 15698) perto do Monte da Azinheira foi encontrado, em 2001, um conjunto de 15 sepulturas escavadas na rocha (Jorge, 2002). As características desta necrópole situam-na dentro no século IV (tipo de construção e espólio funerário), no entanto a autora da intervenção considera seis destas sepulturas como podendo ser visigóticas (Jorge, 2002: 95). Estas têm uma orientação nascente-poente, uma construção “em caixa” de lajes ou cerâmica de construção e o espólio compõe-se de uma peça cerâmica comum colocada à cabeceira, por vezes acompanhada por escassos objectos metálicos. Apesar de a autor referir que “a ausência de elementos associáveis a ambientes de filiação cultural cristã não deixa de ser significativa” (*ibidem*), a orientação tendencialmente E-W poderá talvez ser um indício de cristianização.

- Em 1914, José Leite de Vasconcelos (1914: 321) refere-se ao sítio de S. Geraldo onde terá aparecido um jarro de cerâmica comum dentro de uma sepultura de época visigótica. Em 1915 o Autor refere-se a “dois vasos de barro e uma fivela de cinturão” (Vasconcelos, 1915: 193) de época visigótica. A ficha do Endovélico refere-se a um sítio de mesmo nome pertencente à freguesia de N.^a S.^a do Bispo como havendo uma necrópole onde terá aparecido uma argola de bronze com fusilhão, provavelmente deste período.

Concelho de Mourão

- Na freguesia de Mourão, na capela de S. Leonardo e no arqueosítio de S. Leonardo 4 (CNS 21171) em torno desta, em suave encosta, até à margem direita do Barranco de S. Leonardo, foram encontrados à superfície numerosos fragmentos de cerâmica sobretudo de construção e, na zona da cota mais baixa, próximo da margem da ribeira, surgem fragmentos de *terra sigillata*, paredes finas e ânforas. Os materiais indicam uma ocupação entre os sécs. I e IV d. C. Mas o que nos chamou mais a atenção neste local foi de se ter encontrado nesse sítio uma peça de encaixe para cancela de época visigótica⁹⁷, denunciando talvez a existência de um edifício paleocristão nas imediações.

Concelho de Portel

A parte oriental deste concelho foi intensamente prospectada e escavada sob a orientação da EDIA⁹⁸ no âmbito da construção da barragem do Alqueva que foi concluída em 2002. Parte dos resultados das respectivas escavações ainda estão a ser estudados e o material encontra-se sob propriedade científica dos responsáveis, pelo que para os dois primeiros sítios deste concelho baseamo-nos nas fichas do Endovélico assim como nas informações e resumos que foram publicados na revista *Al-Madan* de 2002 (2^a série, n.º 11).

- No arqueosítio do Monte Musgos 7 na freguesia do Monte do Trigo⁹⁹ (CNS 16329), a oito quilómetros a Norte de Portel, foi descoberta numa pequena elevação “uma sepultura de inumação,

⁹⁷ Ver descrição completa da peça no Anexo I, 2, peça n.º2. Fará parte do grupo escultórico Évora-Elvas.

⁹⁸ EDIA, Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas do Alqueva.

⁹⁹ Para esta freguesia do Monte do Trigo hesitámos em incluir a necrópole do Monte da Pecena 1. De facto, foram lá escavadas em 2007, pela empresa Crivarque, quatro sepulturas orientadas E-W, construídas em caixa com abundante

escavada na rocha, de um indivíduo do sexo masculino, o qual foi sepultado vestido, como se pode depreender do achado de uma fivela riniforme (sécs. V-VII)” (Faria, 2002: 143). O autor desta escavação supõe no entanto que este enterramento fará parte de “uma necrópole muito mais vasta” de época visigótica. Infelizmente não temos mais informações sobre esta sepultura (construção funerária, orientação), no entanto situamo-nos numa zona que segue a antiga via romana entre *Ebora* e *Pax Iulia*, perto de vários pontos religiosos importantes durante o período visigótico (São Manços a norte e Vera Cruz de Marmelar a sul, a igreja de Mosteiros a SW) pelo que a presença de uma necrópole desse período é plausível e possivelmente ligada a uma população já cristianizada.

- O sítio do Pego do Lobo de Lá localiza-se não muito longe deste último, na mesma freguesia do Monte do Trigo. É composto por uma zona habitacional de época romana e por uma necrópole na encosta poente (CNS 16323). Esta é composta por 29 sepulturas e, segundo o autor das escavações, “não se enquadra cronologicamente no período romano, mas sim no da Antiguidade Tardia, com mais de três dezenas de sepulturas já identificadas, constituídas por lajes de xisto e *imbrices*, *tegulae* e *lateres* romanos reaproveitados da zona habitacional referida” (*ibidem*: 144). Encontrou-se “algum mobiliário fúnebre” mas a única indicação que temos é a de “brincos”. Das 29 sepulturas, duas (sepultura 10 e 6) tinham a particularidade de ter os corpos depositados ao contrário do modelo cristão (com a cabeça para este e não para oeste), mas a grande maioria parece seguir o modelo ortodoxo. Desta forma o autor crê na existência próxima de uma “Igreja/Basílica edificada no interior deste espaço ou então edificada na sua proximidade” (*idem*: *ibidem*).

- Próximo da igreja visigótica de Mosteiros (*vide infra*), sob a ermida de S. Faraústo perto de Oriola, existe um arqueosítio composto por vários tipos de ocupação entre os quais uma pedreira (São Faraústo IV), um povoado mineiro dividido em três áreas: uma zona habitacional a Norte, uma zona industrial onde se trabalhava o metal, assim como numa necrópole (S. Faraústo II). Segundo o material exumado em 2005¹⁰⁰, a parte residencial terá sido ocupada entre o século III d.C. a V d.C. quando a zona industrial terá funcionado entre o séc. I d.C. ao V d.C. (Cosme, 2008: 446-453). A descoberta de dois mausoléus monumentais¹⁰¹ com sepulturas em caixa cobertas por lajes denuncia a presença de indivíduos com particular relevo social. A autora das intervenções na parte residencial e industrial considera que possa ter havido uma continuidade de ocupação deste local, com a posterior veneração de um mártir de época romana, S. Faraústo, cujo templo se encontra sobre o sítio romano. Apesar de este nome ser aqui o único caso no território português¹⁰², pode ser uma deformação do nome de S. Fraústo / S. Fausto, em relação com um dos dois mártires hispânicos chamados Fausto (em Saragoça ou em Córdoba)¹⁰³.

reutilização de material romano. No entanto, a total ausência de marcadores cronológicos (ossos e espólio funerário) não nos permite datar com segurança esta necrópole entre os séculos V e VII como os autores o propõem (Martins *et al.*, 2010: 1220). A reutilização de material romano terá sido vigente durante todo o período medieval (como o notamos com grande parte das construções das igrejas medievais) e a total ausência de espólio funerário revela mais hábitos alto-medievais, isso é, a partir do século VIII ou IX. Novas escavações no local poderão talvez pôr à luz outras sepulturas e confirmar – ou não – esta cronologia.

¹⁰⁰ Escavações levadas a cabo pela empresa Archeo’Estudos.

¹⁰¹ Escavações levadas a cabo pela Dryas Arqueologia. Ver www.dryas.pt

¹⁰² No território português existem outros locais a santos “Fraústo” ou “Fausto” (em Chaves, Samaiões e no Torrão, Alcácer do Sal) mas nenhum outro “Faraústo”.

¹⁰³ Para mais informações sobre as origens deste nome e do santo, ver Cosme, 2007 e Garcia Rodríguez, 1966.

Mosteiros (São Bartolomeu do Outeiro)

CNS: 17550

O sítio localiza-se na margem direita da ribeira de Oriola, a pouco mais de um quilómetro a sudoeste da aldeia homónima. Encontra-se hoje em parte submergido pelas águas da barragem do Alvito realizada na década de 1990. Trata-se de um sítio de ocupação romana, provavelmente uma *villa* construída no século II d.C., com a sua necrópole associada (deduzida através de uma inscrição funerária reutilizada numa das sepulturas da igreja visigótica), que foi posteriormente cristianizada com a construção de uma igreja. Este edifício religioso foi alvo de várias escavações clandestinas durante os anos 1970 e 1980, o que levou a direcção do então IPPAR a fazer um levantamento das estruturas e realizar escavações em 1992 e 1995.

Segundo o pequeno artigo publicado em 1995 (Alfenim e Lima, 1995) foi possível obter uma descrição sumária do monumento: é de planta cruciforme, com uma abside semi-circular em arco ligeiramente ultrapassado, um transepto com braços rectangulares e uma só nave. Um nartex precede a nave do lado ocidental não se sabendo se é ou não contemporâneo à nave da igreja, distinguindo-se no entanto com um pavimento diferente. O comprimento total da igreja é de 19,10m (com nartex), a largura máxima é de 13,60 m e as paredes têm em média 64cm de grossura. O aparelho de construção de todos os muros é irregular, elaborado maioritariamente por pedras de xisto ligadas com argamassa de cal, os pavimentos da igreja são de *opus signinum* grosseiro enquanto o pavimento do nartex, ou antecâmara, é feito de tijolos colocados horizontalmente. Apesar do elevado nível de destruição dos mausoléus a oeste e este do transepto sul, os arqueólogos conseguiram identificar pavimentos de tijolos como no nartex. Na abside é visível a implantação da mesa de altar no centro, provavelmente fixa com um pé central e entrava-se para o interior da igreja pelo lado oeste, ou seja por uma passagem a oeste da referida antecâmara. Os braços do transepto também têm duas portas de acesso, a oeste e a este, sendo que o braço sul foi posteriormente acrescido de dois mausoléus, a oeste e a este, havendo assim passagem entre os mausoléus funerários e o braço do transepto.

Através da leitura dos relatórios de escavação de 1992¹⁰⁴ e 1995¹⁰⁵ conseguiram-se obter mais algumas informações: em 1992, além do grande número de peças de cerâmica comum e de armazenamento (de tipo *dolia*), surgiram sete fragmentos de peças arquitectónicas (de cancelas, outros indiferenciados, capitel, colunelo, base de coluna) cuja tipologia parece enquadrar-se no período visigótico. Não foi possível porém ver as peças nem fotografias mas unicamente desenhos esquemáticos.

Em 1995, encontrou-se um fragmento de cruz vazada no interior da igreja. Várias sepulturas foram encontradas dentro e à volta da igreja: i) uma no nartex, ii) uma sepultura encostada ao muro oeste do transepto norte construída com fragmentos de telhas, tijolos e pedras miúdas onde foram inumados pelo menos dois indivíduos (redução do primeiro aos pés do segundo); iii) uma no interior do mausoléu a oeste do braço sul, assim como uma iv) última sepultura de orientação N-S (quando

¹⁰⁴ Alfenim, R. “Relatório de trabalhos arqueológicos, 1992”. Processo 2.08.020 IGESPAR de Évora.

¹⁰⁵ Gomes, S. “Relatório de campanha de escavações arqueológicas no sítio dos Mosteiros (Portel, 1995)”. Processo 2.08.020 IGESPAR de Évora.

as outras são todas E-W) cuja localização não foi possível identificar¹⁰⁶. Só sabemos que é de secção rectangular e com paredes de aparelho misto como a sepultura do mausoléu a oeste do transepto sul. A arqueóloga detecta uma reutilização através de dois pavimentos no exterior da igreja (1 - pedras de grandes dimensões e 2 -tijoleira). A cronologia proposta é de uma ocupação no século VII e depois no séc. XIV.

O estudo antropológico do sarcófago visigótico n.º4 foi realizado em 1995¹⁰⁷ mas infelizmente não foi possível perceber o sítio exacto em que se encontrava, uma vez que só está descrito “encontrado junto à igreja”. Será provavelmente o sarcófago de um dos mausoléus do transepto sul. Um “pequeno vaso” encontrava-se junto à cabeceira. O túmulo era coberto por uma grande laje (de mármore?) rectangular, apoiada por três barras metálicas, era construído por uma caixa de mármore de forma rectangular, de 2m de comprimento e 50 cm de largura com uma profundidade aproximada de 60 cm. Estava parcialmente cheio por terra de onde foram retirados alguns ossos humanos, cujos resultados da análise são os seguintes: “Esqueleto n.º1: foi o último indivíduo a ser inumado neste sarcófago visigótico. Foi deposto em posição de decúbito dorsal (...). Aparentemente o corpo foi enterrado após redução parcial do enterramento anterior e coberto de terra. (...) pode ver-se que no fundo da sepultura não houve redução completa dos membros inferiores do enterramento anterior, sendo o indivíduo n.º1 simplesmente depositado sobre os restos do indivíduo anterior. (...) Indivíduo do sexo masculino entre 35 a 45 anos (...) relativamente são e que teve, a dada altura, um período de crescimento conturbado.”

Estamos assim perante uma igreja que não deverá datar antes do século VII uma vez que já apresenta braços de transepto independentes, o que a distingue das construções dos finais do século IV até ao VI que ainda têm as absides quadrangulares inseridas no corpo principal e um transepto não saliente. Esta igreja é de cariz marcadamente funerário, com uma possível deposição de relíquias (sob o altar principal?), sendo assim mais correcto identificar este monumento como uma basílica funerária. A construção de mausoléus funerários contemporâneos (ou imediatamente posteriores) e o pequeno número de inumados denunciam possivelmente uma construção privada e revelam uma ocupação rapidamente abandonada, por nunca ter gerado uma necrópole propriamente dita. É preciso notar a presença de uma ermida dedicada a um santo mártir romano, S. Faraústo, a menos de um quilómetro de Mosteiros, podendo talvez este sítio ser o monumento original dedicado ao santo. Quanto ao topónimo de Mosteiros, comprova o carácter religioso daquele outeiro sem no entanto haver, por enquanto, indícios da existência de uma construção monástica.

Bibliografia: ALFENIM e LIMA (1995: 463-467); Processo 2.08.020 IGESPAR de Évora.

Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Vera Cruz)

CNS: 4871

A freguesia de Vera Cruz de Marmelar encontra-se em plena serra do Mendro, entre Portel e Marmelar, de acesso ainda hoje pouco evidente. No topo da aldeia localiza-se a imponente igreja: um

¹⁰⁶ O processo deste sítio não continha nenhuma fotografia das escavações nem uma planta da intervenção de 1995, unicamente a planta publicada em 1992, o que não nos permitiu localizar as diferentes UE e as diversas sepulturas descobertas em 1995.

¹⁰⁷ Silva, A. “Os restos humanos exumados do sarcófago n.º4 do sítio dos Mosteiros. Portel.1995”. Algumas fotografias acompanhavam este dossier.

grande edifício cujas últimas obras remontam ao século XVII, tendo no entanto origens de época provavelmente visigótica, apesar de nunca terem sido realizadas escavações no local (Fernandes, 2009: 257). As fontes documentais mais antigas datam do século XIII, quando a Ordem dos Hospitalários fundou a aldeia em 1240 e terão promovido a conversão do edifício cristão em mosteiro, cujas ruínas monumentais se avistam ainda hoje atrás da igreja, na parte oriental¹⁰⁸. Nenhuma referência documental menciona no entanto o edifício anterior e, uma vez que não existem dados arqueológicos, os critérios de datação para os elementos arquitectónicos existentes na cabeceira desta igreja têm vindo a flutuar entre diversas opiniões estilísticas.

O aparelho construtivo da abside é realizado por grandes silhares (romanos reutilizados?) em *opus quadratum* (ainda visíveis nos primeiros três metros dos muros na parte exterior meridional da abside oriental). Este edifício tem embutido nas paredes dos absidiolos que flanqueiam a abside central um grande número de peças arquitectónicas¹⁰⁹ cuja atribuição varia entre o período visigótico (Almeida, 1954; Schlunk e Hauschild, 1978; Almeida, 1986; Arbeiter, 1996) e o período moçárabe (Real, 1995; Hoppe, 2000). Existem igualmente dois frontões decorativos embutidos na parede externa da abside, em parte cobertos pela parede do mosteiro do século XIII.

Bibliografia: RP 6/346; ALMEIDA (1954); ALMEIDA (1986); ARBEITER (1996: 11-44); FERNANDES (2009: 241-273); HOPPE (2000); SCHLUNK e HAUSCHILD (1978); REAL (1995).

Concelho de Redondo

Para este território só temos a assinalar um fragmento de placa conservado no Museu de Évora (peça n.º ME 4113) provindo do Convento de Santo António que se situa a NE à saída da vila do Redondo. Trata-se da parte direita de uma placa com um *chrismon* inserido num círculo representando uma coroa estilizada. Avista-se a parte arredondada do “Rhô” e o *omega* entre os braços do “Xhi”. É considerada como datando do século VIII.

Concelho de Reguengos de Monsaraz

Será de notar que a freguesia do Corval situada a NE da cidade de Reguengos é aquela que apresenta o maior número de vestígios do período romano: uma necrópole na Herdade do Vale do Gato; uma *villa* e necrópole associada em Arraieira 1, datada do séc. IV; uma *villa* no Monte do Corval e outra *villa*, com provável necrópole associada, no Monte da Azinheira com vestígios do século III e por fim uma necrópole em S. Pedro do Corval, uma vez que de lá provieram várias inscrições funerárias romanas em grandes estelas de xisto¹¹⁰.

- No arqueosítio do Monte dos Currais 1 (CNS 13594) desta mesma freguesia do Corval foi intervencionada entre 1998 e 1999 uma estrutura habitacional implantada numa suave encosta com afloramento de granodiorito, na margem da Ribeira do Álamo; num destes afloramentos com cerca de 10m² foram escavadas duas sepulturas, de um adulto e de uma criança. Estas sepulturas são de

¹⁰⁸ Anexo II, 4, fig. 42 e fig. 43.

¹⁰⁹ Peças estudadas na parte II deste trabalho, fariam parte do Grupo escultórico de Beja. Ver também Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

¹¹⁰ Conservadas no Museu de Évora.

planta rectangular e têm os topos ligeiramente arredondados e com rebaixamento destinado a receber uma tampa. O espólio encontrado é escasso e corresponde maioritariamente em fragmentos de carvões, de vidro verde e uma bilha. Este sítio parece assim consistir num conjunto tumular e uma casa de habitação. Os vestígios cerâmicos apresentam semelhanças com a cerâmica tardo-romana/visigótica¹¹¹, podendo tratar-se de um local cristianizado durante este período.

Monte da Azinheira (Corval)

CNS: 15145

A pouco mais de um quilómetro a Norte de Reguengos de Monsaraz está situado o Monte da Azinheira, conhecido pelo sarcófago das estações datado do século III¹¹². Este terá pertencido à necrópole senhorial de uma importante *villa* durante a época imperial, uma vez que foi encontrado *in situ* em 1837, juntamente com peças de vidro e outras sepulturas (Dias e Gaspar, 2006: 200, nota 254). Segundo o seu estilo escultórico, este sarcófago terá sido importado (Garcia y Bellido, 1949: 264-267), o que revela as ligações deste sítio ao comércio mediterrânico e o alto nível económico e social dos seus proprietários (Dias e Gaspar, 2006: 200). Segundo Mário Saa (1964: 31-32), existia um antigo caminho romano entre Évora e Monsaraz que passaria junto a esta *villa*.

O que nos irá no entanto interessar aqui prende-se ao epitáfio métrico cristão datado de 593 encontrado neste mesmo sítio¹¹³, dedicado a *Venantia*¹¹⁴. Trata-se de um poema escrito à primeira pessoa: uma mulher cristã de 34 anos, do seu nome *Venantia*, que era casada e cujos filhos já eram baptizados. A qualidade métrica deste poema denuncia um alto nível social e um bom conhecimento da língua latina, o que parece seguir as características deste local desde o período imperial.

Existe aqui uma provável continuidade de ocupação de um espaço romano, apesar de não saber se esta família (ou população) romano-visigótica teria vivido na mesma *villa*, de que forma teria utilizado esse espaço residencial ou se, pelo contrário, viveria em novos espaços distintos.

Ermida de Santa Catarina (Monsaraz)

CNS: 11594

Esta ermida¹¹⁵ localiza-se no sítio do “Outeiro da Forca”, a 800 m da localidade do Telheiro (que se avista da ermida), poucos quilómetros a norte de Monsaraz. É composta por um espaço de planta hexagonal com aspecto acastelado, atribuído ao século XIII, e um corpo rectangular a ele adossado provavelmente construído durante os séculos XVI ou XVII.

Em 1991 foram efectuados trabalhos de conservação e restauro devido à violação da porta de entrada e de dois *tumuli* no interior. Foi efectuada uma limpeza destas sepulturas e obtiveram-se resultados interessantes: o primeiro túmulo era constituído por um sarcófago de mármore onde se conservavam ossos humanos de dois indivíduos. O segundo, adossado à parede do lado norte do

¹¹¹ Ver ficha do *Endovélco* “Monte dos Currais 1”, Corval.

¹¹² Hoje conservado no Museu Soares dos Reis, no Porto.

¹¹³ Desconhecem-se as condições exactas do seu achamento. Esta lápide encontra-se hoje no Museu de Évora (n.º 1727).

¹¹⁴ Inscrição estudada na Parte III.

¹¹⁵ Ver Anexo 2, 4, fig. 45.

corpo da ermida, era escavado no substrato rochoso e revestido de aparelho de xisto. A limpeza revelou um terceiro túmulo, paralelo a este. Do lado oriental destes dois últimos túmulos, ou seja mais próximo do edifício hexagonal do século XIII, detectou-se um pavimento de formigão (*opus signinum*), contendo grande quantidade de cal, típico das construções tardo-romanas e paleocristãs. Na cabeceira da ermida, uma pequena sondagem pôs a descoberto um outro muro, em arco, com aparelho idêntico.

Esta descoberta necessitaria de novas escavações para confirmar a presença de um edifício de época romana ou tardo-romana e assim a existência - ou não - de uma igreja paleocristã sob a actual ermida. É de notar que junto a esta corre um antigo caminho, possivelmente de origem romana, que partia de Monsaraz, passava pela ermida de S. Lázaro e entroncava numa outra via sobreposta em parte pela estrada municipal. Dirigia-se para norte, passava pelo local onde hoje se ergue o Convento de N.^a S.^a da Orada (em Telheiro) e onde, segundo indicações da ficha do Endovélico, teria existido um pequeno templo medieval ou visigótico¹¹⁶.

Concelho de Vila Viçosa

Este concelho revelou duas peças de encaixe para cancela de época visigótica: uma ainda inacabada no sítio da “Horta Nova”, na pedreira de Bencatel¹¹⁷ e outra embutida na capela de S. Tiago em Vila Viçosa¹¹⁸.

Herdade da Galharda (Bencatel)

CNS: 5137

No sítio chamado “os Vilares”, na Herdade da Galharda próxima de Bencatel, deverá ter existido um *pagus marmorarius*, isso é um povoado dedicado à extracção de mármore, com edifícios públicos e necrópole associada. De facto, daqui provêm duas inscrições romanas, uma votiva (IRCP 438) dedicada a *Fontanus* e *Fontana* e outra funerária (IRCP 451), assim como um capitel.

A continuação de ocupação do local talvez se possa alvittrar porque do mesmo arqueosítio provém uma inscrição paleocristã que foi encontrada sobre uma sepultura em 1866, isto é, *in situ* (hoje desaparecida). Não está datada¹¹⁹ e é dedicada a um bebé de um ano e quatro meses, a pequena *Domitia*. Este epitáfio, decorado no topo com um *chrismon* com *alpha* e *omega*, inserido num círculo, denota um certo nível cultural dos pais desta criança: a decoração, o nível de literacia, o facto de um bebé já ter sido baptizado, são vários aspectos a apontar. A datação não será anterior aos finais do século VI, uma vez que o baptismo das pequenas crianças ser raro antes desse momento (Treffort, 1996).

Bibliografia: RP 6/267; ENCARNAÇÃO (1984); DIAS e GASPAR (2006).

¹¹⁶ Cf. ficha do *Endovélico* “Ermida de Santa Catarina”, Monsaraz.

¹¹⁷ Peça descrita no Anexo I, 2, n.º4 e estudada na Parte II, grupo escultórico de Évora-Elvas.

¹¹⁸ Peça descrita no Anexo I, 2, n.º5 e estudada na Parte II, grupo escultórico de Évora-Elvas.

¹¹⁹ Peça estudada na Parte III, acerca da epigrafia.

DISTRITO DE BEJA

Concelho de Aljustrel

Duas impostas em mármore de S. Brissos com decorações de tipo visigótico provêm de Messejana, freguesia do concelho de Aljustrel. A primeira imposta (Wrench: 667), completa - decorada por cruces páteas e pelo motivo de “enxaquetado” - foi achada no Monte do Reguengo (CNS 6363). A segunda imposta (Wrench: 669), incompleta, ornada por dois medalhões com motivos vegetalistas¹²⁰ foi achada metida “no passeio, junto à base da torre da Misericórdia da Messejana” (Viana *et. al.* 1957:13, fig. IV, 9)¹²¹.

Ermida de S. Sebastião (Aljustrel)

CNS: 28364

Este concelho é conhecido pelo importante povoado mineiro, *vicus metallum vipascensis* (Pérez Macias *et al.*, 2008: 419-428) associado à necrópole de Valdoca que forneceu quase quinhentas sepulturas do século I d.C. ao III d.C. (Alarcão e Alarcão, 1966). Este *vicus* terá sido explorado desde a Idade do Bronze mas atingiu a sua maior capacidade produtora durante o período romano, cujo auge foi atingido em meados do século II d.C.. A partir da segunda metade do século II, com a crise do poder imperial, a exploração nunca mais voltou aos níveis do passado. A mineração no entanto não cessou, durante o século IV d.C. surge um período de reindustrialização em que a produção aumenta de novo para no entanto quebrar no início do século V d.C. “dando lugar a explorações de tipo doméstico, característicos da Idade Média” (Pérez Macias *et al.*, 2008: 422). Durante o período visigótico, as explorações deverão de facto ter continuado, devido à presença de cerâmica (sobretudo lucernas) enquadrável entre os séculos V e VI d.C.. A ocupação e a mineração terá funcionado durante o período islâmico, com construção de um castelo de taipa no Morro de N.^a S.^a do Castelo, onde depois se instalará o povoado medieval de Aljustrel.

No entanto, o factor que nos interessa aqui refere-se às escavações levadas a cabo nos anos 1980 pelo arqueólogo Rui Parreira, no interior da Ermida de S. Sebastião, ruínas que se encontram próximo das explorações mineiras de época romana, a várias centenas de metros a sul. Sob o pavimento desta igreja do século XVI existe um nível de *opus signinum* no qual foi encontrada uma sepultura central com garrafa com uma asa datada dos séculos VI / VII., em depósito no Museu de Aljustrel¹²². O esqueleto estava em decúbito dorsal e a garrafa, do qual só falta a parte do gargalo, repousava sobre a zona da bacia. Temos aqui muito provavelmente a existência de uma igreja visigótica que antecedeu a igreja medieval, com possível ligação às minerações durante a Antiguidade Tardia.

¹²⁰ Peça com grandes semelhanças decorativas com uma placa provida do Castro da Cola, Ourique (Ver Parte II).

¹²¹ Existe igualmente a referência a uma necrópole tardia (Viana *et al.*, 1957: 8), situada na Courela do Carneiro junto da igreja paroquial de Messejana (CNS 12303), cuja bilha de bocal trilobada encontra paralelo em várias necrópoles paleocristãs, no entanto, devido à orientação das sepulturas NW-SE, cremos que se trata de uma necrópole tardia de tradição pagã.

¹²² O estudo deste material visigótico será por nós realizado num trabalho futuro.

Bibliografia: RP 7/32; PEREZ MACIAS *et al.* (2007, para toda a bibliografia exaustiva sobre o povoado de Aljustrel) PARREIRA (1984); processo 1.01.001 IGESPAR de Évora.

Concelho de Alvito

Deste concelho provem uma inscrição funerária paleocristã (hoje desaparecida) que estava fixada no campanário do antigo arco de S. Roque, demolido em finais do século XIX. Esta inscrição era dedicada a *Taumastus* e era datada de 562 e terá sido decorada, na parte superior, por uma cruz ladeada por um *alpha* e *omega* (Dias e Gaspar, 2006: n.º2).

S. Romão (Alvito)

CNS: 30482

Durante o mês de Janeiro de 2011, aquando da obra municipal realizada na estrada de S. Romão, apareceram vestígios romanos e paleocristãos¹²³. Segundo o artigo do jornal *Diário do Sul* (de 24.01.2011), serão os vestígios de umas termas romanas transformadas em necrópole durante o século VI e que terá perdurado até ao século XIII. De facto, foi encontrado um tanque romano reutilizado posteriormente e as sepulturas parecem apresentar uma cobertura em *opus signinum*, tal como acontece em sepulturas de Mértola e no Monte da Cegonha (Vidigueira). Põe-se assim a hipótese de se estar próximo de uma basílica paleocristã, que justificasse esse tipo de construção funerária¹²⁴. Assim sendo, e uma vez que este local está próximo do sítio onde foi descoberta a inscrição da *Taumastus*, pode-se alvitrar a existência de uma basílica funerária ou de uma *ecclesia* datada do século VI. É igualmente referido no artigo a descoberta de um ábaco, de vários fragmentos de cancelas e de gelosias. Uma vez que estas escavações ainda estão a decorrer no momento da redacção deste texto e que nos baseámos num artigo não científico, será necessário aguardar a publicação dos resultados para confirmar esta realidade.

Referência: artigo do *Diário do Sul* de 24 de Janeiro de 2011.

Capela de S. Bartolomeu (Alvito)

CNS: 6831

A capela de S. Bartolomeu situa-se a dois quilómetros SW da vila de Alvito, junto do caminho que parte do cemitério da vila e a escassas centenas de metros a SE do Monte de S. Bartolomeu. Trata-se de uma pequena capela de finais do século XV - início do século XVI, com um só corpo, contra-fortes semicilíndricos a norte e a sul, e coberta por três cúpulas, parecendo-se com as cubas islâmicas. Foi em parte construída sobre o afloramento rochoso.

Durante trabalhos de restauro efectuados na década de 1990, notou-se a grande quantidade de material de construção romano reutilizado para a erigir essa ermida assim como uma parede circular por baixo da actual capela-mor, que deverá “corresponder (...) a uma abside de um templo anterior ao que agora aí existe, pois outros indícios apontam para essa existência: do lado sul é visível uma sepultura em tijoleira (...). Também no exterior, junto à entrada muito perto da parede Norte, uma estrutura, em cruz revestida a *opus signinum* corresponderá, certamente, a um baptistério. Tudo parece, portanto, sugerir a existência de uma estrutura romana (*villa*, possivelmente), cristianizada em

¹²³ Escavações arqueológicas dirigidas por Lina Sousa Maltez.

¹²⁴ Se este dado se confirmar, nesse caso é possível referir igualmente o paralelo da sepultura em V.V. de Ficalho (Serpa).

dado momento, tendo-se edificado então um templo paleocristão cuja memória perdurará por épocas posteriores, consubstanciada na capela agora visível.”¹²⁵ Além desta *villa* terá havido também uma forja e uma pedreira (no topónimo “Minas do Galo”), o que revela a importância que este sítio terá tido durante o período romano e que possa explicar a continuidade de ocupação em períodos posteriores.

Novas intervenções no local durante a década de 2000 (Feio, 2008) permitiram confirmar os dados acerca da pré-existência à ermida: a abside sob a actual cabeceira mede 2,40m de comprimento por 44 cm de largura, o aparelho construtivo é “constituído por pedras de médias dimensões ligadas por *opus caementicium*”. Esta abside continuava sob a actual parede oriental, formando uma volta inteira. Sob as paredes da actual ermida são visíveis vários troços de muros anteriores à construção da ermida e provavelmente contemporâneos a essa abside semi-circular, construídos com o mesmo tipo de aparelho: a NE com dois metros de comprimento por 60 cm de largura e a oeste, junto à entrada da ermida (Feio, 2008: 479). O muro a NE é considerado pelo arqueólogo como sendo uma segunda fase de construção, sendo que a primeira seria a abside, uma vez que se adossa a esta. No entanto, poderia também ser uma parede anterior que foi mais tarde cortada pela abside, sendo que a conexão destas duas realidades é difícil de perceber no terreno.

A estrutura de tipo tanque ou baptistério em forma de cruz, localizada a noroeste da ermida, mede 78 cm no sentido N-S e 80 cm no sentido E-W¹²⁶. Foi construída com *lateres* quadrangulares (24cm x 4cm) recobertos por *opus signinum*. No entanto, e tal como o arqueólogo refere, esta estrutura é muito pequena para ser um baptistério de imersão, além de que carece de escadas (Feio, 2007: 479). A presença de pelo menos uma sepultura (a sul da cabeceira) orientada E-W e formada por *lateres* postos de cutelo, revela a utilização funerária do espaço e talvez outras sepulturas terão existido (cf. uma placa de mármore por baixo do muro sul da ermida).

Bibliografia: FEIO (2008: 477-489); Processo 1.03.005 IGESPAR de Évora.

Convento de S. Francisco (Alvito)
CNS: 21631

Este convento, hoje abandonado, encontra-se a uns dois quilómetros a sul da ermida de S. Bartolomeu acima referida, a menos de um quilómetro a norte da ribeira de Odivelas, entre o topónimo “Monte do Convento” e “Horta de S. Francisco”. Segundo a ficha do Endovélico: “Trata-se de uma pequena elevação onde um convento foi construído sobre uma antiga *villa* romana, com necrópole associada (Horta de S. Francisco). Foram encontrados indícios abundantes da ocupação humana no decorrer de várias épocas sobretudo do calcolítico final/bronze inicial, das épocas romanas e visigóticas e do período medieval e moderno. Os terrenos envolventes são muito férteis e têm abundância de água. Numa pequena parte da Herdade de Valameiros, contígua ao Monte do Convento encontra-se a descoberto o *hipocaustum* e parte das estruturas das termas romanas. A permanência de população no local após conquista visigótica está atestada pelo aparecimento de *sigillata* focense tardia, formas Hayes 3 F (finais século V e primeira metade do século VI). Segundo a tradição teria aqui existido um convento no século VIII, que existia ainda em

¹²⁵ Correia, S. “Informação. SRAS. Janeiro de 1990”. Processo 1.03.005 IGESPAR de Évora.

¹²⁶ Anexo II, 4, fig. 46.

meados do século XIII. O actual convento, construído sobre as ruínas do anterior, data do século XVI”.

Segundo Jorge Feio (2008: 480) esta *villa* romana ter-se-á transformado em *monasterium* uma vez que os materiais arqueológicos datados dos séculos VI e VII são evidentes. O sítio de “Vale de Lameiros”, onde foram achados os vestígios das termas, encontra-se algumas centenas de metros a SE do Monte do Convento, o que revela a grande extensão do sítio romano (ou vários pontos de povoamento). Desta forma, e se se confirma a existência de um convento já durante o século VIII, pode-se propor uma possível cristianização do sítio romano em época visigótica e a sua permanência até à época medieval, sendo no entanto necessário confirmar estes dados. A visita ao terreno confirmou uma rica presença romana, com vestígios de cerâmica, cerâmica de construção, fragmentos de mármore (colunelo, base de coluna embutido num muro de taipa e de uma construção em *lateres e opus caementicium* ainda visível num dos caminhos de acesso (do lado oeste) ao convento. O que nos chamou a atenção no entanto foi a presença de alicerces ao longo de vários metros por baixo do muro ocidental do corpo principal do convento, onde se avista claramente uma pedra circular com depressão interna (mo de lagar?), isto é uma construção reutilizando material romano¹²⁷. Serão estes os vestígios do *monasterium*?

Bibliografia: FEIO (2008: 477-489).

Concelho de Beja

A cidade de Beja, além de várias centenas de fragmentos de peças arquitectónicas¹²⁸ descontextualizadas¹²⁹, conserva múltiplos vestígios de presença visigótica que iremos descrever sumariamente neste capítulo concelhio. Existe igualmente a referência de uma inscrição funerária provinda de “Beja” mas de proveniência exacta desconhecida e hoje desaparecida, de um certo *So[?]donus*, de 65 anos (Dias e Gaspar, 2006: n.º5). Ainda na cidade de Beja, outra referência ao período visigótico foi feita já em 1915 por J. Leite de Vasconcelos acerca de uma sepultura com espada e duas fivelas de ouro ornadas com pedras semi-preciosas (Vasconcelos, 1915: 193). Esta espada foi mais tarde estudada por Abel Viana como provindo do “cemitério público de Beja” onde estava antigamente o convento de Santa Clara, a algumas centenas de metros a NW da cidade (Viana, 1953: 183-191). Esta arma proveio de uma sepultura que continha igualmente “um copo de prata e um frasco de vidro preto com asa e ornatos” que desapareceram (Almeida, 1962: 239-240). Os estudos comparativos datam esta peça do século V, produzida no império dos Hunos (Raddatz, 1959 e Zeiss, 1934 *apud* Almeida, 1962: 239), podendo ter pertencido a um indivíduo germânico, visigodo, Alano, Suevo ou Vândalo, pelo que não se consegue averiguar se pertenceria a uma pessoa de religião pagã ou cristã (ariana).

- As duas únicas lápides datadas do século VI encontradas em Beja provêm da zona da igreja de Santa Maria: a lápide desaparecida do presbítero *Severus* (Dias e Gaspar, 2006: n.º1) embutida na torre dos sinos da igreja e a lápide (reutilizada no século XII) indicando a deposição de um certo “*dominus Iu(lianus)*” (Dias e Gaspar, 2006: n.º4), encontrada em 1896 nos entulhos do Dormitório do Convento da Conceição, que se encontra ao lado da igreja. Em intervenções arqueológicas levadas a cabo em 1998, foi identificado junto à igreja de Santa Maria parte de um cemitério medieval sobre vestígios romanos (uma canalização em tijoleira). Três peças arquitectónicas do Museu Regional de

¹²⁷ Anexi II, 4, fig. 47.

¹²⁸ Remetemos igualmente para o fragmento de cancela encontrado recentemente nas escavações levadas a cabo na rua do Sembrano.

¹²⁹ Peças estudadas na Parte II, grupo escultórico de Beja.

Beja provêm das “proximidades da igreja de Santa Maria” (Lopes, 1993) e datam dos séculos VI/VII¹³⁰, o que confere a esta zona da cidade uma certa importância e talvez a localização do possível grupo episcopal.

- Outro grupo de peças arquitectónicas bastante homogêneo foi reutilizado na construção da igreja de N.ª S.ª da Guia (hoje destruída) que se localizava perto da porta romana chamada Porta de Avis, podendo denunciar um edifício paleocristão naquela zona.

- Ainda não existe consenso acerca da datação da igreja de Santo Amaro¹³¹. Esta igreja tem capitéis e colunas romanos, capitéis e uma coluna torsa visigóticos e capitéis moçárabes, segundo vários investigadores não remonta além do século X, tornando-a assim uma igreja de estilo moçárabe¹³². Encontra-se junto a uma importante necrópole medieval e foi, ao tempo da “Reconquista”, sede da paróquia de Santiago, fora das muralhas, até que D. Fernando a mandou transferir para dentro dos muros da cidade. Foi totalmente remodelada no século XIV e sofreu muitas vicissitudes até aos meados do século XX, pelo que pouco ou nada resta das suas fundações.

Já fora da cidade, em contexto rural, existem várias indicações de vestígios visigóticos que, no entanto, não significam forçosamente a existência de um edifício paleocristão no local:

- na Quinta da Suratesta ou Vale de Aguiheiro (CNS 219), S^{ta} Maria da Feira, imediatamente a norte de Beja, junto à estrada que segue para Évora, localiza-se uma das mais notáveis *villae* dos arredores de Beja, estando actualmente muito destruída. São ainda visíveis ruínas de diversos edifícios, mosaicos, entre os quais um tanque que foi parcialmente destruído pelos trabalhos agrícolas. Surgem materiais romanos ao longo de vários hectares datados entre o século I até ao século IV, entre outros, pedaços de estuque pintado, fragmentos de placas de mármore, fragmentos de lucernas e inscrições. Descobriram-se aqui ruínas de um grande edifício com pavimentos e paredes forradas a mármore, restos de um templo e uma estátua mutilada de Cíbele (Lopes, C., 2003, vol. 2: 18-19). Encontrou-se uma coluna de mármore dos inícios do século IV d.C. que é amiúde considerada como uma peça da primeira arte paleocristã¹³³, daí a inclusão deste sítio como um provável local cedo cristianizado, mesmo se com algumas reservas, uma vez que a decoração desta coluna pode ser pagã.

- no Monte de S. Luís¹³⁴ (CNS 6041), Baleizão, localizado a vários quilómetros a norte desta aldeia, encontra-se uma ermida com edifícios anexos totalmente isolada no terreno, numa ligeira encosta sobranceira à ribeira de S. Pedro. Esta ermida, mandada construir por D. Dinis em agradecimento de um milagre, reutiliza um friso visigótico¹³⁵ (Wrench: 646) numa porta lateral, na parede sul decorado por círculos secantes. Segundo prospecções de Conceição Lopes (2003, vol. 2: 12-13), situar-se-á próximo de uma *villa* romana cuja área de dispersão atinge cerca de 1,2 ha. Foram encontrados pavimentos de *opus signinum*, cerâmica de construção e doméstica denunciando uma ocupação entre os séculos I e IV. A Autora propõe que a *villa* tenha sido utilizada durante o período visigótico, se de facto a peça reutilizada na ermida de lá proviesse. A proximidade contudo deste sítio com a *villa* mais tarde cristianizada do Monte da Cegonha na Vidigueira (do qual se consegue

¹³⁰ Ver Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

¹³¹ Onde se encontra o hoje exposto o “Núcleo visigótico” de Beja.

¹³² Cf. Polémicas sobre a sua origem em Almeida (1962) e Real (1995 e 2006).

¹³³ Ver estudo desta peça e referências bibliográficas na Parte II, 2.1. Peças do período paleocristão” e ver fragmento inédito apresentado no Anexo I, 2, n.º1, provavelmente esculpido segundo o mesmo modelo.

¹³⁴ Este sítio também é conhecido como S. Pedro dos Pomares.

¹³⁵ Ver Parte II, grupo escultórico de Beja.

avistar o Monte de S. Luís) poderá talvez justificar a presença de peças arquitectónicas visigóticas na redondeza.

- Na parede exterior lateral da nave da igreja de N. S. das Neves, na mesma freguesia de Baleizão, está embutido um friso visigótico¹³⁶ (Wrench: 644) sobre qual não se tem mais informação.

- A um quilómetro a norte do Monte de Corte Piornos (Quintos¹³⁷), que se situa a cerca de 17 km a SE de Beja, perto da ribeira do Guadiana, foi encontrada uma *cupa* funerária datada do século III, vestígios de quadrantes de colunas, uma cabeça representando a divindade Sileno. O sítio é interpretado como uma *villa* romana (Lopes, C., 2003, vol. 2: 33) que terá sido ainda ocupada durante o período visigótico uma vez que foram encontrados fragmentos de *Late Roman C* e a grande pilastra¹³⁸ denunciando uma possível igreja (Wrench: 456), desconhecendo-se contudo o seu contexto arqueológico.

- A *villa* romana do Monte do Meio (CNS 1995), S. Brissos, localizada numa encosta sobranceira ao barranco do Poço das Casas Velhas, a Norte do actual Monte, foi escavada nos anos 1950 por A. Viana (1960: 36-43), estando hoje em dia totalmente destruída (Lopes, C. 2003, vol. 2: 39). Terá sido ocupada durante a Antiguidade Tardia uma vez que um lagar foi construído dentro de uma sala pavimentada a mosaico e que, segundo prospecções de 2004 encontraram-se cerâmica romana e visigótica. Não há porém indicação de uma cristianização do local, salvo a indicação por Abel. Viana de uma destruição possivelmente voluntária da parte central de um mosaico que decorava uma abside do corpo central da *villa* (grupo III de Viana). O Autor interroga-se sobre o facto de esta destruição poder ter sido feita pelos moradores cristãos por causa do carácter pagão do mosaico.

- Na *villa* romana de Represas (CNS 1984), Santiago Maior, foi encontrada uma lucerna com crísmom (Maciel, 1996: 207). Apesar de não se saber em que contexto foi encontrada, se doméstico ou funerário, a descoberta de um artefacto de cariz cristão parece confirmar a presença de gente cristianizada neste local. Durante o período imperial, esta era uma das maiores *villae* da região pacense: encontraram-se estruturas da *pars urbana* (mosaicos, mármore de ornamentação, grande estátua mutilada, cerâmica fina, lucernas, cipos epigrafados entre os quais uma inscrição dedicada ao imperador Cómodo pelos duúnviros de *Pax Iulia*), da *pars rustica* (prensas de lagar, ânforas, *dolia*) e a necrópole (inscrições funerárias). Neste ambiente de alto nível social e cultural, terá havido um contacto precoce com a religião cristã, cuja lucerna só será certamente um dos indicadores.

Vale de Aguilhão (Sta Clara do Louredo)

CNS: 521

O chamado Vale de Aguilhão situa-se do lado direito da estrada que parte de Beja para Mértola, em frente ao quartel do Regimento de Infantaria, junto à linha férrea. Prospecções no local revelaram a presença de uma *villa* romana importante que terá sido ocupada ainda no período

¹³⁶ Ver Parte II, grupo escultórico de Beja.

¹³⁷ Na freguesia de Quintos, imediatamente a norte da ribeira da Cardeira, localiza-se a *villa* romana de Torre da Cardeira da qual só foram escavadas as termas (ainda hoje em parte utilizadas pelos habitantes do Monte). A grande complexidade dos edifícios assim como duas peças arquitectónicas denunciam uma ocupação provavelmente baixo-imperial (século IV), não se podendo no entanto considerar, por enquanto, uma ocupação visigótica ou uma utilização cristã de parte das termas (ver Viana, 1949: 103-104 e Torres, 1993).

¹³⁸ Ver Parte II, grupo escultórico de Beja.

visigótico: alicerces, pavimentos em *opus signinum*, capitéis, fustes de colunas e outros elementos arquitectónicos assim como tanques, canalizações, cerâmica de construção e doméstica e sepulturas (Lopes, C., 2003, vol. 2: 37-38). “Muito perto” (*idem*) foi descoberta em 1958 “ao lavar-se um terreno no sítio de Vale de Aguilhão” (Viana, 1970: *idem*) uma inscrição funerária: o epitáfio métrico da jovem adolescente *Maura*, dedicado pelo seu tio *Calandronius*.

Esta inscrição é datada de 665¹³⁹ e é importante poema funerário. Infelizmente não se sabe se estaria em contexto primário ou reutilizada, pelo que só se pode alvitrar uma provável ocupação funerária do sítio durante o século VII. De facto, a qualidade deste texto revela um alto nível de literacia, mostrando um elevado nível cultural da comunidade cristã de Beja e de seus arredores.

Bibliografia: RP 6/151; DIAS e GASPAR (2006: 44-46); LOPES, C. (2003, vol. 2: 37-38); VIANA (1970: 233-237).

Base aérea de Beja 1 (S. Brissos)

CNS: 1527

Não longe da *villa* do Monte do Meio acima referida, durante o ano de 1963, foram escavadas 24 sepulturas orientadas E-W na área que viria a ser a base aérea, a NW de Beja, na antiga Herdade do Azinhal (Barros, 1968-70: 105-113). Duas destas sepulturas foram consideradas as mais ricas (S1 e S2), sendo construídas com tijolos nas paredes laterais e no fundo tinham lajes de calcário de S. Brissos. As restantes sepulturas eram “constituídas por pedras irregulares e de dimensões diversas” (*op. cit.*: 106). O espólio funerário é escasso e somente no exterior das sepulturas S1 e S2, ao lado da cabeceira virada a Nascente, foram encontradas duas bilhas em cerâmica comum, quando da sepultura S17 proveio um pote também em cerâmica comum. O Autor refere que apareceram durante as escavações “diversos fragmentos cerâmicos” e “diversos elementos metálicos sugerindo ‘fivelas’ e outras peças que deveriam estar ligadas a apetrechos de couro” (*op. cit.*: 107).

Nos anos 1980 foram escavadas mais duas sepulturas: uma orientada E-W, construída em alvenaria de pedra na base, tijolo nas paredes (um deles com digitações) e coberta por lajes reutilizadas. Algumas das pedras inseridas no aparelho vieram a ser classificadas como elementos arquitectónicos visigóticos, atribuindo a cronologia da estrutura para momentos posteriores. Em 1987 foi intervencionada outra sepultura também orientada E-W: de caixa rectangular, sem fundo, totalmente construída em pedra. A parte superior apresentava cercadura em tijolo, *tegula* e pedra com alguma argamassa sendo coberta por lajes em pedra.

O conjunto destas características funerárias parece assim confirmar o seu carácter paleocristão. A presença de uma sepultura posterior reaproveitando elementos visigóticos poderá indicar a presença de um edifício religioso paleocristão nas imediações.

Bibliografia: BARROS (1968-70: 105-113); CORREIA e OLIVEIRA (1994: 104). Processo 1.00.011 IGESPAR de Évora.

Concelho de Castro Verde

Nenhum sítio com claras evidências de cristianização primitiva foi encontrado neste concelho. À volta da ermida de Santo Isidoro (CNS 307), totalmente isolada numa vasta planície

¹³⁹ Ver Parte III e Anexo I, 3, n.º2.

situada a escassos quilómetros a sul de Entradas (a 10 km a NE de Castro Verde), foram encontrados vestígios de uma grande *villa* romana (Saa, 1963 e Lobato, 1987: 18) que perdurou pelo menos até ao século IV ou V, com restos de mosaico, estruturas, materiais de construção, fragmento de ânfora, de *terra sigillata* hispânica e clara A facilmente visíveis à superfície. Um importante monte de pedras foi colocado na parte externa oriental da ermida, mas não revelou nenhum material de construção. Apesar de se ler na ficha do Endovélico “provável basílica com baptistério”, não foi por enquanto possível avistar este baptistério nem uma construção paleocristã mas antes uma ermida medieval sobre uma *villa* romana.

Da mesma forma, em S.^{ta} Bárbara de Padrões (CNS 4552), a pouco mais de 10 km a SE de Castro Verde, foi encontrado um provável *vicus* romano sob igreja actual (Vasconcelos, 1933: 230-246). Na elevação onde se situam a igreja e o cemitério de S.^{ta} Barbara dos Padrões, foram encontrados muitos vestígios de colunas, *opus signinum*, canalizações, assim como várias centenas de lucernas datadas do Alto-Império (Maia e Maia, 1997). Os autores da escavação afirmam que “foram exumadas ruínas de um grande edifício de planta basilical e de cronologia baixa (IV-VI d.C.) que se sobrepunham a tanques de formigão, difíceis de interpretar” (*op. cit.*: 13). Estes muros, ainda visíveis hoje em dia, têm de facto um aparelho de construção de pior qualidade do que os dos tanques romanos. No entanto, a orientação da abside para sul não parece poder confirmar com certeza a existência de uma basílica paleocristã, como parece propor J. P. Bernardes “a continuidade do culto na Antiguidade irá pelo menos até ao século VI, sendo perpetuada até aos dias de hoje com a edificação da igreja que ali se vê” (Bernardes, 2006: 163).

Ferreira do Alentejo

- Na igreja paroquial do Alfundão (CNS 28930), aldeia situada a escassos quilómetros a NE de Ferreira do Alentejo, foi reutilizado um bloco (de pilastra?) com decoração visigótica¹⁴⁰. Este elemento visigótico terá sido reutilizado quando se construiu a igreja no século XVI, muito provavelmente trazida dos arredores da aldeia, talvez de Vila Verde ou Vilar. De facto, um colunelo dito visigótico foi encontrado em Vilar, no entanto, as referências a este arqueosítio referem-se somente a uma *villa* romana. Uma vez que entre os “abundantes materiais romanos, nenhum fragmento de sigillata” tenha sido recolhido (Lopes, C., 2003, vol. 2: 43), pode ser o indicador de uma *villa* tardia, quiçá já do século VI. A presença deste material em mármore pode assim revelar a existência de um edifício religioso paleocristão algures em Vilar, mas com reservas, sendo necessário proceder a escavações no lugar para confirmar este dado.

- Na Herdade do Marmelo¹⁴¹ (CNS 18098) situada a SE de Figueira de Cavaleiros, a escassos quilómetros a NW de Ferreira do Alentejo, foi escavada no início dos anos 2000 parte de uma necrópole situada numa pequena elevação pouco pronunciada. Foram identificadas duas sepulturas de inumação, de forma rectangular, orientadas no sentido NNW - SSE, construídas com fragmentos de cerâmica comum de armazenagem e cerâmica de construção reutilizada. Segunda a ficha do Endovélico, na sepultura 1 “identificou-se um enterramento, acompanhado por objectos rituais”, assim como “um ossário que foi depositado no canto Nordeste da sepultura”. A sepultura 2 encontrava-se muito destruída e apresentava sinais de violação. Através do espólio da primeira sepultura, os responsáveis da intervenção datam este enterramento entre os séculos VI/ VII, não se

¹⁴⁰ Ver Parte II, grupo escultórico de Beja.

¹⁴¹ Ver ficha do *Endovélico* “Herdade do Marmelo”.

sabendo infelizmente mais informação sobre este arqueosítio. Na mesma herdade, foi encontrado um habitat tardio pelo mesmo responsável, pelo que será interessante aguardar uma publicação sobre este conjunto tardio.

Concelho de Mértola

A vila Mértola é a localidade do Sul da *Lusitania* com mais achados paleocristãos até hoje conhecidos¹⁴². Tratando-se de um meio urbano e não rural, iremos, como para as restantes cidades romanas, apontar sumariamente tudo o que foi já identificado *intra-muros* e em contexto suburbano, concedendo de seguida relevo aos vestígios em meio rural. A cidade antiga - como todo o concelho de Mértola - está a ser pormenorizadamente estudada em vários projectos de investigação, pelo que muitos sítios terão que aguardar maior desenvolvimento após as próximas publicações¹⁴³.

- Sob a actual igreja Matriz de Mértola (CNS 4903) encontra-se a mesquita e recentes escavações descobriram estruturas pré-islâmicas de grande silharia que levam os autores da intervenção a localizar uma igreja paleocristã antes da sua transformação em mesquita (Macias *et al.* 2011).

- A poucos metros a NW da Mesquita, sob a alcáçova de Mértola (CNS 40), foi posto a descoberto um baptistério monumental, precedido de um deambulatório decorado de magníficos mosaicos bizantinos. Trata-se de uma piscina octogonal inserida num tanque rectangular, com quatro conjuntos de escadas para aceder à piscina. A construção tipicamente tardo-romana deste baptistério¹⁴⁴ insere-o no conjunto de piscinas baptismas existentes no sul de França, no norte da Itália e na Alemanha (Lopes, V. 2003: 76) datados da segunda metade do século V. A presença de um baptistério dessa envergadura permite perceber que o ritual baptismal era praticado em massa, o que sugere a pertença a um complexo importante como o de um grupo episcopal. A existência de várias centenas de sepulturas paleocristãs em toda a cidade e subúrbios prova esta “cristianização” em massa a partir do século V e sobretudo durante o século VI.

- A basílica suburbana do Rossio do Carmo (CNS 1202) e a sua necrópole com mais de 80 lápides datadas entre os séculos V- VIII, descoberta em finais do século XIX por Estácio da Veiga, já foi sobejamente publicada (ver bibliografia completa em Lopes, V., 2003). A basílica de dupla-abside e os nomes de vários indivíduos aí sepultados demonstram a grande influência norte-africana e oriental nesta cidade portuária durante a Antiguidade Tardia. As funções eclesiásticas de diversos defuntos provam igualmente a complexidade e a hierarquização da comunidade cristã de Mértola, a melhor conhecida de toda a *Lusitania*, apesar de nenhum bispo de *Myrtilis* ser referenciado nas fontes documentais.

- Na Achada de S. Sebastião (CNS 7738), já fora das muralhas, situada ao longo de uma das vias a norte da cidade, na margem direita do Guadiana, situa-se a maior necrópole de Mértola, com 269 sepulturas escavadas. Apesar do pouco espólio funerário encontrado, as peças cerâmicas

¹⁴² Para a epigrafia completa de Mértola (salvo as descobertas feitas após o ano de 2006) ver Dias e Gaspar (2006). No que se refere às peças arquitectónicas, ver a parte II deste trabalho, grupo escultórico Beja/Mértola.

¹⁴³ O Campo Arqueológico de Mértola (C.A.M) tem vindo a escavar e publicar as suas descobertas durante as últimas décadas, sendo que vários dos seus membros iniciaram ultimamente projectos de investigação que irão enaltecendo ainda mais esta documentação, tornando-se sem dúvida um exemplo de produção arqueológica na *Lusitania*.

¹⁴⁴ O que pode também levar a pensar numa primeira construção monumental do *forum* da cidade portuária, de tipo fonte, mais tarde modificada com as escadas para se adaptar às suas novas funções de baptistério.

revelam uma utilização deste espaço desde o período alto-imperial, sendo no entanto clara a utilização por cristãos através de uma medalha de ouro encontrada numa sepultura de criança e uma lucerna, ambos decorados por um *chrismon* (Lopes, V., 2003: 135-137). Sobre esta necrópole foi construída em época moderna uma ermida a S. Sebastião.

- Sob o actual Cine-Teatro Marques Duque (CNS 17260), que era antiga ermida de Santo António, e na rua Serrão Martins foi descoberta uma nova basílica paleocristã suburbana, com três naves e talvez uma abside a nascente. Dentro e fora desta basílica foram encontradas no total 91 sepulturas, sendo que as sepulturas de crianças foram quase exclusivamente descobertas fora do edifício. Três fragmentos de inscrições paleocristãs foram encontrados, das quais uma é decorada com uma palmeira e a outra com uma coluna e capitel (Lopes, V., 2003: 138-143).

- Entre 2008 e 2009 foram descobertas as estruturas monumentais das criptas de um mausoléu a uns 500 metros a norte da basílica do Cine-Teatro, por baixo da estrada que sobe para o centro da cidade. Trata-se de um edifício com quatro compartimentos dos quais dois abobadados, os muros são largos e em parte reforçados por contrafortes. Nos compartimentos principais identificaram-se sepulturas escavadas na rocha, cobertas por uma fina camada de argamassa avermelhada (Lopes *et al.*, 2010: 1176-1777). Uma segunda fase de utilização é assinalada após o derrube das abobadas, fechos de certos compartimentos, substituição das abobadas por soalhos de madeira e instalação de lareiras. A cripta deverá ter sido entulhada após o século VI, uma vez que foi encontrado “um conjunto considerável de lápides” (*op. cit.: idem*) datadas em torno do século VI, sendo três escritas em caracteres gregos, assim como um cimácio decorado com cruces patadas, de estilo visigótico.

No território envolvente de Mértola foram encontrados vários pontos de ocupação paleocristã que iremos descrever em seguida¹⁴⁵. Relembremos, no entanto, que este espaço e os materiais estão a ser actualmente estudados pelo que aguardaremos novas publicações para poder descrever os sítios mais pormenorizadamente¹⁴⁶.

- No sítio da Mesquita (Espírito Santo), na igreja de N.ª S.ª das Neves (CNS 21757) - antiga S.ª Maria de Froles - situada a SE fora da aldeia, foi achada uma coluna duplamente torsa comumente datada do século VIII-IX (Torres, 1993:54). Apesar de o único paralelo descoberto em Córdoba ter uma datação visigótica¹⁴⁷ e de não termos totalmente de lado uma possível inclusão da coluna num edifício desse período, o facto de nessa localidade da Mesquita ter sido identificado um povoado tardo-romano e islâmico inclina-nos mais para uma datação islâmica.

- A necrópole de Corte Gafo de Baixo (CNS 1030), no sítio da Eira do Ti Zé Tomé, encontra-se a caminho de Mosteiro, à beira da via que ligava *Myrtilis* a *Pax Iulia*, a 10 km de Mértola. Foram descobertas 15 sepulturas escavadas na rocha cobertas por lajes de xisto, com materiais cerâmicos e peça de vidro datados dos séculos III/IV d.C. A orientação E-W destas sepulturas (Lopes, V., 2003: 164), indica que podemos estar diante de uma necrópole rural paleocristã, dados que necessitam no entanto de ser confirmados uma vez que não foi objecto de nenhuma intervenção arqueológica.

¹⁴⁵ O arqueossítio de “Casas Velhas 1” (CNS 21732) referido no *Endovélico* descreve a existência de um “edifício tardo-romano” de 30m x 15m cuja cronologia é atribuída aos séculos VI e VII. Não sabemos no entanto onde se situam estas estruturas.

¹⁴⁶ Agradecemos a Cláudio Torres e Virgílio Lopes pela disponibilidade em aceder aos materiais escultóricos e ao sítio arqueológico de Monte Mosteiro.

¹⁴⁷ Ver grupo Beja/Mértola na parte II.

Mosteiro (Mértola)

CNS: 21689

Este sítio localiza-se na margem direita do Guadiana, a uns 25 km a norte da cidade de Mértola, junto à antiga estrada que ligava *Myrtilis* a *Pax Iulia*. Trata-se de uma pequena povoação localizada num monte chamado “Mosteiro”, hoje quase abandonado, próximo da passagem da ribeira de Terges e Cobres. Na extremidade oriental da povoação foi identificado há uma vintena de anos um edifício de culto paleocristão (Maciel e Martins, 1995: 499-506 e Lopes, V., 2003: 162-164), que foi recentemente escavado pelo C.A.M. e cujos últimos resultados serão publicados em breve.

Este pequeno edifício com um corpo central rectangular tinha sido transformado em palheiro nas últimas décadas, mas as recentes escavações¹⁴⁸ puseram contudo a descoberto várias realidades: i) restos de mosaicos do lado norte, fora do edifício, revelando a existência de uma *villa* (ou *mansio*?) romana, assim como alicerces que poderiam estar em relação com este nível de ocupação; ii) uma pequena abside semi-circular oriental (quadrangular no exterior), ligeiramente rebaixada relativamente ao pavimento central, diferenciando-se deste com um chão em terra batida quando o corpo central é pavimentado por seixos; um arco de volta perfeita separa estes dois espaços; iii) várias sepulturas de crianças no exterior desta abside e, iv) em frente ao pequeno edifício, do lado ocidental, foram identificadas uma dezena de sepulturas escavadas na rocha cujas características construtivas e do espólio funerário remetem para o século VI. Foi igualmente posto a descoberto uma estrutura circular rebaixada na rocha, perto destas sepulturas, de funções por enquanto desconhecidas.

Por entre as casas da povoação podem avistar-se vários elementos arquitectónicos tardo-romanos e paleocristãos reutilizados como material de construção que poderão ter vindo deste pequeno edifício. Torna-se difícil no entanto perceber que tipo de edifício seria, Justino Maciel propõe ser um *xenodochium* rural (Maciel, 1996: 116) mas as escavações não revelaram ainda estruturas que possam justificar esta hipótese. No século XVI é referido como uma “igreja de São Salvador chamada vulgarmente de Mosteyro (...) antes da entrada dos Mouros ouve aqui Mosteyro de sumptuosos edificios (...)”(Obra Beneditina Lusitana *apud* Lopes, V. 2003: 163-164), o que leva assim a considerar que esta povoação teria sido um antigo mosteiro antes do período islâmico.

Bibliografia: LOPES (2003: 162-164); MACIEL e MARTINS (1995: 499-506); MACIEL (1996: 116)

N.^a S.^a do Amparo (Mértola)

CNS: 21753

A capela de N.^a S.^a do Amparo, antiga capela de S. Brissos, localiza-se numa cumeada não muito distante da antiga via romana que ligava *Myrtilis* às minas de S. Domingos, a pouco mais de 5km a este de Mértola. Quando foi objecto de trabalhos de restauro e conservação em 1989,

¹⁴⁸ Agradecemos as informações do Dr. Virgílio Lopes.

descobriram-se vários fragmentos de um pé de altar visigótico (Wrench: 626)¹⁴⁹. A sua reconstituição permitiu averiguar que media 1,30 m e que era decorado nas três faces com cruzeiros pátas no fuste, rematado por uma base e um “capitel” (Lopes, V., 2003: 160-161). Nas imediações existem vestígios de um povoado possivelmente contemporâneo o que leva os autores da intervenção a pensar que este edifício do século XVI terá sido construído sobre um anterior dedicado a S. Brissos, santo cujo culto é pré-islâmico¹⁵⁰ (Torres, 1991: 29-30). O pé de altar do século VII reforça esta hipótese, sendo no entanto necessário proceder a escavações para certificar a existência de um edifício paleocristão sob o actual, uma vez que pode ter havido uma deslocação do culto.

Bibliografia: TORRES (1991: 29-30); LOPES (2003: 160-161).

Capela de S. Bartolomeu (S. Sebastião dos Carros)

CNS: 27791

Situada a 25 km a Sul de Mértola, a capela de S. Bartolomeu encontra-se junto ao povoado de S. Bartolomeu (CNS 27771), cujas prospecções em 2006 revelaram ser um lugar “com ocupação desde, pelo menos, os séculos V-VI até ao século XI-XII. Situado junto à ribeira do Vascão, assenta numa plataforma rochosa de cerca de 30000m². São visíveis estruturas habitacionais da última ocupação do sítio”¹⁵¹.

Tal como para a capela de N.^a S.^a do Amparo foram encontrados, durante obras de conservação e restauro da capela de S. Bartolomeu, vários fragmentos arquitectónicos: um pé de altar (Wrench: 628), uma cancela (Wrench: 601) e uma imposta¹⁵² (Wrench:594), todos datados do período visigótico. A cancela é quase idêntica a outra provinda de Beja, pelo que poderá ter sido realizada num atelier perto daquela cidade. Uma vez que se situa próximo de um povoado contemporâneo pode-se averiguar a presença de um edifício de culto paleocristão que terá servido uma pequena população nas imediações. No entanto, será necessário proceder a escavações no local para confirmar tal facto.

Bibliografia: LOPES (2003: 161)

Concelho de Moura

Não se conhece no concelho de Moura um sítio arqueológico claramente identificado como paleocristão¹⁵³, existem contudo vários indicadores para a sua existência¹⁵⁴. Conservam-se no Museu

¹⁴⁹ Ver grupo escultórico Beja/Mértola na parte II, e Anexo II, 5: tabela dos motivos decorativos e capítulo sobre os pés de altar na Parte I.

¹⁵⁰ Considera-se que S. Brissos, terá nascido em Mértola e morrido no início do século IV, martirizado pelos romanos. Algumas ermidas dedicadas a este santo são de facto atestadas no Alentejo, no entanto não encontramos referências bibliográficas acerca deste suposto santo lusitano (somente acerca de S. Brissos, diácono de S. Martinho de Tours, descrito na Legenda Dourada: 728-729)

¹⁵¹ Ver ficha *Endovélico* “S. Bartolomeu”, do concelho de Mértola.

¹⁵² Ver grupo escultórico de Beja na parte II.

¹⁵³ Segundo uma notícia de jornal de 1970 (s/autor, publicada em *O Arqueólogo Português*, 3ª série, IV: 325) terá aparecido uma necrópole visigótica ou alto-medieval sob a parte oriental da cidade medieval de Moura. As sepulturas eram muito

de Moura seis peças arquitectónicas de um provável edifício visigótico situado algures em Moura (reutilizadas nas muralhas do castelo) e duas impostas provenientes da antiga ermida de S. Pedro da Adiça (fora da vila)¹⁵⁵. Estão igualmente conservadas neste Museu: duas bilhas trilobadas respectivamente do Monte dos Bravos (Catálogo do Museu, n.º 63) e do Castro da Azougada (*op. cit.*: n.º 64); um jarro trilobado do Castro dos Ratinho (*op. cit.*: n.º 66) e um jarro de tipo Flörchinger 4A provindo de Seixo Branco, Amareleja (*op. cit.*: n.º 65). São todas peças tardo-romanas, a última das quais já de finais do VI – inícios do VII, em muito bom estado de conservação, pelo que nestes sítios (dois proto-históricos) haverá possivelmente necrópoles tardias. A não ser a última peça, é difícil saber se as outras já serão oriundas de contextos funerários paleocristãos.

- Da Herdade de S. Cristóvão (CNS 5985) na freguesia de Santo Agostinho, situada a um quilómetro a sul de Moura, apareceram dois fragmentos de *dolium*¹⁵⁶ de grande tamanho, com uma inscrição inserida em cartela rectangular: (crux) ECLESI(a)E S(an)CT(e) MARI(a)E / LACALTENS(is). i(n) . AGRIPi. Exactamente a mesma encontra-se num fragmento de *dolium* provindo do Monte da Salsa em Brinches (Serpa), a menos de dez quilómetros de Moura. Alicia Canto (1997: 155-156) propõe que as inscrições em *dolium* tenham sido produzidas em Moura, uma vez que identifica as duas primeiras peças como sendo provenientes do Castelo de Moura. “LACALT” designaria a igreja pertencendo a uma cidade deste nome - neste caso Moura ? - e propõe ainda que “AGRIPI” seja um microtopónimo, o nome do lugar ou do bairro concreto onde a igreja se situaria, datando estes fragmentos do século VI. A presença de dois fragmentos de *dolium* não serão suficiente para situar no local de achamento uma igreja, mas certifica, de alguma forma, a presença de uma igreja paleocristã entre a Herdade de S. Cristóvão e Brinches, que lhe é distante de nove quilómetros.

- Na Herdade de Palhais (CNS 6409), a sul do Sobral da Adiça que se situa no extremo SE do concelho de Moura, foi encontrada uma necrópole de inumação. Esta localizava-se numa pequena elevação junto à “malhada” de porcos da herdade. Era constituída por oito sepulturas de xisto, rectangulares, dispostas em fiadas com orientação aproximada Este-Oeste (Soares, 1975: 47-52). Numas das sepulturas foi recolhido um jarro em cerâmica comum, de bojo ovóide e bocal ligeiramente trilobado. Esta peça é tipicamente tardo-romana, datando entre os séculos IV e V, tal como vários paralelos em Aljustrel (Viana *et al.*, 1957), Montemor-o-Novo (Jorge, 2003), Estremoz (Cunha, 2008) ou Castelo de Vide (Rodrigues, 1975). Uma vez que as sepulturas eram orientadas aproximadamente E-W, estamos possivelmente perante uma necrópole tardo-romana cristianizada.

- No Monte das Farias 2 (CNS 16347), na freguesia da Póvoa de S. Miguel, a norte de Moura, foi escavada uma necrópole em 1999. Identificaram-se oito sepulturas rectangulares,

estreitas, não continham espólio salvo uma moeda portuguesa e uma placa de estanho representando Cristo em estilo bizantino-românico, o que nos parece situar esta necrópole possivelmente já em época alto-medieval.

¹⁵⁴ J. Fragoso de Lima (1999: 105) menciona três moedas visigóticas em ouro, uma das quais um triento de Recesvinto (653-672), aparecidas no cemitério cristão do jardim da Câmara Municipal e duas moedas de ouro provindo da Herdade da Pipa.

¹⁵⁵ Ver grupo escultórico Beja/Mértola na parte II. Ver também Anexo II, 5, tabela dos motivos escultóricos.

¹⁵⁶ Alicia Canto obteve no entanto a indicação, em 1995, por um funcionário da Câmara que este fragmento assim como “una batería de recipientes, similares, [encontrados] a 2m de profundidad” (Canto, 1997: n.º 186a, b) seriam provenientes da zona próxima do Castelo de Moura. As indicações da Herdade de S. Cristóvão são referidas por J. Fragoso de Lima (1981) que se baseia num artigo de António Duarte dos anos 1950, que ainda não foi localizado. De todos os arqueólogos que escavaram durante as últimas décadas em Moura, nenhum refere a descoberta de tais fragmentos na zona do Castelo. No momento do fecho deste texto, ainda não tinha sido possível confirmar a exactidão de todas estas informações. Agradecemos à Dra. Alicia Canto e a Gonçalo Valente, da Câmara Municipal de Moura, por toda a ajuda que me proporcionaram.

escavadas na rocha e delimitadas por lajes de xisto colocadas na vertical. Todas elas apresentam uma orientação NW-SE, com ligeiras variantes em alguns casos, o que leva os autores da intervenção a considerar eventualmente que certas sepulturas teriam sido influenciadas pelo cristianismo, informação que carece no entanto de dados mais concretos.

Concelho de Ourique¹⁵⁷

Para este concelho temos a descoberta de um sarcófago da Antiguidade Tardia no Cerro do Favai (*vide infra*) e uma placa decorativa de características visigóticas encontrada no Castro da Cola, muito semelhante a uma placa provida de Messejana (Aljustrel)¹⁵⁸, no entanto neste sítio não foram encontradas estruturas que indicassem claramente uma ocupação durante o período visigótico.

Cerro do Favai (Conceição)¹⁵⁹

CNS: 19621

Em 1998 foi violado um sarcófago em Cerro do Favai, a norte da propriedade do Monte Novo-à-Rez que se situa na margem direita do Sado, a norte de Ourique, numa suave encosta voltada a norte. As escavações de emergência levadas a cabo descobriram um sarcófago de mármore monolítico de Trigaches orientado NW-SE¹⁶⁰ envolto numa estrutura constituída por argamassa ligando tijolo e pedra (Deus *et al.* 2004: 451-465). Uma lucerna em *terra sigillata* africana forma VIII, Tipo A1a (= Hayes IB) decorada com um cão no disco e uma marca de oleiro no fundo, estava colocada na camada exterior de argamassa, de modo intencional. A tampa de mármore pousava sobre três tirantes de ferro e o sarcófago media 198cm x 60cm x 46cm de profundidade. Terá sido utilizado duas vezes, a última da qual por um indivíduo de sexo masculino e de idade avançada (*op. cit.* : 458). Dentro do sarcófago estavam depositados uma taça em *terra sigillata* africana de forma Atl. Tav. XLVII, 11 (Hayes 91A/91B) e vários fragmentos indefinidos de vidro. Segundo o material recolhido, este sarcófago é datado entre os meados do século IV – inícios do século VI (*op. cit.*: 464).

Bibliografia: DEUS *et al.* (2004: 451-465).

Concelho de Serpa

Este concelho tem um número interessante de sítios com vestígios da Antiguidade Tardia¹⁶¹, entre os quais uma placa de cancela (Wrench: 672) sem proveniência exacta e um fragmento de cancela provida da *villa* romana do Monte do Borralho (Wrench: 674). No que se refere à *eclesia* com baptistério sob a igreja Velha de S. Jorge em Vila Verde de Ficalho, remetemos para o seu estudo específico no Anexo I, Caso de Estudo 3.

¹⁵⁷ Para o concelho alfabeticamente anterior, Odemira, obtivemos poucos dados. Segundo a base de dados *Endovelico*, junto à igreja matriz de Odemira (CNS 4354) foram identificadas no ano de 1971, em prospecções efectuadas por D. Fernando de Almeida, “ruínas paleocristãs e uma inscrição” de que não conseguimos obter mais informação.

¹⁵⁸ Ver grupo escultórico de Beja na parte II e Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

¹⁵⁹ Os nossos agradecimentos a Manuela de Deus que nos proporcionou ver o sarcófago na reserva da extensão do IGESPAR em Castro Verde.

¹⁶⁰ O artigo refere uma orientação E-W mas as fotografias e os desenhos mostram uma orientação NW-SE.

¹⁶¹ Referimo-nos igualmente às chamadas “piçarras visigóticas”, prováveis suportes para contagem de cariz agrícola, encontradas em Malhadas Velhas (CNS 13003) na freguesia de V. N. de S. Bento e em S.^{ta} Margarida 2 da freguesia de S.^{ta} Maria (Tente e Soares, 2008).

• No arqueosítio de Alpendre dos Lagares 1 (CNS 6290) situado a sul de Pias, entre a ribeira de Enxoé e o barranco do Franco, não longe de uma pedreira romana de granito, foi realizada uma escavação de emergência em 1996 (Lopes *et al.*, 1997: 51). Eram então visíveis à superfície alguns alinhamentos de pedras e alguns materiais dispersos por uma área considerável (*tegulae*, *terra sigillata* sudgálica, hispânica e clara C e D, *dolia* e cerâmica comum) assim como cinco pesos de lagar cilíndricos junto dos edifícios do monte. Na construção da Estrada Municipal ficaram visíveis nos seus cortes vários pavimentos de *opus signinum*, tendo-se recolhido uma pedra com decoração de cachos de uvas visigótica (cujo paradeiro desconhecemos).

As escavações concluíram pois que neste lugar terá havido uma *villa* com um lagar datado dos séculos III-IV d.C. assim como uma necrópole de inumação datável do século VII d.C. Porém, a escavação pôs a descoberto um lagar cujos pesos são *cupae* reaproveitadas, o que nos parece poder revelar uma datação mais tardia uma vez que a reutilização de material funerário romano verifica-se sobretudo a partir do século IV-V. Os responsáveis pela intervenção consideram também que a necrópole paleocristã estaria associada a uma basílica de que se escavou apenas uma parte. Infelizmente, nenhum relatório constava no processo, somente um de análise antropológica¹⁶² pelo que não foi possível obter informação acerca desta suposta basílica paleocristã.

• No sítio de Capela 3 (CNS 13235), na freguesia de S. Salvador, encontram-se vestígios de uma *villa* implantada numa encosta voltada a noroeste, próximo do barranco da Lage, a Nordeste de Serpa (Lopes *et al.*, 1997: 55). Os escassos vestígios encontram-se junto às diversas edificações do Monte actual entre os quais se destaca uma *cupa* anepígrafa, um fragmento de ara, um fuste de coluna e um peso de lagar; no pátio do Monte era visível, aflorando à superfície, uma estrutura em abside e há ainda a referência a um arco quebrado de uma antiga capela no interior de um dos edifícios do Monte. Os responsáveis pela inventariação do local em 1996 consideram que a estrutura absidal poderá corresponder a uma basílica paleocristã, informação que não se pode confirmar, uma vez que pode também pertencer a uma parte da *villa* romana ou mesmo à capela moderna.

Herdade da Abóbada (V. N. de S. Bento)

CNS: 12111

Nesta herdade, que se situa a norte da freguesia de V. N. de S. Bento a caminho de Pias, numa suave encosta volta para norte próxima da confluência dos barrancos da Fonte Branca e das Porqueiras, encontram-se vestígios de uma *villa* romana (Lopes, *et al.*, 1997: 78). Restos de muros ainda *in situ* são visíveis nesta encosta mas já tombados, tendo sofrido as acções de lavoura.

Deste sítio provem, além de material de construção, “a poucas centenas de metros do ‘monte’ (...) um acervo de pedras várias que se vê terem pertencido a uma construção antiga” (Almeida e Caeiro, 1978: 339). Entre estas pedras encontravam-se uma epígrafe votiva dedicada a I.O.M., uma coluna, uma base de pedestal¹⁶³ e dois elementos arquitectónicos visigóticos: um

¹⁶² Processo S-6290 IGESPAR de Lisboa. A análise antropológica menciona “Sete sepulturas com uma tipologia e enquadramento que apontam para cronologia visigótica. Análise de C14 em espera.” Foram identificados nas sete sepulturas oito esqueletos (sete adulto e um não adulto), cinco homens, uma mulher e um indeterminado.

¹⁶³ Esta base é considerada por D. Fernando de Almeida como visigótica mas será antes romana por não termos encontrado paralelos em épocas posteriores.

fragmento de cancela (Wrench: 676) e um pé de altar visigótico completo¹⁶⁴ (Wrench: 678). Desta Herdade provem igualmente um possível suporte de mesa de altar (Wrench: 682)¹⁶⁵.

Infelizmente não se sabe o contexto de achamento destas peças (pela descrição parecem já estar fora de contexto), pelo que só podemos alvitrar a existência, nas imediações, de uma igreja paleocristã que terá tido estes pés a suportar pelo menos dois altares. A continuação de ocupação da *villa* com construção de uma igreja paleocristã é desta forma muito provável.

Bibliografia: ALMEIDA e CAEIRO (1978: 339-344); LOPES *et al.* (1997: 78)

Monte da Salsa (Brinches)

CNS: 12149

Neste sítio identificou-se uma *villa* romana, a meio caminho entre Serpa e Brinches, numa suave encosta próxima das nascentes e dos barrancos da Casa Branca e da Aldeia dos Testudos. Provêm deste sítio uma quantidade importante de cerâmica fina e de construção, três epígrafes funerárias e numerosos elementos arquitectónicos decorados, colunas, restos de uma cobertura em mármore imitando um telhado etc (Lopes *et al.* 1997: 33). Na zona das prováveis termas foi descoberta em 1954 uma estátua em mármore completa de Esculápio (Viana, 1955). Do lado sul do actual monte, avista-se ainda um alinhamento de muros. O local é hoje, infelizmente, totalmente revolvido pelo plantio de oliveiras entre as quais são visíveis grande quantidade de fragmentos de *terra sigillata* e tesselas de mosaico (entre as quais foi possível identificar tesselas de *lapis lazuli*).

O elemento mais interessante para o nosso propósito é contudo a descoberta de quatro fragmentos de *dolium* com uma inscrição inserida em cartela rectangular: + ECLESI(a)E S(an)C(t)E MARI(a)E / LACALTENSI(s) AGRIPi. Segundo Abel Viana “estes potes estavam enterrados a 1,70m ou 1,80m de profundidade (...) e tinham cerca de dois metros de altura. (...) Apareceram no sítio em que hoje está a “arramada” mais próxima do ‘monte’ “(Viana, 1955: 4-5), o Autor teria ainda visto restos de estruturas formando um “rectângulo comprido com uma abside semicircular”, não sabendo no entanto se se poderá tratar dos vestígios de uma igreja. A presença de fragmentos com a mesma inscrição em Moura, levou Alicia Canto a considerar que tivessem sido produzidas naquela cidade (Canto, 1997: 156). De facto, uma vez que o Monte da Salsa se encontra a menos de 10km a sul de Moura, podemos aqui estar no local onde seriam produzidos os *dolia*, enchidos em seguida com o produto destinado à igreja (cereais? vinho?) e depois enviados para a igreja de Santa Maria situada em Moura? a antiga *Lacalt*, no bairro ou lugar de *Agripa*? A hipótese de aqui estarmos perante uma *villa* que se tenha transformado durante a Antiguidade Tardia em mosteiro também é possível mas por enquanto nenhum dado nos confirma esta suposição.

Bibliografia: CANTO (1997:155-156); LOPES *et al.* (1997: 33); VIANA (1955: 3-11)

Torre Velha 3 (S. Salvador)

CNS: 31249

Este arqueosítio localiza-se a menos de um quilómetro do sítio da Capela 3 (*vide supra*), do lado SE. Foi descoberto, assim como mais uma dezena de sítios, aquando da construção da barragem da Laje¹⁶⁶ em 2009.

¹⁶⁴ Ver capítulo sobre os pés de altar, Parte II.

¹⁶⁵ Esta peça, ao contrário das outras, não se encontra na capela da Herdade mas está conservada no Museu de Serpa. Não está incluída na descrição de D. Fernando de Almeida, pelo que não sabemos o seu contexto de achamento.

Neste local foram identificados um compartimento – tanque ou local de prensagem - com várias fases de ocupação (tardo-romano e visigótico) e 143 silos de armazenamento, lixeira, entulhamento, dos quais seis continham enterramentos (humanos e animais: cavalo e cão). Foram igualmente escavadas 28 sepulturas de inumação, entre as quais cinco formavam caixas construídas por *lateres*, pedras e elementos arquitectónicos reutilizados (Alves *et al.*, *no prelo*). Nestas cinco sepulturas (e nos silos) os indivíduos estavam em decúbito dorsal enquanto que as sepulturas simplesmente abertas no solo estavam maioritariamente em decúbito lateral direito. Algumas sepulturas eram orientadas E-W e existem vários agrupamentos de enterramentos com a mesma orientação, pelo que poderá haver aqui grupos ligados a uma mesma família ou a um mesmo período. O facto de terem aparecido um cavalo e um cão enterrados junto a indivíduos traduz talvez um hábito mais ligado às populações germânicas (uma vez que o espólio datado entre os séculos V a VI são-lhe associados) do que propriamente a uma população lusitano-romana.

Todo o espólio exumado, encontrado nos silos, no enchimento das sepulturas ou noutros ambientes remete claramente para uma ocupação entre o século IV e VII e possivelmente uma presença de populações germânicas. Nenhum espólio pode ser considerado como depósitos funerários porque foi nunca encontrado em ligação directa com a sepultura ou o defunto. Trata-se de alguns fragmentos de *terra sigillata* hispânica e fragmentos de ânforas (enquadráveis nos séculos III-IV), vários fragmentos de *terra sigillata* clara D com decorações estampadas no fundo, com decoração vegetalista e geométricas (século IV) e com representação de animais comumente considerados paleocristãos (pássaros e peixes) datados dos séculos V e VI, mas o mais interessante será sem dúvida a presença de vários fragmentos de pratos decorados a “guilloché” em *terra sigillata* focense (forma Hayes 3 predominante) datados do século V-VI. Encontraram igualmente moedas dos finais do século IV e do século VI¹⁶⁷. O material metálico também tem características claramente visigóticas (nos dois sentidos do termo, cronológico e étnico): brincos, um fecho de cinturão em ferro liriforme de tipo bizantino (Zeiss, 1936), uma placa de bronze e um punhal de ferro.

Este sítio terá sido assim ocupado entre o período tardo-romano até à época visigótica (e aí provavelmente por populações germânicas) mas possivelmente mais tarde também, uma vez que os arqueólogos referem que “não deixa de ser notório o despejo de elementos arquitectónicos aparentemente enquadráveis em ambiente paleocristão (como os dos frisos com motivos vegetalistas simples ou compostos) em alguns silos/fossas” (Alves, *et. al.*, *no prelo*). A presença destes elementos arquitectónicos, entre os quais um cimácio decorado por trifólio nas faces menores, pode revelar a presença de uma igreja nas imediações que terá sido desmantelada numa fase posterior.

Não é tarefa fácil concluir sobre as características deste arqueosítio. Estamos diante de um local tardo-romano de provável cariz agrícola que foi em seguida utilizado como necrópole. A presença de cerâmica com representações de aves e peixes, os elementos arquitectónicos paleocristãos e o espólio marcadamente germânico parecem apontar para uma possível cristianização do sítio.

Bibliografia: ALVES *et al.*, *no prelo*.

• Nos arqueosítios de Vila Verde de Ficalho 2 (CNS 13180) situado na rua dos Moinhos e de Vila Verde de Ficalho 3 (CNS 13181), situado no Quintal de Bento Bica, foram descobertas necrópoles de inumação tardo-romana em trabalhos de prospecção (Soares *et al.*, 1997: 30, fig. 7;

¹⁶⁶ Torre Velha 1 a Torre Velha 13, entre os quais duas *villae* romanas (Torre Velha 1 e Torre Velha 7).

¹⁶⁷ A moeda do século VI foi encontrada no aterro reutilizado como piso associado ao momento mais recente do chamado “Ambiente II”.

n.º 2 e n.º 3; Lopes *et al.* 1997: 90). Uma escavação nos sítios será porém necessária para confirmar a orientação das sepulturas e o tipo de espólio exumado a fim de se certificar se se tratam de necrópoles pagãs, paleocristãs ou de transição.

- Em Carrascalão 2 (CNS 13159) - junto ao casal tardo romano Carrascalão 1 - situado a um quilómetro a sul da vila, a caminho do Assento de Chico Roupá, foi descoberta outra necrópole tardo-romana em trabalhos de prospecção (Soares *et al.*, 1997: 30, fig. 7; n.º 6; Lopes *et al.* 1997: 91). Uma escavação será porém necessária para confirmar a orientação das sepulturas e o tipo de espólio exumado a fim de se certificar se se trata de uma necrópole pagã ou paleocristã.

- Nos sítios da ermida de N.ª S.ª das Pazes 1 (CNS 13167) e ermida de N.ª S.ª das Pazes 2 (CNS 13168)¹⁶⁸, situados sob esta ermida medieval localizada a três quilómetros a SE da vila, constituirão um provável conjunto similar ao anterior: respectivamente um casal e a uma necrópole tardo-romana, identificados em prospecção (Soares *et al.*, 1997: 30, fig. 7; n.º 13 e n.º 14; Lopes *et al.* 1997: 91). São visíveis estruturas por baixo da actual ermida e numa plataforma a este encontraram-se placas de xisto e grande quantidade de tijolos. Uma escavação será porém necessária para confirmar a orientação das sepulturas e o tipo de espólio exumado a fim de se certificar que tipo de necrópole se trata.

Igreja Velha de São Jorge (V. V. Ficalho)

Ver **Anexo I: Caso de Estudo 3.**

Assento de Chico Roupá 2 (V. V. Ficalho)

CNS: 5027

Tal como nos outros lugares desta freguesia, temos aqui a presença de um casal visigótico (Assento do Chico Roupá I, CNS 13132) a cerca de 200m da necrópole, com a diferença que esta foi escavada (em 1983) e revelou datações exactas (Soares *et al.*, 1997: 23-33).

A necrópole encontra-se na encosta oriental de uma pequena colina de inclinação suave. Foram escavadas três sepulturas orientadas E-W totalizando cinco indivíduos. A sepultura I continha um esqueleto em decúbito dorsal directamente assente na rocha (cuja cova não foi possível definir). A sepultura II era construída lateralmente por fiadas de pedras sobrepostas e tinha uma grande laje de xisto à cabeceira, mas o fundo era de terra. Continha dois enterramentos: os ossos do primeiro (IIa) foram “arrumados” ao lado sul da cova, junto ao segundo corpo (IIb) em decúbito dorsal. A terceira sepultura, simples cova na terra xistosa continha também dois enterramentos, mas o segundo corpo (IIIb) terá sido colocado por cima do primeiro (IIIa), os dois estando em decúbito dorsal (*op. cit.*: 24-26). O estudo antropológico identificou três mulheres jovens e dois homens, um deles com idade relativamente avançada (*op. cit.*: 29).

Nenhuma sepultura continha espólio funerário mas a datação por C¹⁴ dos enterramentos IIa e IIIb indica uma cronologia entre os meados do século VII – inícios do século VIII.

Bibliografia: SOARES *et al.* (1997: 23-33)

¹⁶⁸ A menos de um quilómetro a norte destes sítios localiza-se o Talho de N.ª S.ª das Pazes, possível estrutura habitacional tardo-romana (Soares, 1997: 30, fig. 7, n.º 15; Lopes *et al.* 1997: 91).

Concelho de Vidigueira

• A vila de Marmelar (Pedrógão) será talvez o sítio deste concelho onde foi encontrado o maior número de peças arquitectónicas visigóticas reutilizadas como material de construção: impostas (Wrench: 652; 656), possível pilastra (Wrench: 654), cancelas (Wrench: 658, 663), pilastra ou cancela de grandes dimensões (Wrench: 660)¹⁶⁹. No arqueosítio Marmelar 1 (CNS 6617), localizado na Horta das Almas, C. Lopes identifica em prospecção uma necrópole tardo-romana e sugere que podia ter sido de época visigótica (Lopes, C., vol. 2, 2003: 86), devido à presença abundante de peças arquitectónicas.

• No Monte da Casa Branca (CNS 5966) em Pedrógão, a sul de Marmelar, há indicação da existência de possível casal romano (ou *villa*?) e de uma necrópole cujas sepulturas continham um jarro de cerâmica à cabeceira (Lopes, C., 2003, vol. 2: 87), no entanto, sem mais informações, é difícil saber se esta necrópole seria cristianizada.

Monte da Cegonha (Selmes)

CNS: 3487

A *villa* romana do Monte da Cegonha, escavada em 1985 (Alfenim e Lopes, 1994: 485-502), localiza-se entre Selmes e Baleizão, implantada no sopé de uma encosta suave, junto ao Barranco do Pexém, não longe da ribeira de S. Pedro, onde se situa o Monte de S. Luís. Esta *villa* terá sido construída por volta do século I d.C. e foi ocupada até ao século XII, mas o momento sobre qual nos vamos debruçar situa-se no século IV, quando o edifício foi alvo de uma grande reconstrução.

Um novo espaço de habitação foi construído assim como uma basílica paleocristã, que ocupa a grande sala a norte do corredor este-oeste do edifício anterior. Este pequeno edifício religioso (10m x 8,40 m) é composto por três naves com cabeceira tripartida recta, orientada este-oeste, a nave central sendo mais larga que as laterais. O lado oriental desta igreja está muito acima do nível do solo, obrigando à construção de quatro contrafortes. O pavimento de todas as áreas da igreja é composto por *opus signinum* grosseiro que repousa sobre uma camada de pequenas pedras e fragmentos de cerâmica ligadas por argamassa de cal. As naves são separadas entre elas por duas colunas alinhadas com duas pilastras, sendo ainda visíveis *in situ* as suas bases na nave norte. A cabeceira é ladeada por duas pequenas salas quadrangulares, correspondendo provavelmente a salas de apoio, cujo acesso foi entaipado numa fase posterior. A passagem da nave central à abside era igualmente marcada por duas colunas e este espaço terá sido provavelmente fechado por cancelas, segundo os responsáveis pela escavação, “por uma cancela de pedra lavrada, da qual pensamos ter encontrado parte no decurso das limpezas do terreno antes às escavações” (Lopes e Alfenim, 1995: 392)¹⁷⁰.

Na sala a sul da abside central foi encontrada uma cuba de mármore troncocónica que poderá corresponder a uma pia baptismal e na abside principal os arqueólogos descobriram a sudeste um negativo que poderá corresponder a um dos pés do altar. Eles encontraram também um provável pé de altar, uma vez que foi identificado o fragmento superior de um colunelo monolítico com capitel coríntio¹⁷¹. A descoberta mais notável deste sítio será no entanto a de uma caixa-relicário

¹⁶⁹ Ver peças do grupo escultórico de Beja na parte II.

¹⁷⁰ Desconhecemos este fragmento de cancela que permanece, possivelmente, inédito.

¹⁷¹ Desconhecemos este fragmento de colunelo que permanece, possivelmente, inédito.

em mármore encontrada na zona do altar, um pouco descentrada relativamente ao centro da abside. Esta caixa continha alguns fragmentos de metal pertencendo provavelmente a uma ampula e várias medalhas e medalhões em cerâmica, decorados com figuras antropomórficas (Alarcão *et al.*, 1995).

O corpo da basílica e o espaço a leste e oeste foram ocupados por uma necrópole de inumação numa segunda fase, provavelmente ainda no século IV até finais do século VI (Lopes e Alfenim, 1994: 496). Foram escavados um sarcófago de mármore branco encontrado na nave sul e várias sepulturas construídas em caixa com materiais reutilizados, pedra, tijolo e *tegulae*, todas revestidas pelo *opus signinum* do pavimento (salvo duas sepulturas de criança). Todas foram reutilizadas várias vezes, procedendo a reduções aos pés do último inumado. O espólio funerário resume-se a um jarro trilobado em cerâmica comum para cada sepultura, salvo o sarcófago que continha um jarro de pasta mais clara e fina, com pinturas a vermelho constituídas por simples linhas onduladas¹⁷² (Lopes e Alfenim, 1994: 492).

Esta igreja sofreu uma nova fase uma vez que um “fragmento do tampo de uma mesa de altar em mármore, com molduras (...) encontrado reutilizado com parte da cobertura de uma sepultura escavada na nave central” (*op. cit.*: 495). Pelas características formais deste tampo¹⁷³ datará do século V o que o pode situar durante a primeira fase da igreja. Em seguida, em finais do século VI, inícios do VII o pavimento em *opus signinum* cobriu todas as sepulturas e a caixa relicário, que deverá ter sido colocada nesse momento. A cuba baptismal, uma vez que se encontrou numa cota superior, deverá pertencer a este mesmo momento. Será talvez em finais do século VII ou já no início do século VIII que as salas adjacentes à abside serão fechadas, conferindo um aspecto “em cruz”, conforme as igrejas visigóticas. Durante os séculos seguintes, este sítio continuou a ser ocupado.

Bibliografia: LOPES e ALFENIM (1994: 485-502), LOPES e ALFENIM (1995: 389-398); ALARCÃO *et al.* 1995 (401-405).

S. Cucufate (Vidigueira)

CNS: 8

A *villa aulica* de S. Cucufate, escavada durante a década de 1980 foi sobejamente publicada, tendo sido objecto de uma monografia (Alarcão *et al.*, 1990) pelo que nos centraremos sobre a ocupação tardia desta *villa* construída em meados do século I d.C.

Por volta de 360 d.C. os edifícios da *pars urbana* foram totalmente reconstruídos, foi acrescentado um andar, com um sistema de abóbadas sem paralelo na *Lusitania* (Alarcão *et al.*, 1995: 383). O projecto arquitectónico inclui um pequeno templo a sul da *villa*, com uma abside a NE, similar ao templo de Milreu (Estói), cujo períbolo foi utilizado posteriormente como espaço funerário paleocristão.

De facto, neste espaço – salvo uma sepultura revestida a mármore que estava no exterior, encostada ao períbolo - foram escavadas 18 inumações das quais 14 eram construídas em caixas feitas de *lateres* e *tegulae* e quatro eram simples covas na terra. Somente a sepultura 2 tinha uma

¹⁷² Por razões que nos são alheias não nos foi autorizado estudar o espólio exumado da basílica nem das sepulturas, deixando aqui uma grande lacuna, uma vez que não temos conhecimento que este material esteja a ser estudado actualmente.

¹⁷³ Desconhecemos este tampo que permanece, possivelmente, inédito.

cobertura em *opus signinum*, tal como em V. V. de Ficalho, Monte da Cegonha ou em S. Romão ou Tróia, assim como espólio funerário. Este resume-se a um anel, cardas de uma sandália, uma *dolabra* (picareta) e um jarro de cerâmica comum grosseiro, conjunto que foi datado em época visigótica (Alarcão, 1990 *et al.*: 261). A sepultura 3 foi coberta por uma placa em mármore com decoração de peltas e losangos considerada visigótica pelos autores da escavação (Alarcão *et al.*, 1995: 383) mas que deverá ter sido retirada de uma parede da *pars urbana*, uma vez que este motivo é tipicamente romano¹⁷⁴. Esta sepultura, tardo-romana, continha o esqueleto de uma criança assim como 5 crânios, tal como acontece em Silveirona¹⁷⁵. Esta necropolização deverá ter acontecido numa fase de clara cristianização dos proprietários, talvez já na primeira metade do século V (*op. cit.*: 385).

Em 1255 foi construído um mosteiro a S. Cucufate reutilizando grande parte das ruínas romanas, no entanto, permanece difícil saber quando começou a veneração a este santo¹⁷⁶, sendo pouco provável que tenha já sido durante o século V ou VI, por duas razões: por haver uma ausência quase total de material do período visigótico ou muçulmano que possa comprovar uma continuação de ocupação após o século VI e até ao século VIII e porque o culto das relíquias de S. Cugat começou a difundir-se fora do território de Barcelona só a partir do século IX. A interpretação de uma primeira basílica visigótica no seio da *pars urbana* (*op. cit.*: 386, est. IV) não nos parece muito óbvia, uma vez que se encontrava já muito destruído aquando das escavações.

Bibliografia: RP 8/2; ALARCÃO (1990); ALARCÃO *et al.* (1995)

DISTRITO DE SETÚBAL

Concelho de Alcácer do Sal

Pouco se sabe sobre *Salacia* durante o período visigótico, no entanto, uma pilastra foi “retirada das paredes do Convento de Ara Coeli”¹⁷⁷, na zona oeste do Castelo. Esta peça estava reutilizada como material de construção e poderá ter pertencido a um templo visigótico mais antigo, uma vez que este convento de Clarissas foi construído sobre os “Paços Espatários”, herdeiros do castelo muçulmano, podendo este ter sido edificado sobre uma construção visigótica (Pereira, 2000: 37). Além desta peça, existe a referência a uma inscrição funerária a *Sinticio* datada do ano de 632¹⁷⁸, outrora conservada no mosteiro de Santo António mas hoje desaparecida (Dias e Gaspar, 2006: n.º162). Fora da cidade, os vestígios visigóticos concentram-se na freguesia de Torrão¹⁷⁹.

S. João dos Azinhais (Torrão)

CNS: 2686

A capela de S. João Baptista dos Azinhais encontra-se na Herdade de Arranas, no limite oriental do concelho de Alcácer, implantada no topo de uma colina com vasto alcance visual sobre a paisagem incluindo a barragem no sopé. Em 1978, foram postos a descoberto vários materiais

¹⁷⁴ Ver Parte II, 2.1. Peças do período tardo-romano.

¹⁷⁵ Ver Anexo I, Caso de Estudo 2.

¹⁷⁶ Ver parte I, acerca do território de Beja.

¹⁷⁷ Não nos foi possível ver esta peça arquitectónica.

¹⁷⁸ Ver Anexo I, 3, n.º21 e Parte III.

¹⁷⁹ A freguesia do Torrão, além de vestígios visigóticos, tem um grande número de sítios romanos (Herdade do Porto Carro, CNS 7697; Herdade de Frades, CNS 7662; Fonte Santa CNS 15222) e uma igreja medieval com reutilização de material romano (S. Romão do Sado, CNS 13939), assim como cerâmica de construção romana junto uma ermida a um mártir do século IV: ermida de S. Fraústio ou S. Fausto (CNS 7701), santo igualmente presente em Oriola (Portel).

romanos e visigóticos reutilizados nas paredes desta capela, o que confirmou a presença de uma *villa* romana nas imediações e muito provavelmente no mesmo local - ou próximo - um monumento religioso do século VII. Dos materiais romanos destacam-se várias inscrições e fragmentos de inscrições funerárias e votivas que, através da onomástica, revelam indivíduos de uma alta classe sócio-económica. A inscrição a *Iupiter Optimus Maximus* pertenceria a um templo rural, uma vez que a cidade se encontra a 34 km de distância.

As peças visigóticas estavam igualmente reutilizadas como material de construção, fragmentadas, pelo que para algumas não é possível determinar que funções teriam: um fragmento de cancela? (Wrench: 374); um pé de altar completo¹⁸⁰ (Wrench: 376), uma imposta ou mesa? (Wrench: 378) e pequeno pilar com capitel (Wrench: 380)¹⁸¹. Sob o alpendre da capela estava parte de uma coluna de mármore fincada no pavimento e embutida na parede uma inscrição de igreja construída em honra aos santos mártires *Justus* e *Pastor* e concluída no ano de 682 da nossa era. A originalidade da inscrição a estes santos - martirizados no ano de 304 em *Complutum* - é o facto de reutilizar a parte superior de uma ara romana, remetendo para uma forte proximidade entre a realidade romana, entretanto abandonada, e a construção da igreja.

Concluindo, a presença de um pé de altar visigótico, várias peças arquitectónicas do mesmo período e uma inscrição de fundação de uma igreja datada do século VII supõem a presença no local mesmo ou nas imediações, de uma *ecclesia* ou basílica funerária. Escavações no local são porém necessárias para confirmar a natureza desta realidade.

Bibliografia: ALMEIDA *et al.* (1978: 215-227); DIAS e GASPAR (2006: n.º161).

Concelho de Grândola¹⁸²

Este concelho destaca-se evidentemente com a presença do “complexo industrial urbanizado” de *Tróia* durante os Alto e Baixo-império. Apesar de não tratarmos aqui de sítios industriais ou urbanos, faremos uma pequena síntese sobre o local e sobre as últimas sondagens realizadas do decorrer do ano de 2009. *Tróia* foi possivelmente o maior complexo industrial de salga de peixe da *Hispania*, em funcionamento a partir dos finais do século I a.C., e que criou uma grande infra-estrutura em toda a região, com habitações para os trabalhadores e olarias a fornecerem ânforas para a exportação dos produtos piscícolas. A amplitude da produção levou assim à criação de uma verdadeira cidade e do seu componente correlacionado: as necrópoles (Maciel, 1996: 195).

A partir do século IV, quando a produção começa a decrescer, aumentam paralelamente os sinais de cristianização, com um progressivo avanço das necrópoles sobre as antigas estruturas industriais, a construção de uma basílica, transformando *Tróia* durante os séculos V e VI num grande espaço religioso e funerário, onde a cerâmica com iconografia claramente cristã é abundante: pratos em *terra sigillata* africana decorados com peixes, aves; lucernas com *chrismon* (*op. cit.*: 202-213).

¹⁸⁰ Este pé de altar foi provavelmente esculpido a partir de uma ara romana, uma vez que a base é desproporcionada relativamente ao corpo.

¹⁸¹ Ver grupo escultórico de Beja, parte II.

¹⁸² Não registámos nenhum dado relevante para o período objecto do nosso estudo nos concelhos de Alcochete e de Almada. Gostaríamos no entanto notar que na olaria de Porto dos Cacos (CNS 4143) em Alcochete, durante as escavações levadas a cabo na década de 1980 e 1990 foram detectadas estruturas datáveis até ao século VIII. Temos conhecimento de uma necrópole datada porém dos séculos III e IV d.C. não havendo desta forma indícios de cristianização claros neste sítio.

As últimas sondagens efectuadas em 2009 no interior da basílica pelas actuais responsáveis¹⁸³ do sítio arqueológico mostraram que sob o pavimento da basílica existia uma necrópole mais antiga com sepulturas orientadas no sentido NW-SE, isto é, uma necrópole muito provavelmente pagã. A limpeza e observação da área a SW da basílica, onde se encontravam muitas sepulturas visíveis, confirmaram que também essa área da necrópole era anterior à construção da basílica. Este espaço funerário pagão, dentro e fora do espaço da basílica, era constituído por aquilo que se pode chamar de “sepulturas de mesa simples”, cobertas por placas de *opus signinum*, sendo algumas individuais, outras colectivas. Este nível funerário assentava, por sua vez, sobre cetárias.

Desta forma, a intervenção permitiu identificar três fases principais de ocupação naquela área: i) oficinas de salga; ii) necrópole; iii) basílica. Esta constatação permite duvidar da natureza áulica do espaço como foi proposto por Justino Maciel, sendo que não será coerente instalar sobre uma necrópole um espaço de “encontro das várias camadas sociais e profissionais do centro industrial” (Maciel, 1996: 230). Será mais correcto entender a construção da basílica num âmbito funerário, com o desenvolvimento por exemplo da veneração de uma sepultura (instalada numa necrópole pagã, à semelhança de Santa Eulália de Mérida), que justificasse a construção de uma basílica precisamente nesse local. Vasco Mantas propõe ter havido uma sinagoga antes da igreja, pelo tipo de plano do edifício (Mantas, 1998). Por fim, o tanque encontrado a norte da basílica, possível baptistério, não tem características que permitam comprovar essa função sacramental, obrigando-nos, hoje em dia, em confirmar a presença das funções eucarísticas e funerárias da basílica de Tróia, mas não a prática baptismal.

Concelho de Santiago do Cacém

A cidade romana presumivelmente denominada *Mirobriga* na Herdade dos Chãos Salgados terá sido progressivamente abandonada a partir do início do século V, havendo unicamente raras zonas habitadas no século VI, com alguns fragmentos de *terra sigillata* foceense e africana D1 até o início do século VI¹⁸⁴ (Quaresma, 2009: 454), tendo sido provavelmente suplantada pela cidade portuária de Sines¹⁸⁵. Para o concelho de Santiago do Cacém, notaremos a presença de dois sarcófagos em arenito selados por tampas descobertos em 1987 no Monte da Ortiga do Meio (CNS4420), que revelaram restos osteológicos mas nenhum espólio funerário¹⁸⁶, o que torna a identificação das suas características difícil.

Monte do Roxo (Alvalade)

CNS: 24912

Este monte encontra-se a sul da aldeia de Ermidas, na margem direita do rio Sado. Desde o século XVIII há notícias do aparecimento de estruturas romanas (tanques forrados a *opus signinum* com grainhas de uvas no interior), *cuppae*, lucernas, material que foi enviado por Frei Manuel do Cenáculo a Beja (Feio, 2008: 484). Em prospecções efectuadas no terreno recentemente, foi identificada uma grande concentração de materiais de construção de época romana, assim como

¹⁸³ Os nossos especiais agradecimentos à Dra. Inês Vaz Pinto por todas as informações concedidas acerca das últimas intervenções na basílica.

¹⁸⁴ Os dados para este abandono apoiam-se no entanto unicamente na produção de *terra sigillata*, podendo ter havido uma continuação de ocupação com outro tipo de economia.

¹⁸⁵ Ver concelho de Sines.

¹⁸⁶ Ver ficha do *Endovélco* « Monte da Ortiga do Meio ».

cerâmica de importação (*terra sigillata* galo-romana, hispânica e africana), ânforas e cerâmicas do período islâmico e medieval, revelando uma ocupação contínua do sítio.

Deste monte provêm quatro peças arquitectónicas visigóticas, das quais duas ainda estão inseridas nas construções: uma cancela servindo de pavimento frente à porta de entrada à capela, uma outra servindo de soleira à porta de entrada do monte¹⁸⁷, um fragmento de cancela depositado na Casa do Povo de Alvalade e um colunelo depositado no mesmo sítio (Feio, 2008: fig. 19). Apesar destas peças estarem todas em contexto de reutilização, indicam a presença no local ou nas imediações, de uma igreja paleocristã.

Bibliografia: FEIO (2008).

Concelho de Sines¹⁸⁸

A cidade portuária de Sines já teria alguma relevância política e económica durante o Alto e Baixo-Império, apesar de se desconhecer ainda o seu nome e as suas funções oficiais no seio da província da *Lusitania*. Na área que confina a sul com o Castelo, recentes escavações puseram a descoberto várias cetárias confirmando assim a produção de preparados piscícolas no período romano deste núcleo urbano, tendo sido muito provavelmente o porto e o centro produtor para o exterior mas sobretudo para a cidade mais próxima, *Mirobriga*. Durante a Antiguidade Tardia, provavelmente a partir do século VI, quando a presença em *Mirobriga* seria já residual, notamos, ao invés, que Sines teve uma certa importância de um ponto de vista religioso, uma vez que existem mais de quarenta peças provenientes das muralhas do Castelo e dos edifícios localizados dentro das muralhas¹⁸⁹. A concentração deste material no mesmo local na cidade levou D. Fernando de Almeida a supor a existência de uma igreja visigótica onde está actualmente a igreja Matriz (Almeida, 1970: 19).

Para este concelho existe a conhecida lenda de S. Torpes, que não apresenta comprovação histórica, uma vez que o suposto túmulo do santo martirizado durante o século I d.C. não é senão uma anta datada do período neolítico (Vasconcelos, 1914: 318). No entanto, tal como para a lenda de S. Manços, a existência destas histórias nunca é totalmente desprovida de sentido, podendo indicar a presença de um indivíduo cristão, Torpes, com relevância durante a Antiguidade Tardia ou a Alta Idade Média, cujo culto terá sido cristalizado na praia de S. Torpes, a sul do Castelo. As sondagens efectuadas do tempo de D. Fernando de Almeida revelaram naquela zona a presença de estruturas de *hipocaustum* assim como três moedas visigóticas, uma delas do rei Sisebuto (612-621) (Almeida, 1968-1970).

¹⁸⁷ Ver Parte II, Grupo escultórico de Beja e Anexo II, 5, tabela dos motivos decorativos.

¹⁸⁸ No sítio de Courela dos Chãos (CNS 18542) foi descoberta, em 1972, uma *villa* romana com ocupação a partir do século I d.C. até ao século VII, sendo que o período entre o século IV e a primeira metade do século V terá sido o “ótimo de ocupação” daquela *villa* (Coelho-Soares, 1987: 195). Apesar de uma ocupação clara durante a Antiguidade Tardia, nenhum dado ainda revelou a presença de gente cristianizada, uma vez que a única necrópole por enquanto associada a este sítio é de incineração (Feiteira).

¹⁸⁹ Ver parte II, grupo escultórico de Sines.

CASO DE ESTUDO 1

BASÍLICA E NECRÓPOLES DE TORRE DE PALMA

Torre de Palma (Vaiamonte, Monforte)

CNS: 331

O sítio arqueológico de Torre de Palma, descoberto em 1947, compõe-se de uma *villa* (*pars urbana* e uma importante *pars rustica*) com várias fases de ocupação, entre o século I e V d.C.¹⁹⁰. A última construção desta *villa*, durante o século IV, terão sido umas termas imponentes, de cariz provavelmente semipúblico, a sudoeste do edificado principal. Em finais do século IV/inícios do século V d.C. foi construída, a 150 m a norte da *villa*, uma basílica paleocristã à qual foi acrescentada, durante o século VI, um complexo baptismal. Provavelmente no mesmo momento, entre o século V e VI, a Este deste complexo, será erigido - com as mesmas características construtivas da basílica - um pequeno edifício de que se desconhece a função, e a parte agrícola da *villa* (que já estaria só parcialmente habitada) será renovada e ampliada. A capacidade produtiva dos lagares atingiria assim o seu auge durante os séculos V e VI. A *villa* continuará a ser ocupada, não se sabendo se se trata de uma reocupação parcial ou total das estruturas, possivelmente até ao século VIII. Todo este conjunto deverá ser abandonado a partir do século VIII. No século XIII foi erigida uma pequena capela a S. Domingos por cima dos vestígios da basílica, capela essa que estava em ruínas quando começaram as escavações da *villa*.

O nosso estudo concentra-se nas escavações portuguesas, inéditas, que se realizaram na zona a norte da *villa*: várias zonas funerárias, basílica/baptistério, cerca e estruturas indefinidas a Este da basílica denominadas “Lado da Eira”¹⁹¹. Achámos de facto importante estudar intervenções que tenham sido efectuadas antes das escavações americanas, para depois confrontá-las com estas e assim ter um panorama mais completo dos trabalhos realizados em Torre de Palma. Aqui não optámos por discutir todas as teorias e estudos acerca da basílica em si, este trabalho tendo sido efectuado nas últimas décadas por vários investigadores (ver bibliografia), mas optámos antes de dar novos dados concretos sobre as escavações portuguesas que nunca foram publicados.

Leitura geral da realidade arqueológica: as escavações portuguesas.

As escavações dirigidas por Manuel Heleno entre 1948 a 1962, assim como as sondagens feitas por Fernando de Almeida em 1971-1972 nunca foram publicadas. Alguns artigos de síntese foram escritos mas nenhum material foi estudado nem nenhuma monografia sobre estas escavações portuguesas foi realizada¹⁹².

¹⁹⁰¹⁹⁰ A área da *villa* foi extensamente analisada e publicada por uma equipa americana da Universidade de Louisville liderada por Stephanie Maloney durante os anos 80 e 90 do século XX, pelo que esta área não será objecto do nosso estudo. Remetemos assim para todos os artigos de S. Maloney referidos na nossa bibliografia.

¹⁹¹ Estudaremos as escavações americanas da basílica e dos “cemitérios” a partir dos processos arquivados no IGESPAR, de um ponto de vista analítico, sem estudo de material nem pondo em causa as publicações posteriores dos arqueólogos. O estudo do material da basílica e dos “cemitérios” das escavações americanas será proximamente publicado numa monografia geral realizada pela equipa americana.

¹⁹² Segundo o artigo de 1972 de Fernando de Almeida, sabe-se que este autor estava a preparar um trabalho mais aprofundado acerca da basílica, mas nunca chegou a ser publicado.

Uma vez que estas escavações não foram realizadas segundo os critérios científicos de hoje, nem foram registadas de maneira regular, não foi possível obter um relatório científico acerca deste período de escavações. No entanto, restam fotografias, cartas, relatórios, desenhos, plantas e algum material provindo de diferentes espólios funerários.

O nosso objectivo aqui será o de efectuar uma síntese de toda a documentação das escavações portuguesas consultada referente aos espaços funerários, extraindo o máximo de informação possível. Nesta primeira fase do nosso estudo não considerámos as análises e publicações posteriores, tentando ficar o mais próximo possível da realidade da época, uma vez que nenhuma destas publicações considerou estudar de maneira pormenorizada esta documentação inédita¹⁹³. Tentámos assim perceber sobre que realidade preexistente¹⁹⁴ foi construída a basílica e definir desta forma que tipo de edifício terá sido no momento da sua edificação (funerário/ martirial/ eucarístico e/ou baptismal?).

A documentação em papel relativamente ao propósito do nosso estudo¹⁹⁵, integralmente conservada no Arquivo de Manuel Heleno (A.M.H.) no M.N.A., é composta por 28 cartas (manuscritas) de João Lino da Silva dirigidas a Manuel Heleno; seis “relatórios” (manuscritos) de João Lino da Silva¹⁹⁶; parte de um inventário de material (manuscrito), s/d.; alguns destes documentos eram acompanhados por desenhos representando várias zonas escavadas ou por vezes material arqueológico; sete cartas (manuscritas) de João Saavedra Machado; dois cadernos (manuscritos) de Manuel Heleno; várias dezenas de fotografias tiradas por Manuel Heleno; um caderno (manuscrito) de Fernando de Almeida.

As cartas de João Lino da Silva revelam uma técnica de escavação pouco estruturada (Boaventura, 2002: 19; Lancha e André, 2000: 21). A inexistência de quadrículas é substituída por “talhões” aleatórios, que eram abertos consoante as descobertas feitas ou abandonados se se revelassem infrutíferos. Não existia um procedimento estratigráfico mas sim uma escavação por camadas de 25 cm ou 50 cm. As raras vezes que estas são indicadas nos documentos, não coincidem entre os diferentes documentos em questão (como veremos no caso da basílica). Uma vez que todo o material arqueológico conservado no M.N.A. tem unicamente a indicação vaga do sítio onde foi achado e quase nunca a indicação destas camadas (ou se é feito, muitas vezes não corresponde às indicações tidas na documentação), podemos considerar como nula a localização exacta do material e como aproximativa a localização geral do mesmo.

Três zonas funerárias foram escavadas¹⁹⁷: o chamado **cemitério Sul**, aquele que se encontra mais próximo da *villa*, a sul da basílica, do qual não resta espólio funerário, escavado em 1953; **várias**

¹⁹³ Em Lancha *et al.* (2000) aparece na introdução esta documentação como tendo sido consultada mas foi menosprezada e considerada de pouco interesse.

¹⁹⁴ No que se refere à ocupação da Idade do Ferro, *vide* Langley *et alii*, 2007.

¹⁹⁵ Escolhemos referir unicamente a documentação do AMH relativa aos anos que nos interessam (1948, 1953, 1955, 1956, 1958, 1960-1962, 1971, 1972).

¹⁹⁶ SILVA, J. L. (1951) – *Relatório das escavações na Herdade da Torre de Palma, de 29 de Outubro a 24 de Dezembro de 1951*. SILVA, J. L. (1952) – *Relatório das escavações na villa lusitano - romana. Herdade de Torre de Palma e no Cabeço de Vaiaimonte (...) 11/2/52 – 21/4/52*; SILVA, J. L. (1953) – *Relatório das escavações arqueológicas na villa lusitano - romana. Herdade de Torre de Palma e no Cabeço de Vaiaimonte (...) 1/9/53 – 28/11/53*; SILVA, J. L. (1955) – *Relatório das escavações na Herdade da Torre de Palma, Cabeço de Vaiaimonte e Monte do Pombal, de 23 de Agosto a 10 de Dezembro de 1955*; SILVA, J. L. (1956) – *Relatório das escavações na Herdade da Torre de Palma (27/8/1956 – 29/9/1956)*; SILVA, J. L. (1958) – [Pasta de relatórios de Torre de Palma III]: *Relatório de escavação na Herdade de Torre de Palma desde 19 de Agosto a 10 de Outubro 1958*.

¹⁹⁷ Anexo II, 1, fig. 1.

sepulturas dentro e fora da basílica e do baptistério, respectivamente escavados em 1955 e 1956; o **cemitério a noroeste** da basílica chamado “cemitério ao pé das ermidas” escavado em 1960, e por fim **um edifício a sudeste** da basílica, escavado em 1961.

O material arqueológico conservado no M.N.A e estudado no presente trabalho provém do cemitério NW e de algumas sepulturas da basílica.

1 - Cemitério a sul da basílica

1.1 Dados das escavações portuguesas

A primeira ocorrência a um cemitério de inumação data de 1948, mencionada por Manuel Heleno no seu caderno (Heleno, 1947-1948, Caderno n.º3) da seguinte forma “*Da campanha deste ano há a desta com a parte agrícola (lagares) e um grande pateo rodeado de columnas. Junto à capela um cemitério de inumação*”. Esta frase é a primeira ocorrência da “capela”, isto é, das ruínas ainda visíveis da capela de S. Domingos e de um cemitério. Infelizmente não se sabe de que cemitério se trata, se do cemitério NW ou do cemitério SW, visto que os dois têm sepulturas de inumações e ambos se encontram próximos da capela. Depreende-se, através desta única frase, que houve sondagens feitas naquela zona Norte da *villa* de Torre de Palma.

Para o conjunto funerário do cemitério Sul o raro material arqueológico que foi achado nas escavações portuguesas - seis moedas das quais duas numa sepultura, uma “pequena medalha” e um objecto em forma de brinco (Silva, Relatório, 1953) - não foi identificado no Museu. Restam assim somente as fontes documentais de 1948 e 1953 para obter informações acerca deste conjunto funerário.

Segundo as cartas de Lino da Silva e a planta que fornece¹⁹⁸, podem-se considerar vários tipos de ocupação para esta zona. As estruturas são prévias às sepulturas, compõem-se por duas salas com piso de argamassa, subentendendo-se que fossem salas fechadas, de habitação ou de armazenamento. A terceira sala, de dimensões maiores, com chão de tipo indeterminado, é composta por uma entrada a sul e uma lareira em tijoleira no canto sudeste. Pelas características do chão de “formigão” (argamassa) e da lareira, pode-se partir do princípio que estas estruturas sejam do período romano (algures entre o séc. I até ao séc. IV), mas nenhuma datação segura pode ser feita com tão poucos dados.

Quando se observam as sepulturas, as únicas informações remetem à orientação das covas, às suas dimensões e à presença de esqueletos, mas nada acerca do tipo construtivo das covas em si. Lino da Silva desenhou quinze sepulturas rectangulares (que numerámos de 1 a 15¹⁹⁹), de características iguais, o que não parece corresponder à realidade mas mais a uma forma estereotipada de representar as caixas sepulcrais. Relativamente às orientações e posição, parece haver dois tipos de sepulturas: 1) as sepulturas que seguem do lado de “fora” as estruturas arquitectónicas, isto é, a sul, e cuja orientação é de tipo N-S ou com pequenas variações (NW-SE, NE-SW); 2) as quatro sepulturas, de orientação E-W, que cortam as paredes das três salas. O que se pode depreender destas sepulturas, à primeira vista, é que as do primeiro grupo são contemporâneas às estruturas ou imediatamente posteriores, porque o facto de respeitarem o alinhamento das paredes significa que estas ainda não estavam em ruínas no momento dos enterramentos. O sítio como zona residencial podia já estar em desuso mas ainda estar de pé. As

¹⁹⁸ Anexo II, 1, fig. 2.

¹⁹⁹ Esta numeração é aleatória e não teve em conta a numeração parcial que Lino da Silva fez para três sepulturas (as três primeiras escavadas?).

sepulturas do segundo grupo deverão ter sido realizadas num momento bem posterior, quando as paredes já não estavam visíveis ao nível do chão.

É possível assim, através deste desenho, ter uma primeira ideia de ocupação do sítio em quatro fases: fase 1: construção e ocupação de uma zona habitacional (época imperial?); fase 2: abandono do sítio e utilização da zona como área funerária, com orientação das sepulturas ainda N-S, respeitando as estruturas prévias (período paleocristão ou visigótico?); fase 3: abandono da área funerária (contemporâneo ao abandono da basílica?); fase 4: nova ocupação funerária com sepulturas já canonicamente orientadas (aquando da actividade da Ermida de S. Domingos?).

1.2. Complemento das escavações americanas²⁰⁰

A equipa luso-americana voltou a escavar o “Cemitério Sul” (conjuntamente com o cemitério NW) denominando o “cemitério SW” em 1985, e a partir de 1999 diferenciando a “Casa do Cemitério” (estruturas habitacionais) do “Cemitério SW”(sepulturas).

Em 1985 revelam que o cemitério Sul era “quase totalmente formado por túmulos de pedra”²⁰¹, atribuídos ao século V, estando assim “em correspondência com as fases antigas da basílica”. Infelizmente a documentação gráfica presente neste relatório só corresponde ao cemitério NW.

Em 2000²⁰², a “Casa do Cemitério” foi novamente escavada²⁰³. Notámos a relativa boa correspondência entre o desenho de Lino da Silva e a realidade científica posterior. Assim as três salas postas a descoberto por Lino apresentam uma leitura mais definida: a sala com a lareira é identificada como sendo um pátio com lareira (CH III) com duas paredes paralelas a NW (CH V e VI) interpretadas como patamares de tipo escadas, ladeado pelas duas salas com *opus signinum* a nordeste (CH II e CH I) e duas outras a sudoeste (CH VII e VIII); as salas do Norte (CH II e CH VII) têm os pisos mais elevados do que as meridionais. A “casa” continua para o lado oeste, acrescentando-se uma pequena sala e outro espaço de função indeterminada (CH VI). Estas estruturas continuavam para o lado ocidental mas estão interrompidas. A descoberta de um *mortarium* completo na sala CH VIII²⁰⁴ assim como a lareira no pátio CH III confirmam as funções domésticas desta estrutura habitacional, antes de ser utilizada como um espaço funerário. A ausência de paredes no canto SE da sala CH I é interpretada como podendo ser uma questão de erosão ou de roubo, mas o desenho de Lino representa exactamente naquele sítio uma sepultura (sepultura n.º 3), visivelmente já desaparecida aquando das novas escavações.

As sepulturas teriam sido numeradas em 1986, do qual não há documentação escrita nem gráfica, mas na documentação do Relatório Final²⁰⁵ observa-se uma planta (CH5) com a numeração de SW1 a SW21²⁰⁶. Algumas das sepulturas são novas (SW1, SW8, SW17, SW18) mas todas as outras correspondem àquelas achadas por Lino da Silva, faltando as sepulturas n.º 3 e n.º15, a primeira por já não subsistir em 1986 e a segunda por não ser uma sepultura mas o sítio de um possível forno ou lareira onde foi achado o *mortarium* completo em 2000. A sepultura SW22 - que teriam descoberto a SE da sala

²⁰⁰ Toda a documentação para este capítulo foi consultada no Processo IGESPAR 4.11.001.

²⁰¹ Caeiro (1985) – Torre de Palma, Relatório de escavação, Campanha de 1985: 1.(policopiado).

²⁰² Em 1999 não houve escavações naquele cemitério mas sim limpeza, desenho e fotografias do sítio. Maloney (1999) - Torre de Palma, Relatório Anual 1999, 23 p. (policopiado).

²⁰³ Maloney (2000) - Torre de Palma, Relatório Anual 2000, 30 p. (policopiado). As páginas são antecedidas das siglas CH (Cemetery House).

²⁰⁴ *Ibidem*: CH 6.

²⁰⁵ Maloney (2001) – Final Report (policopiado)

²⁰⁶ A numeração não está completa, falta neste desenho as sepulturas SW3 e SW9 vendo-se mais tarde que não se tratavam de sepulturas (*ibidem*: CH 366 e CH 370).

CH I em 2000, paralela à sepultura SW7 - não se encontra em nenhuma planta de conjunto por não apresentar estrutura funerária mas unicamente ossos em posição anatómica. O Relatório Anual de 2000 (CH 7) descreve este esqueleto como podendo ser o de uma mulher, virada para o seu lado esquerdo, com as pernas flectidas, a mão esquerda ao lado da cabeça e o braço direito dobrado em frente ao peito. Pela posição ordenada dos ossos, o corpo devia estar ligado com algum lençol ou ligaduras. Pela ausência de artefactos e de estrutura funerária, os arqueólogos propõem uma baixa extracção social da defunta²⁰⁷. Em 2001, as conclusões acerca da “Casa do Cemitério” mantêm as apresentadas em 2000. A estrutura de tipo forno ou lareira com *mortarium* no sítio de passagem entre a sala CH VIII e o pátio CH III parece pertencer a um momento “em que a casa seria adaptada a um novo padrão de actividade”, a parte oriental da estrutura fazendo no entanto parte da parede romana de origem²⁰⁸.

A descrição das estruturas sepulcrais é detalhada pela primeira vez em 2001²⁰⁹. Tratam-se de sepulturas em caixa, que achamos poder reagrupar em três tipos principais, com pequenas variantes: tipo 1 – covas de forma regular (quase rectangulares) ou acabando em elipse, paredes construídas com grandes blocos de pedra mais ou menos regulares, com fundo em rocha (SW1, SW2, SW6, SW7, SW10, SW11, SW13, SW14, SW18, SW19, SW20); tipo 2 – covas de forma regular (quase rectangulares), construídas com grandes blocos de pedra e pedras mais pequenas ligadas com fragmentos cerâmicos e fundo ladrilhado (SW4, SW12, SW16, SW17); tipo 3 – cova rectangular, paredes construídas com ladrilhos e fundo de rocha (SW15). Só uma sepultura foi achada sem estrutura arquitectónica (SW22).

Nenhum espólio funerário nem elemento de ornamentação foi encontrado pela equipa americana neste cemitério. Três moedas datadas de ca. 330 d.C. provêm do Cemitério SW mas o relatório final não especifica onde foram recolhidas²¹⁰ pelo que não sabemos se são achados de cariz habitacional ou funerários.

1.3. Conclusões acerca do Cemitério Sul

Juntando o total dos dados disponíveis, foi possível realizar o Quadro 1 (*vide infra*), apontar certos aspectos relevantes assim como determinar as características deste cemitério. Mas antes de as definir será necessário apontar para alguns aspectos que ressaltam após o estudo da documentação:

i) A relativa fiabilidade do desenho de Lino da Silva comparado com as plantas de 2001 (no que se refere ao ordenamento geral das estruturas com as sepulturas), apesar de não ser um desenho científico, o que pode indiciar uma mesma fiabilidade com os outros desenhos desse autor.

ii) As medidas das sepulturas dadas por Lino da Silva e aquelas que calculámos através dos desenhos do Relatório Final da equipa americana são bastante similares, variando entre 2 cm a 20 cm. Como não sabemos que medidas Lino da Silva tomou - se as internas, se as externas - considerámos estas diferenças como sendo a variação entre a medida interior e a medida exterior. Contudo, em dois casos (SW7 e SW13), notámos uma grande discrepância entre as medidas de Lino da Silva e as da equipa americana, discrepância essa que nos pode fornecer uma informação interessante: a sepultura SW7 é 86 cm mais comprida e 30 cm mais larga do que a equivalente sepultura n.º4 de Lino da Silva e a SW13 tem um comprimento de 3 metros contra 1,18 m da sepultura n.º9 de Lino da Silva! No caso da sepultura SW7 (n.º4), Lino da Silva deve ter aberto e escavado uma superfície menor do que a real e calculou somente a área que descobriu. Mas no caso da SW13 (n.º9), a abertura foi de metade da cova:

²⁰⁷ Será antes uma sepultura de época muçulmana. Ver nossa conclusão *infra*.

²⁰⁸ Maloney (2001) – Final Report: CH 361.

²⁰⁹ *Ibidem*: CH 365- 376.

²¹⁰ Huffstot (2000) – Final Report: 592.

calculando 118 cm no desenho americano da SW13 a partir do Norte (considerando a escala do desenho), chegamos exactamente ao sítio onde começam a aparecer os ossos em 2000. Isto é, os escavadores portugueses só abriram metade da sepultura, retiraram daí os ossos que pertenciam à parte superior do esqueleto (+ um crânio de uma redução, segundo a planta de 1953) e calcularam só esta metade aberta²¹¹. Este erro deve ter sido o único, uma vez que nenhuma outra sepultura escavada por Lino da Silva tem medidas tão curtas.

Podemos acrescentar para a sepultura SW13 um outro dado assinalado pela equipa americana: o facto de a cova ser 50 cm mais comprida do que o corpo que lá estava estendido²¹². Este facto parece corroborar a planta de 1953: a redução de um defunto prévio que poderá ter sido aquele para o qual foi aberta a cova e que, pelos vistos, devia ser muito maior do que o segundo defunto. No entanto, três metros não representam um tamanho normal para uma sepultura: será que havia uma separação interna no espaço, feita por uma laje, deixando os 50 cm aos pés do esqueleto um espaço para outra redução? Separações internas de sepulturas já foram assinaladas em vários cemitérios como por exemplo em Silveirona (Cunha, 2008)

iii) A ausência de esqueletos na maioria das sepulturas do desenho de Lino da Silva é de estranhar, uma vez que em cinco ocasiões a equipa americana encontra restos osteológicos (sepulturas n.º1, 4, 7, 11, 13). Notamos igualmente que somente três sepulturas, com esqueletos, foram numeradas por Lino da Silva (a n.º10 com um “n.º1”, a n.º9 com um “n.º2” e a n.º 8 com um “n.º3”), o que nos força a concluir que o desenho de Lino da Silva não está acabado.

iv) Notamos a ausência total de referências a tampas de sepulturas em todas as campanhas de escavação.

v) Alertamos para as características formais da sepultura SW5, diferentes das restantes: teria sido “improvisada”²¹³ entre a parede do pátio CH III e a lareira, sendo assim muito estreita e pouco comprida. O fundo desta estrutura foi escavado até chegar à rocha. O espaço exíguo (128 x 28) só seria possível para uma sepultura de criança, mas estas características não impedem identificar este espaço com outras funções (de armazenamento?) em relação com a lareira.

vi) A sepultura SW22, por ser a única sem estrutura arquitectónica e com um esqueleto em decúbito lateral, parece-nos uma sepultura do período muçulmano.

²¹¹ Os arqueólogos americanos notaram esta “limpeza parcial” da parte Norte da sepultura (Maloney (2001) - Relatório Final 2001: CH 372) sem no entanto notar que só esta metade foi aberta pelos escavadores portugueses e calculada na planta de 1953.

²¹² *Idem, ibidem.*

²¹³ *Idem.* CH 367-368.

Sepultura	Orientação ²¹⁴	Medidas (cm) ²¹⁵	Restos osteológicos
Ø/ SW1	E-W	Ø	1 esquel. Incompl. + 1 criança aos pés
<i>n.º 1</i> / SW2	E-W	<i>210 x 45 x 32</i>	Ø / 1 esqueleto incompleto
<i>n.º 2</i> / SW4	E-W	<i>190 x 49 x 45</i>	<i>1 esqueleto</i> / Ø
Ø /SW5	WSW-ENE	128 x 28 x 28	Ø
<i>n.º 3</i> / Ø	<i>E-W</i>	<i>170 x 40 x 45</i>	Ø
<i>n.º 4</i> / SW7	N-S	<i>180 x 45 x 40</i>	Ø / 1 esqueleto incompleto
<i>n.º 5</i> / SW6	N-S	<i>215 x 50 x 45</i>	Ø / Ø
Ø /SW8	N-S	202 x 44 x 39,5	2 esqueletos paralelos
<i>n.º 6</i> /SW10	N-S	<i>190 x 50 x 31</i>	Ø / Ø
<i>n.º 7</i> /SW11	N-S	<i>195 x 50 x 32</i>	Ø / 1 esqueleto incompleto
<i>n.º 8</i> /SW12	NNW-SSE	<i>200 x 45 x 37</i>	<i>1 esqueleto + 1 redução à cabeça</i> / Ø
<i>n.º 9</i> /SW13	N-S	<i>118 x 52 x 30</i>	<i>1 esquel. + 1 reduçã cab.</i> / 1 esquel. incompl.
<i>n.º 10</i> /SW14s	NNW-SSE	<i>187 x 45 (?) x 34</i>	<i>1 esqueleto</i> / Ø
<i>n.º 11</i> /SW15	N-S	<i>210 x 42 x 43</i>	Ø / 1 esqueleto incompleto
<i>n.º 12</i> /SW16	N-S	<i>180 x 50 x 39</i>	Ø / Ø
<i>n.º 13</i> /SW19	N-S	<i>170 x 47 x 36</i>	Ø / 1 esqueleto incompleto
<i>n.º 14</i> /SW20	WSW-ENE	<i>107 x 35 x 45</i>	Ø / Ø
<i>n.º 15</i> / Ø	N-S	<i>210 x 50 x 37</i>	Ø
Ø /SW17	N-S	178 x 52,6 x 36,8	Ø
Ø / SW18	N-S	182 x 27,2 x 31,8	Ø
Ø /SW22	N-S	sem caixa	1 esqueleto de lado

Quadro 1 - Confrontações dos dados das sepulturas (*escavações portuguesas/americanas*)

²¹⁴ Sepulturas orientadas sensivelmente da mesma forma nas plantas de 1953 e de 2001 pelo que só indicamos uma orientação e simplificada: E-W em vez de ENE-WSW e N-S em vez de NNW-SSE.

²¹⁵ As medidas em *itálico* provêm da planta de 1953: comprimento x largura lado cabeça (Oeste ou Norte) x largura lado pés (Este ou Sul). Não é indicada a profundidade da cova nem se as larguras são interiores, exteriores ou uma média das duas. Os pontos de interrogações devem-se à dificuldade de leitura do documento original. As outras medidas são das sepulturas achadas pela equipa americana e foram calculadas aproximadamente (medida interna) por nós através dos desenhos do Relatório Final 2001.

Concluindo: a parte escavada do cemitério Sul é composta por 21 sepulturas, das quais 19 com características muito semelhantes, remetendo-as para um mesmo período de realização. No mínimo 24 pessoas foram inumadas: em duas ocasiões parece haver sepulturas múltiplas, isto é inumações simultâneas e provavelmente com cariz familiar (SW1 e SW8), e em duas outras ocasiões parece haver sepulturas colectivas, isto é redução de um enterramento à cabeça do segundo defunto (SW12 e SW13). Estas inumações múltiplas são hábitos funerários típicos da Antiguidade Tardia (Cunha, 2008: 76).

As características gerais desta necrópole assemelham-se muito às da necrópole de Silveirona II, localizada a vinte quilómetros a sul de Torre de Palma e datada da primeira metade do século VI (*ibidem*): 1) reutilização de uma estrutura romana abandonada cujas sepulturas seguem em parte o alinhamento das paredes; 2) tipo construtivo das sepulturas (Tipo I, Tipo V, tipo V-A e tipo VI de Silveirona); 3) sepulturas acabando em elipse (sepultura VI de Silveirona); 4) generalização das inumações (em Silveirona ainda parece haver raros casos de incineração); 5) dimensões importantes das covas; 6) inumações múltiplas e colectivas, das quais adultos com uma criança (Sepultura VII de Silveirona), dois adultos juntos (Sepultura XII de Silveirona).

À primeira vista, as semelhanças entre estes dois cemitérios permitiria alvitrar uma datação da primeira metade do século VI para o Cemitério Sul da basílica de Torre de Palma, no entanto, existem diferenças que justificam uma datação mais recente. De facto, no Cemitério Sul já não se verificam incinerações, a utilização de argamassa, fragmentos de cerâmica e ladrilhos nas sepulturas é menos frequente comparativamente com Silveirona, a ausência de espólio funerário e de artefactos de ornamentação verifica-se na totalidade das sepulturas, assim como a inexistência de inscrições epigráficas.

Desta forma, podemos propor para o Cemitério Sul da basílica de Torre de Palma uma datação posterior à primeira metade do século VI e que terá funcionado talvez até os primórdios do século VIII, como o comprova talvez a sepultura SW 22 se forem confirmadas as suas características muçulmanas.

A equipa francesa (Lancha e André, 2000: 93-95) data a casa romana prévia ao cemitério do SW como sendo do final do século IV d.C. atribuindo as sepulturas aos meados do século VI d. C., o que coincide com as nossas conclusões. Infelizmente, os métodos através dos quais chegaram a estas conclusões não são especificados.

2 - Sepulturas dentro e fora da basílica e do baptistério

2.1. Dados das escavações portuguesas

2.1.1 Material documental

Os dados das escavações portuguesas acerca da basílica e do baptistério resumem-se a duas cartas de Lino (cartas 08.09.1955; 17.09.1955 com planta), relatórios de Lino da Silva (Relatório de 23.08.1955 a 10.12.1955, Relatório de 27.08.1956 a 29.09.1956), um inventário manuscrito sem data, alguns desenhos acerca da basílica, do baptistério e das sepulturas; um caderno de Manuel Heleno (1956) com uma pequena descrição do baptistério, várias dezenas de fotografias²¹⁶, provavelmente tiradas por Manuel Heleno aquando das suas visitas, uma planta de 1969 e um caderno de anotações de D. Fernando de Almeida (1971).

²¹⁶ Infelizmente, não foi possível reproduzir as fotografias neste trabalho por não apresentarem definição suficiente.

Por comodidade retomaremos aqui a numeração das absides da igreja que a equipa americana instituiu: “abside 1” para primeira abside oriental, “abside 2” para contra-abside, “abside 3” para a abside por baixo da Capela de São Domingos, “abside 4” para a abside mais ocidental.

A primeira campanha de escavações nas “construções da Capela” durou somente onze dias. Lino da Silva não explica como procedeu nem por onde começou mas pela sua carta de dia 8 de Setembro de 1955, parece que começou na zona ocidental da basílica, à volta da “Ermida” de São Domingos. Através do Relatório, apercebemo-nos que escavou duas camadas (0/25 e 25/50), de oeste para este. O desenho que fez da “Capela”²¹⁷ mostra que em meados de Setembro tinha escavado até um comprimento de 25 m, isto é, até depois da abside 2. O Relatório é visivelmente incompleto pois só descreve sete sepulturas contra dez ilustradas no desenho da Capela, não se refere à lareira de que fala na carta de dia 8.09.1955, e não descreve os muros descritos na carta de dia 17.09.1955. De facto, os muros assinalados por uma cruz no desenho feitos de pedra e terra, parecem-lhe mais “modernos” do que os muros de pedra e cal, que são mais bem construídos (deverão ser os muros da capela medieval).

O material recolhido e descrito no Relatório é infelizmente pouco contextualizado e não corresponde exactamente àquele descrito nas cartas. No Relatório, na camada 0/25 ao longo de todo o Relatório, encontrou algumas moedas (cinco), alguns “objectos de ferro” e outros de “cobre”, poucos fragmentos de cerâmica (quatro ocorrências), fragmentos de “mármore trabalhado” e um anel. Na camada 25/50, encontrou mais moedas (dez), sete sepulturas das quais uma com “tijoleira com decoração” (Relatório Silva 1955), outra “com anel de bronze” e uma com “fragmento de mármore” (*ibid.*). Quanto ao material arquitectónico, refere-se a duas colunas, uma base de coluna assim como uma “pia em mármore com decoração”.

O material descrito nas cartas varia pois Lino da Silva comenta que algumas moedas na zona à volta da Ermida lhe parecem “árabicas” (Silva, 8.10. 1955) e escreve que duas sepulturas tinham um anel de bronze e uma tinha um anel de ferro. Fora das sepulturas, “dentro das construções” (Silva, 17.10.1955), isso é em qualquer sítio entre a abside 4 e a abside 2, diz ter encontrado muitas moedas, uma fíbula “que parece ser visigótica” (*ibid.*), um anel de bronze e “outros de ferro” (*ibid.*); o que aumenta sensivelmente o material metálico comparativamente com o descrito no Relatório.

As 135 peças enumeradas no Inventário escrito por Lino da Silva provêm de Torre de Palma, de Cabeça de Vaiamonte e do Monte do Pombal e têm a indicação do sítio e da camada. Para a “Ermida” de Torre de Palma, são referenciadas 34 peças que diferem em parte das informações obtidas pelos documentos precedentes. Para a camada 0/25 refere somente oito moedas sem mais objectos, para a camada 25/50 são referenciados unicamente objectos de metal dos quais alguns são ausentes nos documentos precedentes (dois fragmentos de anel, um anel de ferro, duas fíbulas, um “objecto de chumbo com decoração”, uma fivela de ferro) e duas contas. E refere uma camada suplementar, a 50/75, em que apareceram oito moedas, um “martelo de ferro” e dois capitéis. Três anéis foram achados em sepulturas e uma outra continha uma moeda. Esta listagem será talvez a totalidade dos materiais encontrados no conjunto da basílica e não na parte ocidental descrita no Relatório?

O quadro seguinte mostra a variação na informação obtida segundo os diferentes documentos, o que revela a atenção que é necessária ter quando se trabalha com este tipo de informação.

²¹⁷ Anexo II, 1, fig. 5.

Basílica Camada 0/25	25/50	50/75	Sepulturas
<u>Relatório:</u> moedas: 5 obj. ferro/cobre: 3 frag. cer.: 4 frag. mármore : 3 anel: 1	moedas: 10 frag. cer.: 2 pia mármore: 1 colunas: 2 base col.: 1		camada 25/50 7 sepulturas (anel, mármore)
<u>Inventário:</u> moedas: 8	moedas: 11 frag. anel/anel: 3 fíbulas: 2 fivela: 1 obj. chumbo: 1 contas: 2	moedas: 8 martelo ferro: 1 capitéis: 2	4 sepulturas (3 anéis, 1 moeda)
<u>Cartas</u>	“dentro das construções”: moedas, 1 fíbula, 2 anéis, frag. telha e tijoleira, 2 colunas incompletas, 2 bases de colunas.		3 sepulturas (3 anéis)

Quadro 2. Material arqueológico achado na basílica por Lino da Silva em diferentes documentos de 1955 e 1956

Graças às fotografias de 1955 é possível afirmar que a totalidade da superfície da basílica foi escavada até um nível aproximativo de 50 cm (ou até 75 cm em algumas partes). Puseram a descoberto doze sepulturas: as sepulturas F e E na abside oeste (abside 4), as sepulturas D, G, H e B à volta da “Ermida de São Domingos”, a sepultura I contra a abside 3, lado norte, as pequenas sepulturas J e K contra o muro norte entre as duas absides 2 e 3, a sepultura L em frente à abside 2 e as duas sepulturas contra o muro sul da nave sul da basílica.

Algumas sepulturas nas fotografias não foram identificadas mas uma sepultura contra o muro norte frente à sala a norte da abside 1 poderá ter sido escavada. A sepultura paralela à sepultura L não é indicada como uma sepultura por Lino da Silva mas só como uma pedra rectangular, pelo que se depreende que esta não foi aberta ou então foi omitida nas suas descrições. As fotografias não permitem ver se foi escavada. Nenhuma referência é feita acerca da pequena piscina baptismal construída na sacristia sul mas foi provavelmente descoberta nessa altura. Também não se sabe se onde foi encontrada a “pia baptismal”.

Ao fim destes onze dias, e sob novas instruções do Manuel Heleno, os escavadores deixaram a basílica e voltaram para “as construções da *villa*” (Relatório Silva 1955). Em 1955, Lino da Silva faz vários desenhos sobre o mesmo plano (o lado oeste da basílica), com variações: i) planta 1²¹⁸, s/d, com poucas sepulturas ainda descobertas, numeradas, sem esqueletos desenhados mas com uma legenda parcial (de A a J) referindo que em duas sepulturas tinham sido encontrados anéis além dos esqueletos; ii) planta 2²¹⁹, já com mais sepulturas representadas com os esqueletos, sem numeração, entre as quais duas sepulturas na nave norte e uma a norte da abside ocidental, fora da basílica; iii) planta 3²²⁰, datado de 18 de Setembro de 1955, mais completo, com todas as sepulturas representadas, numeradas e com esqueleto, assim como uma legenda de A a Q. No entanto, neste último (?) desenho os anéis referidos

²¹⁸ Anexo II, 1, fig. 3.

²¹⁹ Anexo II, 1, fig. 4.

²²⁰ Anexo II, 1, fig. 5.

no desenho 1 e as sepulturas a norte do desenho 2 não estão referidas; iv) planta 4²²¹, única planta que representa o lado oriental da basílica.

Não havendo grande relevância nas várias versões das plantas 1, 2 e 3, baseamos o nosso estudo na planta 3, tendo em conta os dados dos outros desenhos que faltam neste (doravante, quando a planta 3 é referida, é sempre tido em conta o acrescento dos dados das duas outras plantas). As fotografias dos anos 50 corroboram a presença de todas as sepulturas representadas nos desenhos de Lino da Silva, assim como a planta 6, em papel milimétrico datada de 1969²²².

Em 1956, procede-se à segunda campanha na zona da “Capela”. Infelizmente, para esta campanha nenhuma carta de Lino da Silva foi conservada no AMH. As únicas fontes que nos restam são um Relatório de Lino da Silva (Relatório Silva 1956), um desenho a lápis (sem data) de toda a zona a sul da basílica (planta 5)²²³, provavelmente desenhado por Lino da Silva, fotografias e um *croquis* do baptistério num pequeno caderno de Manuel Heleno.

Sabemos que houve (pelo menos) uma campanha de pouco mais de um mês (de 27 de Agosto a 29 de Setembro de 1956) durante a qual Lino da Silva e catorze trabalhadores escavaram a parte exterior a sul da basílica paleocristã representada na planta 5. Através do Relatório não se consegue perceber o sentido escolhido para as escavações, talvez tenha havido várias frentes, pois durante os primeiros dias encontram na camada 25/50 “muitos fragmentos de telha” (Relatório Silva 1956) e princípios de “construções”, assim como uma sepultura, pelo que se poderá pensar que se trata do edifício do baptistério e de umas das sepulturas contra o muro sul da basílica (sepultura 8 A ou 7 A) mas a seguir, durante vários dias, escavam uma zona onde aparecem na camada 50/75 fragmentos de mármore trabalhado e fragmentos de “objectos de ferro” (*ibid.*), um peso e três sepulturas. Só no 14º dia é encontrada a sala da cisterna e oito dias depois é achado o baptistério. A única resposta a estas informações aparentemente incongruentes seria um avanço de metro a metro ao longo do comprimento total do muro sul da basílica (44,50 m), cada corte tendo uma largura de pouco mais de um metro, revelando assim as construções (edifício, cisterna e baptistério) e as sepulturas a pouco e pouco e de forma desconexa.

Contudo reparamos que a austeridade deste relatório e a aparente pouca lógica na evolução das escavações parece denunciar uma escrita muito ulterior à escavação. Aqui pomos mesmo em causa a exactidão deste relatório uma vez que nem sequer se refere às diferentes salas que foram aparecendo no edifício do baptistério, nem aos pisos tão diferenciados que Lino da Silva normalmente assinala (e assinalará também no relatório de 1958 no que se refere ao edifício a Este da basílica), além de que só refere sete sepulturas das quinze representadas no desenho.

O que salva este panorama desolador é o desenho a lápis (planta 5) e as fotografias conservadas no A.M.H.. Através destes documentos vemos que foram descobertas quinze sepulturas, das quais somente dez foram assinaladas com números seguidos da letra “A”. A oeste do edifício do baptistério, cinco sepulturas foram escavadas: uma pequena não numerada, duas geminadas contra o muro sul da basílica, não numeradas, três quase paralelas identificadas como 1 A, 2 A e 3 A. À volta do baptistério, seguindo o sentido dos muros, a sepultura 4 A a oeste, 10 A a sudoeste, 5 A e 6 A a sudeste e 7 A a este, paralela ao muro sul da basílica. Dentro do edifício do baptistério, na sala noroeste, duas sepulturas 8 A e 9 A com esqueleto de criança, na sala sudoeste é representada uma tampa de sepultura não numerada e na sala da cisterna uma estrutura que parece funerária, mas não numerada.

²²¹ Anexo II, 1, fig. 6.

²²² Anexo II, 1, fig. 8.

²²³ Anexo II, 1, fig. 7.

Temos que ter em conta que o desenho de Lino da Silva não é um desenho arqueológico e contém erros. Por exemplo, no hall de entrada entre a basílica e o baptistério, Lino não assinala as soleiras das portas que dão para as salas que o ladeiam (das quais a sala com a cisterna) e que são visíveis nas fotografias. Assim como os dois arranques de muros orientados Norte/Sul que são visíveis a sul do edifício do baptistério: um deles que é aparentemente a construção de uma conduta de água (Lancha e André, 2000: pl. XXVIII) e outro a poente e paralelo a este, quando o desenho mostra um arranque a este do primeiro, inexistente na fotografia.

As fotografias tiradas nesse período revelam-se de facto primordiais para perceber o estado do baptistério aquando da sua descoberta, antes da construção do muro sob Fernando de Almeida em 1972.

O Relatório (Relatório Silva 1956) dá uma pequena ideia dos achados, em geral enumerados por camadas mas sem contexto ao longo de todo o mês de escavação. Na camada “0/25”, ao longo dos 28 cortes, foi encontrada uma “terra um pouco negra” com pouco material (seis ocorrências de “fragmentos de cerâmica”, três moedas e “um fragmento de ferro”). Na camada “25/50”, ao longo de todos os cortes, foram encontrados, ao princípio da escavação, “muitos fragmentos de telha”, algumas “construções” e a seguir alguns “fragmentos de cerâmica” (onze ocorrências), dois “pesos”, sete fragmentos de “mármore trabalhado” e algum material metálico: pregos de ferro (cinco ocorrências), três fragmentos de “objecto de ferro”, duas taças de cobre (das quais uma incompleta), um machado de ferro. Nesta camada foram encontradas dezanove moedas. Ao “fim desta camada” foram descobertas três sepulturas, das quais uma com um “anel de cobre” e o baptistério (provavelmente o nível do piso da sala). A camada “50/75”, ao longo dos 14 primeiros cortes (nos dez últimos dias não foi escavada esta camada, provavelmente por se ter encontrado o piso das salas a esse nível), revelou quatro sepulturas das quais uma com uma “fíbula visigótica” e outra com um “anel de cobre”, nove fragmentos de mármore trabalhado e alguns fragmentos variados (uma telha, quatro objectos de ferro, um peso, uma ocorrência de pregos e de fragmentos de vidro). Nesta camada foi encontrada a cisterna.

Estas são as únicas indicações que se detêm para a escavação do baptistério da basílica de Torre de Palma. O *croquis* de Manuel Heleno feito a 1 de Novembro de 1956 não traz mais informações a não ser algumas medidas da piscina baptismal.

Entre 1969 e 1971, Fernando de Almeida mandou fazer um levantamento rigoroso da basílica (planta 6)²²⁴ a fim de publicar uma monografia acerca do edifício. Começou por publicar o primeiro artigo de fundo em 1972-1974 (Almeida, 1972-1974) mas infelizmente não foi seguido por uma monografia.

2.1.2. Material arqueológico

O material arqueológico conservado no M.N.A. referente às sepulturas da basílica divide-se em vários complexos (nome da sepultura/capela; nome da sepultura/cemitério; sepultura isolada), muitos deles de leitura problemática por não se encontrarem referidos nos relatórios, como nas cartas e nos desenhos ou por conterem informações contrárias ao desenho.

Todo o problema reside no facto de as sepulturas não serem descritas nem identificadas por letras nos relatórios ou nas cartas, tal como são referenciadas nos desenhos. Na primeira campanha de 1955, Lino da Silva diz encontrar “uma sepultura” nos dias 7, 8, 11, 13, 14, 15 e 17 de Setembro, sem dizer qual. Aquela que ele encontra no dia 8 de Setembro continha um anel de bronze, o que

²²⁴ Anexo II, 1, fig. 8.

corresponde talvez a um dos desenhos da basílica em que a sepultura dentro da abside ocidental referida como a sepultura H, continha um anel deste tipo. Ora, no desenho datado de 18 de Setembro, esta mesma sepultura passou a ter a letra F e já não refere o anel. Os anéis de bronze que estão referenciados como provindo do “Cemitério ao pé das Ermidas” (*vide infra* o material avulso do Cemitério NW) provêm provavelmente destas sepulturas da basílica ou das sepulturas ao lado do baptistério.

Além do espólio funerário, Lino da Silva menciona igualmente a presença ou ausência de ossos em determinadas sepulturas, correspondência essa que não se verifica sempre nas sepulturas conservadas no M.N.A (Quadro 3).

Planta 18.09.1955	Reserva do M.N.A.
<u>Dentro da basílica:</u>	<u>“Capela”</u>
A: nada representado ²²⁵	Sep. A (2005.225): 2 indivíduos
Sep.B: 1 indiv. no mín., ossos amontoados	Sep. B (2005.221): 1 indivíduo
Sep.D: vazia	Sep. D (2005.222) : 2 indivíduos
Sep. E: 1 indiv. posição anatómica, sem crânio (+ anel ferro)	Sep. E (2005.223): 2 crânios
Sep. F: 1 indivíduo pos. anat. + 1 redução (+ anel de bronze)	Sep. F (2005.224): 1 indivíduo
Sep. G: 1 indiv. posição anatómica + 1 redução no mín.	
Sep. H: vazia	
Sep. colada à H, s/n: vazia?	
Sep. I: 1 indiv. posição anatómica + 3 reduções	
Sep. J: 1 esqueleto de criança	
Sep. K: vazia	
Sep. L: vazia	
Sep. s/n, colada à L. Ainda fechada.	Sep. P (2005.235) : 1 indivíduo
<u>Fora da basílica:</u>	
Sep. s/n, a norte da abside ocidental	
Sep. geminadas s/n junto à parede sul da basílica	
Pequena sepultura s/n isolada a sul da basílica	
Sep.1-A: 1 ind. posição anatómica (+ 2peças?)	Sep.1-A (2005.204): 2 indivíduos + jarro
Sep.2-A: 1 ind. posição anatómica + 2 reduções	Sep.2-A (2001.78): 1 indivíduo + 1 brinco
Sep.3-A: 1 indivíduo no mínimo.	Sep.3-A (2005.226): 1 indivíduo
Sep. s/n junto à porta de entrada Sul: com tampa?	
Sep.4-A: 1 indivíduo no mínimo.	Sep.4-A (2005.227): 1 indivíduo
Sep.5-A: 2 indivíduos no mínimo.	Sep.5-A (2001.79): 1 indivíduo + 1 anel
Sep.6-A: 5 indivíduos no mínimo.	Sep.6-A (2005.229): 2 indivíduos
Sep.7-A: 1 ind. em posição anatómica	Sep.7-A (2005.231): 1 indivíduo
Sep.8-A: 2 indivíduos no mínimo	Sep.8-A (2005.232): 1 indivíduo
Sep.9-A: 1 esq. de criança numa sepultura de adulto.	Sep.9-A (2005.233): 1 indivíduo
Sep.10-A: 2 indivíduos no mínimo	Sep.10-A (2005.233): 1 indivíduo
Sep. ao lado da cisterna: vazia	

Quadro 3. Correspondência sobre os restos osteológicos entre a planta de Lino e o espólio nas reservas do M.N.A.

Como podemos ver, as informações entre o que Lino da Silva representa e o que está conservado no Museu são pouco concordantes. Uma das dificuldades no estudo do mundo funerário é a grande diacronia que as sepulturas podem apresentar. Para estas sepulturas de superfície, não se tendo conservado quase nenhum espólio funerário (como vimos, algum material avulso dos complexos do M.N.A. provêm provavelmente de sepulturas, mas esta informação perdeu-se por completo) estamos

²²⁵ Várias fotografias do Arquivo Fotográfico do M.N.A. (por exemplo fotos TP 21, TP 99, TP 218, TP 220) mostram uma sepultura ainda fechada com tampo de mármore branco, parece uma sepultura da capela de São Domingos, visto a sua centralidade na nave das ruínas medievais.

somente em presença de sepulturas contemporâneas e/ou posteriores à basílica (Ulbert, 1978; Hale, 1995), uma vez que seguem as paredes e os cantos do edifício.

Não sabemos se esta utilização funerária era contemporânea ao funcionamento da igreja ou imediatamente posterior à sua utilização. Vários concílios (Concílio de Braga em 561, cânone 19) proíbem sepultar dentro das igrejas; em geral eram as zonas mais sagradas que eram procuradas (absides, coros). Assim verificamos que não há sepulturas na abside 1, porém há duas sepulturas (F e E) que seguem as paredes da abside 4, uma por fora dela e a sepultura G em frente à abside, duas em frente à abside 2 (L e s/n) e uma encostada à parte exterior da abside 3 (sepultura I). Todas as outras sepulturas encontram-se alinhadas às paredes das naves Norte e Sul. Três sepulturas encontram-se nas salas adjacentes ao baptistério (8 A, 9 A e a sepultura ao pé da cisterna). A sepultura B encontra-se por baixo de uma lareira (perfeitamente visível na fotografia TP 197 e no desenho 3), o que mostra que esta sepultura data de um momento anterior ao do abandono da basílica, quando esta foi utilizada como espaço doméstico? No entanto, apesar de se considerar que estas sepulturas não deverão datar de um momento muito posterior ao da construção da basílica, pouco ou mais podemos dizer acerca delas, no estado em que foram encontradas pela equipa portuguesa. O complemento das escavações americanas ajudará a perceber esta problemática.

Manuel Heleno, no seu artigo de 1962, menciona que na basílica foram achadas “sepulturas com fechos de cinturão visigóticos”, não se sabendo infelizmente em que sepulturas apareceram. Provavelmente os fechos de cinturão conservados no M.N.A. provêm de umas destas sepulturas. Fernando de Almeida afirma no seu Caderno (p. 33) que foi encontrada uma fivela de cinturão visigótica numa sepultura na nave norte da basílica oriental. Pelo *croquis* que apresenta, a sepultura em questão parece ser a sepultura G do desenho de Lino da Silva. Não sabemos, de novo, a que fivela do M.N.A. se refere (*vide infra* material avulso do Cemitério NW).

As únicas sepulturas das escavações portuguesas que nos parece seguro estudar seriam as sepulturas 1-A a 10-A. Destas, somente três continham espólio funerário. Situam-se todas a sul da basílica. O grupo das sepulturas 1-A, 2-A e 3-A (+ uma pequena sepultura s/n) é o único grupo que não toca ou não segue directamente as paredes da basílica. Apesar de seguir uma orientação E-W, estas sepulturas encontram-se um pouco afastadas das paredes da basílica. Todas as outras tocam ou são estritamente paralelas à basílica e ao baptistério. Pode indiciar que, contrariamente as estas sepulturas, as que formam o pequeno grupo poderiam ser anteriores à construção da igreja, quando as outras parecem todas contemporâneas ou posteriores.

Além do material funerário conservado no M.N.A. apresentamos também duas peças arquitectónicas: a pia baptismal achada em 1955 algures na basílica na camada “25/50” (Relatório Silva 1955) e uma cancela referida por Fernando de Almeida no seu artigo de 1974, “vários fragmentos de uma grade de arquinhos” que apareceram “ao lado da basílica (...) durante as escavações” (Almeida, 1974: 106, fig. 11), não se sabendo de que escavações se trata.

Descrição do espólio conservado no M.N.A.²²⁶

Sepultura 1 A²²⁷

²²⁶ As indicações em itálico depois de cada sepultura referem-se às diversas informações contidas nas fichas de inventário do Museu. Os números que seguem entre parêntesis após cada peça são os números de inventário do Museu.

²²⁷ Anexo II, 1, fig. 10.

“*Sepultura junto da capela*”, “*Cemitério de Torre de Palma*”, “*sepultura 1-A*”.

Inumação, 2 indivíduos.

Espólio: um jarro de TSH

TP.1.A.1²²⁸: **Jarro** (2005.204.1) inteiro, de uma asa, boca com lábio em disco extrovertido quase horizontal mas irregular, gargalo estrangulado, bojo com perfil em S, pé perfilado. Alt. máx.: 15 diâm. boca: 6 diâm. bojo: 11,4 diâm. pé: 4,8

Estado de conservação: muito bom, peça inteira. Uma fenda foi feita no bojo, para utilização posterior, provavelmente.

Tipologia: jarro forma Mezquiriz 20, TSH de *Tritium Magallum*.

Paralelos: este jarro não tem paralelos exactos por causa da forma peculiar da sua boca.

Cronologia proposta: meados do séc. I d.C.— meados do séc. II d.C.

Bibliografia: Maia (1978: 275-277); Mayet (1983: pl. LXXXIV, n.º 317).

Sepultura 2 A²²⁹

“*Capela*”, “*Torre de Palma*”, “*sepultura 2-A*”

Inumação, um indivíduo.

Espólio: um brinco em bronze

TP.2.A.1²³⁰: **Brinco** (2001.78.1) em bronze, formando argola com aro circular, rematado por um pequeno fecho quadrangular onde se encaixa a ponta do brinco. Diâm.: 2,3

Estado de conservação: bom, brinco inteiro e limpo.

Tipologia: brinco em argola

Cronologia: esse tipo de brinco existiu ao longo de todo o período romano.

Sepultura 5 A

“*Capela*”, “*Sepultura 5-A*”, “*Torre de Palma*”, “*Necrópole*”.

Inumação, um indivíduo

Espólio: Um anel de bronze

TP.5.A.1²³¹: **Anel** (2001.79.1) de bronze, em fita. As duas extremidades são sobrepostas e juntas por um botão quase imperceptível. Parece ter uma decoração em zigzag. Diâm: 2

Estado de conservação: razoável, anel inteiro e limpo.

Tipologia: Anel em fita, Flörchinger tipo 3.

²²⁸ Anexo II, 1, fig. 9.

²²⁹ Anexo II, 1, fig. 12.

²³⁰ Anexo II, 1, fig. 11.

²³¹ Anexo II, 1, fig. 13.

Paralelos: anel da sepultura XXI de Silveirona (desenho inédito); anéis das sepulturas 31 e 55 de Casa Herrera; anel n.º11 da sepultura 12 de Talaíde; anel n.º 1 da sepultura 4 e anel n.º 2 da sepultura 64 de Segóbriga.

Cronologia: século IV/V d.C. até ao século VII d.C.

Bibliografia: Cunha (2008: 189); Flörchinger (1998: 23, Taf. 17, sep. 31; Taf. 19, sep. 55); Cardoso *et alii* (1995: 412-413, fig. 5, n.º11); Almagro Basch (1975: 18, fig. 3, anel n.º1; 45, fig. 17, anel n.º2).

“Basílica” ou “Capela”

Pia em mármore (994.52.1), de forma arredondada cujo bordo era talvez recortado em perfil ondulado²³². A decoração em baixo-relevo representa um cale de videira circunscrevendo a borda superior da pia, do qual partem, intercalando-se, cachos de uvas em forma de lágrimas e folhas de videira com nervura central marcada. A parte inferior ou central da pia parece ter mais representações mas devido à fractura da peça, não se sabe o que representa. **Dim.:** 21 x 24 x 45.

Estado de conservação: razoável, peça fragmentada.

Paralelos: Não encontramos paralelos formais para esta pia. O rebordo ondulado encontra-se numa pia em El Val (Valladolid). De um ponto de vista decorativo, a forma lacrimal das uvas e as características gerais do trabalho escultórico encontram-se no fuste da coluna de Vale de Aguiro (Beja) e no sarcófago de Ecija (Sevilla) representando cenas vetero-testamentárias de carácter orientalisante. Sérgio Vidal Álvarez sugere que o sarcófago seja um produto local cujo trabalho escultórico se realizou através de modelos orientais, provavelmente Constantinopla. Podemos tirar a mesma ilação para esta pia.

Cronologia proposta: A datação proposta para os paralelos ronda os séculos IV e V d.C., no entanto, neste período não parece já ter existido pias desta forma, uma vez que estamos em pleno baptismo por imersão. Se guardamos esta cronologia, acreditamos que esta pia tivesse outra função do que a função baptismal (função litúrgica ou decorativa).

Bibliografia: Matos (1995: n.º 117); Vidal Álvarez (2005: 65, 78, 162; lám. XXXIII, B-13; lám. XL, B-20, lám. LXIX, C-20); Wrench (2008: 562-563).

“Ao lado da basílica”

Cancela (s/n) de mármore decorada por duplos arcos adjacentes e sobrepostos (fig. 15). O centro dos arcos é vazado. Por vezes foi realizada uma forma em V no espaço entre os arcos. Uma ranhura foi realizada no topo da última faixa de arcos enquanto que nos restantes três lados nenhuma separação é feita.

Estado de conservação: Razoável, peça quase inteira, os fragmentos foram colados.

Tipologia: cancela Wrench de tipo 1

Paralelos: Conimbriga: fragmento de placa; em Mérida ou arredores: cancelas ou *fenestela confessionis* n.º121 e n.º122; placa n.º 149; representações de cancela com arcos sobrepostos²³³: lápide de Amanda (Mértola).

²³² Anexo II, 1, fig. 14.

²³³ Gostaríamos de assinalar que a decoração de lápides funerárias com arquinhos sobrepostos já se encontra em lápides funerárias romanas pagãs, sobretudo na região de Segóbriga (Almagro Basch, 1975, lám. XXVIII)

Cronologia proposta: séc. V e VI (ver capítulo II)

Bibliografia: Wrench (2008: 86, 410-411, 565); Cruz Villalón (1985: 78, 86, fig. 121, 122, 149).

Como se pode verificar, o material conservado é escasso e de datação díspar. O que podemos afirmar é que a presença de uma sepultura alto-imperial a sul da basílica prova que esta foi construída por cima de uma necrópole alto-imperial, cujas sepulturas de incineração do lado NW faziam parte (*vide infra*).

A pia baptismal de estilo orientalisante é mais difícil de enquadrar. A possível datação da sua decoração durante os séculos IV-V d.C. situá-la-ia na primeira fase da igreja, quando ainda não existia o baptistério monumental. No entanto, o baptismo desde a sua origem até pelo menos os meados do século VII d.C. era feito por imersão, o que torna as funções desta pequena pia incompatível com este tipo de ritual. Existem assim duas hipóteses: ou faz parte da primeira fase da basílica com uma função auxiliar ao baptismo ou à eucaristia; ou seria muito mais tardia, quando o baptismo se tornou parcial, de aspersão, a partir do séc. VIII. A segunda hipótese é pouco credível devido ao estilo decorativo da pia e à datação muito tardia, quando a basílica já devia ter abandonado as suas funções litúrgicas.

A cancela, cujos vestígios de encaixe são visíveis na nave central, faz provavelmente parte da fase de remodelação da basílica quando a liturgia necessitava da presença de cancelas a separar o espaço do clero do dos leigos. Esta fase de remodelação da basílica é atribuída ao século VI d.C. pelos arqueólogos americanos, o que coincide com a datação estilística dos arquinhos que estabelecemos na segunda parte deste trabalho²³⁴.

Resta mencionarmos as estruturas funerárias a leste da basílica, ainda dentro do recinto. Duas salas no canto noroeste com três enterramentos e umas estruturas paralelas à abside 1 com mais enterramentos. Estas estruturas foram talvez escavadas em 1961 por Saavedra Machado, quando este ficou responsável pelas escavações. Escreve numa carta que começou “a abrir um talhão na circular das ermidas em Torre de Palma” (Carta de Saavedra Machado, 5.10.1961). Não sabemos se a circular designa o caminho ou o recinto que contorna a basílica. Nada mais nos é dito sobre estas explorações. A 29 de Outubro escreve “No talhão da circular das ermidas já encerrei os serviços visto que talvez seja melhor completá-lo quando se continuar com a exploração do cemitério” (Saavedra Machado, 29.10.1961).

2.2. Complemento das escavações americanas

A análise das estruturas arquitectónicas da basílica já foi inúmeras vezes realizada, antes da escavação americana, a seguir por esta equipa e por outros investigadores (ver bibliografia *infra*), pelo que nos cingiremos aos aspectos que nos interessam aqui: a presença de sepulturas, o seu possível enquadramento na construção da basílica, assim como a existência de estruturas anteriores e posteriores à basílica, que possam ajudar à compreensão do espaço de um ponto de vista diacrónico.

Não queremos contudo deixar de comentar que consideramos as conclusões da campanha de 1984²³⁵ como sendo as mais claras e evidentes no que se refere às fases construtivas da basílica, sobretudo comparadas com todas as teorias posteriores apoiadas em análise da argamassa que tornaram mais complexa a compreensão global do sítio:

²³⁴ Ver Parte II.

²³⁵ Caeiro *et alii*, 1984 - Relatório dos trabalhos efectuados em 1984 da estação arqueológica de Torre de Palma – Monforte, p. 4 (policopiado).

1- Em torno de 400 d.C. (ou até meados do séc. V) : construção de uma “Grande Basílica” com duas absides (duas fases construtivas para toda a área), tanque baptismal a SE da abside 1, nartex ocidental.

2 - Durante o período visigótico, acrescento do baptistério (pelo menos duas fases construtivas) e de uma abside (abside 3) talvez de cariz funerário dentro do nartex.

3 - Numa fase final, destruição do muro ocidental do nartex para ampliá-lo e construção de uma quarta abside (uma fase construtiva) (“Pequena Basílica”)

4 - Abandono de todo o conjunto algures no séc. VIII.

5 - Séc. XIII: construção de uma capela a S. Domingos sobre a abside 3 cujo funcionamento se estende até ao séc. XVI.

Contudo, discordamos com apelação do espaço ocidental como sendo uma “Pequena Basílica” uma vez que é pouco lógico que tivesse funcionado como uma basílica independente à “Grande Basílica”, mas talvez como um espaço de culto funerário/martirial que funcionasse em complemento à basílica principal (baptismal/eucarístico). Da mesma forma, não temos informações sobre a cronologia do recinto à volta da basílica²³⁶. É provável que datasse de um momento em que foi necessário restringir a área sepulcral, talvez numa fase já adiantada da actividade da basílica? É curioso notar que os últimos dados de datação de argamassa fornecidos para as estruturas funerárias (outros mausoléus?) a Este da abside 1 são do século IV d.C.²³⁷, o que poderia reforçar a ideia que a necrópole romana ocupasse todo esse espaço até à zona oriental da basílica.

No que se refere à revisão da cronologia obtida pelo estudo da argamassa através do C¹⁴, a datação da basílica com dupla abside remontaria a 535-565 d.C., havendo no entanto “muitos fragmentos dos séculos IV e V que sugerem uma primeira igreja”²³⁸. Paralelamente, a primeira fase do baptistério remontaria ao início do século V²³⁹ e uma segunda fase do século VII, data que corresponde também à abside 3²⁴⁰. O simples facto de o momento da primeira fase do baptistério ser anterior à da construção da basílica mostra a fragilidade destas datações de argamassa. Se a data de construção da basílica a finais do século IV d.C. indicada pela presença das moedas embutidas no chão de argamassa do coro (Huffstot, 1998: 221-226) pode parecer de facto demasiado antiga - sabendo que as moedas deviam circular durante muitas décadas - podemos avançar o momento da primeira construção para meados ou finais do séc. V, mas dificilmente para meados do séc. VI d.C. A datação por radiocarbono indica provavelmente uma segunda fase construtiva da basílica. Aachamos pois que as leituras obtidas a partir da observação estratigráfica sejam as mais fiáveis. No que se refere à abside 3, as datações de argamassa apontam para 640-655 d.C., o que, se for correcto, tiram qualquer hipótese de anterioridade desta estrutura em relação ao resto da basílica²⁴¹.

2.2.1. Edifício anterior à basílica

²³⁶ A equipa francesa de Lancha incorpora as salas com sepulturas a este da basílica e o recinto numa 8ª fase de ocupação da *villa*, fase que dataria entre 306 e 365 d.C., contemporânea, segundo eles, à construção da basílica oriental (Lancha, 2000: pl. XXIV). Não temos, no entanto, nenhum dado das escavações portuguesas nem das americanas que possam dar qualquer indício de datação para este recinto.

²³⁷ Maloney (2001) – Final Report

²³⁸ *Ibidem*: 472.

²³⁹ Concordando com a datação proposta por Lancha para a primeira fase construtiva do baptistério (Lancha, 2000: 93).

²⁴⁰ Maloney (2001) – Final Report: 472.

²⁴¹ Lancha, 2000: 92.

Em 1983-1984 foram descobertas fundações de um edifício anterior à basílica sob a parte oriental desta, seguindo parcialmente as suas paredes²⁴². No entanto, nenhum material associado às estruturas foi encontrado²⁴³ pelo que não se sabe nada acerca destas estruturas a não ser a sua forma (um rectângulo de 5m de largo por 11,5 m de comprimento com três compartimentos de tamanhos diferentes, orientado de NNW-SSE) e as fundações destas estruturas (grandes pedras postas sem argamassa e encaixadas na rocha mãe). Estes dados não fornecem mais informações do que o facto de ter existido uma construção anterior à basílica. Pela sua posição numa zona funerária durante o período alto-imperial, se este edifício fosse contemporâneo à necrópole, poderemos estar face a uma estrutura funerária que tivesse sido reutilizada para a construção da basílica, quiçá por alguma razão religiosa. Mas esta tese não funciona enquanto nenhum elemento de datação e de cariz funerário tenha sido encontrado. A relação com esta estrutura e a ara a Marte achada em reutilização no Edifício a sudoeste (*vide infra* parte 4) é meramente hipotética.

2.2.2. Tipologia das sepulturas reescavadas

A equipa de Stéphanie Maloney limpou e reescavou as sepulturas descobertas por Lino da Silva e atribuiu-lhe uma numeração diferente, cuja correspondência assinalamos em seguida. Estranhamente a única sepultura claramente alto-imperial (sepultura 1-A) não aparece indicada, talvez por já não ser visível nessa altura. Já em 1978, Thilo Ulbert no seu estudo das basílicas com duplas absides, estuda as sepulturas interiores após análise no terreno (Ulbert, 1978: 97) não mencionando as sepulturas exteriores.

Planta 18.09.1955	Escavações Caeiro/ Maloney	Estudo Th. Ulbert
Basílica		
Sepultura B	Sepultura U	Sepultura 16
Sepultura D	Sepultura T	Sepultura 17
Sepultura E	Sepultura S	Sepultura 19
Sepultura F/ H ²⁴⁴	Sepultura P	Sepultura 20
Sepultura F bis ²⁴⁵	Sepultura O	Sepultura 18
Sepultura G	Sepultura N	Sepultura 15
Sepultura H	Sepultura L	Sepultura 13
Sepultura s/n.º	Sepultura M	Sepultura 14
Sepultura I	Sepultura K	Sepultura 12
Sepulturas J e K	Sepultura J	Sepulturas 11 e 10
Sepultura L	Sepultura FF	Sepultura 7
Sepultura s/n.º	Sepultura R	
	Sepultura Q	
	Sepultura I	Sepultura 6
Sepultura s/ n.º	Sepultura G	Sepultura 8
	Sepultura H	Sepultura 9
Sepultura s/ n.º	Sepultura A	Sepultura 4
Sepultura s/ n.º	Sepultura B	Sepultura 5
Sepultura s/n.º	Sepultura D	Sepultura 2
Sepultura s/n.º	Sepultura E	Sepultura 1
Sepultura s/n.º	Sepultura F	Sepultura 3

²⁴² Caeiro *et alii*, (1983) - Torre de Palma - Monforte, Relatório da Campanha de 1983 (policopiado).

²⁴³ Maloney (2001) - Final Report: 460.

²⁴⁴ Como já vimos, as três sepulturas da abside 4 foram denominadas de maneira diferente segundo as plantas: a sepultura F de 1955 era H num mapa mais antigo, a E permanece E e uma sepultura não numerada em 1955 é a antiga sepultura F (que nós denominamos F bis).

²⁴⁵ Ver nota 1.

Baptistério		
Sepultura 8 A	Sepultura Y	Sepultura 25
Sepultura 9 A	Sepultura AA	Sepultura 26
Sepultura s/ n.º	Sepultura FF (repetido)	Sepultura 27
	Sepultura Z	
Dentro da antiga capela S. Domingos		
Sepulturas 21, 22, 23 e 24		
Fora da basílica		
Sepultura 1 A		
Sepultura 2 A	Sepultura W	
	Sepultura X	
Sepultura 3 A	Sepultura V	
Sepultura 4 A	Sepultura BB	
Sepultura 5 A	Sepultura EE	
Sepultura 6 A	Sepultura DD	
Sepultura 7 A	Sepultura C	
Sepultura 10 A	Sepultura CC	

Quadro 4. Correspondência das sepulturas achadas nos anos 1950 e reescavadas nos anos 1980

A maioria destas sepulturas foi desenhada individualmente e pormenorizadamente em 1984, salvo o solo das sepulturas que não é indicado²⁴⁶.

Através da observação dos desenhos, é possível definir três tipos construtivos principais e algumas variantes: tipo 1 – covas cujas paredes são construídas com grandes blocos de pedra mais ou menos regulares por vezes colmatados em pequenos sítios por fragmentos de cerâmica (S, O, P, N, L, Z e duas sepulturas cuja numeração não é legível no documento de 1984); tipo 2 – covas construídas com blocos de pedra e ladrilhos (X, Y, DD, U, W, M, 8, K, H, B: sepultura a B é composta por dois muretes: um de grande lajes de pedra revestido por uma parede de tijolos argamassados); tipo 3 – cova com paredes de tijolos deitados, por vezes de cutelo (AA, BB, EE, D, Q). A sepultura C é feita por blocos de argamassa, provavelmente provindo da *villa* abandonada.

É interessante notar que as quatro sepulturas com caixa sepulcral da abside 4 são do mesmo tipo construtivo (tipo 1) e que todas as sepulturas que estão fora da basílica e dentro do baptistério têm um tipo de construção que utiliza os tijolos (tipo 2 e 3). Este aspecto pode significar alguma diferença de estatuto entre as sepulturas visigóticas, as de maior prestígio sendo realizadas com parede de grandes lajes de pedra, quando as outras são construídas com muros ladrilhados. Infelizmente, como não se pode comprovar a datação para a maioria das sepulturas, pouco se pode adiantar. Neste âmbito faz falta a descrição da sepultura 1-A.

As escavações americanas, ao determinarem várias fases construtivas na basílica, puderam assim confirmar que as duas sepulturas em frente à abside 2 devem ter sido construídas numa segunda fase, quando o chão da basílica tinha sido sobrelevado, no intuito de segurar as paredes orientais da abside 2²⁴⁷.

A análise pormenorizada da basílica de Torre de Palma por Thilo Ulbert na sua obra de 1978 é primordial por fazer observações acerca do conjunto basilical funerário, além de que não é referida nos estudos posteriores. As suas observações pecam em algumas partes por não ter estudado ou não ter tido

²⁴⁶ Caeiro (1984) - Relatório dos trabalhos efectuados em 1984 na estação arqueológica de Torre de Palma – Monforte. (policopiado)

²⁴⁷ Maloney (2000) - Final Report: 434.

acesso ao material arqueológico. Através da análise das sepulturas, porém, o autor afirma que aquelas que estão exteriores à basílica são anteriores (época imperial), e as que estão dentro da basílica são todas posteriores. No entanto, diferencia por um lado as sepulturas sob o pavimento da segunda fase construtiva - sepulturas 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24 e por baixo do chão do baptistério: sepulturas 25, 26 – e por outro, as sepulturas após o abandono da basílica - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 (estas duas com material espoliado da *villa*), 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19 e no baptistério a sepultura 27 (Ulbert, 1978: 100).

Se estas afirmações se podem hoje rectificar e completar - graças ao material (com e sem contexto), aos dados vagamente fornecidos por Heleno e Almeida assim como aos de Lino da Silva que referem ter havido material visigótico encontrado dentro de sepulturas da basílica, podendo assim aferir-se a presença de algumas sepulturas contemporâneas à basílica dentro e fora dela – Ulbert é o primeiro autor a concluir que “darauf darf aber immerhin abgeleitet werden, dass die Basilika auf dem Gelände eines alten, offenbar zur Villa gehörenden Friedhofs errichtet wurde”²⁴⁸. Conclusão à qual chegamos graças ao magro material coligido no Museu e às escavações americanas.

2.2.3. Sepulturas escavadas entre 1983 e 1986

Novas sepulturas foram achadas na basílica e no seu exterior, o que completa o panorama funerário deste edifício. Se Lino da Silva escavou maioritariamente sepulturas visigóticas ou medievais, a equipe americana escavou sepulturas com características diversas, maioritariamente posteriores ao abandono da basílica mas entre estas encontra-se uma sepultura possivelmente romana, escavada na rocha mãe.

1983
<p>Sala a sul da abside 1: duas pequenas sepulturas construídas com pedras e tijolos reutilizados encontram-se no canto NE da sala, frente à pequena piscina baptismal.</p> <p>Abside 2: uma sepultura quase completa orientada SW-NE “Burial 1”. Sem estrutura funerária. Um esqueleto (posterior ao abandono da basílica?)</p> <p>Abside 4: “túmulo 2”, orientada W-E. Sem estrutura funerária. Um esqueleto (posterior ao abandono da basílica?) “túmulo 3”: orientada W-E? Túmulo feito de rocha branca e tijolos reutilizados. Mínimo 3 indivíduos. (visigótica ou posterior ao abandono da basílica?)</p>
1984
<p>Lado nordeste da Grande basílica: “túmulo 8”: por baixo da sepultura descoberta por Lino da Silva (s/n.º) e determinada por Maloney/Caeiro como sepultura F. Túmulo 8, de criança, orientação E-W, reaberta para acolher ossos de mulher jovem. Sepultura então mais antiga do que a sepultura F.</p> <p>Lado noroeste da Grande basílica: sepultura sem identificação contra a parede norte da basílica, no fim ocidental da nave norte, mais ou menos ao nível da abside 2.</p> <p>Área frente à abside 2: “grande túmulo” orientado N-S, frente à abside 2 com cadeado de ferro: sepultura assente na rocha mãe.</p> <p>Abside 3: 6 enterramentos juvenis: “tomb” 4, 5, 6, 7, 9, 10 (pertencendo ao funcionamento da Capela de S.Domingos, entre os séc. XIII e XVI)</p>

²⁴⁸ “Pode-se assim concluir que a basílica foi erigida por cima de uma necrópole antiga ligada à *villa* adjacente” (tradução livre).

Baptistério: além das duas sepulturas já encontradas por Lino da Silva (8-A e 9-A), foi achada uma terceira ao lado da sepultura 8-A.
1986
duas sepulturas na pequena construção a NE do recinto da basílica.

Quadro 5. Novas sepulturas escavadas entre 1983 e 1986

A descoberta sem dúvida mais importante no que se refere às sepulturas foi feita em 1984 mas, apesar de ser referenciada no relatório desse ano²⁴⁹ e comentada no relatório final²⁵⁰, nunca apareceu numa planta da basílica nem numa planta evolutiva do sítio nem nunca lhe foi atribuído um número ou outro tipo de identificação. O seu carácter primordial não parece ter feito parte dos estudos posteriores realizados acerca da basílica pela equipa americana. Trata-se da sepultura escavada na rocha achada em frente à abside 2 (quadrícula N024-E032), orientada a N-S, com restos de alguns ossos e um cadeado de ferro na base da sepultura²⁵¹. Pelo comentário do relatório de 2000, esta sepultura “is potentially one of honor” e, pela sua posição tão significativa que é frente à abside 2, poderá ter sido venerada durante a antiguidade.

É preciso ter em conta vários aspectos acerca desta sepultura: a sua orientação N-S, a sua estrutura escavada na rocha e coberta por lajes de pedra, parecem provar, de facto, a sua datação antiga. O cadeado, quase completo (12 cm x 3,5 cm, sem contar com a parte dobrada do aloquete que mede 5 cm), que foi encontrado dentro desta sepultura é de características romanas. Encontrámos um exemplar no artigo de Jorge de Alarcão acerca dos cadeados e fechaduras de Conímbriga (Alarcão, 1974: 14, fig. 3), cuja referência provem do Catálogo do British Museum “*Antiquities of Roman Britain*”. Assim sendo, esta sepultura é a prova de que o Cemitério Noroeste continuava sob a basílica e a sul desta. A presença do cadeado torna esta sepultura enigmática: trata-se de uma peça de caixão ou sarcófago, ou mais provavelmente de uma porta (pelas suas dimensões). Esta descoberta em si não revela o seu carácter espectacular nem excepcional (só se o cadeado tivesse algum significado de grande importância que nos escape). Todavia, e como Stephanie Maloney refere no relatório de 2001, a sua posição frente à abside 2, não é, de certeza, ocasional.

Os numismas achados pela equipa americana na basílica resumem-se a um *As* júlio-claudiano e sete moedas medievais.

2.2.4. Utilização da basílica depois do seu abandono

A parede de construção grosseira que foi encontrada ao longo do muro sul da nave sul da basílica está associado a ossos de animais domésticos e cerâmica dita “romana e alto-medieval”²⁵². Trata-se pois de uma construção com toda a certeza posterior à vida religiosa da basílica, possivelmente num momento de utilização doméstico do sítio depois do século VIII. Esta descoberta é de pôr em relação com a lareira descoberta por Lino da Silva por cima da sepultura B (sepultura U de Maloney) e perfeitamente visível na fotografia TP. 197 datada de 1955. Esta lareira foi muito provavelmente removida durante as escavações dos anos 1950 pois não são mais referidas em nenhum estudo posterior a esta data. A planta 6, desenhada em 1969 (fig. 8), conservada no AMH, que terá servido para a publicação de Fernando de Almeida, já não apresenta esta lareira. Ora é dos únicos indícios claros da

²⁴⁹ Caeiro *et alii* (1984) - Relatório dos trabalhos efectuados em 1984 da estação arqueológica de Torre de Palma” – Monforte, p. 2.

²⁵⁰ Maloney (2001) - Final Report, p. 465.

²⁵¹ Anexo II, 1, fig. 15.

²⁵² *Ibidem*.

utilização doméstica feita na zona da basílica, depois do seu abandono. Infelizmente não se sabe de quando data este abandono pois nenhum elemento datante foi registado mas pode considerar-se que terá sido a partir do século VIII.

O que se pode depreender é que o abandono das funções religiosas da basílica foi seguido por uma ocupação doméstica (de abrigo ou de habitação duradoura?). No entanto, utilizar um lugar santo para viver pressupõe que o lugar já não tivesse significado ou tivesse sido abandonado pelas autoridades religiosas. Acreditamos assim que esta utilização deverá ter ocorrido bastante tempo depois do funcionamento da igreja visigótica, antes de ser erguida a ermida de S. Domingos no século XIII.

A única certeza que se tem pelo facto de as estruturas domésticas se encostarem aos muros da antiga basílica é que nesse período desconhecido estes muros ainda estariam visíveis.

2.3. Conclusões acerca das sepulturas dentro e fora da basílica e do baptistério

A conclusão dos dados arqueológicos das escavações portuguesas e americanas é magra: além de nos darmos conta de que quase todas as sepulturas foram escavadas nos anos 1950, sem os devidos cuidados, os dados fornecidos pela equipa da Universidade de Louisville acerca das sepulturas são poucos.

Talvez possamos reunir em três fases as sepulturas aí existentes: 1) as sepulturas romanas, ou prévias à construção da basílica, 2) as sepulturas contemporâneas a esta, que representam talvez a maioria (entre as quais a sepultura 2-A e 5-A), 3) as sepulturas medievais ou posteriores ao abandono da basílica.

As que nos interessam aqui são as do primeiro grupo e resumem-se talvez a duas arqueologicamente atestadas: a sepultura 1-A, escavada por Lino da Silva e a sepultura escavada na rocha mãe com cadeado em frente à abside 2. As estruturas arquitectónicas por baixo da abside 1 poderão fazer parte desta fase funerária romana, mas podem igualmente ser somente uma primeira fase construtiva da basílica, uma cabeceira tripartida? Podemos assim afirmar que a basílica paleocristã foi construída, não ao lado, mas por cima da necrópole da *villa*. A questão que veremos na conclusão geral sobre Torre de Palma, é a de perceber se esta basílica foi construída numa necrópole ainda em uso ou já não e qual teria sido a razão para tal construção.

3 - Cemitério a NW da basílica

3.1. Dados das escavações portuguesas

3.1.1. Fontes documentais acerca do cemitério NW

Este cemitério foi escavado em 1960 durante alguns dias de Agosto e numa segunda fase em finais de Setembro. Temos somente algumas cartas²⁵³ e uma planta desenhada a lápis por Lino da Silva para perceber como se organizava este cemitério, que ele denomina “*Cemitério ao pé das Ermidas*”²⁵⁴. Infelizmente, o escavador não nos revela a numeração das sepulturas nem as suas localizações precisas.

²⁵³ Cartas de Lino da Silva datadas de 18.08.1960 (com planta), 25.08.1960, 20.09.1960, 28.09.1960, 04.10.1960 (AMH).

²⁵⁴ Anexo II, 1, fig. 16.

Através do desenho de Lino da Silva (datado da primeira fase das escavações) são visíveis apenas vinte e duas sepulturas (que numerámos de n.º1 a n.º22 para facilitar o seu estudo), das quais quatro estão inseridas num pequeno edifício rectangular cuja soleira da porta de entrada é assinalada na parede Sul. Pelas características formais destas estruturas denominamos este edifício de “mausoléu oeste”. Graças à carta datada de 18.08.1960, sabemos que este edifício era cavado dentro da rocha (“*dentro dela era toda em rocha*”), tinha alicerces de pedra e cal e as paredes internas eram provavelmente decoradas por placas de mármore (“*creio que as paredes eram forradas de pedra de mármore*”). O material que lá se encontrou resume-se a “*algumas peças de cerâmica, duas urnas, duas fíbulae e duas moedas*” (Silva, carta 18.08.1960). Infelizmente não sabemos onde foi encontrado este material, se dentro de sepulturas e quais delas.

Nove sepulturas inserem-se numa outra estrutura de dimensões maiores e que se encontra a Leste do dito mausoléu. Esta estrutura é, segundo Lino da Silva, uma “*construção de pedra e terra muito difícil de perceber*”, mas pensa “*que era para segurar as paredes das sepulturas*” (Silva, 18.08.1960). As restantes nove sepulturas estão dispostas por fora e à volta desta estrutura maior. De um modo geral, as sepulturas são orientadas E-O, a não ser três (n.º10, n.º14 e n.º15) que estão orientadas N-S.

A primeira informação que se pode tirar do desenho de Lino da Silva é a indicação de separações internas feitas de pedra e cal, cobertas por mármore no interior do Mausoléu Oeste²⁵⁵.

A segunda informação útil do esboço de Lino da Silva é a existência de esqueletos ou ossos em dezasseis das sepulturas. É de notar que nenhum esqueleto foi desenhado dentro das quatro sepulturas situadas no interior do chamado Mausoléu. Isso poderia significar que as sepulturas não tivessem sido abertas, o que não parece viável pois Lino da Silva escavava todas as sepulturas que encontrava. A outra hipótese seria que Lino não os tivesse desenhado²⁵⁶. Estranhamente há registos de ossos nas sepulturas n.º1, n.º2, n.º3 e n.º4 do “Cemitério de Torre de Palma” no MNA (*vide infra*). Segundo Hale (1995, p.459), haveria “informadores locais” que teriam afirmado que uma destas sepulturas do Mausoléu Oeste não continha esqueletos mas unicamente peças cerâmicas, o que poderia indiciar a presença de uma sepultura de incineração.

Todos os esqueletos desenhados nas sepulturas encontram-se no interior do recinto a leste do mausoléu e dentro das sepulturas isoladas. No recinto são visíveis pelo menos seis sepulturas com inumações colectivas e/ou múltiplas: uma com clara redução de dois esqueletos aos pés do último inumado (n.º9), duas com um esqueleto em conexão anatómica e um crânio ao lado da cabeça deste (n.º11, n.º12), e três com osso(s) longo(s) ao lado da última pessoa enterrada (n.º5, n.º19 e n.º21). As restantes sepulturas dentro do recinto parecem ter contido somente um esqueleto (n.º6, n.º7, n.º8, n.º13, n.º14, n.º15). Nas sepulturas isoladas, duas aparecem vazias (n.º10, n.º18), três apresentam ossos desorganizados de vários esqueletos (n.º17, n.º20 e n.º22), uma sepultura de criança (n.º16), assim como um conjunto de duas sepulturas adossadas uma à outra, uma de adulto com esqueleto inteiro e uma de criança com esqueleto desorganizado (n.º19 e n.º20)²⁵⁷. Não há representações das sepulturas de incineração (covas e/ou urnas) de que Lino da Silva faz menção nas suas cartas.

A terceira informação que se pode tirar deste desenho refere-se ao espólio funerário de algumas sepulturas. De facto, em três destas sepulturas parecem ser visíveis peças sucintamente desenhadas: na sepultura n.º6, sobre o ombro direito do esqueleto vê-se um pequeno jarro de gargalo comprido e asa virada a Norte, parecido com o jarro inventariado no Museu como sendo de uma “sepultura VI”; na

²⁵⁵ Estas separações internas já não são visíveis nas escavações americanas, somente à volta da sepultura n.º4 (NW 1a).

²⁵⁶ O desenho de Lino data dos primeiros dias de escavação, pelo que não está completo. Falta pelo menos uma sepultura no mausoléu (sepultura NW 1-e das escavações americanas) uma vez que em 1985 a totalidade das sepulturas tinha sido já escavada (salvo a NW 34, descoberta pelos americanos).

²⁵⁷ Este último conjunto não aparece nas escavações americanas.

sepultura n.º11 aparece ao pé dos dois crânios outro jarro, mais bojudo, com asa virada a Norte, parecido com o púcaro inventariado no Museu como provindo de uma “sepultura VIII”; na sepultura n.º12, por baixo do ombro esquerdo, consegue-se avistar um pote de perfil curvilíneo, parecido com aquele no Museu como sendo de uma “sepultura VII”. Infelizmente, não é possível ter certezas acerca destas analogias. Como veremos mais abaixo (Quadro 6), a numeração das sepulturas no Museu divide-se em duas partes: as sepulturas com numeração latina (que continham espólio arqueológico) e as sepulturas com numeração árabe (que continham só ossos). De facto, os números seguem-se de 1 até 30 e mudam de caracteres consoante têm material arqueológico ou não. É provável que este sistema numerário do Museu seguisse uma indicação colocada por Lino da Silva nas peças.

A quarta informação que nos fornece o “arqueólogo” é o facto de, na segunda fase das escavações, em Setembro, ele começar a encontrar várias sepulturas de incineração que continham peças de cerâmica de *terra sigillata*²⁵⁸. Estas incinerações aparecem próximo da estrada: “*tenho reparado que as sepulturas de incineração, com peças de cerâmica de terra sigillata, começaram aparecer próximo da estrada, a onde tenho também encontrado fragmentos da mesma cerâmica*” (Silva, 28.09.1960). Esta indicação comprova que esta estrada (ou caminho) seria provavelmente já um dos caminhos de acesso ao Norte da *villa*. É de notar que Fernando de Almeida encontrou igualmente fragmentos de *terra sigillata* perto do caminho quando lá fez as sondagens em 1971 (Caderno F. Almeida, 1971, Arquivo MNA), o que confirma os dados de Lino da Silva.

A única sepultura em que o material nela contida é sumariamente descrito por Lino da Silva provém desta zona próxima do caminho que separa actualmente o cemitério da basílica: “(...) *sepultura de incineração; dentro dela encontrei as seguintes peças: 6 taças de cerâmica de terra sigillata, algumas com marcas, uma peça inteira de vidro, de feitio de garrafa e 6 peças de cerâmica vulgar. (...) O cemitério atravessa a estrada, pouco mais ou menos em direcção das Ermidas; esta sepultura já encontrei à beira dela, creio que ainda debaixo há mais.*” (Silva, 28.09.1960). Ora, através do material conservado no Museu, uma sepultura chamada “Sepultura XXVII - Cemitério de Torre de Palma” contém exactamente o número e o tipo de peças descritas na carta: seis peças de *terra sigillata*, seis peças de cerâmica comum (das quais uma cerâmica de paredes fina) e uma peça de vidro (um unguentário).

3.1.2. Material arqueológico do cemitério NW

Como já referimos, existe material arqueológico provindo deste “*cemitério ao pé das Ermidas*” nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia. Este cemitério terá talvez tido uma utilização já durante a Idade do Ferro, apesar de certas atribuições serem problemáticas por não se ter informações suficientes acerca da localização de achamento de tais peças²⁵⁹. Contudo, podemos definir várias sepulturas e datá-las através do material encontrado.

²⁵⁸ Estas sepulturas não aparecem no desenho que data do início das escavações.

²⁵⁹ A questão problemática acerca deste material pré-romano não é objecto do nosso estudo e já foi tratada no artigo de Langley *et al.* em 2007. Porém, não queremos deixar de referir que após análise minuciosa da totalidade dos documentos desde 1947 até 1971, guardados no Arquivo do M.N.A. assim como dos registos das peças deste Museu, entre os quais uma lista de sítios da Idade do Ferro com numeração concordante com algumas das peças, realizada em 1971, concluímos que uma grande parte do material da Idade do Bronze e do Ferro não deverá ter provindo de Torre de Palma. Achamos que este poderá ter provindo do Monte do Pombal e/ou de Vaíamonte. De facto, estes três sítios foram escavados pelos mesmos homens que iam intercalando o trabalho numa só campanha de escavação, e isso durante vários anos. Quando se quantifica o material descrito nos relatórios e nas cartas, **a abundância de material proto-histórico referida nas cartas e nos relatórios refere-se exclusivamente a Vaíamonte e a Pombal, contra uma grande "pobreza" nos cemitérios e na basílica de Torre de Palma** (razão pela qual Lino da Silva se alegra tanto em 1960 dos achados de cerâmica de *terra sigillata* no Cemitério ao pé das Ermidas “*em Torre de Palma nunca apareceu tanta cerâmica como neste cemitério*” carta 25.08.1960). Outro exemplo para ilustrar as nossas dúvidas: o material da sepultura XVIII estava na vitrina 48 juntamente com material de Tróia até 1982, ano da remodelação do M.N.A.. Sabemos, por indicação de vários investigadores que ajudaram na remodelação

Nas reservas do Museu, várias peças cerâmicas (e algumas peças em metal de indumentária), quase sempre intactas, provêm do “Cemitério ao pé das Ermidas”²⁶⁰. Como já referimos, a total concordância entre o espólio descrito de uma sepultura numa das cartas de Lino da Silva e o material inventariado da sepultura XXVII dos registos do M.N.A., assim como a grande coincidência entre o desenho do espólio de três enterramentos no desenho do Lino e o espólio guardado no Museu das sepulturas VI, VII e VIII, faz-nos acreditar que estas e as sepulturas XII, XIII, XIV, XV, XXIII, XXIV e XXIX possam igualmente fazer parte deste cemitério. Esta é uma proposta de estudo que infelizmente não passa disso mesmo uma vez estarmos na ausência de documentação que comprove esta atribuição²⁶¹.

Optámos por não estudar as peças com proveniências incertas ou com indicações gerais vagas²⁶² por não nos fornecerem informação suficiente acerca do contexto de achamento e por terem peças com cronologias muito díspares. Escolhemos somente apresentar uma dezena de peças de metal avulso que, pelas suas características formais, se enquadram no período romano e visigótico e que deverão ter provindo de sepulturas deste cemitério ou de sepulturas da basílica. Estas peças são apresentadas no fim do catálogo do material funerário. Excluímos todas as sepulturas e peças datadas da Idade do Ferro²⁶³ assim como as sepulturas que só continham vestígios osteológicos²⁶⁴ uma vez que não temos informação sobre as características das sepulturas em si e não tratamos dos aspectos antropológicos²⁶⁵.

Graças à sequência dos números das sepulturas conservadas no MNA aqui estudadas (porque contendo espólio funerário) providas do Cemitério NW e dos números das sepulturas (só contendo ossos) sem indicação precisa de cemitério, podemos afirmar que todas deverão provir de um mesmo cemitério, o Cemitério NW (ao pé das Ermidas) que devia se estender até à basílica.

Sepulturas com restos osteológicos	Sepulturas com espólio funerário
1, 2, 3, 4, 5 (cemit. ao pé das ermidas)	VI (cemit. ao pé das ermidas), VII, VIII
9, 10, 11	XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII
(19, 20, 21, 22?)	XXIII, XXIV (cemit. ao pé das ermidas)
25, 26 (cemit. ao pé das ermidas)	XXVII (cemit. ao pé das ermidas)
28	XXIX, XXX

Quadro 6. Sepulturas de TP registadas através de números (árabe/romano) nas Reservas do M.N.A.

deste Museu, que ao abrirem-se as portas das vitrinas, as etiquetas “voavam” e que se operou uma grande confusão nos registos...

²⁶⁰ Segundo os registos aparecem também as indicações “Cemitério de Torre de Palma” ou “Necrópole de Torre de Palma”, denominações atribuídas provavelmente mais tarde.

²⁶¹ Somente as sepulturas VI, XXIV e XXVII têm a indicação clara “Cemitério ao pé das Ermidas”.

²⁶² Complexos excluídos: “Ao pé do Cemitério” (2000.403, 2000.404), “Cemitério” (2000.405, 2000.406), “Cemitério ao pé das Ermidas” (2000.393, 2000.394), “Capelas” (2000.400, 2000.401), “Cemitério, Fora das sepulturas” (2000.408), “Sepultura?” (2004.012), “Capela?” (2004.011), “Junto com material do cemitério ao pé das Ermidas” (2000.397), “Ao pé de uma sepultura de inumação” (200.410). Certos complexos apresentam camadas 25-50, 50-75 ou “profundidade” 0,25; 0,50, informação que de nada serve uma vez que não havia um método estratigráfico consequente.

²⁶³ Sepulturas ou complexos somente com material proto-histórico: sepultura XVI (2000.419), XVII (2000.420), XVIII (2000.421), XXX (2000.426), “sepultura - cemitério das Ermidas, prof. 0,50” (2006.199).

²⁶⁴ Do “Cemitério”, sepulturas: A (2005.236), B (2005.237), E (2005.241), F (2005.242), M (2005.243), 1(2005.205), 2 (2005.238), 3 (2005.239) (as sepulturas com letras deverão, na realidade provir da basílica e as sepulturas com números do cemitério NO); e sem indicação precisa de proveniência: sepulturas F (2005.224), 2 (2000.208), 3 (2005.209), 4 (2005.210), 5 (2005.212), 9 (2005.215), 10 (2005.216), 11 (2000.217), 25(2000.218), 26 (2005.219), 28 (2005.220) (as sepulturas com letras deverão provir da basílica e as sepulturas com números do cemitério NO). Do “cemitério ao pé das Ermidas”, sepulturas: 5(2005.245), 26 (2005.244).

²⁶⁵ Os estudos dos ossos foram realizados por Mary Lucas Powell, da Universidade de Kentucky.

Ordenámos as peças por sepultura, independentemente da sua cronologia discrepante, uma vez que faremos o estudo global da necrópole no fim deste capítulo. Para cada ficha de material tentámos juntar o máximo de informações coligidas nos registos do MNA (fichas de inventário, etiquetas, registos de contentores, fotografias antigas com legendas, etc.). As medidas estão expressas em centímetros.

No fim aparecem as dez peças de cariz romano e visigótico provindo de contextos vagos.

Descrição do espólio conservado no MNA²⁶⁶

Sepultura VI (sepultura n.º6?)

Cemitério de Torre de Palma /Cemitério ao pé das Ermidas/Necrópole

Inumação. Restos osteológicos: no mínimo um indivíduo.

Espólio: pequeno jarro de cerâmica comum (n.º inv. 2000.412.1)

TP. VI. 1: Pequeno jarro²⁶⁷ de bojo com perfil em S, gargalo afunilado, bordo recto, fundo plano. A asa vertical parte do bordo e pousa a meio do bojo. Pasta grosseira, dura e porosa, de cor castanha avermelhada (2,5YR5/6). Inclusões muito abundantes de tamanho grande e médio e forma angulosa de cor preta (xisto?) e preto avermelhado. Raras inclusões de tamanho pequeno de cor branca (quartzo?). Restos de engobe de mesma cor avermelhada. **Dim.:** Alt. máx. 15; diâm. boca: 4; diâm. max. bojo: 8 diâm. pé: 5.

Estado de conservação: peça completa, partida e colada no gargalo e na asa. Parte da boca com restauro antigo.

Tipologia: jarro Flörchinger tipo 4-A.

Paralelos: Gerena (Sevilha), jarros das sepulturas 12, 24, 31, 37, 39. Casa Herrera (Badajoz), jarros das sepulturas 5, 16, 31, 38, 44, 53. Jarro da necrópole de Alte (Loulé) (Gomes, fig. 21)

Cronologia proposta: 590/610 - 650/670

Bibliografia: Flörchinger (1998: 11, Taf. 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18); Gomes (2002: 377, fig. 21)

Sepultura VII (sepultura n.º12?)

Cemitério de Torre de Palma/Necrópole

Inumação. Restos osteológicos: no mínimo dois indivíduos.

Espólio: um pote de cerâmica comum (n.º inv. 2000.413.1)

TP. VII. 1: Pote²⁶⁸ de bordo quase vertical, gargalo levemente afunilado, bojo cilíndrico e fundo levemente côncavo, quase recto. Nota-se uma diferença de tratamento da superfície: pincelada no bordo e alisada no bojo. Linha ondulada por cima do ombro. Trabalho manual, sem torno. Pasta ocre-acinzentada (10 YR 6/4), grosseira e média. **Dim.:** Alt. 11,4; diâm. boca: 9, diâm. bojo: 12

Estado de conservação: Muito bom, peça intacta, sofreu acção do calor o que provocou uma fenda ao longo de toda a peça e escureceu grande parte da superfície.

²⁶⁶ As peças de cerâmica fina (*terra sigillata* e paredes finas) foram publicadas em obras com objectivo tipológico (Mayet, 1883) mas nunca como conjuntos funerários contextualizados.

²⁶⁷ Anexo II, 1, fig. 17.

²⁶⁸ Anexo II, 1, fig. 18.

Tipologia: pote Flörchinger tipo 1-B.

Paralelos: para a forma: Casa Herrera (Badajoz), pote das sepulturas 2, 31, Einzelfund 1; El Gatillo de Arriba (Cáceres), sepultura 1; Aiguacuit (Terrassa, Barcelona), pote n.º1; Teatro de Cartagena (bairro bizantino), pote n.º 88; Aldaieta (Álava), pote n.º5 e para a decoração: pote n.º 6. Mesmo tipo de decoração em jarros encontrados em San Pedro de Alcántara, sepultura 21 e 94.

Cronologia proposta: Flörchinger propõe uma datação de 540/560-590-610; López, Múrcia e Azkarate apontam de maneira mais geral para os séc. VI e VII.

Bibliografia: Flörchinger (1998: p. 8 e Taf. 4, 5, 14, 17, 21, 22); López Mullor *et al.* (2003: 48 e fig. V, n.º1); Múrcia Muñoz *et al.* (2003: 188, fig. 10, n.º 88) ; Azkarate *et al.* (2003: 342-344, fig. 19, n.º 5 e n.º6.)

Sepultura VIII (sepultura n.º11 ?)

Cemitério de Torre de Palma/Necrópole

Inumação. Restos osteológicos: no mínimo três indivíduos.

Espólio: um pequeno jarro de cerâmica comum (n.º inv. 2000.414.1)

TP. VIII. 1: Pequeno jarro²⁶⁹ de lábio extrovertido, bojo ovóide, pé não perfilado, ligeiramente convexo, asa de secção ovalada subindo ligeiramente por cima do bordo. Trabalho a torno. Pasta cor laranja acastanhada (5YR6/6). Pasta média, algumas inclusões de quartzo de tamanho médio, muitas pequenas inclusões de feldspato, alguma cerâmica moída (?), alguma mica dourado. Cozedura oxidante. **Dim.:** Alt. 9,2 diâm. boca: 6,3 diâm. max. bojo: 9,4 diâm. pé 5,2.

Estado de conservação: Muito bom, peça completa. Sofreu acção do calor.

Tipologia: talvez jarro Flörchinger tipo 5-C, mas em versão “púcaro” (a altura é menos 1 a 3 cm do que os jarros deste tipo).

Paralelos: não encontramos paralelos satisfatórios mas peças que se enquadram no mesmo tipo de bordo, de perfil e de fundo plano: as peças da *villa* de Saucedo, achadas na área do baptistério (Ramos Sainz, lám. 5, 6, 7); bilha n.º2 da necrópole II da Azinhaga da Boa Morte (Castelo de Vide) numa versão mais grosseira²⁷⁰ mas com a asa ligeiramente mais alta do que o bordo; púcaro Nolen n.º211 (museu Vila Viçosa, sem proveniência) mas com a asa ao mesmo nível do que o bordo.

Cronologia proposta: as peças da zona do baptistério da *villa* de Saucedo datam a partir de finais do século V- inícios do século VI; a bilha de Azinhaga da Boa Morte II data dos séc. VI –VII; o púcaro de Vila Viçosa tem paralelos datados do século I ao período visigótico.

Bibliografia: Caeiro (1984: 4, fig.8, 11 e 11-A); Ramos Sainz (1994: 105-110, lám. 5, 6, 7); Nolen, (1985: 75-76 e 194, fig. 15; Est. XXVII).

Sepultura XII

Incineração. Cemitério de Torre de Palma/Necrópole.

Espólio: uma pequena taça de paredes finas (n.º inv. 2000.415.1)

²⁶⁹ Anexo II, 1, fig. 19.

²⁷⁰ O paralelismo foi feito através de uma fotografia da bilha, o artigo não apresenta o desenho.

TP. XII.1: Pequena taça²⁷¹ de bojo carenado, bordo arredondado, pé perfilado. Traços do torno muito visíveis no interior. Pasta de cor bege esbranquiçado, muito fina, minúsculas inclusões de cor preta e avermelhada (cerâmica moída?), algumas inclusões brancas de tamanho pequeno. Engobe castanho claro alaranjado (5 YR 6/8) com variações importantes, do laranja ao castanho escuro. Pasta 2 a? (Nolen, 1981). Cozedura irregular com marcas pretas na parte inferior. **Dim.:** alt. 5,7; diam. boca: 8,5, diâm. pé: 3,3

Estado de conservação: Muito bom, peça inteira. Engobe saiu na parte superior do bojo, marcas do calor provocado por uma cozedura irregular na parte inferior do bojo.

Tipologia: paredes finas forma Mayet XLIII lisa de um atelier emeritense (dimensões mais reduzidas e paredes ligeiramente mais espessas)

Paralelos: taças n.º 507 e n.º 510 de Mérida (Museu Arqueológico de Mérida) e n.º514 do Alto Alentejo (Palácio Ducal de Vila Viçosa)

Cronologia proposta: 2ª metade do século I – inícios do séc. II d.C. (Nolen, 1981)

Bibliografia: Mayet (1975: 98-100, pl. LXII, n.º 507, n.º510, n.º514); Nolen *et al.* (1981: 56-57).

Sepultura XIII

Incineração. Cemitério de Torre de Palma.

Espólio: um púcaro de cerâmica comum²⁷² (pertencente ao complexo n.º 2000.416)

TP. XIII. 1: Púcaro²⁷³ de bordo arqueado revirado para o exterior, bojo largo de carena arredondada, pé perfilado, duas asas talvez caneladas (na ficha: “*duas asas em fita na base das quais corre uma canelura*”). Apresenta um grafito na parte inferior do bojo. Pasta clara e fina de tipologia não determinável (na ficha: “*barro esbranquiçado com impurezas de grão fino e médio. Apresenta ainda vestígios de engobe*”). Dimensões transcritas na ficha: alt. 10,8; diâm (máximo?). 10,6.

Estado de conservação: na ficha: *intacta*.

Tipologia: talvez púcaro Nolen tipo 1-a / 1-b

Paralelos: Nolen (1985): Serrones: púcaros n.º 139 (Ser.?) e n.º141; Padrãozinho: n.º 140 e n.º143.

Cronologia proposta: meados do século I a meados do século II d.C. (Nolen (1995-1997).

Bibliografia: Nolen (1985: 68-69 e 187, fig. 12; Est. XXI, n.º 139, n.º 140, n.º 141, n.º 143); Nolen (1995-1997: 370).

Sepultura XIV

Incineração. Cemitério de Torre de Palma / Necrópole

Espólio: uma púcara de cerâmica comum (n.º inv. 2000.417.1)

TP. XIV. 1: Púcara²⁷⁴ de bordo arqueado revirado para o exterior, bojo ovóide, com carena alta marcada por um sulco, pé pouco perfilado, duas asas que arrancam por baixo do bordo e assentam no

²⁷¹ Anexo II, 1, fig. 20.

²⁷² Púcaro não localizado no museu, somente identificado através de uma fotografia (Arq. Fot.) em que está ainda cheia de terra e da antiga ficha de inventário n.º10.002/40/79 com uma fotografia da peça já limpa, em 1979.

²⁷³ Anexo II, 1, fig. 21.

²⁷⁴ Anexo II, 1, fig. 22.

ombro. Leve decoração com estrias paralelas no gargalo e ondulação na parte superior do bojo. Interior cinzento escuro. Pasta porosa e branda, beje Munsell 10YR8/3, bastante fina, mica dourado, prateado. Tipo pasta H (Nolen). **Dim.:** alt.: 12,3 diâm boca: 10,3 diâm. bojo: 13,1 diâm. pé: 4,9

Estado de conservação: bom, parte do bordo partido, bojo fracturado mas colado (restauro antigo). Sofreu acção do calor.

Tipologia: púcaro Nolen tipo 1-b

Paralelos: Santo André: púcaros E 2.11 e E 10.6; Serrones?: púcaro n.º 139; Padrãozinho: púcaro n.º143 (mesma decoração no bojo).

Cronologia proposta: meados do século I a meados do século II d.C. (Nolen (1995-1997).

Bibliografia: Nolen *et al.* (1981 : 128 e 153, 159, Est. XXXI, E 2.11, Est. XLII, E. 10.6); Nolen (1985 : 68-69 e 187, fig. 12, est. XXI, n.º 139 e n.º 143); Nolen (1995-1997: 370).

Sepultura XV

Incineração. Cemitério de Torre de Palma / Necrópole.

Espólio: um anel de mesa em metal²⁷⁵ (n.º inv. 2000.418.1), um púcaro (n.º inv. 2000.418.2) e uma tigela (n.º inv. 2000.418.3) de cerâmica comum²⁷⁶

TP. XV. 1 : Anel em metal, aro de secção circular, mesa losangonal. **Dim.:** diâm.: 2,4.

Estado de conservação: anel completo, com conecções, necessita limpeza.

Tipologia: anel de mesa losangonal.

Paralelos: talvez anel n.º10 da Herdade da Chaminé (Viana) e n.º 25.3 (Ponte).

Cronologia proposta: cronologia relativa às peças da mesma sepultura.

TP. XV. 2: Púcaro de bordo revirado para o exterior cavado no dorso, bojo carenado, pé perfilado, decoração brunida de estrias diagonais e uma linha ondulada na altura dos arranques das asas, superfície alisada. Tem grafito estrelado na face externa do pé. Pasta bege alaranjada (7,5 YR 7/6), fina e porosa, minúsculas inclusões de cor preta e avermelhada, mica dourada e prateada, tipo pasta E (Nolen). Restos de aguada na parte inferior do bojo. **Dim.:** alt. 10,8, diâm. boca: 8,2; diâm. pé: 3,9;

Estado de conservação: peça quase intacta, falta pequena parte do bordo, asa colada.

Tipologia: púcaro Nolen tipo 1-c/d

Paralelos: mesmo púcaro (forma, decoração, dimensões) do que o n.º 153 (Nolen) depositado no Museu de Elvas.

Cronologia proposta: séc. I d.C. a III d.C.

TP. XV. 3 : Tigela de bordo em forma de aba quase horizontal e pé perfilado, com três marcas de torno muito visíveis por baixo do bordo. Pasta de cor laranja (2,5 YR 5/6) fina, dura, ocorrências de mica dourada e prateada, algumas inclusões de tamanho pequeno e médio de quartzo branco, raras

²⁷⁵ Anexo II, 1, fig. 23.

²⁷⁶ A ficha das vitrinas 287 e 290, a ficha de inventário antigo (10.002/5/79 e 10.002/41/79) e a ficha de contentor (cont. 5241-A e B) só registram estas três peças. Na ficha de inventário feito no ano 2000, aparece um fundo de potinho datado provavelmente da Idade do Ferro, sem se saber a razão de tal acréscimo.

inclusões de feldspato, raras inclusões ferromagnesianas, pasta E (Nolen). **Dim.:** alt. 4,4; diâm. boca: 13, diâm. pé: 4,4.

Estado de conservação: tigela completa, parte do bordo e da pança foram colados (restauro antigo).

Tipologia: tigela Nolen tipo 7-f (semelhante às Drag. 36)

Paralelos: tigela n.º406 de Serrones (Nolen)

Cronologia proposta: 2ª met. séc. I a meados séc. II, pelo que propomos uma cronologia para a sepultura entre a 2ª metade do séc. I d.C. até ao séc. III d.C.

Bibliografia: Viana (1950: fig. 16, anel n.º10); Ponte, 1986 (110-111, anel n.º 25.3); Nolen (1985: 70 e 107, Est. XXII púcaro n.º 153 e XXXIX, tigela n.º 406); Nolen (1995-1997: 374).

Sepultura XXIII

Incineração. Cemitério Torre de Palma /Necrópole.

Espólio: um púcaro (n.º inv. 2000.422.1) e uma púcara (2000.422.2) de cerâmica comum²⁷⁷.

TP. XXIII. 1: Púcaro de bordo extrovertido cavado no dorso, bojo ovóide de carena arredondada, pé perfilado e plano, tinha duas asas verticais com sulco mediano, superfície alisada. Tem decoração esgrafitada na parte superior do bojo: duas palmas estilizadas e três linhas verticais uma das quais acrescidas de um arco. Pasta de cor laranja arosado (5 YR 6/6), fina, dura, raras inclusões de quartzo (uma grande), de mica dourada e de feldspato). Provavelmente Céramique Orangée Fine (Alarcão) ? **Dim.:** alt.: 10,2 diâm. boca: 9,1 diâm. bojo: 12 diâm. pé: 4,1;

Estado de conservação: púcaro quase completo, falta-lhe uma asa e parte do bordo.

Tipologia: púcaro Nolen tipo 1-a/b.

Paralelos: púcaro: n.º 141 (Serrones); púcaro n.º 143 (Padrãozinho)

Cronologia proposta: meados séc. I – meados séc. II d.C.

TP. XXIII. 2: Púcara de bordo recto extrovertido, bojo arredondado com leve carena marcada por um sulco horizontal, pé levemente perfilado e plano, tinha duas asas verticais com sulco mediano que partem por baixo do lábio e assentam em cima da carena, superfície alisada, leve aguada. Pasta cor laranja acastanhada (5 YR 6/6), fina, dura, muitas inclusões minúsculas de mica dourada e prateada, algumas pequenas inclusões, brancas de feldspato. Céramique Orangée Fine (Alarcão)? **Dim.:** alt.: 14,7 diâm. boca: 10,5 diâm. bojo: 14,1 diâm. pé: 5,1.

Estado de conservação: púcara quase completa, falta-lhe uma asa; foi colada.

Tipologia: púcara Nolen tipo 1-e.

Paralelos: púcara n.º 157 do Museu de Elvas (Nolen)

Cronologia proposta: púcara com paralelos do séc. II pelo que a sepultura poderá datar dos meados do séc. I ao séc. II d.C.

Bibliografia: Nolen (1985: 70, est. XXI e XXIII, n.º141, n.º 143 e n.º157); Nolen (1995-1997: 370).

²⁷⁷ Anexo II, 1, fig. 24.

Sepultura XXIV

Incineração? Torre de Palma, Cemitério ao pé das Ermidas/Cemitério de Torre de Palma / Necrópole

Espólio: um púcaro de cerâmica comum (pertencente ao complexo n.º 2000.423²⁷⁸)

TP. XXIV. 1: Púcaro²⁷⁹ de bordo extrovertido, bojo de perfil em S, fundo parece plano, duas asas (na ficha: *asas de fita com sulco*). Pasta clara e fina não classificável (na ficha: *barro alaranjado com resíduos de engobe*). Dimensões indicadas na ficha: alt.:9 diâm.: 8,8 diâm. boca: 6,5

Estado de conservação: na ficha: *Intacta*.

Tipologia: deverá fazer parte dos púcaros Nolen tipo 3, talvez 3-a; no entanto a forma é muito semelhante à TSH lisa Mezquiríz 1.

Paralelos: pela fotografia é parecido com o púcaro n.º197 de Padrãozinho (Nolen), mas o perfil em S também tem parecenças com os púcaros n.º 566 a 569 em Céramique Orangée Fine de Conímbriga. É igualmente muito parecido com o púcaro n.º22 de forma 1 Hispânica decorada de uma colecção privada de Aramenha.

Cronologia proposta: se a atribuição do tipo estiver certa, a cronologia proposta para os púcaros Nolen de tipo 3 é da 2ª metade do séc. I aos meados do séc. III d.C.; a cronologia dos púcaros de Conímbriga é problemática mas os autores das escavações apontam para o século I – inícios do II d.C.

Bibliografia: Nolen (1985: 73-74, Est. XXVI, n.º 197); Nolen (1995-1997: 371 e 382); Alarcão, (1975: 87, Est. XXVII, n.º 566 a 569); Neves (1972: Est. II, n.º22).

Sepultura XXVII

Incineração²⁸⁰. Cemitério ao pé das Ermidas / Cemitério de Torre de Palma / Torre de Palma sepultura 27

Espólio: 6 peças de *terra sigillata*²⁸¹, 6 peças de cerâmica comum (das quais duas de paredes finas), um unguentário de vidro²⁸²

Cerâmica comum

TP. XXVII. 1: Garrafa²⁸³ (n.º inv. 2000.424.1) com bordo de aba horizontal, gargalo curto e largo, bojo cilíndrico carenado, fundo com ligeira saliência e levemente côncavo, asa decorada com dois sulcos, marca do corte do fundo por um fio deixando várias marcas concêntricas. Pasta de cor laranja (5 YR 6/8), média, porosa, muitas inclusões distribuídas de maneira regular e de tamanho pequeno e médio:

²⁷⁸ Púcaro não localizado no Museu, descrito através de uma fotografia de 1979 (Arq. Fot.), a ficha de inventário antiga com fotografia da peça limpa.

²⁷⁹ Anexo II, 1, fig. 25.

²⁸⁰ Cf. Carta de Lino de Silva (28.09.1960): “ (...) *Participo a V. Exa., continuo a explorar (sic) o cemitério, a onde já encontrei mais uma sepultura de incineração; dentro dela encontrei as seguintes peças: 6 taças de cerâmica de terra Sigillata, algumas com marcas, uma peça inteira de vidro, de feição de garrafa, e 6 peças de cerâmica vulgar (...)*”

²⁸¹ A maioria destas peças já foi publicada pela Mayet (1984) mas serão aqui apresentadas com a totalidade das peças com as quais foram encontradas.

²⁸² A ficha de inventário antigo acresce a esta lista uma espátula de cosméticos em bronze 10002/32/79 que não foi encontrada e um fragmento de bronze incaracterístico (2000.396.1). A ficha de inventário do ano 2000 tinha mais uma tigela Drag. 37 (989.21.1) e uma Drag. 24/25 (502.18) assim com uma tigela da Idade do Ferro (10002/3/78) que não fazem parte desta sepultura.

²⁸³ Anexo II, 1, fig. 26a.

feldspato, inclusões pretas: carvão? nódulos ferromagnesianos? mica dourada, superfície alisada. **Dim.:** alt.: 17,2 diâm. boca: 6,8 diâm. max.: 14,8 diâm. fundo: 11,5

Estado de conservação: peça fragmentada mas colada.

Tipologia: garrafa Nolen tipo 4, mas sem subtipo idêntico. O corpo e o fundo assemelham-se mais à forma de TSH lisa Mezquíríz 55.

Paralelos: não encontrámos nenhum paralelo exacto. Para a forma geral: garrafas Nolen tipo 4-a (Nolen, n.º80 de Padrãozinho e n.º81 de Serrones) e garrafas das sepulturas 198 (garrafa mais semelhante à nossa) e 484 de Valdoca em Aljustrel (Alarcão), sem nunca terem o gargalo maçudo como este. O fundo assemelha-se mais aos fundos das bilhas Nolen tipo 1-c (bilha n.º16 de Serrones ou n.º23 de Terena) ou do cântaro n.º3 de Silveirona. A forma do lábio e do gargalo encontra paralelo na garrafa n.º27 de uma colecção privada de Aramenha.

Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. II para as bilhas tipo 1-c e as garrafas tipo 4; fim séc. I - 1ª metade séc. II d.C. para sep. 198 de Valdoca.

Bibliografia: Nolen (1985 : 50-52, Est. II n.º16, Est. IV n.º23, Est. XII, n.º 80 e 81); Nolen (1995-1997: 369); Alarcão J. e A. (1966: 57-59, Est. XIV, sep. 198, Est. XXXIV, sep. 484.); Cunha (2008: 132, fig. 88, n.º3); Neves (1972: Est. IV, n.º27).

TP. XXVII.2: Garrafa ²⁸⁴(n.º inv. 2000.424.15) de lábio horizontal levemente descaído para o exterior e com uma reentrância interna, gargalo curto e estreito, ombro carenado marcado por um sulco, bojo cilíndrico, fundo plano, pequena asa vertical decorada por dois sulcos e por botão circular pousado entre a asa e o lábio, tinha uma leve aguada que desapareceu. Pasta cor ocre esbranquiçada (10 YR 8/4), média, porosa, abundantes inclusões de tamanho médio e pequeno de quartzo rolado, algumas inclusões de feldspato, inclusões de cor preta, rara mica dourada. Pasta D de Nolen ou pasta da Bética? **Dim.:** alt.: 13,5 diâm. boca: 3,8 diâm. bojo: 10,8 diâm. fundo: 9,8

Estado de conservação: Muito bom, peça completa com restauro no bordo, foi colada.

Tipologia: Garrafa tipo Nolen 4-a para a forma geral mas o lábio de secção triangular aparenta-se com o tipo 4-e. Esta garrafa é mais pequena que os seus paralelos.

Paralelos: garrafa n.º82 de Padrãozinho, n.º86 de Serrones; garrafa da sepultura 484 de Valdoca (Aljustrel) com maior semelhança na forma da boca.

Cronologia proposta: Flávios – meados do séc. II.

Bibliografia: Nolen (1985 : 50-52, Est. XII, n.º 82, Est. XIII, n.º 86); Nolen (1995-1997: 369); Alarcão J. e A. (1966: Est. XXXIV, sep. 484).

TP. XXVII. 3: Prato ²⁸⁵(n.º inv. 2000.424.13) de bordo amendoado, ligeiramente biselado e descaído para o interior, parede levemente curvada, fundo plano e ligeiramente côncavo, parede exterior alisada. Pasta de cor castanha alaranjada (2,5 YR 5/6) e superfície castanha quase preta, grosseira, porosa. Pasta A 1 (Nolen)? Algumas inclusões angulosas de tamanho grande e médio de feldspato, muitas inclusões de tamanho médio e pequeno de feldspato, quartzo, pequenas partículas de carvão. **Dim.:** alt.: 3,8; diâm. boca: 20,3 diâm.fundo: 14,3

²⁸⁴ Anexo II, 1, fig. 26b.

²⁸⁵ Anexo II, 1, fig. 27a.

Estado de conservação: razoável, falta pequena parte do bordo e operou-se um descolamento parcial da superfície das paredes.

Tipologia: prato tipo Nolen 2-b

Paralelos: prato n.º 221 de Terrugem; prato n.º 222, do Museu de Vila Viçosa (Nolen); prato n.º 76 de Silveirona (?); frigideira E 5.8 e prato E 7.7 de Santo André.

Cronologia proposta: a partir da 2ª metade do séc. I d.C.

Bibliografia: Nolen (1985: 195, Est. XXVIII, n.º 221 e n.º 222); Nolen (1995-1997: 372); Cunha (2008: 156, Fig. 100, n.º 76); Nolen *et al.* (1981: 155, 158, Est XXXV, E 5.8, Est. XXXIX, E 7.7).

TP. XXVII. 4: Pote²⁸⁶ (n.º inv. 2000.424.16) de bordo em aba horizontal, bojo ovalado, sem carena, estreita-se até à base plana, não desmarcada, ligeiramente côncava, superfície alisada. Pasta de cor castanha avermelhada (7,5 YR 5/4), fina, dura, pequenas partículas brancas de feldspato bem repartidas, minúsculas partículas de mica preta e dourada, leve aguada na parte inferior, vestígios de cor preta no interior do potinho. **Dim.:** alt.: 11 diâm. boca: 8,9 diâm. bojo: 10,1 diâm. fundo: 3,9.

Estado de conservação: peça intacta, pequena parte do bordo foi colada.

Tipologia: talvez pote tipo Nolen 2-k

Paralelos: nenhum paralelo satisfatório mas os que se assemelham mais, sobretudo na forma do lábio, são o pote n.º 490 de Horta das Pinas (Nolen); o pote n.º 1 da sep. 115 e o pote n.º 3 da sep. 465 de Valdoca (Alarcão); pote cr-100 de Torres de Ares. A forma geral da peça faz lembrar as paredes finas formas Mayet XXXVI, XL e XLV.

Cronologia proposta: para os potes tipo Nolen 2-k, a cronologia estende-se da época flaviana até aos finais do séc. III.

Bibliografia: Nolen (1985 : 122, Est. XLVI, n.º 490); Nolen (1995-1997: 374); Alarcão J. e A. (1966: 89, Est. XXXIII, sep. 465); Mayet (1975: Pl. XXXVI, XL e XLV); Nolen (1994: 141, fig. 40 e Est. 30, cr-100).

TP. XXVII. 5: Púcaro²⁸⁷ (n.º inv. 2000.424.7) de bordo cavado no dorso, bojo ovóide com leves depressões longitudinais com fim decorativo, um pequeno sulco marca a separação entre o gargalo e o bojo, tem uma asa fina decorada de três sulcos, a superfície devia levar engobe mas foi totalmente escovada, pequenos restos de engobe da parte interior da asa. Tem um grafito na parte inferior do bojo difícil de ler, será algo parecido com: NNOI IAXITI VA AV (parecido com o grafito da prato TP. XXVII.7). Pasta ocre (10 YR 8/4), fina e branda. Mica dourada e prateada, algumas ocorrências de cerâmica moída, vestígios de salpicos de tinta preta? Pasta H-2, provavelmente de um atelier emeritense. **Dim.:** alt. 8,7; diâm. boca: 7; diâm. bojo: 9,9 diâm. pé: 3, 9

Estado de conservação: Bom, peça colada mas inteira.

Tipologia: púcaro Nolen tipo 1-a.

Paralelos: púcaro n.º 141 de Serrones mas pasta diferente. Não encontramos paralelos para a decoração do bojo, talvez uma cópia de paredes finas ou de uma peça de vidro? Sendo a pasta muito

²⁸⁶ Anexo II, 1, fig. 27b.

²⁸⁷ Anexo II, 1, fig. 28a.

provavelmente provinda da região emeritense, podemos estar na presença de uma peça cuja pasta é normalmente utilizada para fabricar paredes finas.

Cronologia proposta: meados séc. I d.C. – meados séc. II d.C.

Bibliografia: Nolen (1985: Est. XXI, n.º 140); Nolen (1995-1997: 370).

TP. XXVII. 6: Taça²⁸⁸ (n.º inv. 2000.424.8) de Paredes Finas de "tipo casca de ovo"; bordo vertical com face interior côncava e canelura na face externa, bojo com carena arredondada alta e pé perfilado estreito. Pasta ocre esbranquiçado (5 YR 8/1), fina, branda, com minúsculas partículas de cerâmica moída (?) e de partículas de cor preta; engobe ocre alaranjado (5 YR 7/4) na parte superior da pança. **Dim.:** alt. 7,8; diâm. boca: 16,4 diâm. pé: 4,9 esp.: 0,2 a 0,5

Estado de conservação: bom, peça quase completa, falta parte do bordo, foi colada.

Tipologia: Paredes finas, faz parte de uma série de peças que não fazem parte de nenhuma série específica, mas todas provenientes de Mérida.

Paralelos: taça n.º 415 de Padrãozinho; taça de paredes finas n.º 632 de Mérida; tigela n.º1 da sep. 10 de Farrobo (cerâmica comum, em associação com um copo de PF)

Cronologia proposta: meados/fins séc. I.

Bibliografia: Nolen (1985 : Est. XL, n.º 415); Mayet (1975 : pl. LXXV, n.º 632); Alarcão (1974. 8 e 25, Est. III, n.º1 sep. 10).

Terra sigillata hispânica

TP. XXVII. 7: Prato²⁸⁹ (n.º inv. 2000.424.2) de *terra sigillata* hispânica. Na parte inferior do bojo: inscrição esgrafitada representando palma estilizada seguida da inscrição: AX I M HYO (algo como AXVMEY). Nota-se o buraco do torno a meio do pé no exterior assim como três linhas concêntricas, parece ter um defeito de fabrico na parte interna do prato (sulco que se torna uma fenda do lado exterior, provavelmente ocasionado pelo torno.). Pasta cor-de-rosa alaranjada (5 YR 7/6) com restos de engobe laranja acastanhado (2,5 YR 5/6), atacado provavelmente pela acidez da terra, pequenas e raras inclusões brancas. **Dim.:** alt.: 4,9; diâm. boca: 18,5; diâm. pé: 7,4

Estado de conservação: Bom, peça inteira, partida e colada na parte do bordo.

Tipologia: TSH, prato forma Drag. 15/17 (Andújar?)

Paralelos: prato TP. XXVII.8 da mesma sepultura; prato G 3.17 de Santo André.

Cronologia: Flávios até início do séc. II d.C.

Bibliografia: Mayet (1984, Pl. CCXXIII, grafito n.º26 (a peça em si não está representada)); Nolen *et al.* (1981: 164, Est. L, G 3. 17).

²⁸⁸ Anexo II, 1, fig. 28b.

²⁸⁹ Anexo II, 1, fig. 29a.

TP. XXVII. 8: Prato²⁹⁰ (n.º inv. 2000.424.9) de *terra sigillata* hispânica, com marca de oficina: OF . LVCIPi. Pasta laranja acastanhado (2,5 YR 6/6), fina e dura, com muitas minúsculas inclusões brancas, engobe laranja avermelhado (10 R 4/8). A má aplicação do engobe deixou manchas de tonalidades mais escuras no interior da taça. **Dim.:** alt. 4,8 diâm. boca: 17,1 diâm. pé: 7,1

Estado de conservação: Muito bom, peça intacta, partes do engobe saíram, a superfície interna da taça está picada, pequena perfuração na face externa do bojo.

Tipologia: TSH, prato forma Drag. 15/17 (*Tritium Magallum*, da Oficina de *Lucius Pi(...)* (Beltrán, 1990, p. 115)

Paralelos: prato TP. XXVII.7 da mesma sepultura; pratos n.º 30 e n.º47 da Colecção da Universidade de Sevilha, mesma oficina; prato G 3.17 de Santo André;

Cronologia: época claudiana até os Antoninos.

Bibliografia: Mayet (1984: pl. LVIII, n.º 30 e pl. LX, n.º 47, pl. CCXIII, grafito n.º310) o prato TP. XXVII.8 não está representado mas este grafito é dito como sendo de TP. Contudo, na prancha LVIII, o n.º 30 de Sevilha é dito como sendo o prato do grafito n.º310, pelo que não se sabe se o prato de Torre de Palma é representado ou não pelo grafito); Nolen *et al.* (1981: 164, Est. L, G 3. 17).

TP. XXVII. 9: Taça²⁹¹ (n.º inv. 2000.424.5) de *Terra Sigillata Hispanica*, marca de oficina muito esbatida (OF . [...]PI). Pasta laranja acastanhado (2,5 YR 6/6), fina, dura, com muitas minúsculas inclusões brancas, engobe castanho avermelhado (2,5 YR 4/8), bastante aderente, cozedura irregular o que provocou manchas de cor castanha. Vêem-se marcas de fabrico quando a pasta ainda estava tenra, alguns vacúolos de tamanho pequeno na parte exterior da taça. **Dim.:** alt. 5,6; diâm. boca: 13,2 diâm. pé: 5,4

Estado de conservação: Muito bom, peça inteira. Marca de oficina e fundo da taça gastos..

Tipologia: taça TSH Drag. 27de *Tritium Magallum* (OF. LVCIPi segundo Mayet).

Paralelos: taça TP. XXVII. 10 da mesma sepultura; inúmeras taças em Santo André, E 5.1 E e 5.6 por exemplo; na necrópole de Valdoca etc.

Cronologia: época claudiana até os Antoninos.

Bibliografia: Mayet (1984: Pl. LXV, n.º109 (= Torre de Palma, sep. 27, OF. LVCIPi)); Nolen *et al.* (1981: 155, Est. XXXIV, E 5.1, Est. XXXV, E 5.6).

TP. XXVII. 10: Taça²⁹² (n.º inv. 2000.424.6) de *Terra Sigillata Hispanica*, tem uma marca em X esgrafitada no interior da taça. Marca de oficina ilegível. Pasta cor-de-rosa alaranjada (2,5 YR 6/6), fina, dura, com engobe laranja acastanho (2,5 YR 4/8) muito aderente e bem cozido. As fracturas são nítidas. **Dim.:** alt.: 5,8; diâm. boca: 13,1 diâm. pé: 5,5

Estado de conservação: Bom, peça inteira, fracturada mas colada.

Tipologia: taça TSH Drag. 27de *Tritium Magallum*

²⁹⁰ Anexo II, 1, fig. 29b.

²⁹¹ Anexo II, 1, fig. 30a.

²⁹² Anexo II, 1, fig. 30b.

Paralelos: taça TP. XXVII. 9 da mesma sepultura; inúmeras taças em Santo André, E 5.1 E e 5.6 por exemplo; na necrópole de Valdoca etc.

Cronologia: época claudiana até os Antoninos.

Bibliografia: Não se encontra na obra da Mayet (1984); Nolen *et al.* (1981: 155, Est. XXXIV, E 5.1, Est. XXXV, E 5.6.)

TP. XXVII. 11: Pequena taça²⁹³ (n.º inv. 2000.424.4) de *Terra Sigillata Hispanica*. Pasta fina, dura, cor-de-rosa acastanhado (2,5 YR 6/6), com minúsculas inclusões de cor branca, engobe castanho avermelhado (2,5 YR 4/8), bastante aderente. A cozedura do engobe é irregular e provocou algumas bolhas no interior e exterior da taça, com manchas castanhas escuras, como para as cerâmicas finas. **Dim.:** alt. 3,4; diâm. boca: 8,5; diâm. pé: 3,6

Estado de conservação: Bom, peça inteira, com restauro antigo.

Tipologia: taça TSH Drag. 27de *Tritium Magallum*

Paralelos: pequena taça TP. XXVII. 12 da mesma sepultura; inúmeras tacinhas em Santo André, C 7.5 e E 10.10 por exemplo; na necrópole de Valdoca etc.

Cronologia: época claudiana – até os Antoninos.

Bibliografia: Mayet (1984 : pl. LXV, n.º 111 (Torre de Palma, sep. 27)); Nolen *et al.* (1981: 142, Est. IX, C 7.5, Est. XLII, E 10.10).

TP. XXVII. 12: Pequena taça²⁹⁴ de *Terra Sigillata Hispanica* (n.º inv. 2000.424.12). Sem marca de oleiro. Pasta laranja acastanhado (2,5 YR 6/6), fina e dura, com muitas minúsculas inclusões brancas, engobe laranja avermelhado (10 R 4/8). A má qualidade do engobe ou má cozedura provocou pequenas bolhas no interior da taça. A má distribuição do engobe deixou manchas no exterior da peça. Tem dois grafitos no interior, um que foi riscado: GEM[...] e outro FVRNIAE. No lado exterior do bojo foram esgrafitadas várias linhas oblíquas e uma horizontal, numa tentativa de desenhar algo? **Dim.:** alt.: 3,7 diâm. boca: 8,8 diâm. pé: 3,4

Estado de conservação: Muito bom, peça intacta com desgaste do engobe nas arestas. Pequena perfuração na face externa do bojo.

Tipologia: taça TSH Drag. 27de Andújar.

Paralelos: pequena taça TP. XXVII. 12 da mesma sepultura; inúmeras tacinhas em Santo André, C 7.5 e E 10.10 por exemplo; na necrópole de Valdoca etc.

Cronologia: Flávios – até inícios do séc. II d.C.

Bibliografia: Mayet (1984: pl. LXV, n.º114 (Torre de Palma, sep. 27); Pl. CCXXVI, inscrições n.º 82 (FVRNIAE) e n.º 85 (GEM)); Nolen *et al.* (1981: 142, Est. IX, C 7.5, Est. XLII, E 10.10).

Vidro

TP. XXVII. 13: Unguentário²⁹⁵ (n.º inv. 2000.424.3) de vidro, lábio arredondado, gargalo estreito e comprido, pança globular irregular. No centro da base côncava foi colado um pequeno pé cilíndrico (não ilustrado), descentrado, hoje partido. Vidro de cor verde amarelado transparente ligeiramente

²⁹³ Anexo II, 1, fig. 31a.

²⁹⁴ Anexo II, 1, fig. 31b.

²⁹⁵ Anexo II, 1, fig. 31c.

irisado no interior da pança, bolhas abundantes e alongadas ao nível do gargalo, pequenas e redondas ao nível da pança. **Dim.** alt.: 9,3 diâm. boca: 2,6; diâm. gargalo: 1,7 diâm pança: 4,8

Estado de conservação: Muito bom, peça quase intacta (falta parte do pé).

Tipologia: unguentário bulbiforme.

Paralelos: unguentário n.º3 da sep. 35 de Farrobo; unguentário n.º7 da sep. 198 de Valdoca.

Cronologia: meados séc. I d.C – finais séc. III d.C.

Bibliografia: Alarcão (1974: 15 e 18, Est. VI, sep. 35 n.º 3); Alarcão J. e A. (1966: 58-59, Est. XIV, sep. 198, n.º7).

Apesar de haver peças nesta sepultura com cronologias desde os anos 50 d.C. até finais do séc. III, as peças de TP. XXVII.8, 9, 10 e 11 circunscrevem a datação desta sepultura entre 50 e 100 d.C.

Sepultura XXIX

Cemitério. Torre de Palma, sepultura XXIX.

Espólio²⁹⁶: um brinco em bronze (n.º inv. 2000.425.1), um fragmento de brinco (?) em prata (n.º inv. 2000.425.2).

TP. XXIX. 1: Brinco²⁹⁷ de bronze, aro dobrado em círculo, de secção circular adelgaçando numa das extremidades. A outra extremidade é rematada por um ornato rectangular de secção quadrangular e decorado por um reticulado. **Dim.**: diâm. 3,8.

Estado de conservação: Bom, peça completa, só falta pequena parte da extremidade.

Tipologia: brinco em aro

Paralelos: par de brincos n.º 218 da sepultura 16 de Tróia; brincos n.º 2 das sepulturas 15 e 31 de Segóbriga; brinco na sepultura NW 18 durante as escavações americanas

Cronologia proposta: os brincos de Tróia integram uma sepultura datada dos séculos IV-V d.C.

Bibliografia: Almeida (2009); Almagro Basch (1975: 22, fig. 23, brinco n.º2; p. 29, fig. 10, n.º2); Caeiro, 1985, “Torre de Palma, Campanha de 1985” (Arquivo IGESPAR).

TP. XXIX. 2: Aro aberto em prata (não ilustrado).

²⁹⁶ Não sabemos se este é o único espólio da sepultura.

²⁹⁷ Anexo II, 1, fig. 32.

Sepultura XXX²⁹⁸

(Incineração/Inumação?) Torre de palma, sepultura XXX/ Cemitério de Torre de Palma/ Necrópole

Espólio: 5 peças de cerâmica comum (Idade do Ferro), 1 fragmento de TSH (não localizado), uma lucerna, uma placa de bronze (Idade do Ferro). Este espólio é composto por peças com datas discrepantes pelo que incluímo-la no nosso estudo com muita cautela.

TP. XXX. 1: Lucerna²⁹⁹ (n.º inv. 2000.426.2) de bico curto e redondo, corpo circular, orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada por cinco a seis fiadas de pérolas. O disco é côncavo e liso. Parece só ter tido um orifício central. A asa é redonda, soerguida vertical, perfurada e decorada por três sulcos. A parte inferior da asa marca uma carena com a parte superior da asa. Pasta ocre alaranjada (7,5 YR 7/5), fina/média, branda. Bastantes inclusões de tamanho pequeno, angulosas, brancas leitosas (tipo feldspato), inclusões de cerâmica moída (?). Pasta H (Nolen)? Restos de um leve engobe de mesma cor. **Dim.:** comp.: 10,5 alt. Corpo: 3,6 larg. : 7,3

Estado de conservação: Razoável: falta parte do corpo, da orla e do bico. Foi colada. Restos de acção do fogo no bico.

Tipologia: Lucerna Dressel 30, Deneauve VIII B, provavelmente de um atelier emeritense.

Paralelos: lucerna n.º 29 do MNAR (Mérida)

Cronologia: Finais séc. III – inícios séc. IV d.C.

Bibliografia: Beltrán (1990: 265, fig. 127, n.º 1153); Rodríguez Martín (2002: 36, Lám. II, n.º 29).

Sepultura s/n

Torre de Palma, Cemitério ao pé das Ermidas

Espólio: provavelmente uma peça de vidro verde (51 fragmentos), um anel em prata

TP. s/n. 1 (não ilustrado): Anel em prata (2000.395.1), aro ovalado, mesa redonda com peça incrustada (pedra preciosa?) que falta.

“Cemitério ao pé das Ermidas, profundidade 0,25 m”³⁰⁰

Alfinete (n.º inv. 2000.393.2) em bronze enrolado sobre si com cabeça bulbiforme, aro de secção circular, talvez formando brinco. **Dim.:** Diâm.: 1,9; diâm. cabeça: 0,6. Cronologia incerta, período romano e talvez até o período visigótico.

Fecho de cinturão (n.º inv. 2000.393.3) em bronze, oval quase riniforme, de secção ligeiramente biselada. Falta o fusilhão. **Dim.:** comp: 3,7 Larg: 1,8. Fecho tipo Flörchinger 1. Paralelo em El Gatillo de Arriba, sepultura 1. Meados séc. VI - inícios VII (Flörchinger, 1998, taf. 22).

²⁹⁸ Esta sepultura é problemática porque as informações das diferentes fichas de registo do M.N.A. não coincidem todas e algumas peças faltam. A maior parte das peças datam da Idade do Ferro (ver artigo Langley *et al.*, 2007: 229-290), estudaremos aqui unicamente a peça romana.

²⁹⁹ Anexo II, 1, fig. 33.

³⁰⁰ Anexo II, 1, fig. 34,a,b,c,d.

Argola (n.º inv. 2000.393.5) em bronze, aro de secção circular, com as duas extremidades juntas, talvez formando anel ou brinco. **Dim.:** Diâm.: 2.

Fecho de cinturão (n.º inv. 2000.393.9) em bronze, oval quase riniforme, cujo fusilhão ficou em posição aberta. **Dim.:** comp. da argola 3,7. Visto que falta a plaqueta do cinturão, é difícil perceber a que tipo se associe. No entanto, a forma em “pá” do fusilhão assemelha este fecho ao tipo II de Zeiss, do século VI. Paralelos em Herrera de Pisuerga (Zeiss, 1936: 8, Lam. II, fig.1 e 3).

“Cemitério ao pé das Ermidas, profundidade 0,50 m”³⁰¹

Anel (n.º inv. 2000.394.1) em bronze, aro de secção achatada, mesa oval integrada no aro. **Dim.:** diâm. 2,3. Anel tipo Flörchinger 2. Paralelos em San Pedro de Alcântara, sep. 4; Gerena, sep. 24. Séc. VI-VII. (Flörchinger, 1998, taf. 3 e 11)

Argola (n.º inv. 2000.394.3) em bronze, aro de secção circular, com as duas extremidades juntas, talvez formando anel ou brinco. Par com a argola 2000.393.5? **Dim.:** diâm. 2,4

Anel (n.º inv. 2000.394.8) em bronze, aro de secção circular, mesa circular pousada sobre o aro. A decoração já não é visível. **Dim.:** diâm: 2,5. Anel tipo Flörchinger 2. Paralelos em Nueva Carteya, anel n.º2; San Pedro de Alcântara, sep. 91, 137, 166, Gerena, sep. 4 (Flörchinger, 1998, taf. 3, 5, 6 e 8)

“Cemitério”

Alfinete ³⁰²(n.º inv. 2000.405.2) em bronze enrolado mas com aro aberto, cabeça bulbiforme com estrias decorativas, aro de secção circular, talvez formando brinco. Par com o alfinete 2000.393.2? **Dim.:** Diâm.: 2,7; diâm. cabeça: 0,6. Cronologia incerta, período romano e talvez até ao período visigótico.

“Cemitério, profundidade 0,50”³⁰³

Anel (?) (2000.407.1) de bronze, secção oval. **Dim.:** diâm. 2. Paralelos na necrópole de Segobriga (Almargro Basch, 1975, p. 63)

Aro (2000.407.2) de bronze, secção em meia-lua. Apresenta-se fragmentado, faltando metade (brinco?). **Dim.:** diâm.: 2,5

Fivela (2000.407.3) rectangular, com fusilhão. **Dim.:** comp. 2,4 larg.: 1,9. Talvez fivela tipo Flörchinger 3, mas falta a placa adjacente. Como se apresenta independente, sem arranque para uma provável placa, duvidamos do seu cariz visigótico, podendo ser uma fivela mais recente.

3.2. Complemento das escavações americanas

Em 1985, a equipa luso-americana partiu do mesmo pressuposto do que nós, isto é, de que o cemitério NW era feito por um “*grande número de sepulturas comprovadamente visigóticas e não romanas (como até*

³⁰¹ Anexo II, 1, fig. 35,a, b,c..

³⁰² Anexo II, 1, fig. 36.

³⁰³ Anexo II, 1, fig. 37 a, b, c.

agora se pensava)” o que os levou “*a concluir pela ocupação daquele espaço por pelo menos 150 anos e talvez até à época das invasões muçulmanas*” (Torre de Palma, Campanha de 1985, Arquivo IGESPAR). Conclusão essa que se revela incompleta como vemos através da datação do material maioritariamente alto-imperial das sepulturas de incineração.

As informações adicionais às escavações portuguesas são várias e foram todas extraídas do Relatório Final (Torre de Palma Final Report, 2000, p. 442 a 458, Arquivo IGESPAR).

A construção das paredes do mausoléu Oeste, chamado “Mausoleum NW1”, é similar à da basílica. O mausoléu era composto por quatro sepulturas de adultos e uma de criança, todas escavadas dentro da rocha e construídas, cada uma, em patamares diferentes, como se se tratasse de um sistema de escadas (menos a sepultura de criança que se encontra perpendicular a elas). A sepultura de criança NW1a era composta por dois tijolos no fundo, as paredes eram construídas por telhas e fragmentos de tijolos unidos com argamassa, este conjunto estando fixado por uma parte da rocha mãe que não foi removida. O único fundo de sepultura que ainda era visível era aquele composto por tijolos da NW1b inserido numa base de argamassa branca. A sua cabeceira apoiava-se contra a rocha que segurava a sepultura de criança. As paredes desta desapareceram mas pode-se observar como a rocha tinha sido cortada para a sua construção. Os únicos vestígios da sepultura NW1c são a base de argamassa onde ela deveria estar assente. A sepultura NW1d era igualmente composta por um fundo de tijolos. Uma pequena parede de rocha separa esta da NW1e, que se encontra a uma cota mais baixa. Foi cortada dentro da rocha e através dos vestígios que permanecem, é possível ver como as superfícies tinham sido alisadas com argamassa e cobertas por finas placas de mármore, tal como na sepultura NW27.

As estruturas a Leste deste mausoléu são consideradas como um possível recinto para as sepulturas (“partial enclosure”, Final Report, 2000, Basílica 442) o que confirma as propostas de Lino da Silva (Silva, 18.08.1960).

As 35 sepulturas, além das cinco do mausoléu, já tinham sido escavadas em 1960³⁰⁴, o que complementa o número total de sepulturas escavadas em 1960 contra as 22 do desenho de Lino no início das suas escavações. Não há menção de sepulturas de incineração (romanas ou pré-romanas), talvez por não se terem conservado ou não se encontrarem nesta zona mas mais perto do caminho, a Este do cemitério. A orientação da maioria das sepulturas coincide com aquela apresentada no desenho de Lino, mas com variações mais afinadas, resultando uma orientação geral NE-SW, contra as mesmas três a N-S (NW 7, NW8, NW10). Cinco sepulturas (uma no mausoléu) são muito mais pequenas, sendo consideradas sepulturas de crianças pela equipe americana.

Todas as sepulturas são descritas individualmente, sendo possível reagrupá-las em diferentes tipos construtivos (tal como procedemos para a basílica e o cemitério SW): tipo 1 – covas de forma regular (quase rectangulares), paredes construídas com grandes blocos de pedra mais ou menos regulares, com fundo de rocha (NW7, NW9, NW19, NW33); tipo 2 – covas de forma regular (quase rectangulares), construídas com grandes blocos de pedra e pedras mais pequenas ligadas com fragmentos cerâmicos com fundo maioritariamente ladrilhado (NW3, NW4, NW10, NW11, NW12, NW15, NW18); tipo 3 – cova rectangular, paredes construídas com ladrilhos e fundo de rocha (NW8, NW17(?), NW21, NW26 (incompleta), NW29, NW34); tipo 4: sepultura inteiramente construída com ladrilhos (NW2, NW5, NW6, NW13, NW14, NW16, NW23, NW35). Uma sepultura foi integralmente forrada a mármore (NW27).

Em três sepulturas (NW 10, NW18 e NW 34) foram achados três brincos e uma fivela de cinturão de tipologia visigótica³⁰⁵.

³⁰⁴ Com excepção da sepultura NW 34 (Final Report, 2000, Basílica 443)

³⁰⁵ Caeiro, O.: Torre de Palma, Campanha de escavação de 1985.

3.3. Conclusões acerca do Cemitério NW

Juntando o total dos dados disponíveis, foi possível realizar o quadro seguinte, apontar certos aspectos relevantes assim como determinar as características deste cemitério.

Sepultura	Orientação	Espólio	Restos osteológicos	Localização
n.º 1 / NW 1d	E-W	Ø / Ø	vazia * / Ø	Mausoléu Oeste
n.º 2 / NW 1c	E-W	Ø / Ø	vazia * / Ø	Mausoléu Oeste
n.º 3 / NW 1b	E-W	Ø / Ø	vazia * / Ø	Mausoléu Oeste
n.º 4 / NW 1a	E-W	Ø / Ø	vazia * / Ø	Mausoléu Oeste
Ø / NW 1e	E-W	Ø	Ø	Mausoléu Oeste
n.º 5 / Ø	E-W	Ø	1 esqueleto + 1 osso longo (?)*	Recinto Este
Ø / NW 2	E-W	Ø	Ø	Recinto Este
n.º 6 / NW3 ³⁰⁶	E-W	uma peça / Ø	1 esqueleto * / Ø	Recinto Este
n.º 7 / NW4	E-W	Ø / Ø	1 esqueleto / Ø	Recinto Este
Ø / NW33 ³⁰⁷	E-W	Ø	Ø	Recinto Este
n.º 8 / NW5	E-W	Ø / Ø	1 esqueleto / Ø	Recinto Este
n.º 9 / NW6	E-W	Ø / Ø	1 esqueleto + 2 reduções* / Ø	Recinto Este
n.º 10 / NW7	N-S	Ø / Ø	vazia* / Ø	A sul do recinto
n.º 11 / NW12 ³⁰⁸	E-W	uma peça / Ø	1 esqueleto + 1 redução* / Ø	Recinto Este
n.º 12 / NW11 ³⁰⁹	E-W	uma peça / Ø	1 esqueleto + 1 redução / Ø	Recinto Este
n.º 13 / NW9	E-W	Ø / Ø	1 esqueleto / Ø	Recinto Este
n.º 14 / NW 8	N-S	Ø / Ø	1 esqueleto / Ø	A sul do recinto
n.º 15 / NW10	N-S	Ø / Ø	1 esqueleto / Ø + fivela	Recinto Este
n.º 16 / NW14	E-W	Ø / Ø	1 crânio / Ø	A leste do recinto
n.º 17 / NW15	E-W	Ø / Ø	Mín. 3 indivíduos / Ø	A leste do recinto
n.º 18 / NW 17	E-W	Ø / Ø	vazia* / Ø	A leste do recinto
n.º 19 ³¹⁰ / Ø	NW-SE	Ø	1 esq. + 1 osso longo (?)	A SE do recinto
n.º 20 / Ø	NW-SE Ø		Mín. 1 indivíduo	A SE do recinto
n.º 21 / NW 28?	E-W	Ø / Ø	1 esq. + 1 osso longo (?)	A leste do recinto
n.º 22 / NW16	E-W	Ø / Ø	Mín. 1 indivíduo	A leste do recinto
+ n.º 25*, 26*, 28*				

Quadro 6 - Confrontações dos dados das sepulturas (escavações portuguesas/escavações americanas)

* restos osteológicos no MNA

As sepulturas NW 13 e NW 18 até NW35, apesar de já terem sido escavadas pela equipe portuguesa, não constam do desenho de Lino pelo que não temos mais informações do que aquelas fornecidas pelo Relatório Final da equipe americana, acerca das suas estruturas construtivas e sobre algumas características especiais: na sepultura NW 19 havia cinco pregos de ferro, sendo o único caso

³⁰⁶ Talvez seja a “sepultura VI” dos registos do M.N.A.

³⁰⁷ A equipe americana duvide que seja uma sepultura. Lino da Silva representa uma cavidade oblonga mas que não se parece com uma sepultura. Talvez uma separação feita entre dois grupos de sepulturas?

³⁰⁸ Talvez seja a “sepultura VIII” dos registos do M.N.A.

³⁰⁹ Talvez seja a “sepultura VII” dos registos do M.N.A.

³¹⁰ As sepulturas n.º 19 e n.º 20 formam um par (adulto + criança?).

que poderia denunciar a presença de um ataúde de madeira dentro da cova³¹¹; os únicos vestígios da sepultura NW 24 resumem-se a uma cova onde foi identificada uma mancha de terra carbonizada com uma espessura de 8 cm³¹²; no que se refere à sepultura NW34, descoberta pelos americanos, foi encontrada dentro de um outro recinto (familiar?) a Sul do Mausoléu e continha ossos de vários indivíduos sem conexão, o que pressupõe a presença de uma sepultura múltipla³¹³. Também é descrita uma 36ª sepultura “the North Tomb”³¹⁴, a 22 m a Norte do recinto da Basílica, de tipo construtivo 2, pela fotografia parece já ter sido escavada. Não é representada em nenhuma planta mas pelas coordenadas parece estar na continuação das sepulturas do Cemitério NW, tendo no entanto uma orientação N-S.

Estranhamente, os brincos e a fivela de cinturão visigóticos achados em 1985 nas sepulturas NW10, NW18 e NW34 não são referidos no Relatório Final mas somente no Relatório de 1985³¹⁵.

Estamos assim diante de um espaço funerário parcialmente escavado, com 42 sepulturas de características formais homogêneas, 4 dentro de um mausoléu, 16 inseridas noutro recinto, uma isolada num terceiro recinto, as restantes dispersas unicamente do lado NE, entre os recintos familiares (?) e a basílica. A população desta parte do espaço eleva-se a 54 indivíduos no mínimo³¹⁶.

No entanto, através do material alto-imperial estudado, pelas referências a sepulturas de incinerações por parte do Lino e dos registos do MNA, pelas sondagens efectuadas por Fernando de Almeida em 1971 ao pé do caminho³¹⁷, pela identificação de uma sepultura isolada a Norte do recinto da basílica e pelas sepulturas de época alto-imperial frente à abside 2 e a Sul da basílica, deverá ter havido uma ocupação mais ampla do espaço, alargando-se para Norte e para Este (atravessando o caminho e por baixo da basílica). De facto, nenhuma sepultura de incineração está indicada nos desenhos de Lino nem no relatório de 2000, a referência a uma mancha carbonizada na sepultura NW24 sendo única. Se fossem incinerações como em Santo André, o espólio estaria numa simples cova ou juntamente com urnas. Ora as duas urnas identificadas no M.N.A. como provindo do “Cemitério” (2000.404.7 e 2000.405.10) e da sepultura XVI (2000.419.1) são datadas da primeira metade do I milénio a.C. (Langley *et al.* 2007), não se enquadrando assim com o material dos séculos I d.C. e II d.C. que estudamos.

Juntando todas as informações entre os anos 1960 e 2000 e o material arqueológico estudado, podemos chegar às seguintes ilações.

- Mausoléu Oeste:

Os paralelos para este tipo de mausoléu com uma organização espacial interna complexa encontram-se em El Camí del Molí dels Frares e em El Albir (Valencia), o primeiro datado do século IV

³¹¹ Torre de Palma Final Report, 2000: 453.

³¹² *ibidem*: 454.

³¹³ *ibidem*: 457.

³¹⁴ *ibidem*: 458.

³¹⁵ Caeiro, O. 1985, Torre de Palma, Campanha de 1985.

³¹⁶ Adicionámos os 25 indivíduos (crânios) representados no desenho do Lino, pressupusemos no mínimo um indivíduo por sepultura vazia das duas escavações (27) e no mínimo 2 indivíduos na sepultura múltipla NW34. Não sabendo a quantidade de indivíduos representados através dos restos osteológicos no M.N.A., preferimos cingir-nos aqui ao desenho de Lino da Silva.

³¹⁷ “Abertura de uma vala 20 x 1,5 m, no lugar do cemitério, do lado contrário à basílica, estando o caminho entre uma e outro (...) apareceram 3 cacos pequenos de TS Hispânica, lisa; um deles deve ser de uma Tigela Dragendorf. 29.” (caderno de Fernando de Almeida, 1971, p. 5-7, Arq. M.N.A.)

d.C. e o segundo dos finais do séc. III d.C.- meados do séc. IV d.C. (González Villaescusa, 2001: 239-240 e 361-362). O monumento de El Albir define-se por uma estrutura rectangular (ladeada de contrafortes), com separações internas feitas de argamassa, com pinturas murais e mármore na parte inferior. Na necrópole de S. Gavino na antiga cidade de *Turris Libisonis* (actual Porto Torres na Sardenha) também encontramos um mausoléu com características similares, datado dos séc. III-IV d.C. (Boninu *et al*, 1987: 27-31 *apud* González Villaescusa: 240).

A datação do século IV d.C. seria aqui aceitável, se atendermos ao facto de o tipo construtivo do mausoléu Oeste ser muito similar ao da basílica, tendo provavelmente precedido a igreja, uma vez que nos encontramos num espaço funerário utilizado desde o Alto Império. Assim sendo, uma proposta de datação dos séculos III – IV d.C. parece-nos aqui viável.

- Recinto a Este:

As informações arqueológica e documental (desenho Silva) para as sepulturas VI, VII e VIII do M.N.A. parecem coincidir no que se refere ao material em si (um só objecto com características semelhantes) e ao tipo de sepultura: inumação simples na sepultura VI e inumações múltiplas nas sepulturas VII e VIII se considerarmos no desenho as sepulturas n.º 6, n.º11 e n.º 12 respectivamente. Estas sepulturas são de tipologia construtiva análoga (tipo 2) e a datação do material é concordante (séc. VI-VII), mas este facto pode tratar-se de uma mera coincidência. Mesmo se este tipo de construção de sepulturas só se encontra dentro da estrutura funerária, achamos imprudente atribuir uma cronologia visigótica somente ao tipo construtivo 2, uma vez que se encontram também sepulturas dos outros tipos dentro deste recinto e que muitas sepulturas fora deste recinto já não são identificáveis.

As sepulturas NW 10, NW 18 e NW 34 continham espólio de datação visigótica o que nos pode confortar na atribuição desse período a grande parte das sepulturas do recinto Este. Juntando estes dados arqueológicos aos das sepulturas VI, VII e VIII do M.N.A. e observando a coerência nas orientações e na tipologia das sepulturas no recinto a leste, poderíamos ter um indício para uma organização em concordância espacial e cronológica com a basílica (contrariamente ao cemitério SW que se rege pelas estruturas arquitectónicas adjacentes) durante os séculos V a VII d.C.

Podemos no entanto manter hipoteticamente uma maior antiguidade do Mausoléu Oeste, por ter um tipo construtivo mais elaborado do que as estruturas a leste: o mausoléu poderia assim ser, através dos paralelos encontrados, uma construção dos séc. III/IV e o recinto Este (assim como o recinto a SW com a sepultura NW 34) uma realização começando no séc. V, com uma ocupação até ao século VII.

- Material arqueológico e datações:

A datação do material arqueológico das sepulturas aqui estudadas divide-se da seguinte forma:

- . séculos I d.C. – II d.C.: sepulturas XII, XII, XIV, XV, XXIII, XXIV, XXVII
- . séculos III d.C. - IV d.C. interrogados: sepultura XXX
- . séculos IV d.C. - V d.C. interrogados: sepultura XXIX
- . séculos VI d.C. - VII d.C.: sepulturas VI, VII, VIII e NW 10, NW18 e NW34.

Não será com o material de quinze sepulturas que poderemos concluir sobre um espaço funerário de mais de 40 sepulturas. O mais provável é que a utilização deste lugar fosse contínua, pois trata-se da necrópole de uma *villa* cuja ocupação foi ininterrupta entre os séc. I e V d.C. e cuja igreja funcionou entre os séc. V e VII/inícios VIII d.C. O século IV é mesmo considerado como o momento

em que foram acrescentadas novas estruturas agrícolas (como o chamado North Barn das escavações americanas) assim como construídas as termas ocidentais, o que significa que a necrópole deverá ter continuado a funcionar durante o século IV d.C., sem hiato.

A sepultura XXVII parece apresentar o serviço cerâmico completo de duas pessoas. Notamos dois serviços mais grosseiros: duas garrafas para líquidos (TP.XXVII.1 e TP.XXVII.2), dois pratos (um de cerâmica comum TP.XXVII.3, outro de paredes finas, TP.XXVII.6) com dois copos (um de cerâmica comum TP.XXVII.4, outro de imitação de paredes finas, TP.XXVII.5) assim como dois serviços finos (TSH): dois pratos (TP.XXVII.7 e TP.XXVII.8), duas taças (TP.XXVII.9 e TP.XXVII.10) e duas tigelinhas (TP.XXVII.11 e TP.XXVII.12). Conjunto ao qual se acresce o unguentário. Parece assim ser a sepultura mais antiga dos conjuntos conservados: antiguidade atestada pela datação do material TSH e pela quantidade de objectos que forma este espólio funerário. Todas as outras sepulturas que contêm somente uma peça ou pouco mais, poderiam já ser do início ou meados do século II d.C., denunciando o início de uma tendência que virá a acentuar-se no durante os séculos II e III: a de enterrar cada vez menos espólio junto aos mortos.

- Interpretação da utilização do espaço funerário:

Antes de começarmos a estudar este cemitério, e como já referimos no início deste capítulo, supúnhamos que nos iríamos encontrar face a um espaço contemporâneo à basílica. Aliás, assim o fazem entender os diferentes artigos da equipe americana, nomeadamente o de Hale (1995: 469-461). O estudo do material revelou-se bem mais complexo. De onde será proveniente o material alto-imperial apresentado aqui? A única indicação que temos é acerca da famosa “sepultura XXVII”, cujos treze objectos coincidem com aqueles descritos na carta de Lino da Silva, que era de incineração e que estaria localizada perto do caminho. Uma dúvida se nos põe acerca da atribuição ao rito de “incineração”. O que levou Lino da Silva a perceber tão claramente este rito? A presença de cinzas? A ausência de ossos? Ou a ausência de estrutura sepulcral? Nenhum dado é fornecido e nada aparece no desenho. Duas hipóteses são possíveis: i) as sepulturas de incineração só apareceram no fim da escavação e localizavam-se perto do caminho até a basílica, razão pela qual não constam no desenho; ii) as sepulturas de incineração não tinham estruturas funerárias pelo que não foram desenhadas; iii) a zona das incinerações foi totalmente destruída com a passagem do caminho actual. Estas três hipóteses não se excluem mutuamente.

No meio destas incertezas, há duas afirmações que podemos fazer: 1) a utilização do espaço funerário antes da construção da basílica, com sepulturas de incinerações, perto do actual caminho; 2) a utilização do espaço funerário na fase final, o de maior dinâmica da basílica.

Os séculos III e IV d.C. podem estar representados no mausoléu Oeste, no entanto, o raro material arqueológico destes séculos deverá reflectir mais um silêncio arqueológico do que uma descontinuidade de utilização do espaço.

Emitimos assim uma hipótese de utilização do espaço funerário: utilização dispersa do espaço com sepulturas de incineração na zona do actual caminho³¹⁸ e da futura basílica durante o período alto-imperial (provavelmente até ao século III) 2) continuação de utilização desta área numa segunda fase (com ou sem interrupção) talvez durante os séculos IV - V até ao período visigótico, simultâneo à vida da basílica, mais a norte e contando somente com sepulturas de inumações em recintos. Nesta fase, também terá havido inumações dentro da igreja e no exterior.

³¹⁸ Este caminho pode ter existido como acesso Norte da *villa*, mas isto não passa de uma conjectura, preferimos assim falar da zona sem considerar o caminho em época romana.

Uma vez que a data de início da ocupação funerária corresponde ao início da construção da *villa*, poder-se-á afirmar que este cemitério terá sido a primeira área funerária utilizada pelos senhores da primeira fase da *villa* e provavelmente até aos séculos III – IV. A utilização durante a Antiguidade Tardia seria feita pelos descendentes da *villa* e/ou pela população da aldeia que se teria formado à volta da basílica, consoante a evolução que este sítio teria de facto tido.

Podemos assim afirmar que a maioria das sepulturas de inumação ainda hoje visíveis é do período visigótico e que todas as sepulturas de incineração e algumas de inumação (pelo menos a 1-A a Sul da basílica e a sepultura com cadeado em frente à abside 2) eram de época alto imperial e desapareceram.

As datações para o mausoléu Oeste (365-392 d.C.) e para o recinto a Este (século VI d.C.) publicadas por Lancha (Lancha e André, 2000: pl. XXV) coincidem com as datações propostas. A fase final do mausoléu Oeste é datada algures no século V ou VI d. C. quando as sepulturas se concentram no recinto a Este e no Cemitério SW. O único problema destas datações é que elas não são justificadas pelo que não sabemos como os autores chegam a estas conclusões, provavelmente pelo modo construtivo dos recintos. Achamos quase impossível saber exactamente as fases de construção destas estruturas (apesar dos paralelos e do material conservado no MNA), uma vez que somente quatro peças lhe foram associadas com rigor (nas sepulturas NW 10, NW 18 e NW34). Neste estudo, a necrópole alto-imperial é inexistente, tal como no artigo de Hale (1995) que dá um panorama quase exclusivamente paleocristão dos espaços funerários (referindo um período romano não definido).

4- Edifício da SE da basílica

Não queremos deixar de mencionar o grande edifício de funções ainda indeterminadas situado a SE da basílica, apesar de não termos estudado o material arqueológico da campanha portuguesa por se afastar do âmbito desta tese. A sua localização próxima da basílica pode conferir-lhe uma função dependente dela, talvez como escola litúrgica ou de habitação para o clero, mas pode também ser uma casa meramente habitacional. Os achados arqueológicos denunciam sobretudo derrubes de telhados e poucos dados sobre a actividade desempenhada no seio deste edifício.

4.1. Dados das escavações portuguesas.

Para esta campanha resta-nos um Relatório de Lino da Silva (Relatório Silva 1958) datado do dia 19 de Agosto ao dia 10 de Outubro de 1958 e várias fotografias, assim como uma planta realizada em 1971 a pedido de Fernando de Almeida.

A partir do dia 15 de Setembro, Lino escreve “mandei o pessoal para o lado da Eira para por descobertas umas construções, a onde tinha feito umas sondagens” (Relatório Lino 1958). Não se sabe quando terão sido feitas estas sondagens. Este edifício, situado a uns 40 m a SE da basílica, é aqui denominado “do lado da Eira” por ter sido, possivelmente do tempo do Lino, uma zona onde se secavam os cereais dos proprietários da Herdade (a família Costa Falcão).

Grande parte do edifício foi escavada sendo que Lino da Silva descreve o total de treze salas. Infelizmente não se sabe por onde começou nem como progrediu, mas deverá ter sido pela parte oriental pois escavou sobretudo salas com piso de *opus signinum* (“formigão”). Escavou por camadas de diferentes alturas, entre 20 a 40 centímetros e parou no nível do piso de cada sala. Os pavimentos, que aparecem aproximativamente a 30/40 cm da superfície, são de “formigão” para oito salas, para as

restantes o piso é de “*terra brava*” (Relatório Lino 1958). O material mais abundante que apareceu em sete salas, são grandes quantidades de fragmentos de telhas e tijoleira, possivelmente derrube de coberturas. De resto, o material é bastante pobre (alguns fragmentos de cerâmica, de vidro, algumas moedas, um fragmento de faca de ferro, dois machados de ferro, um peso de chumbo) e numa das salas apareceram três bases de coluna, provavelmente a sala central na parte ocidental do edifício.

O achado mais interessante é sem dúvida o da famosa (e única) ara descoberta em Torre de Palma e dedicada a Marte por *M. Coeli[us] Cel[s]us* (IRCP 568), encontrada numa sondagem “*em frente das salas já descobertas*” (Relatório Lino 1958). Lino da Silva mandou fazer esta sondagem para ver se aparecia um pavimento de mosaico. Em vez disso, numa profundidade de 20 cm, encontrou uma ara “*virada de costas, com a figura e as inscrições para baixo, dentro de uma porta destruída de um alicerce*”, isso é, em contexto de reutilização para construção de um dos muros deste edifício. Para esse efeito, a moldura superior foi cortada assim como o canto superior direito. Infelizmente é impossível, através desse único dado, saber onde foi encontrada exactamente. Um desenho da planta ou uma carta podia dar mais informações, mas não subsistiu, até agora, mais nada acerca desta ara.

O desconhecimento, por parte da comunidade científica, das condições de achamento desta ara levou a interpretar este edifício como um “Pavilhão a Marte” por parte de Fernando de Almeida (Caderno de Almeida, Arq. M.N.A.) e de Stephanie Maloney o que, nestas condições, não é possível de afirmar. A arqueóloga americana propõe ter existido um pequeno templo a Marte situado por baixo da abside 1 da basílica (Maloney, 1996: 452), mas como já vimos, não se tem dados suficientes para poder alegar as funções destas estruturas. A ara prova a existência de um templo, mas o único que foi escavado até à data é aquele localizado no pátio Sul da *villa*. A nossa proposta vai ao encontro das hipóteses feitas por Jeannine Lancha (Lancha e André, 2000: 123) com a vantagem de se saber um pouco mais sobre as condições de achado graças à documentação no M.N.A.

O Relatório de 1958 está ilustrado, entre outros, por um fragmento de mármore com uma forma de polegar (ex-voto? Fragmento de escultura?), dois machados de ferro e a ara a Marte encontrados no “Lado da Eira”. A única planta do edifício antes da escavação americana foi feita em 1971, a pedido de Fernando de Almeida³¹⁹.

Através destes dados, o único elemento seguro é que, pelo facto de ter sido utilizada uma ara votiva romana para a construção de uma das salas do edifício, estamos diante de um edifício tardio, pelo menos que data de um momento em que esta ara já não teria significado. Não pode datar antes do século IV ou mesmo do século V d.C., isto é, este edifício seria contemporâneo à basílica.

É de notar que a planta de 1971 indica, por baixo de vários muros das salas orientais, alicerces mais toscos assim como um muro na sala a Norte do pátio que se encontra no mesmo alinhamento do que o corpo central do edifício a Leste. Uma estrutura quadrangular é visível no canto SO da grande sala central do corpo principal do edifício, assim como do outro lado da entrada dessa mesma sala. Em duas das salas a Sul do pátio são visíveis duas estruturas circulares que se apoiam contra as paredes. Foram desenhados com a mesma textura que os alicerces orientais, o que pressupõe que possa ter existido um edifício anterior a todo este conjunto. Numa das salas a Norte do pátio, contra a parede Oeste, e na sala do meio a Sul do pátio, são representadas pequenas estruturas rectangulares.

³¹⁹ Anexo II, 1, fig. 38:

4.2. Complemento das escavações americanas

Trata-se do chamado “North East Building” das escavações americanas, limpo e parcialmente reescavado em 1999³²⁰. A concordância entre a planta realizada por esta equipa e a de 1971 é quase total. Retomaremos aqui a numeração das salas feita pela equipa americana.

O edifício foi dividido em duas partes: “o complexo do Salão” (corpo principal) e o “Complexo do Pátio”, a oeste. O estudo das estruturas do “complexo do Salão” revela de que se trata de uma só fase de construção para esta parte do edifício³²¹. A estrutura quadrangular no canto SW da sala central do corpo principal (sala XIII) foi identificada como sendo uma lareira com poucas modificações durante o seu período de uso³²² enquanto as funções das estruturas do outro lado da soleira não foram identificadas. Os alicerces junto à parede no canto NE da sala XIII e junto à parede ocidental da sala X, tal como eram referenciados na planta de 1971, sugerem de facto a existência de um “edifício anterior no local ou que havia uma mudança na planta durante o processo de construção”³²³.

No que se refere ao “complexo do Pátio”, é construído quase integralmente da mesma forma do que o “complexo do salão”, revelando uma só fase construtiva, exceptuando o canto do corredor III com este último complexo que não parece contemporâneo³²⁴. As estruturas semicirculares “enigmáticas” nas salas V e VI foram escavadas e revelaram ser construídas “de pedras de tamanho médio e com terra”. Os materiais encontrados foram “cinzas misturadas com ossos e fragmentos de cerâmica queimada”³²⁵. Os autores pensam que estes dois semicírculos assim como os alicerces sob a lareira da sala VI formam uma estrutura industrial com fornos e espaço de trabalho comparáveis com uma arquitectura local do século XIX. Na sala I, a pequena parte de parede sem alicerce parece mais recente³²⁶, sem relação com os alicerces prévios nas restantes salas. O muro que parece fechar o corredor VIII é visivelmente considerado como fazendo parte desta fase construtiva e não é diferenciado como o era na planta de 1971. As duas pequenas estruturas rectangulares das salas II e VI foram identificadas como sendo lareiras. Em 2000, foram escavados muros que partem do edifício a leste e a sul deste, revelando provavelmente espaços de lixeira ou ajardinados (a Sul).

Das 10 moedas achadas no edifício, a mais antiga é um *Antoninianus* de 268-270, as outras nove datam do século IV d.C.³²⁷. Infelizmente não sabemos em que sítio exacto foram encontrados mas estes numismas remetem para uma construção não anterior ao século IV.

Os autores não referem um edifício anterior mas mais uma mudança de planta durante a construção, uma vez que não se encontram alicerces prévios em toda a área. O edifício teria sido assim construído numa só fase, com funções parecidas às de uma *villa* (habitação e trabalho doméstico), mas em ponto pequeno.

4.3. Conclusão sobre o edifício a SE da basílica

Este edifício, sendo contemporâneo à basílica³²⁸ e revelando salas de habitação e de trabalho doméstico, pode ter sido uma casa de habitação, para o clero local? Se estivéssemos em ambiente

³²⁰ Maloney, S., 1999 - Relatório Anual e Maloney, S., 2000 - Final Report. Processo IGESPAR.

³²¹ Maloney, S., 1999 - Relatório Anual: 4.

³²² *Ibidem*: 8.

³²³ *Ibidem*: 7.

³²⁴ *Ibidem*: 6.

³²⁵ *Ibidem*: 9.

³²⁶ *Ibidem*: 10.

³²⁷ Huffstot, 2000 - Final Report: 592.

urbano, poderíamos chamar a este edifício “uma casa episcopal”, aqui, no entanto, apesar de estarmos diante de uma igreja com funções paroquiais (eucaristia e baptismal), devemos estar diante de uma “casa clerical ou paroquial”. As funções de escola clerical também são possíveis aqui. A última hipótese que pomos, seria, tal como acontece para a basílica suburbana de Santa Eulália de Mérida, uma estrutura de tipo *xenodoquium* devido ao elevado número de salas, há presença de pátios de grandes dimensões e há sua proximidade com a basílica. Esta proposta não invalida as primeiras mas carece de dados arqueológicos concretos.

Conclusão

Zonas funerárias

A 150 m a norte da *villa* de Torre de Palma observa-se a primeira zona funerária da *villa* no sítio aqui chamado “cemitério NW”, com sepulturas datadas a partir de meados do século I d.C. até ao século II d.C. e provavelmente durante os séculos III e IV. A área que foi escavada é pequena, considerando-se que a área total seria de grande envergadura e englobaria talvez todo o espaço onde foi posteriormente construída da basílica. O “mausoléu Oeste” data provavelmente de um momento logo anterior à construção da basílica ou contemporâneo à primeira fase.

Uma segunda pequena zona funerária no sítio chamado “Cemitério SW” foi utilizada numa fase desconhecida mas provavelmente posterior à primeira fase do cemitério NW, uma vez que as sepulturas se localizam por cima de estruturas habitacionais romanas. Pelas suas características formais, esta zona funerária seria utilizada numa fase avançada da utilização da basílica, talvez quando esta integrasse um espaço comunitário e/ou mesmo durante alguns anos após as invasões muçulmanas. Se o recinto da basílica tivesse a forma completa como a que Jeannine Lancha propõe (Lancha e André, 2000: pl. XXVIII), pareceria ter havido uma necessidade de circunscrever, a uma dada altura, os enterramentos fora da zona da basílica. De facto, as sepulturas que parecem contemporâneas ao edifício religioso circunscrevem-se sobretudo fora do recinto (Cemitério NW e SW), exceptuando algumas dentro da basílica e adjacentes a ela. No entanto, o espaço dentro do recinto encontra-se relativamente “vazio” se comparado com outros cemitérios alto-medievais agregados à volta de uma igreja paroquial (Chavarria Arnau, 2007). O sítio não foi integralmente escavado, podendo revelar mais enterramentos, mas é possível estarmos diante de um espaço rapidamente abandonado, parando assim com uma evolução paroquial linear, sendo retomado unicamente como marco religioso muitos séculos depois. A relação entre a capela de S. Domingos e a basílica visigótica poderá ter mais a ver com uma circunscrição territorial por parte da Ordem de S. Domingos, talvez baseada numa crença religiosa do sítio (uma vez que ainda se deviam ver parte das ruínas pois construíram a capela no alinhamento rigoroso da antiga basílica) do que propriamente uma continuação de culto, uma vez que há um hiato, arqueologicamente falando, de cinco séculos.

Basílica

A construção da basílica em finais do século IV ou inícios do século V exactamente sobre o chamado cemitério NW, utilizado durante o Alto e o Baixo-Império, parece mostrar que o nascimento deste edifício terá tido mais a ver com uma origem funerária/martirial (sepultura privilegiada →

³²⁸ Este edifício é datado por Jeannine Lancha de finais do século IV (365-392 d. C.), por comparações aos métodos construtivos da basílica (Lancha e André, 2000: 93).

mausoléu → edifício paleocristão) do que com uma evolução de edifício cultural (templo pagão → templo cristão) não se podendo, porém, excluir as duas hipóteses. A sepultura romana com cadeado situada frente à abside 2, por mais interessante que seja a sua localização, pouco nos diz sobre a sua importância aquando da construção da basílica. Se estamos tentados em ver uma diacronia parecida com a da basílica de Santa Eulália de Mérida, não temos textos nem dados concretos que apontem para uma monumentalização após veneração de sepultura³²⁹.

De facto, a vontade por parte de um rico *dominus*³³⁰ de construir uma basílica no seu *fundus* pode estar ligada a múltiplas razões, alheias a qualquer monumentalização de uma sepultura privilegiada. Podemos estar diante de várias possibilidades: i) criação de um projecto arquitectónico ligado a uma necessidade de “angariar” mais clientela por parte do *dominus*, utilizando a fé cristã para tal fim; ii) aplicação de alguma doação importante que o *dominus* (laico ou tornado eclesiástico) recebeu do bispado a que estava ligado (o de Mérida, provavelmente) por algum agradecimento ou favor que o senhor terá feito; iii) criação puramente cristã de uma basílica graças a fundos caritativos angariados à população rural ou à fortuna do senhor, como agradecimento a Deus por parte deste e tornando-se assim um sítio de encontro entre cristãos³³¹.

Em resumo, o alto cargo político e/ou socio-económico desempenhado pelos proprietários ou seus gerentes fundiários é visível na escolha iconográfica dos mosaicos (inícios do séc. IV), na riqueza agrícola da propriedade (até finais do séc. V d.C.) e na construção da igreja pela geração seguinte (“neto de *Basilus*” ou não³³²) parece enquadrar-se numa mesma vontade de munificência que Dunbabin chama “the owner’s self-representation” (*apud* Lancha e André, 2000: 128).

O problema em considerar a basílica de Torre de Palma como puramente funerária/martirial na sua primeira fase é a presença da pequena piscina baptismal na sala adjacente a Sul da abside 1, pertencendo ao projecto inicial do edifício. Esta piscina prova que nesta basílica já praticasse o baptismo, isto é os cultos eucarístico e baptismal. A prática de baptizar numa igreja rural nos séculos IV e V não é de estranhar. Estamos no período em que a Igreja está em total expansão e ainda não controla as construções em terreno privado³³³. Sabemos aliás que era possível a um padre rural praticar o baptismo e esperar pela passagem do bispo para a unção sagrada dos neófitos³³⁴. A possibilidade de fazer a aprendizagem baptismal e de ser baptizado nesta igreja pode ter sido a maior razão para a atracção de populações em massa, do que propriamente uma veneração martirial como se tem pensado até agora.

De qualquer modo, as três funções – funerária (e não forçosamente martirial), eucarística e baptismal – poderão ter sido coetâneas e terem coexistido até ao abandono do sítio, uma vez que notamos a partir do século VI d.C. uma monumentalização do culto baptismal através da construção do

³²⁹ O facto de a basílica de Santa Eulália se encontrar num meio suburbano contrariamente a Torre de Palma não impede uma comparação uma vez que a *villa* de Torre de Palma tomou proporções monumentais durante a Antiguidade Tardia identificando-a amiúde a uma aldeia ou mosteiro.

³³⁰ Talvez por influência do seu *vilicus* cristão que vivia numa parte remodelada da *villa* nos finais do século IV d.C. Lancha (Lancha e André, 2000: 108) propõe ver nos pavimentos em tijoleira da basílica e da casa remodelada do *vilicus*, além de uma provável paragem na exploração dos mármore, como uma mudança na escolha derivada à nova sociedade cristã.

³³¹ Os aspectos teológicos acerca da questão ariana/ortodoxa tratados num artigo de Maloney (2002-2003: 135-146) não são susceptíveis de serem tratados aqui, não se sabendo ainda hoje em dia (salvo excepções no império romano, como por exemplo em Roma e Ravena) quais seriam as diferenças arquitectónicas de igrejas arianas e ortodoxas. No estado actual dos vestígios e através do material até hoje recolhido, nada se pode avançar sobre este tema.

³³² Ver Lancha e André, 2000: 123-131.

³³³ Ver parte IV.

³³⁴ O concílio de Elvira (início do século IV) refere-se às comunidades cristãs rurais provavelmente organizadas da melhor forma possível por um diácono que pode administrar o baptismo (Jorge, 2002: 102).

baptistério independente, do culto eucarístico através da compartimentação do espaço sagrado com cancelas e talvez do culto martirial (aquisições de relíquias?) com a construção da ala Oeste da basílica, com a abside 4. O carácter funerário da basílica permaneceu, uma vez que inúmeros enterramentos dos séculos VI e VII d.C. verificam-se dentro e fora da basílica. O recinto em torno da basílica pode ter tido, como já vimos, funções de proibição do prosseguimento de inumações tão perto da basílica e revelar uma mudança de estatuto do edifício religioso.

Relativamente à existência desde o início da construção de uma pequena piscina baptismal numa basílica rural, faremos aqui uma proposta: a de uma continuação de culto das águas sob forma de baptismo num contexto cristão. Como já referiu Jeannine Lancha (2000: 32) os dados epigráficos provando cultos ligados às águas e mais especificamente à ribeira de Avis não são directamente ligados a Torre de Palma mas foram encontrados a escassos quilómetros da *villa*: uma inscrição votiva às Ninfas (IRCP 569) que foi recolhida na igreja de Santa Maria em Monforte e pertenceria possivelmente às termas de Cabeço de Vide (Fronteira) e uma inscrição a *Fontanus* proveniente de Ervedal (IRCP 437). Podemos estar aqui numa cristianização de um culto pagão, que justificasse a presença de um baptistério em meio rural. Se essa hipótese pode parecer demasiada ousada, não se pode descartar a importância das cisternas, de poços e aquedutos em todo o sítio de Torre de Palma, nomeadamente numa das salas ao lado do baptistério. A facilidade em aceder à água e as obras importantes feitas para a fazer caminhar até à *villa* e à basílica, são sem dúvida a componente mais importante na escolha da construção de um baptistério. De facto, a água era sempre abundante, mesmo no Verão, graças à sua chegada de forma constante através da fonte perto da Fornalha (Gorges, 1979: 93).

No entanto, não será a única razão, haverá igualmente uma componente de “poder de influência” entre bispados ou razões de tipo geopolítico (López Quiroga, 2005: 194) que expliquem a ascensão de uma igreja relativamente a outra, uma vez que outros sítios com as mesmas características não desenvolveram um edifício religioso com culto baptismal. Tal é o caso em Milreu, onde o culto às Ninfas era evidente e cuja cristianização se operou igualmente por volta do século V d.C.. Mas aqui não houve construção de igreja com baptistério, talvez por se encontrar demasiado perto da cidade episcopal de *Ossonoba*. Ou então o caso da *villa* do Monte de Cegonha no concelho da Vidigueira que apresenta uma pequena piscina baptismal (no entanto tardia) numa sala adjacente à abside, mas que não parece ter acolhido uma massa populacional como em Torre de Palma.

As várias funções litúrgicas fazem da basílica de Torre de Palma uma igreja com um impacto imprescindível a nível local e até regional. Localmente, ainda se está a apurar o tipo de ocupação que terá tido o sítio a partir do abandono da *villa* como residência privada. Independentemente se estamos face a uma aldeia (Lancha e André, 2000: 41) ou a um mosteiro (Maloney, 2000, Final Report: 401), esta igreja deverá ter tido uma influência incomensurável sobre a população local. A construção de uma adega durante o século V corresponde à necessidade de exportar grandes quantidades de vinho talvez numa tentativa de autarcia por parte de uma comunidade instalada no local. A expansão das termas ocidentais na mesma altura parecem corresponder à procura de esta mesma comunidade local (Lancha e André, 2000: 95). No entanto, nada se sabe acerca desta população: se a de uma aldeia ou de uma comunidade de tipo mosteiro. A existência de uma cruz gravada no cimo de um contrapeso do lagar revela a invocação ao Deus cristão na confecção do vinho (Lancha e André, 2000: 117) mas não será suficiente para considerar o sítio como um mosteiro. Este tipo de cruzeiros pode ter uma função mais supersticiosa do que propriamente de consagração.

Através do estudo de Lancha (2000: 29 a 34) acerca da situação geográfica da *villa* e do povoamento à sua volta, sabe-se que a sua zona de influência devia rondar um raio de 40 km, o que torna Torre de Palma o maior sítio rural da *civitates* de *Abelterium* e provavelmente do *conventus emeritensis*

ou do *conventus pacensis*³³⁵. Os achados numismáticos (mesmo se descontextualizados), feitos na totalidade da área, através da diversidade de origem dos centros produtores, fazem desta *villa* rural uma “villa ouverte” (Lancha e André, 2000: 73), equivalente a um centro urbano, revelando uma continuidade económica entre os séculos I e V d.C.³³⁶, mas sobretudo um acréscimo substancial de numismas a partir do início do séc. IV provindo de Roma e Arles (cujo primeiro centro de cunhagem abriu no ano 313). Parece óbvio ver na Paz da Igreja uma das maiores razões para esta intensa troca de pessoas e de ideias, quando estamos num sítio em que poucas décadas depois foi construída uma das maiores basílicas da província.

Uma vez que a basílica se implanta e cresce pouco depois de a *villa* ser abandonada como residência privada, mostra claramente uma mudança do tipo ocupacional e de estatuto. Uma propriedade comprada por um bispado (pela sede de bispado de Mérida?) ou tornada pública, como muito aconteceu a partir do século VI na Península Ibérica, em que comunidades de agricultores livres se concentravam à volta de um antigo habitat (Chavarria Arnau, 2007: 43)? O que parece evidente é que se opera uma transferência de dono, o local passando assim de um domínio privado de importância socio-económica (época imperial) a um domínio essencialmente religioso e consequentemente socio-económico (mas com âmbitos diferentes do que durante a época imperial).

Porém, o aspecto talvez mais incompreensível neste sítio é o do seu rápido e total abandono durante o século VII. A razão deverá encontrar-se provavelmente na optimização dos territórios episcopais que pode explicar o manutenção de uma igreja em detrimento de outras.

Fontes documentais (manuscritas): SILVA (1951); SILVA (1952); SILVA (1953); SILVA (1955); SILVA (1958).

Bibliografia principal: RP 6 /144; ALMEIDA (1970: 263-276); ALMEIDA (1972-74: 103-112); ALMEIDA e MATOS (1972: 240-242); AZEVEDO (1955: 1101-1111); BLAZQUEZ (1980: 125-161); CHAVARRIA ARNAU (2007); CUNHA (1985); ENCARNACÃO (1977: 59-82); HALE (1995: 459-462); HALE (2000: 141-144); HALE *et al.* (2000: 145-156); HELENO (1962: 313-338); HUFFSTOT e HUFFSTOT (1995: 443-448); HUFFSTOT (1998: 221-226); HUFFSTOT (2000: 121-128); JORGE (2002); KUZNETSOVA-RESENDE (2000: 39-52); LANCHA e ANDRE (2000); LANGLEY *et al.* (2007: 229-290); MACKINNON (2000: 129-140); MALONEY (1995: 449-458); MALONEY (2000: 105-120); MALONEY (2002-2003: 135-146); MALONEY e HALE (1996: 275-294); OLIVEIRA (1958: 5-13); PONTE (1987: 117-121); SARGNON (1957: 84-88); ULBERT (1978).

³³⁵ Apesar de os autores franceses considerarem Torre de Palma no terreno do *conventus pacensis* (Lancha e André, 2000: 123), não se tem dados concretos (isto é, epigráficos e arqueológicos) sobre tal atribuição, o local encontrando-se no limiar de várias *civitates* e dos dois *conventus*.

³³⁶ Esta mesma continuidade económica é atestada no estudo dos numismas achados pela equipa americana (Huffstot, 2000, Final Report: 588-612.)

CASO DE ESTUDO 2

MATERIAL ARQUITECTÓNICO DE SILVEIRONA II

Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz)

CNS: 4916

Leitura geral

O sítio de Silveirona situa-se a 8 km a Norte de Estremoz. A zona circundante caracteriza-se por uma paisagem de suaves colinas que é limitada a Sul pela Serra de Ossa, a poente pela Ribeira de Tera e pela Ribeira de Almadafe e a Norte pela ribeira de Sousel. Os terrenos de Silveirona situam-se a Sudeste da Serra de São Bartolomeu, já na zona em que esta serra se estreita (Cunha, 2008: 33).

No sítio de Silveirona foram escavadas duas necrópoles por Manuel Heleno em 1934: uma necrópole romana (Silveirona I) e um cemitério visigótico (Silveirona II). A necrópole romana era composta de pelo menos 86 sepulturas, na sua esmagadora maioria de inumação, com orientações variadas mas entre as quais predominava a WNW-ESE. A maioria estava escavada directamente na rocha, sem revestimento, existindo no entanto algumas excepções com sepulturas ladrilhadas ou revestidas com lajes de pedras. O espólio das sepulturas não era muito abundante, variando entre uma a três peças de cerâmica, com excepção de algumas sepulturas que continham mais recipientes, entre os quais peças de vidro. A necrópole de Silveirona I datará entre o século II e o final do século IV, talvez até inícios do século V d.C.

A uma distância de 300m encontrava-se o cemitério visigótico, Silveirona II. Este foi em grande parte destruído pelos trabalhos agrícolas pelo que mais de cinquenta sepulturas já tinham sido remexidas e violadas antes da escavação. Através do tipo de achados cerâmicos de época romana encontrados no sítio, acredita-se que esta necrópole visigótica reutilize uma zona agrícola abandonada. Manuel Heleno escavou 32 sepulturas de inumação simples ou múltiplas, de planta trapezoidal, na sua maioria construídas com lajes de pedras e ladrilhos, todas cobertas por uma ou mais lajes de pedra³³⁷. O espólio funerário era escasso destacando-se no entanto algumas peças de adorno em metal. O elemento que permitiu datar este núcleo funerário foram as doze inscrições/fragmentos de inscrições, datadas da primeira metade do século VI d.C. Vários alicerces e peças arquitectónicas foram achados junto às sepulturas, acreditando que deverá ter existido algum edifício religioso contíguo. Estas necrópoles encontram-se a menos de 400 m de uma *villa* romana, a *villa* de Coelha, parcialmente escavada por Manuel Heleno. A zona agrícola romana prévia ao cemitério de Silveirona II poderia ser a *pars rustica* desta *villa*. O estudo presente tenta caracterizar o material arquitectónico e tentar perceber qual a sua função no seio desta necrópole.

O estudo de todo o espólio funerário de Silveirona I e II com contexto e fora de contexto (peças de cerâmica, de vidro, algumas de metal e os numismas) assim como o material epigráfico já tendo sido estudado e publicado por nós (Cunha, 2008), não será objecto da investigação presente. Vários aspectos ficaram no entanto por ser estudados, entre os quais i) as fotografias aéreas realizadas em 1934 durante as escavações, ii) o material metálico funerário (venatório ou militar) de Silveirona I e iii) todas as peças arquitectónicas descobertas antes e durante as escavações de Silveirona II. Infelizmente as fotografias aéreas continuam desaparecidas - ou por encontrar - e o material metálico está num estado de conservação muito precário tornando o seu manuseamento de evitar.

³³⁷ Foram registadas possivelmente três sepulturas de incineração neste conjunto funerário (Cunha, 2008: 73-74)

Decidimos assim estudar o material arquitectónico inédito de Silveirona II, depositado na Reserva do Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.), no intuito de perceber qual a sua relevância neste conjunto funerário. Através das fotografias das escavações apercebemo-nos da sumptuosidade de certas peças, suspeitando a existência de alguma construção de importância, aliado ao facto de que este sítio revelou uma dúzia de fragmentos de inscrições do século VI, o segundo maior grupo epigráfico paleocristão da *Lusitania*. Assim, a análise pormenorizada deste conjunto arquitectónico permitir-nos-á talvez perceber a que tipo construtivo terá pertencido³³⁸.

Identificação do material arquitectónico no M.N.A

Foi preciso mais de um mês de visitas diárias à Reserva do Museu para conseguir identificar uma vintena de peças, cuja numeração estava em parte errada, apagada ou inexistente. Algumas peças estavam depositadas no exterior, expostas às intempéries, outras foram encontradas por acaso e algumas foram identificadas graças às fotografias antigas. Das 35 peças arquitectónicas³³⁹ em material pétreo registadas no livro de Entradas do M.N.A. em 1943, somente 26 foram por nós identificadas, sendo que a maior parte das ausentes são placas de xisto, provavelmente tampas de sepulturas e mós, cujo conjunto no M.N.A. é considerável e não inteiramente inventariado.

Não podemos deixar de referir que do “cemitério visigótico de Silveirona” provem igualmente um grande conjunto de tijolos: 32 tijolos rectangulares (E 8020 a E 8052), 39 tijolos quadrados (E 8053 a E 8091), 8 tijolos em quadrante (E 8092 a E 8095 e E 8097 a E 8100); assim como 4 grandes fragmentos de *dolium* (E 8101 a E 8104), 13 imbrices (E 8105 a E 8118), 2 fragmentos de *tegulae* (E 8119 a E 8120) e 3 blocos de *opus signinum*. Uma vez que o registo do Museu reuniu o material proveniente dos dois núcleos funerários sob a mesma denominação de “cemitério visigótico” (Cunha, 2008), torna-se impossível saber se parte deste material terá provindo também de algumas sepulturas da necrópole romana (Silveirona I). No entanto, parece-nos claro que seja material funerário, pelo que não o iremos estudar aqui, uma vez que nos queremos concentrar na construção arquitectónica que existiu no cemitério visigótico. Apesar de constituírem material funerário, iremos no entanto referir os dois sarcófagos monolíticos achados contra as paredes do “mausoléu”³⁴⁰ por serem elementos privilegiados num conjunto arquitectónico de Silveirona II.

Grande parte das peças arquitectónicas foi retirada do seu contexto ainda antes de Manuel Heleno chegar ao local do cemitério visigótico. Tentámos identificar as peças através das descrições feitas pelo arqueólogo, sobretudo graças às medidas, e através das fotografias por ele tiradas quando chegou ao local. Colocámos no seguinte quadro as peças existentes no M.N.A. que foram identificadas com os cadernos de campo e no fim assinalámos aquelas que não foram identificadas mas cuja correspondência quase exacta permite assegurar-nos a sua proveniência.

Peças	Números M.N.A.	Cadernos de Campo 1 e 2
Sarcófago	E 7982 / 2002.26.72	n.º2
Sarcófago	E 7983	n.º1
Lintel reutilizado como soleira	E 7984	n.º 23
Marco miliário	E 7988	n.º26

³³⁸ Anexo II, 2, fig. 1.

³³⁹ Nestas 35 peças incluímos o marco miliário (E 7988), reutilizado como material de construção e a inscrição a Talassa (E8019), uma vez que ela reutiliza um friso arquitectónico sumptuoso.

³⁴⁰ Anexo II, 2, fig. 1, estrutura A.

Coluna com capitel e base, partida em dois fragmentos	E 7994 e 200.26.63	n.º 5 e n.º6
Soco em forma de pirâmide	E 7999	n.º14
Base de coluna	E 8000	n.º10 ou n.º11
Base de coluna	E 8001	n.º10 ou n.º11
Fragmento de coluna com parte de moldura inferior	E 8002	n.º4
Coluna com base mas sem parte superior	E 8008 / 2002.26.64	n.º3
Base de pedestal (?) reutilizado como soleira	E 8012	n.º 102
Imposta visigótica decorada	E 8016	n.º13
Friso com folhas de acanto (inscrição a Talassa)	E 8019	s/ num.

Quadro 1. Peças arquitectónicas de Silveirona conservadas no M.N.A. com correspondência nos Cadernos de Campo.

M.N.A. ³⁴¹	Cadernos de Campo 1 e 2
9 fragmentos de colunas	7 fragmentos de coluna
4 “pedras com cova”	3 “pedras com cova”
1 base de coluna	2 bases de coluna
2 “batentes de porta”	3 “pedras trabalhadas”
2 fragmentos de mó	3 fragmentos de mó
1 bloco de granito trabalhado	1 “soco”

Quadro 2. Peças arquitectónicas restantes com possível correspondência nos Cadernos de Campo

Através das fotografias conseguimos identificar os dois sarcófagos E 7982 e 7983³⁴², o lintel de porta reutilizado como soleira E 7984³⁴³, as colunas E 7994 e 2002.26.64³⁴⁴, duas bases de coluna E 8000 e E 8010³⁴⁵, os dois elementos em granito E 7999 e E 8006³⁴⁶, assim como as placas epigrafadas³⁴⁷, o marco miliário³⁴⁸ e o material de construção das sepulturas³⁴⁹. As poucas peças que estavam *in situ* foram assinaladas na planta realizada por Francisco Valença³⁵⁰ e nos Cadernos de campo. Algumas indicações nos Cadernos acerca da proveniência das peças permitem-nos alvitrar que fariam parte de uma mesma construção: “(...) *Exumou-se, em segundo, uma coluna, deitada, depois capitéis e bases.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1).

No mesmo caderno, o arqueólogo descreve a seguinte listagem de peças (*ibidem*)³⁵¹:

“a) colunas:

N.º3 – *Caída na parte central do cemitério, acerca de 0m20 de profundidade. Compr. 1m57, perímetro 0m90.* [E 8008]

³⁴¹ Destas 19 peças, 7 não foram achadas.

³⁴² Anexo II, 2, fig. 2 a,b.

³⁴³ Anexo II, 2, fig. 4a.

³⁴⁴ Anexo II, 2, fig. 2 a, b; fig. 3ª.

³⁴⁵ Anexo II, 2, fig. 2 a, b; 3 a.

³⁴⁶ Anexo II, 2, fig. 3b, 4a.

³⁴⁷ Anexo II, 2, fig. 3 a, b; fig. 4b.

³⁴⁸ Anexo II, 2, fig. 3b, 4a..

³⁴⁹ Anexo II, 2, fig. 12 a, b.

³⁵⁰ Anexo II, 2, fig. 1.

³⁵¹ Entre parêntesis rectos acrescentámos o número de inventário actual da peça.

N.º 4 – Na parte poente do cemitério a 0m20 de profundidade. Coluna partida e delgada de alt. 0m64. [E 8002]

N.º 5 - Próximo da antecedente e à mesma profundidade. Capitel e parte da coluna, esta 0m61 de perímetro. [E 7994 e 2002.26.63]

N.º 6 – *Idem.* [idem.]

N.º 7 – Fragmento de coluna próximo do sarcófago n.º 2 a 0m45 de fundo.

N.º 8 e N.º 9 – Fragmentos de colunas

N.º 10 – Base de coluna, a cerca de 0m50 de profundidade assente num camada de seixo a que se ligava com cal. [E 8000 ou E 8001]

N.º 11 – Base aparecida ao lado da coluna n.º 3, possivelmente dela. [E 8000 ou E 8001]

Pedra decorada (n.º 13):

Com duas cruzes dentro de círculos, ladeada de outra decoração [E 8016]. Apareceu ao pé dum soco (n.º 12) [E 8006?] a que estava arrimada. Além deste soco apareceram no mesmo seguimento mais dois. O local aonde apareceram era dotado por baixo duma camada de seixo.

Pedra de forma de pirada (n.º 14) [E 7999]

Estava à superfície, talvez para colocar sobre os socos.”

Uns dias depois escreve:

“Alicerces. [estrutura A]

Formavam uma casa, talvez um templo com o comprim. de 4m80 e a larg. de 4m50 (incluindo paredes). As paredes tinham espessura 0m75, formavam rectângulo. Na parede de SW havia assente na parede uma pedra de mármore ornamentada na face vertical e voltada para fora com um friso encordado que talvez fosse uma soleira a julgar por uma cavidade aonde parece ter girado o eixo dum portão (n.º 23) [E 7984]. Estava já partida em duas partes grandes e uma pequena. Mede de compr. 1m36, de larg. 0m44 e de altu. 0m18. Sobre a pedra devia girar uma porta a qual teria de largura, a julgar pela parte gasta, 0m96. Seria a entrada dum templo ou de um túmulo? Dentro apareceram ossos, mas por outro lado as colunas parecem indicar a existência de um templo.

(...) No fundo da sala, que atrás disse ser possivelmente um templo, encontrou-se à profundidade de 1m10 uma pedra, em forma de marco ovalado com uma inscrição que se apresenta de difícil leitura (n.º 26) [E 7988] (...). ”

Neste texto percebemos que uma grande parte das colunas, dos capitéis e das bases foi achada na parte central e ocidental do cemitério (ou seja perto das estruturas arquitectónicas representadas na planta), mas o mais relevante será a indicação de “bases” ou “socos” alinhados e assentes “numa camada de seixo que se ligava com cal”, isso é, haveria talvez um alicerce de um muro (seixos ligados com cal) onde estas bases assentariam. Infelizmente, as colunas e bases não foram assinaladas na planta: serão talvez os alicerces da estrutura C?

Não podemos considerar que tenhamos o contexto arqueológico exacto para nenhuma delas, as técnicas de escavação de então não sendo tão rigorosas como as actuais, as poucas fotografias que mostram as peças *in situ* ³⁵² não são de grande fiabilidade: as peças parecem colocadas artisticamente ou já todas limpas da terra circundante, dando um aspecto teatralizado à posição das peças. Partimos assim do princípio que será difícil estudar as peças pelo seu contexto e optámos por dividi-las pelo seu tipo escultórico (romano clássico ou visigótico) e pelo seu estado de conservação (em bom estado ou

³⁵² Anexo II, 2, fig. 4 a.

reaproveitado para material de construção), a fim de tentar perceber que papel estas peças arquitectónicas teriam e que tipo de edifício poderia ter existido na necrópole visigótica de Silveirona.

Peças romanas, em bom estado de conservação

As únicas peças de perfil clássico que não foram sujeitas a novo trabalho escultórico (mas certamente reutilizadas como base de novas colunas) são as duas bases de colunas de grandes dimensões E 8000 e E 8001, uma das quais foi encontrada perto de uma das colunas maiores (E 8008). Estas bases são quase idênticas pelo que se acredita que deverão ter vindo de um mesmo espaço arquitectónico. Apresentam um perfil clássico de dois toros sobre uma base quadrangular, tipologia que foi utilizada durante todo o período alto-imperial, entre o séc. I ao séc. III d.C. O trabalho escultórico simples destas peças poderia igualmente remetê-las para uma datação mais avançada, talvez até ao séc. IV d.C..

Bases idênticas foram achadas na basílica paleocristã de Mértola (Torres e Macias, 1993: 42) e no criptopórtico da mesma cidade (Lopes, 2003: 74) ou na nave central da basílica paleocristã de Torre de Palma (estas com uma dimensão inferior) ou ainda na *villa* romana de Pisões (Beja), todas provavelmente em reutilização, salvo as bases do *impluvium* de Pisões, que são as únicas ainda no seu contexto primário e que têm um trabalho escultórico mais elaborado do que as precedentes.

A monumentalidade das bases de Silveirona não corresponde a nenhuma das colunas presentes no momento da escavação, supomos assim que elas devem ter feito parte, na origem, de um programa arquitectónico monumental (de tipo mausoléu ou *villa*) e que foram reutilizadas para suportar colunas mais finas, como acontece na maioria das igrejas paleocristãs.

- **base de coluna** (E 8000): base quadrangular, moldura simples de dois toros. Mármore branco de Vila Viçosa/Estremoz. Diâm: 41,5; base quadrada: larg. 47; alt. 15,5.³⁵³

- **base de coluna** (E 8001): base quadrangular, moldura simples de dois toros. Mármore branco de Vila Viçosa/Estremoz. Diâm: 38,5; base quadrada: larg. 54; alt. 20.³⁵⁴

Material romano reutilizado

Nesta categoria insere-se, provavelmente, a maior parte dos elementos arquitectónicos encontrados no cemitério visigótico de Silveirona II. Este critério pode ser, contudo, revisto, uma vez que algumas destas peças podem igualmente ter sido realizadas em época visigótica. Por exemplo no que se refere às colunas, como nenhum dado decorativo específico nos dá um indício sobre o estilo escultórico, será menos arriscado considerar estas peças como romanas ou romanas tardias (até ao século V) do que propriamente visigóticas, por não poder justificar esta opção³⁵⁵. De qualquer forma, a elaboração destas peças poderá sempre avançar até à primeira metade do século VI, datação fornecida pelas inscrições paleocristãs encontradas no sítio.

³⁵³ Anexo II, 2, fig. 5.

³⁵⁴ Anexo II, 2, fig. 6.

³⁵⁵ O fragmento de coluna E 7987 é o único previamente estudado, ainda não publicado (Wrench, 2008: 314-315) e é considerado como datando do século VII, não sabemos com que critério.

Os elementos mais frequentes que foram achados são as colunas³⁵⁶: uma quase inteira e onze fragmentos (dos quais dois não foram localizados na Reserva do M.N.A.). Destas doze peças, seis são constituídas por uma moldura na base (E 7986, E 7987, E 7990, E 8002, E 8005, E 8008), podendo-se assim afirmar a existência, no mínimo, de seis colunas. Como a maior parte delas é fragmentada³⁵⁷, a única medida segura e de interesse será o diâmetro. Notamos assim que há dois diâmetros que se repetem: quatro fragmentos com 24 cm, cinco fragmentos com 18 cm³⁵⁸, como se fossem todas cilíndricas e não em *entasis* como as colunas clássicas. Temos assim duas exceções talvez mais classicisantes: o fragmento E 8003 que mede 27,5 cm de diâmetro e a coluna E 8008, quase inteira, que mede 24 cm na parte superior e 32,5 na parte inferior. Podemos estar aqui diante de uma evolução entre colunas rectas (de 18 ou 24 cm de diâmetro) e colunas afunilando ligeiramente.

Uma outra particularidade é relativa à presença de uma moldura recta na parte inferior de quatro colunas (E 7986, E 7987, E 8002, E 8008). Este tipo de decoração simples parece revelar uma mudança nos hábitos decorativos: durante o período romano clássico sabemos que as colunas lisas acabam sem decoração porque todo o pormenor decorativo está concentrado na base e no capitel; ora sabemos também que no período visigótico o capitel e as molduras da base são muitas vezes incluídos na própria coluna (*vide infra* o colunelo E 7994), possivelmente numa perspectiva de economizar material de construção ou de inovar no tipo construtivo, com a aparição dos ábacos (ou impostas). Aqui estamos talvez num momento de transição em que parte da base perde a sua autonomia e fica integrada à própria coluna, deixando assim progressivamente o uso de uma base independente ou então estamos de novo diante de um novo tipo decorativo que inclui coluna com moldura sobre base (tal como a coluna E 8008 com moldura que faria provavelmente parte da base E 8000 ou E 8001). Estaríamos tentados em datar este género de proposta escultórica a partir do século IV d.C., mas aqui não é possível propor uma datação para este tipo de trabalho escultórico. Conhecemos dois paralelos de colunas com moldura inferior: no criptopórtico de Mértola e na *villa* da Quinta das Longas (Elvas). São sítios com uma larga diacronia, pelo que não é possível afirmar que sejam produtos forçosamente tardios e comprovar assim a nossa proposta de evolução escultórica. Podemos no entanto descartar a hipótese de serem produtos esculpidos em época visigótica uma vez que foram encontradas, a maioria delas, já muito fragmentadas e visivelmente utilizadas como material de construção para alicerces, só algumas podendo ter sido utilizadas como elemento de suporte. O tipo de fragmentação não é aleatório nem devido a trabalhos agrícolas: são peças que foram cortadas e fragmentadas para um certo fim.

Curiosamente, as duas colunas que acabam sem moldura recta mas com um rebordo abaulado quase imperceptível (E 7990 e E 8005), foram coladas com uma espécie de argamassa de ligação (talvez ainda nos anos 30 do século XX) a duas bases redondas decoradas com molduras de dois toros (E 8010 e E 8011) já muito danificadas. Nos dois casos as colagens não parecem coincidir com a realidade uma vez que as bases parecem demasiadas pequenas para as colunas, podem no entanto revelar uma proximidade de contexto. De facto, Manuel Heleno escreve no Caderno 1, referindo-se à coluna n.º 3 (E 8008) “*base aparecida ao lado da coluna n.º 3, possivelmente dela*”, pelo que esse tipo de associação pode ter sido feito para outras peças. Devemos mencionar, no entanto, a nossa dúvida enquanto à definição de

³⁵⁶ O marco miliário (Cunha, 2008: 187) também foi encontrado reutilizado como material de construção. Não sabemos se foi utilizado como coluna ou com outro tipo de função, não o incluímos porém na categoria de coluna por ser um elemento pertencente à rede viária e não um elemento de sustentação arquitectónica.

³⁵⁷ Não foi possível fazer colagem para nenhuma destas colunas mas acreditamos que algumas possam fazer parte de uma mesma coluna.

³⁵⁸ Um dos fragmentos que não foi visto por nós (E 8009) mediria 14 cm de diâmetro, mas uma vez que quase todas as medidas tomadas em 1943 estavam erradas (talvez realizadas com um método distinto do nosso), o que nos obrigou a remedir a totalidade das peças, não podemos assim fiar-nos a este pequeno diâmetro. O único colunelo visigótico mede 16,5 cm de diâmetro pelo que pomos a hipótese de poder ser um fragmento de colunelo.

“bases” para estas duas peças (E 8010 e E 8011). De facto, existem igualmente capitéis dóricos com este tipo de molduras muito simples, entre os quais um conservado no M.N.A. (Fernandes, 1998: 225, sem número de inventário nem proveniência). Se forem de facto dois capitéis desse tipo (e não bases), serão peças que datarão entre o séc. I e II d.C.

Por último, gostaríamos de referir a presença, na parte inferior de algumas colunas e bases (E 7987, E 8000, E 8003), de vestígios de uma espécie de cimento ou argamassa esbranquiçada, revelando que estas peças estariam provavelmente fixas a um pavimento argamassado, o que vai ao encontro da referencia de Manuel Heleno acerca de uma base “*assente num camada de seixo a que se ligava com cal*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1)

- **Fragmento de coluna**³⁵⁹ (E 7985) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz. Alt. 20 diâm. 24.
- **Parte inferior de coluna**³⁶⁰ (E 7986) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz com veios cinzentos. Parte inferior com moldura simples alisada medindo 4 cm de altura. Alt. 28 diâm. 24.
- **Parte inferior de coluna**³⁶¹ (E 7987) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz. Parte inferior com moldura simples alisada medindo 6 cm de altura. Alt. 30,5 diâm. 18 (18,5 com moldura).
- **Parte inferior de coluna**³⁶² (E 7990) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz. Coluna com perfil ligeiramente convexo, terminando sem remate (concebida para receber base separada). Alt.: 52,5 diâm 24,5
- **Fragmento de coluna**³⁶³ (E 7992) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz com veios cinzentos. Foi cortada a meio. Alt.: 31 diâm.: 24
- **Fragmento de coluna**³⁶⁴ (E 7995) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz com veios cor-de-rosa. Foi cortada a meio. Alt.: 22 diâm.: 18.
- **Grande fragmento de coluna** (E 7996) em mármore (não localizado). Alt. 83 diâm. 18.
- **Parte inferior de coluna**³⁶⁵ (E 8002) em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz, com veios cinzentos. Moldura inferior simples alisada medindo 4 cm de altura. Foi cortada longitudinalmente. Alt.: 61 diâm. 24.
- **Fragmento de coluna**³⁶⁶ (E 8003) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz. Alt.: 40 diâm. 27,5.
- **Parte inferior de coluna**³⁶⁷ (E 8005) em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz. Pequeno remate arredondado. Alt.: 19,5 diâm. 18.
- **Coluna quase completa**³⁶⁸ (E 8008), em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz com veios cinzentos. Base com moldura simples alisada medindo 6 cm. Alt 158,5 diâm. inferior 24,5 diâm superior 32,5.
- **Fragmento de coluna** (E 8009), não localizado. Alt. 23 diâm. 14.

³⁵⁹ Anexo II, 2, fig. 7.

³⁶⁰ Anexo II, 2, fig. 8.

³⁶¹ Anexo II, 2, fig. 9.

³⁶² Anexo II, 2, fig. 10.

³⁶³ Anexo II, 2, fig. 11.

³⁶⁴ Anexo II, 2, fig. 12.

³⁶⁵ Anexo II, 2, fig. 13 a, b.

³⁶⁶ Anexo II, 2, fig. 14.

³⁶⁷ Anexo II, 2, fig. 15.

³⁶⁸ Anexo II, 2, fig. 16.

- **Base ou capitel** ³⁶⁹(E 8010) cilíndrica decorada por dois toros. Alt. 11,5 diâm. 24.

- **Base (?)** (E 8011) em mau estado, forma original imperceptível. alt; 11,5 diam 27.³⁷⁰

Além de colunas, outras peças foram reutilizadas: um lintel (E 7984) foi várias vezes reaproveitado, provavelmente como soleira de porta. Este lintel é das poucas peças da qual sabemos o seu contexto de achamento “*uma pedra de mármore ornamentada na face vertical e voltada para fora com um friso encordado que talvez fosse uma soleira a julgar por uma cavidade aonde parece ter girado o eixo dum portão (n.º23). Estava já partida em duas partes grandes e uma pequena. Mede de compr. 1m36, de larg. 0m44 e de altu. 0m18. Sobre a pedra devia girar uma porta a qual teria de largura, a julgar pela parte gasta, 0m96.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1). A sua localização ao nível dos alicerces do tal “mausoléu” ou “templo” indica que ela estava num contexto secundário ou terciário. Mantemos contudo reservas quanto à sua disposição visível nas fotografias realizadas por Manuel Heleno³⁷¹: a peça parece pousada artificialmente sobre os alicerces, sem se entender a sua conexão com estes.

A peça tem um tamanho imponente e é adornada, num dos lados maiores, por um motivo de corda horizontal decorada a meio por duas flores de quatro pétalas e rematada num dos lados (o outro foi posteriormente picado) por um tipo de folha de hera de 7 folhas. Este motivo insere-se numa moldura rectangular de gola directa, com reentrâncias nas duas extremidades mais pequenas. Esta decoração foi realizada num estilo naturalista que difere dos paralelos que conhecemos nas finas placas decorativas da sala C do *balnearium* da *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Matos, 1995: 192-193), cujo trabalho escultórico é muito mais estilizado. Na sua primeira fase de utilização, a peça de Silveirona seria provavelmente um lintel de uma porta de importância: ou de uma porta de entrada de uma *villa* (*villa* da Coelha?) ou de um mausoléu funerário. A datação alto-imperial (séc. I-III d.C.) desta primeira fase de utilização da peça não parece oferecer dúvidas aqui, tendo em conta o estilo clássico da decoração e do trabalho escultórico.

Este bloco foi depois reutilizado presumivelmente várias vezes pois a quantidade de covas, cavidades e rebaixamentos são de leitura pouco explícita, não se conseguindo perceber se são acções contemporâneas ou se revelam várias fases para usos diversos. Se esta peça fosse reaproveitada como soleira de um portão, faltar-lhe-ia a outra metade, onde estaria fixa a porta ou o portão. A cova redonda seria a do remate para o fecho do portão, e nesse caso entrava-se na estrutura A pelo lado Sudeste da sala. Foram realizados rebaixamentos dos dois lados menores da peça que parecem contemporâneos à cova, uma vez que esta está encostada a um destes rebaixamentos, possível degrau de acesso? As duas cavidades mais pequenas realizadas no alinhamento da cova são preenchidas por elementos semelhantes a pregos ou estacas pequenas de ferro, talvez com outra funcionalidade. A interpretação desta peça como fazendo parte de uma cancela de igreja seria a leitura mais desejada, mas o seu local de achamento sobre umas das paredes da estrutura A não torna esta hipótese provável. A última possibilidade é que após a sua reutilização como soleira tivesse sido de novo reutilizada na estrutura A unicamente como material de construção para uma das paredes. Não podemos contudo deixar de referir que esta peça monumental foi achada na zona mais “nobre” desta necrópole: sobre a estrutura A, onde foi achada o marco miliário, onde encostam os sarcófagos e uma das sepulturas privilegiadas do conjunto funerário, a sepultura I de *Sabinus, vir honestus* (Cunha, 2008: 81). Isto significa que há uma vontade de monumentalização desta estrutura, utilizando material de construção nobre como o mármore além de que o lado decorado era provavelmente visível do lado SW deste edifício.

³⁶⁹ Anexo II, 2, fig. 15.

³⁷⁰ Anexo II, 2, fig. 10.

³⁷¹ Anexo II, 2, fig. 4 a.

- **Lintel de porta**³⁷² (E 7984) em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz. Decorado numa das faces laterais: motivo de cordão enrolado, horizontal, rematado por uma folha de hera estilizada e decorado no centro por duas pequenas flores de quatro pétalas fazendo lembrar estrelas. Várias vezes reutilizado como material de construção. Compr.139 larg. 44 espessura. 19,5.

Para a base (E 8012), de pedestal?, não temos infelizmente referências acerca da sua descoberta. Nos cadernos de campo há várias referências a “batentes de porta”, em que acreditamos que esta fizesse parte, mas sem indicação da proveniência exacta. Trata-se de uma peça de grandes dimensões, de forma quase quadrangular, lisa na face superior, cortada em duas faces menores, as duas restantes estando decoradas por uma sucessão de finas molduras de tipo filete intercaladas duas vezes por toros. Deverá ter sido, na sua origem, um pedestal ou uma base para um edifício. De facto, a sua espessura impede-nos pensar que podia ser uma placa de revestimento de muro mas sim uma peça pousada no chão. O estilo clássico do perfil em filete e toros situa a primeira fase desta peça no período alto-imperial (séc. I–III d.C.)

Na face superior alisada foi efectuado um rebaixamento rectangular ao longo da moldura, de uns 7cm de largura. Em vez de batente de porta, acreditamos aqui na reutilização para uma cancela, uma vez que não se verifica nenhuma perfuração para remate do fecho nem vestígios do arco de abertura, se fosse reutilizado como soleira de uma porta.

- **Base de pedestal** (?) (E 8012)³⁷³ em mármore branco de Vila Viçosa / Estremoz, de forma quase quadrangular, decorada em duas faces por filetes e toros intercalados. Reutilizada provavelmente como base de cancela. Compr.: 56 larg.: 50 espessura: 13

A peça mais profusamente decorada descoberta em Silveirona é o friso decorado por folhas de acanto (E 8019). Esta peça já foi por nós estudada, uma vez que na sua face não decorada foi gravada uma inscrição funerária a *Talassa*, datada do ano de 544 (Cunha, 2008: 83 e seg.). Aqui iremos no entanto concentrar-nos na peça antes da sua reutilização como placa funerária.

Trata-se do canto de uma placa de revestimento, partida sensivelmente a meio. Entre duas molduras lisas e uma de folhas estilizadas encurvadas foi esculpido, em baixo-relevo, um friso de volutas realizadas por folhas de acanto envolvendo no seu centro flores de cinco pétalas ou, num caso, uma pequena folha. Nos espaços exteriores entre as volutas foram representadas flores vistas lateralmente, conferindo mais realismo ao conjunto. O trabalho escultórico foi realizado com grande naturalismo, num estilo romano clássico. Uma particularidade é no entanto de notar: as flores de canto e a pequena folha central não foram acabadas, notando-se o picado que indica onde o estilete teria que passar para realizar o efeito de profundidade.

Este friso deverá ter pertencido a um monumento de ostentação durante o período romano clássico (séc. I-III d.C.), talvez um mausoléu ou um templo. Uma vez que três placas funerárias³⁷⁴ do Alto-Império (sec. I-III d.C.) foram reutilizadas para formar a parede da sepultura onde foi achado este friso, acreditamos que o monumento romano espoliado para realização desta sepultura fosse um mausoléu funerário.

Na parte traseira da peça (onde foi incisa a inscrição a *Talassa*), notam-se nos lados compridos, as marcas realizadas para retirar a peça do monumento onde estaria embutida. Estas marcas foram deixadas à vista e só foi alisada a parte que receberia a inscrição funerária.

³⁷² Anexo II, 2, fig. 17, 18,19.

³⁷³ Anexo II, 2, fig. 20.

³⁷⁴ Estas três placas funerárias romanas já foram estudadas (Cunha, 2008 e bibliografia correspondente), não serão aqui objecto de estudo, uma vez que não são propriamente material de construção de época romana mas placas funerárias reaproveitadas como material de construção no século VI.

- **Friso** ³⁷⁵(E 8019) em mármore branco rosado de Vila Viçosa / Estremoz, com veios cinzentos. Decoração vegetalista em estilo naturalista, com pormenores inacabados. Peça reutilizada como placa funerária no século VI d.C.. Alt.: 105,5 larg.: 51,2 esp.: 10,7.

O marco miliário (E 7988) é a última peça romana identificada por nós que tenha sido reutilizada durante o séc. VI d.C.. O interesse desta peça reside no entanto na sua datação tardia relativamente ao conjunto alto-imperial que acabámos de estudar. De facto, este marco data entre 317 e 326 d.C. (Cunha, 2008, p. 187) e encontrava-se em reutilização na estrutura A. O problema no entanto refere-se à sua posição no momento do achamento: “*No fundo da sala, que atrás disse ser possivelmente um templo, encontrou-se à profundidade de 1m10 uma pedra, em forma de marco ovalado com uma inscrição que se apresenta de difícil leitura (...)*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1). A fotografia mostra o marco deitado no fundo deste compartimento. Ficamos assim sem entender como este marco foi reutilizado: como material de construção na parede do edifício? Como coluna no centro? Contudo, a datação do séc. IV d.C. deste marco revela assim que esta estrutura é confirmadamente construída muito tempo após a utilização da peça como marco viário ou honorífico e descarta assim a hipótese de estarmos diante de uma estrutura alto-imperial, posteriormente reutilizada no início do século VI d.C. mas sim de uma estrutura construída de raiz por volta do século VI d.C.

- **marco miliário ou honorífico** ³⁷⁶(E 7988) em granito. Séc. IV d.C. reutilizado no séc. VI d.C. Alt.: 101 perímetro: 92 esp: 19. (não fotografado)

Material tardio e visigótico

Apesar de quase uma dúzia de inscrições funerárias ser datada do século VI d.C., temos muito pouco material arquitectónico que seja estilisticamente datado deste período. Este facto não é surpreendente uma vez que o período tardo-romano é caracterizado pela profusa reutilização de material dos séculos anteriores, notando-se uma redução – mas não abandono - na exploração das pedreiras durante a Antiguidade Tardia.

Assim, em Silveirona II, temos somente quatro elementos que podemos identificar como tardo-romano ou visigótico: os dois sarcófagos encostados à estrutura A (onde encostavam também sepulturas datadas do século VI por inscrições), um colunelo com capitel incluso e um ábaco ou imposta.

Os sarcófagos são de descrição sintética uma vez que são peças não decoradas realizadas num só bloco de mármore. O sarcófago mais baixo E 7982 foi realizado num bloco que poderia ter tido outra função no período romano, como o silhar de um muro (e assim podia ser inventariado no “material romano reutilizado”). No entanto, o seu grande comprimento parece-nos apontar para uma extracção directa de uma pedreira, não sendo costume encontrar silhares de tal envergadura nas construções romanas. O interior deste bloco foi escavado em semi-círculo nas duas extremidades. Em uma das extremidades foi realizado um orifício, provavelmente para escoamento dos líquidos mortuários. O texto de Manuel Heleno refere: “*orientado de SW para NE à mesma profundidade [2 metros]. Mede de compr. 2m15; larg. 0m62; alt. Cerca de 0m23. As paredes têm de larg. 0m11 e eram prolongadas, em altura, por bocados de régulas, ligadas com barro e cal com cerca de 0m75 de altura. Tinha dentro cinco caveiras que foram destruídas.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1). A construção de uma parede de 75 cm de altura (ver reconstituição em Cunha, 2008: 232) pode revelar a presença de um jazigo familiar.

³⁷⁵ Anexo II, 2, fig. 21 a, b

³⁷⁶ Anexo II, 2, fig. 3, b

O sarcófago E 7983 é formalmente mais parecido com os sarcófagos do período visigótico: uma caixa tumular realizada num só bloco, com paredes altas e finas: “*estava a cerca de 2m de profundidade, orientado de Leste para Oeste, sem cobertura, cheio de terra e alguns ossos*” (*ibidem*).

A profundidade a que Manuel Heleno encontrou os sarcófagos e as peças em geral é problemática, uma vez que não sabemos qual o ponto de referência que utiliza, se o nível do piso onde ele escavou, se o nível superior dos alicerces da estrutura A ou outro ponto de referência. Uma vez que o terreno não era plano, torna-se difícil entender se certas peças estariam num mesmo contexto arqueológico ou não. Numa parte do texto, o arqueólogo refere que mandou tirar “*uma capa de pedras e terra de 0m50 de altura a qual estava acima da superfície das sepulturas*” (*ibidem*). Estes sarcófagos seriam provavelmente as peças que estavam ao nível mais profundo, comparativamente com as restantes peças que foram encontradas entre 100 a 20 cm da superfície (antes ou depois de terem retirado os 50 cm de terra...).

- **Sarcófago**³⁷⁷ (E 7982) em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz, de forma rectangular e paredes baixas, escavado em semi-círculo na cabeceira e nos pés. Compr.: 215 larg.: 62 alt.: 23 esp. das paredes: 11

- **Sarcófago** (E 7983) em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz, de forma rectangular (paralelepípedo), paredes alisadas altas, trabalho escultórico simples. Compr.: 199 larg.: 66 alt.: 65. esp. das paredes: 10 (não fotografado)

As duas peças claramente visigóticas e assim as mais emblemáticas de Silveirona II são o colunelo (E 7994) e um cimácio (E 8016).

O colunelo é composto por dois fragmentos³⁷⁸: um fuste fino com base quadrada incluída, ligeiramente mais larga do que o fuste. O trabalho escultórico é simples, as faces foram alisadas mas as ligeiras marcas a bisel conferem um aspecto rugoso ao conjunto. O capitel demarca-se pouco da coluna: uma ligeira moldura lisa separa a parte ornamentada do fuste e o cesto (*kalathos*), decorado por quatro folhas de acanto, é do mesmo diâmetro do que o fuste. O trabalho escultórico é bastante naturalista, comparado com outros capitéis visigóticos da *Lusitania*, e repete-se nas quatro faces: folhas largas das quais só algumas nervuras são perceptíveis, os espaços vazios inferiores são preenchidos por pequenas folhas, enquanto que da junção superior destas saem duas volutas em forma de V. Nos capitéis visigóticos estas volutas costumam invadir quase todo o espaço do cesto enquanto que aqui ainda estão confinadas à parte superior deste.

A única referência que detemos sobre este colunelo é a frase de Manuel Heleno “N.º 5 - *Próximo da antecedente e à mesma profundidade. Capitel e parte da coluna, esta 0m61 de perímetro.*” Isso é, a 20 cm de profundidade e na parte poente do cemitério...

Este tipo decorativo do colunelo tem provavelmente origem em Mérida, cuja tipologia foi criada por Cruz Villalón, sendo que poderá fazer parte do tipo I (Cruz Villalón, 1985: 178, “columnitas de tipo I”, n.º 63 a 88). Porém, para o capitel de Silveirona não há nenhuma decoração de cesto parecida, com um trabalho escultórico tão naturalista, a não ser os capitéis com volutas em V ocupando o espaço por inteiro. O colunelo de Silveirona não tem assim paralelos directos. Apresentamos, contudo, e sem

³⁷⁷ Anexo II, 2, fig. 22.

³⁷⁸ A junção destes dois fragmentos não foi tarefa fácil, uma vez que o número de Entrada na base do colunelo é quase ilegível e que não cola directamente com o capitel (este último não tinha número de Entrada mas só um número de Inventário recente), razão pela qual só entrou o capitel na exposição temporária *Sit Tibi Terra Levis*. No entanto, no Livro de Entradas, a peça está descrita como se estivesse inteira e que colasse, conferindo-lhe uma altura total de 1m. Ora, uma pequena parte do fuste perdeu-se (ou ainda não foi localizada), o que resulta em dois fragmentos que não colam, tornando assim este colunelo mais alto do que 1m.

sermos exaustivos, algumas peças parecidas: o colunelo MR.CI.0005 da basílica do Rossio do Carmo em Mértola, sem capitel mas com base quadrada (e molduras em toros) inserida no fuste (Wrench, 2008: 632); o colunelo monolítico MRB.1.60 com base e capitel de Vilar, Alfundão, Ferreira do Alentejo (*ibidem*: 648); o capitel E 6500 com volutas em V de Mértola (*ibidem*: 641-642); o colunelo monolítico com capitel com volutas em V de Vera Cruz de Marmelar (*ibidem*: 349); o colunelo com base quadrada e capitel com volutas em V no Museu Municipal de Elvas (*ibidem*: 382). De Idanha provêm igualmente vários capitéis do tipo das volutas (Wrench, 2008 e Almeida, 1962). O único capitel que apresenta, como em Silveirona, um cesto com folhas mais naturalistas e volutas confinadas à parte superior é um capitel do Museu Machado de Castro, sem proveniência (Almeida, 1964: est. XVI, nº139)

O cimácio³⁷⁹ é a única peça arquitectónica que foi publicada (Almeida, 1962: Est. XXII, nº 172; Fabião, Dias e Cunha, 2008: 48) e estudada de um ponto vista artístico (Wrench, 2008: 311-312). Apresenta-se de forma troncopiramidal, a parte superior rectangular foi alisada assim como a parte inferior quadrangular, onde assentava um colunelo. As quatro faces laterais são grosseiramente decoradas a bisel. O campo foi rebaixado e recebe motivos estilizados em baixo-relevo: as faces maiores com uma “linha horizontal de triângulos encaixados, sobrepostos e tangentes” (Wrench, 2008: 311). As faces menores são decoradas por “um círculo com cruz inscrita, sendo o círculo marcado por um boleado e a cruz, de braços iguais, apresenta estrias no enchimento dos braços” (*ibidem*). Nos dois cantos superiores que ladeiam os círculos foi esculpida uma pequena flor com pétalas em forma de pérolas.

A referência de Manuel Heleno acerca desta imposta é uma descrição formal da peça desconhecendo o seu significado: “*Pedra decorada (n.º13): Com duas cruzes dentro de círculos, ladeada de outra decoração* [E 8016]. *Apareceu ao pé dum soco (n.º12) a que estava arrimada.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1).

A forma troncopiramidal da imposta de Silveirona faz tipologicamente parte do tipo I de Cruz Villalón (1985: 240 “Impostas e cimácios, tipo I”), tipologia muito frequente em Idanha. No entanto, nenhuma destas impostas apresenta uma decoração parecida. O paralelo de Mérida apresentado por Wrench (imposta n.º 412 *apud* Cruz Villalón, 1985) será o único que apresenta uma cruz nas faces menores, mas o trabalho escultórico difere porém do de Silveirona. A única peça que tem as mesmas cruzes estriadas inseridas num círculo em relevo arredondado é uma pilastra encontrada a 5 km a Norte de Sines a servir de padieira de porta de um moinho (Wrench, 2008: 749-750). Duas outras peças têm cruzes estriadas mas não inseridas em círculo: um fragmento de pilastra embutida no muro do Castelo de Sines (Almeida, 1964: 200, Est. VIII, nº98), e uma placa do Museu de Faro (Almeida, 1964: 213, Est. XXV, nº 186). Estas cruzes abrem nas extremidades, abertura apenas perceptível nos braços horizontais de uma das cruzes do ábaco de Silveirona.

- **Colunelo com base e capitel**³⁸⁰ (E 7994) incluídos em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz. Fuste com base: alt.: 64 diâm.: 16,5 larg. base: 16,5; fuste com capitel: alt. 43 diâm. 15,2 parte superior: 14.

- **cimácio troncopiramidal**³⁸¹ (E 8016) decorada nas quatro faces, em mármore branco de Vila Viçosa/ Estremoz.. Compr.: 42,5 larg. 33 alt.: 11; base de apoio para a coluna 12 x 12.

³⁷⁹ Almeida (1964: Est. XXII, nº 170) e Wrench (2008: 308) apresentam também outra imposta do M.N.A. (E 6375) como fazendo parte de Silveirona, é no entanto proveniente - de um ponto de vista estilístico - de Idanha (o que é confirmado pelo livro de Entradas, que dá como proveniência Idanha-a-Velha).

³⁸⁰ Anexo II, 2, fig. 23.

³⁸¹ Anexo II, 2, fig. 24.

A datação destas quatro peças de Silveirona da primeira metade do séc. VI d.C. não oferece dúvidas, datação precisa graças à presença das inscrições paleocristãs claramente datadas. Esta datação poderá servir a rever a datação da pilastra de Sines (Wrench, 2008, p. 749-750) datada até agora do século VII.

Material indeterminado

No conjunto arquitectónico de Silveirona II, deparamo-nos com duas peças em granito e uma em xisto cujas funcionalidades são desconhecidas, sendo assim difícil de enquadrá-las cronologicamente. Trata-se da base esculpida em granito E 8006. Talvez seja o “soco” referido por Manuel Heleno quando descreve a imposta que acabámos de estudar: [a imposta] *Apareceu ao pé dum soco (n.º12) [E 8006?] a que estava arrimada. Alem deste soco apareceram no mesmo seguimento mais dois. O local aonde apareceram era dotado por baixo duma camada de seixo.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1). Define-se por um paralelepípedo com uma base mais larga e com as quatro faces decoradas por toros (?) ou molduras arredondadas verticais. Numa das faces a banda central foi picada e noutra face são imperceptíveis. Esta peça é uma base: de coluna? de pilar? de lagar? O trabalho escultórico é rude, devido à própria matéria do granito. Esta peça aparece em várias fotografias do início das escavações³⁸², pelo que supomos que seja uma das peças exumadas.

A segunda peça E 7999 é uma base quadrangular que acaba em pirâmide cuja descrição de Manuel Heleno segue: “*Pedra de forma de pirada (n.º14). Estava à superfície, talvez para colocar sobre os socos.*” (Heleno, 1934, Caderno n.º1). Esta peça pode não ser romana, por se encontrar em muitas entradas de quintas no Alentejo, para decorar o topo dos portões ou noutros sítios como, por exemplo, uma fonte em Portalegre. A única estranheza reside no facto de o granito não ser uma pedra da região (encontrando-se mais a NE do Alto Alentejo) pelo que pode talvez ter tido alguma função específica para trabalho agrícola em época romana e ter sido depois de novo esculpida para marcar a entrada de uma propriedade já em época moderna?

A terceira peça E 8004 é uma placa de xisto com uma cavidade quase circular no centro. O orifício não atravessa a placa pelo que achamos que deverá ter estado colocada no chão como apoio a um pilar de madeira. O xisto é matéria abundante nesta zona de Estremoz pelo que podemos estar diante de uma tampa de sepultura posteriormente reaproveitada.

- **base de granito**³⁸³ (E 8006) com molduras arredondadas verticais nas quatro faces. Alt.: 54 larg. base: 52 larg. superior: 43.

- **base de granito quadrada**³⁸⁴ (E 7999) com parte superior piramidal. Alt.: 41,2 larg.: 42,2 esp. 41,5.

- **placa de xisto**³⁸⁵ (E 8004) com cova central. Compr.: 57,5 larg.: 46 alt.: 9,5.

Conclusão

Antes de finalizarmos este capítulo, relembremos que estamos perante um espaço parcialmente escavado. As peças descobertas representam unicamente uma parte de um todo, não sendo assim o resultado de uma escavação total³⁸⁶. No sítio existirão provavelmente mais peças arquitectónicas, mais estruturas construtivas que deverão ser escavadas no futuro.

³⁸² Anexo II, 2, fig. 3 b.

³⁸³ Anexo II, 2, fig. 25.

³⁸⁴ Anexo II, 2, fig. 26.

³⁸⁵ Anexo II, 2, fig. 27.

³⁸⁶ Contrariamente ao que acontece para as zonas paleocristãs de Torre de Palma ou Vila Verde de Ficalho, integralmente escavadas.

Ao observarmos todas as peças que acabámos de descrever confrontamo-nos com duas realidades bastantes claras: peças do período alto-imperial entre o séc. I e III d.C. (datadas por questões estilísticas e pelas três inscrições funerárias) e até ao início do século IV d.C. no que se refere ao marco, assim como peças do período visigótico (datadas pelas inscrições do século VI d.C.). Assim sendo, que tipo de monumento alto-imperial foi espoliado e que tipo de edifício visigótico terá sido construído?

Uma vez as peças analisadas, torna-se necessário repor o conjunto funerário de Silveirona II no seu contexto espacial. Como já referimos mais acima, existia uma *villa* a escassas centenas de metros de Silveirona II, a *villa* da Coelha parcialmente escavada por Manuel Heleno. Era composta por vários compartimentos com mosaicos e uma zona de lagar assim como uma necrópole de urnas cinerárias perto desta, que poderá ter sido o primeiro local de enterramento da *villa* (Cunha, 2008, p. 34 a 37). A necrópole romana de inumação Silveirona I, datada de meados do século II ao final do século IV - inícios do séc. V d.C., não será no entanto a necrópole dos proprietários da *villa* mas antes dos *rustici* habitando esta *villa* ou povoações da cercania. De facto, a maioria das sepulturas era bastante pobre, covas escavadas na rocha sem revestimento, com espólio pouco abundante e por vezes material agrícola ou de caça associado provavelmente à actividade do defunto. “Falta” por assim dizer a necrópole dos *domini* da *villa*. Ora analisando o material arquitectónico romano reutilizado em Silveirona II, podemos estar diante de duas possibilidades: i) trata-se de um mausoléu tardo-romano (dos proprietários?) que foi posteriormente venerado e transformado em basílica funerária no período visigótico ou ii) a necrópole visigótica espoliou parte da *villa* ou parte de um rico mausoléu funerário pertencente à *villa*, a fim de construir um *martyrium* ou uma basílica funerária.

Pela presença do marco datado do século IV d.C. no interior da estrutura A e das sepulturas do início do séc. VI a ela encostadas, acreditamos estar diante de um edifício construído entre estas duas balizas cronológicas. Ora trata-se de uma datação tardia se observarmos o conjunto escultórico clássico reaproveitado em Silveirona II. Pode-se contradizer afirmando que o marco poderia ter sido colocado no interior de uma estrutura prévia, a sua posição no fundo da sala não impedindo esta realidade. No entanto, se a estrutura A fosse um mausoléu alto-imperial, o lintel poderia estar tombado (como estava) sobre os alicerces mas não estaria tantas vezes reaproveitado. Estamos assim diante de peças alto-imperiais em contexto de reutilização, não havendo nenhum dado que nos confirme uma datação antiga para esta estrutura A. A última possibilidade para a estrutura A ser uma construção antiga (assim como as estruturas B e C) seria que estes alicerces pertençam à área agrícola (*pars rustica* ou casal agrícola) abandonada. Nesse caso, o cemitério visigótico pode reutilizar estruturas agrícolas em ruínas³⁸⁷ mas não ser uma zona funerária reutilizada³⁸⁸.

Consideramos desta forma que o material alto-imperial de Silveirona faria parte de um monumento funerário de tipo mausoléu, talvez templiforme por causa das bases e das colunas³⁸⁹, localizado algures entre a *villa* e estas duas necrópoles (perto da tal necrópole de incineração?), pertencendo provavelmente aos donos da *villa* da Coelha. Este edifício, pela sumptuosidade das peças exumadas, devia ter dimensões monumentais e ser profusamente decorado. As placas funerárias n.º 163, n.º164 e n.º165 estudadas por nós (Cunha, 2008: 183 e 184) fariam assim parte deste núcleo funerário

³⁸⁷ Zonas funerárias que se instalam sobre estruturas prévias em abandono são frequentes: o núcleo funerário a SW da basílica de Torre de Palma ocupa talvez uma parte residencial abandonada (ver Caso de Estudo I, Anexo I), a necrópole de Els Munts em Tarragona ocupa uma antiga zona de armazenagem (Chavarria Arnau, 2007: 118), a necrópole de Pombais (Marvão) ocupa as termas abandonadas da *villa*, para só citar alguns exemplos.

³⁸⁸ A presença de três possíveis sepulturas de incineração em Silveirona II não nos parece suficiente para tal teoria, uma vez que não se tem a certeza que fossem de incineração, podendo ser sepulturas de crianças.

³⁸⁹ A possibilidade destas peças terem pertencido a um templo romano é por enquanto descartada por causa da ausência de inscrição votiva e da presença de três inscrições funerárias. As bases e as colunas podem no entanto também provir da própria *villa* da Coelha.

mais rico e não de Silveirona I, como sugerimos no passado (*ibidem*: 102). A placa dedicada por *Arria Quintilla* e *Avita* ao marido e pai *L. Valerius Maxumus*, de 80 anos, pela idade avançada do defunto e pela onomástica clássica, poderia ser uma das placas do mausoléu. Este terá sido espoliado no início do século VI d.C. quando foi construído o edifício e as sepulturas em Silveirona II. Assim, a ideia de estarmos diante de uma necrópole de *rustici* (Silveirona I) que terá crescido até atingir a necrópole dos donos (Silveirona II), cujo mausoléu alto-imperial teria sido reconvertido em *martyrium* não parece ser arqueologicamente comprovável.

Uma certeza permanece: a população uma vez cristianizada não sepulta os seus mortos na necrópole pagã Silveirona I. Cria-se, por volta dos inícios do VI d.C. um novo espaço funerário, tal como acontece em diversos sítios na *Hispania*³⁹⁰. Várias hipóteses são viáveis: i) uma sepultura cristã que terá recebido uma veneração (por ter sido de uma pessoa considerada importante na comunidade, como um presbítero ou eremita ou simplesmente um cristão “santo”³⁹¹) e em torno da qual terá sido construído um edifício em sua honra, e então, podemos considerar um mausoléu³⁹²; ii) a construção de uma igreja rural com relíquias vindas de outra região, cujo valor sagrado tivesse atraído a população cristã. Como já referimos no nosso anterior trabalho (Cunha, 2008: 101), vários factores contribuem para definir assim este tipo de construção: a presença de sepulturas privilegiadas encostadas à estrutura A: a sepultura privilegiada do *vir Sabinus* e os dois únicos sarcófagos³⁹³ e o facto de um grande número de sepulturas de Silveirona II convergirem para este edifício. Estamos assim muito provavelmente diante de sepulturas *ad sanctos*. A evolução de um mausoléu para uma igreja é possível, mas os dados arqueológicos de que dispomos não são suficientes para podermos alvitrar evoluções arquitectónicas.

A tese da existência de uma igreja rural visigótica em Silveirona II é de facto aqui muito provável, por um lado pela presença de colunas, bases, capitéis e impostas (entre as quais as duas peças claramente esculpidas num estilo do século VI), por outro lado pela presença abundante de inscrições funerárias. Em efeito, os únicos exemplos de maior abundância de inscrições funerárias paleocristãs na *Lusitania* são Mértola, na basílica suburbana do Rocio do Carmo (Torres, 1993) e Mérida³⁹⁴ (Ramírez Sádaba e Mateos Cruz, 2000). Estes sítios são urbanos, o que não parece ser o caso de Silveirona, no entanto, pela presença de mais de oitenta sepulturas (relembremos que mais de cinquenta sepulturas foram destruídas antes da chegada de Heleno ao terreno) no sítio de Silveirona II, podemos considerar a possibilidade de estarmos diante de uma necrópole que tenha servido um *vicus* ou outro tipo de aglomerado habitacional de importância. Torna-se difícil, com os poucos dados que temos, perceber que tipo de edifício religioso existiria. Como já vimos, podemos estar diante de uma basílica funerária, mas uma igreja paroquial de culto eucarístico e baptismal também poderia ser viável. A presença de uma igreja baptismal a algumas dezenas de quilómetros a norte de Silveirona em Torre de Palma não

³⁹⁰ Como em La Olmeda (Palencia), onde existem três núcleos funerários em torno da *villa*: o último é utilizado a partir do séc. VI e é aquele que está mais próximo da *villa* (Chavarria Arnau, 2007: 120).

³⁹¹ O conceito de “santo” no mundo ocidental paleocristão difere do conceito dos “santos homens” do mundo oriental, eremitas cujo extremo ascetismo criou grandes vagas de venerações e a criação de relíquias. Os “santos” no mundo ocidental podiam ser unicamente pessoas laicas que levaram uma vida modelo no seio da sociedade cívica ou um membro do clero (*vide* parte IV).

³⁹² Não utilizamos propositadamente a palavra “*martyrium*” porque implica que tivesse sido venerado um mártir, isso é, uma pessoa perseguida nos finais do séc. III – início do IV d.C., quando o sítio de Silveirona II seria ainda uma zona agrícola. A presença de um *martyrium* seria mais lógica se estivessemos num espaço funerário romano progressivamente cristianizado, como em Mérida ou em Torre de Palma, e não um espaço que se destaca da necrópole romana.

³⁹³ É frequente encontrar sarcófagos junto a mausoléus a partir do séc. IV como em Liédana na Navarra, Pesquero ou La Cocosa em Badajoz (Chavarria Arnau, 2007: 118, nota 528).

³⁹⁴ Em Mérida grande parte das inscrições funerárias já foram encontradas fora do seu contexto original mas as dezenas de inscrições viriam certamente de cemitérios junto a igrejas ou basílicas como a de Santa Eulália.

justificaria a construção de outro baptistério, mas uma igreja de culto eucarístico de cariz paroquial seria de encarar.

O último enigma difícil de resolver quando se observa as peças arquitectónicas de Silveirona II, é o seu estado fragmentado, sobretudo as colunas. Como já vimos, esse tipo de fragmentação (colunas cortadas longitudinalmente ou transversalmente) é intencional, nenhum trabalho de arado corta desta forma as peças. A questão permanece: estas colunas foram cortadas propositadamente no período visigótico para serem utilizadas como material de construção (e assim faltam as restantes peças que teriam sido usadas como suporte, além dos poucos que já foram encontrados)? Ou estas colunas pertenceriam a uma igreja de três naves visigótica que foi posteriormente espoliada, como muitas vezes sucede durante a época medieval em que as peças eram queimadas em fornos de cal para recuperar a matéria-prima? Este tipo de fornos existe na região de Marvão, perto da cidade de *Ammaia* e mais casos de recuperação são conhecidos, como o caso das estátuas da Quinta das Longas por exemplo.

Bibliografia principal: RP 6/202; ALMEIDA (1962); CUNHA (2008); DIAS e GASPAR (2006); ENCARNAÇÃO (1977); ENCARNAÇÃO (1984); FABIÃO, DIAS e CUNHA (2008); HELENO (1956).

CASO DE ESTUDO 3

BAPTISTÉRIO DE VILA VERDE DE FICALHO

Igreja Velha de S. Jorge, Vila Verde Ficalho (Serpa)

CNS:1094

Leitura Geral

A escavação deste sítio começou em 1980 quando António Monge Soares decidiu adaptar a igreja de S. Jorge de Vila Verde de Ficalho assim como a área circundante ao Museu de Ficalho. Várias campanhas se sucederam e o baptistério paleocristão foi descoberto e escavado em 1991.

Esta igreja foi construída na primeira metade do século XVI, com a particularidade de reutilizar elementos arquitectónicos romanos na sua construção: o púlpito assenta sobre um fragmento e uma base de coluna, e no pavimento encontram-se duas lajes de mármore de São Brissos igualmente reaproveitadas. Cerca de 1840 funcionou um cemitério (com ossário) no sector a norte da igreja, que se estendeu mais tarde até à zona Sul. Este local funcionou até 1921, data em que o novo cemitério foi construído fora da localidade. A igreja de São Jorge foi abandonada quando foi erigida a Igreja Matriz, a algumas centenas de metros a sul, na actual praça principal da vila.

Quando se começou a limpeza da canalização que percorre a zona Este do sector Norte, descobriu-se *opus signinum* na sua construção, razão pela qual se iniciaram as escavações arqueológicas. Várias campanhas sucederam-se definindo dois sectores: o sector A, a norte da igreja e o sector B, a sul. Infelizmente, o cemitério e o ossário oitocentistas destruíram grande parte das estruturas antigas, revolvendo a maior parte da estratigrafia. Os vestígios revelaram que a canalização visível no sector A continua sob a igreja e termina no sector B num depósito de água (com algumas estruturas anteriores e material da 2ª Idade do Ferro) antes de continuar para um grande tanque rectangular revestido a *opus signinum*. Apesar das grandes destruições efectuadas pelas sepulturas do século XIX, as estruturas romanas parecem poder corresponder às de uma *mansio*, provavelmente a *Fines* do Itinerário Antonino.

Em 1934, a algumas dezenas de metros a sul (perto da actual estrada para Espanha), há memória de que se tinha encontrado vestígios de um hipocausto.³⁹⁵

No entanto, as escavações no sector B revelaram níveis tardios, que reutilizam parte das estruturas romanas, com vários compartimentos pavimentados a *opus signinum* e alguns fragmentos de estuque pintado. Várias sepulturas tardias foram descobertas embutidas na argamassa da igreja, mas a descoberta de uma sepultura com uma placa de mármore datada de 626 (Dias, 1986; Antunes-Ferreira e Soares, 2009) permitiu confirmar que se trata de uma basílica paleocristã que reutilizou um espaço pré-existente da *pars rustica* de uma *villa* ou parte de uma *mansio* romana.

Esta basílica encontra-se exactamente sob a actual igreja de S. Jorge, o que não deixa de ser interessante uma vez que estamos diante de edifícios construídos no lapso de dez séculos, podendo no entanto ser um indício para a existência de uma igreja medieval. A sobreposição é quase exacta, uma vez que os compartimentos visíveis no sector B são (quase) paralelos aos muros da igreja quinhentista e faziam provavelmente parte das naves laterais. Sob os muros também se podem ver as estruturas que fariam parte da nave central do edifício religioso paleocristão. Este teria uma orientação ligeiramente mais virada a Norte do que a actual igreja.

Análise do sítio

O nosso estudo de terreno concentra-se no sector A³⁹⁶, a norte da igreja de S. Jorge. Este foi escavado parcialmente nos anos 1980 e em 1991 mas a ausência de relatório de escavação torna a sua compreensão mais difícil. Decidimos então proceder em Agosto 2010 à sua limpeza total para proceder ao levantamento de todas as estruturas. A área total de escavação é de cerca 112m² e insere-se nos muros do antigo cemitério do século XIX. Definiram-se quadrículas (q) dentro deste rectângulo, a abscissa numerou-se de Oeste a Este de 1 a 16 e a ordenada de Norte a Sul de A a G. A implantação do ponto zero encontra-se ao nível da canalização romana a meio da parede da igreja de S. Jorge.

As estruturas actualmente visíveis são já as do período romano e tardio (entre as cotas -1,82 e -0,99), tendo ficado perto da canalização só uma área por escavar, com níveis posteriores (entre as cotas -0,94 e -0,09). Este ano procedeu-se unicamente ao levantamento exaustivo das estruturas visíveis. Pouco material cerâmico e ósseo foi recolhido em 2010, tendo-se realizado uma síntese do material datante das escavações dos anos 80 e 90 de Monge Soares (*vide infra*).

Para uma melhor leitura da planta será preciso abstrair-se das várias covas posteriores causadas por inumações modernas e pelo ossário a Este da piscina baptismal (assinalados a verde na planta).

Muros 1, 2, 3, 4 e 7

Por baixo do muro Norte da igreja de S. Jorge foram encontradas as fundações de um muro ligeiramente orientado para WNW-ESE, que fará certamente parte do muro exterior da nave Norte da igreja paleocristã, que será designado por muro 9.

Perpendicular a este muro Sul, o muro 1 (7m de comprimento por 50 a 60 cm de largura) percorre o lado ocidental do terreno (q1G até q1A), de sul para norte fazendo um canto em q1A e continuando perpendicularmente com o muro 2 para Este num comprimento de 3m20 (até q4A), provavelmente de mesma largura (parte coincidente com o fim do terreno e o muro do cemitério). Estes dois muros são os únicos feitos com pedras relativamente grandes, ligadas com umas mais pequenas mas sem utilização de fragmentos de tijolos ou cerâmica. Após um espaço vazio de 30 cm (provável

³⁹⁵ Soares, A. (1980), Relatório da 1ª Campanha. Processo n.º S-315, 2002/1 (466), IGESPAR de Lisboa

³⁹⁶ Os dados deste sector são aqui apresentados pela primeira vez.

destruição posterior) um muro continua no eixo do muro 2, que será aqui chamado muro 2b, num comprimento de 12 m com algumas interrupções posteriores (ao nível da q7 e q8, talvez por causa da sepultura V7 e o ossário do século XIX cortou alguns centímetros do muro ao nível das quadriculas q10 e q11) até encostar-se à canalização romana a Este do terreno. Este muro tem uma largura que varia entre 56 cm e 68 cm, é realizado como o resto das estruturas visíveis: algumas pedras grandes, muitas médias, fragmentos de tijolos de tamanho médio e pequeno assim como pedras pequenas. Em algumas zonas é possível ver restos de argamassa.

Este grande rectângulo desenhado pelo muro 9 e pelos muros 1, 2 e 2b é compartimentado por vários muros orientados quase a N-S (mais exactamente a NNE-SSW), todos com as mesmas características construtivas (muros 3, 4 e 6): entre 60 e 64 cm de largura, mistura de pedras grandes, médias, pequenas e fragmentos de tijolos³⁹⁷. O muro 3 sofreu muitas perturbações com as sepulturas visigóticas e modernas mas parece ter continuado até ao muro 2. O muro 4, paralelo ao muro 3, parece partir do muro 9, parando ao nível de qF6 e retomando só em qD6, tendo sido parcialmente destruído ao nível de qB6 e qA6. Onde o muro foi destruído entre qF6 e qD6, subsistiram só as suas fundações e foi coberto por um chão de argamassa que ocupa toda área circundante até à piscina baptismal. Este chão de argamassa acaba com uma canelura em frente à pequena bacia da piscina, como se se tratasse de uma soleira. Outra canelura de argamassa fecha este espaço a Sul (qF4 a qF6) junto a um muro tosco (muro 8) que parece ter sido construído posteriormente entre o muro 3 e 4.

Os muros 3 e 4 estão ligados por um muro perpendicular (muro 7) que parece fechar a Este o compartimento onde se encontra a piscina baptismal. Foi destruído ao Oeste por uma sepultura moderna ao nível de qB5 e pelo ossário a Este ao nível de qB9. É por enquanto difícil de perceber a ligação entre o muro 7 e o muro 4, se são contemporâneos ou se um deles é anterior. No terreno parecem construídos ao mesmo tempo, por estarem imbricados e nenhum encostando-se ao outro.

Salvo o pequeno muro tosco (muro 8) que parece claramente posterior, os muros 1, 2, 3, 4 e 7 serão provavelmente todos de uma mesma fase de construção e compõem um espaço geral muito compartimentado. Como vimos, esta construção com vários compartimentos encontra-se ligeiramente orientada para NNE-SSW, orientação essa que se encontra nas estruturas do lado do sector B. Uma vez que todo o material cerâmico datante provindo das diferentes campanhas anteriores aponta para uma datação desde o século I d.C. ao início do séc. IV d.C. (ver quadro), estamos aqui muito provavelmente diante das paredes da *mansio* ou *villa* romana. O muro restaurado da possível igreja paleocristã (muro 9) seria, numa primeira fase, um muro de fecho dos compartimentos desta *villa*. Uma vez que o sector B é composto por um importante tanque e depósito de água e que o possível hipocausto se tenha encontrado mais para o centro da vila de Ficalho, esta zona a Norte da vila poderá pertencer à *pars rustica* desta habitação (estando a *pars urbana* mais a sul), ou pertencerá mesmo à *pars urbana*.

Espaço baptismal (piscina, muros 5, 6 e 8)

O espaço que definimos como especificamente baptismal compõe-se da piscina em si assim como do espaço circundante, cujo pavimento é composto por *opus signinum* e que se encontra parcialmente fechado por diversos muros³⁹⁸.

A piscina foi parcialmente destruída na sua parte NE devido à abertura do ossário do século XIX, assim como no lado Sul, cuja parte superior das paredes se encontram 35 cm mais abaixo (cota - 1,40) da do lado NW (cota - 1,14).

³⁹⁷ Anexo II, 3, planta geral.

³⁹⁸ Anexo II, 3, planta da piscina e alçado.

O aparelho construtivo é homogéneo, compondo-se quase exclusivamente por tijolos de 30 cm x 47 cm ligados com argamassa esbranquiçada e totalmente recobertos por *opus signinum*. Somente numa parte verifica-se a presença de duas pedras³⁹⁹ (na construção da parede a Sul da pequena bacia) podendo indicar um remendo ou uma falta de tijolos. De resto, não se verificam mais remendos nem alterações na planta desta piscina, alvitando-se assim uma construção única que não foi posteriormente modificada.

As partes do baptistério que subsistiram compõem-se de uma bacia rectangular (bacia 1) orientada a N-S com as seguintes medidas: 2m10 de comprimento interno x 65 cm de largura x 80 cm de profundidade máxima. Acede-se pelo sul através de três degraus medindo entre 20 a 33 cm de altura (o do meio sendo o mais curto) e pelo norte por quatro degraus entre os 23 e 40 cm de altura (o segundo degrau sendo o mais curto, tal como aquele que lhe faz frente). Uma vez que a parte superior a sul foi destruída, podemos imaginar que a entrada por este lado também se fizesse por quatro degraus como a norte. O espaço interno da bacia central (cota -2,26) mede 76 cm x 60 cm e tem um pequeno orifício circular no canto NE, provavelmente para escoamento da água⁴⁰⁰. A meio desta piscina, do seu lado ocidental, encontra-se outra bacia (bacia 2) 80 cm mais alta (cota -1,46) que mede 52 cm x 60 cm. A meio da parede ocidental da bacia 1 foi construída uma canalização ligando as duas. Esta canalização corre toda a altura da bacia 1 (80 cm), medindo de largura 30 cm na parte baixa estreitando até os 20 cm na parte alta. Podemos afirmar que se trata de uma canalização uma vez que ainda subsiste por entre os tijolos superiores (cota - 1,50) os restos de um tubo de chumbo que permitia a chegada da água. Podemos assim concluir que as duas bacias foram construídas para ambas conterem água.

A parte externa da piscina é rematada por uma parede de tijolos que devia percorrer todo o contorno da piscina. A zona mais alta (cota -1,05) encontra-se do lado norte, não sabendo no entanto se a parede seria mais elevada. Uma vez que a distância entre o topo desta parede e o primeiro degrau são de 40 cm, não acreditamos que pudesse ser muito mais elevado, uma vez que tornaria o acesso (ou a saída) à piscina muito difícil.

Em algumas partes à volta da piscina subsiste a canelura de *opus signinum* do pavimento (contra a parede Norte e NW, assim como contra a parede da bacia 2), o que nos mostra que a construção desta piscina foi acompanhada pela realização de um pavimento em *opus signinum* com uma coloração cor-de-rosa alaranjada. Apesar das várias rupturas causadas por sepulturas do século XIX, é possível verificar a presença deste *opus* numa área compreendida entre o muro Sul e o muro 7 a Norte, até o muro 5 a Este e em várias zonas a seguir ao muro 4 a Oeste.

Observando a planta geral da piscina baptismal é possível notar que esta não segue exactamente o alinhamento dos restantes muros orientados a NNE-SSW (*vide supra*). A orientação da piscina está rigorosamente colocada no eixo N-S no que se refere às escadas e E-W no que se refere à pequena bacia. Ora esta orientação é perfeitamente paralela à igreja quinhentista. Temos aqui, confirmadamente, dois momentos construtivos: uma vez que nenhum baptistério desta tipologia na *Lusitania* foi construído antes do século V d.C., podemos afirmar que os muros NNE-SSW são os muros da antiga *mansio* ou *villa* e que a construção do baptistério é posterior e segue já o cânone da orientação E-W/N-S. Como em vários outros casos no resto da *Lusitania* (Casa Herrera, Alconétar, Monte da Cegonha), temos aqui o exemplo de uma igreja que se instalou por entre estruturas pré-existentes.

No entanto, no que se refere às novas construções (piscina baptismal), estas seguem uma orientação própria. Além da construção da piscina, notamos que terá havido uma reestruturação do

³⁹⁹ Monge Soares considera uma destas pedras como parte de um fuste de coluna reutilizado mas a análise que fizemos no terreno e o seu desenho apontam para uma pedra de mármore sem forma conclusiva.

⁴⁰⁰ Este ralo terá que ser escavado para se tentar perceber se é possível descobrir uma canalização para o escoamento da água.

espaço pré-existente. De facto, os muros 5 e 6, a Este da piscina, estão alinhados no eixo N-S, e lhe são assim paralelos, o que nos permite supor que estes muros teriam sido construídos talvez para definir o espaço do baptistério. O muro 5 é o mais estreito de todos os restantes muros e foi em grande parte destruído pelo ossário do século XIX pelo que não sabemos até onde iria. O muro 6, apesar de ter um tipo construtivo parecido com os outros muros, encurta visivelmente o espaço, encostando-se a uma estrutura no extremo SE do muro 2b. Do lado ocidental, como já vimos, os muros 7 e 4 terão sido provavelmente reutilizados para fechar o espaço da piscina no canto NW. O espaço terá sido aberto a sul, ao nível da qE6, para a realização de uma passagem? Paradoxalmente o pequeno muro 8 parece ter sido construído para fechar a passagem entre a igreja e o baptistério. Não é perceptível se houve uma mudança de circulação a um dado momento, mas o que é certo é que devia haver um espaço de circulação entre a igreja e o baptistério. O muro 8 pode igualmente ser o alicerce de uma zona de passagem com uma porta e talvez uma soleira⁴⁰¹, ou seja ter havido a necessidade de fechar o espaço do baptistério (que só abria algumas vezes por ano) e ser aberto esporadicamente.

Sepulturas⁴⁰²

Iremos retomar a denominação das sepulturas dadas por António Monge Soares nas escavações: a sepultura V7 localizada entre os muros 2b e 7, a norte do baptistério e o grupo das três sepulturas V8, V9 e V10 entre os muros 1 e 3, a oeste do baptistério.

A sepultura V7, orientada E-W, foi parcialmente destruída do lado Este pelo ossário. Apresenta-se com uma cobertura de *opus signinum* com aproximadamente 10 cm de espessura, 2m44 de comprimento máximo e entre 80 a 90 cm de largura. Este *opus* é mais acinzentado do que o do pavimento e é de factura mais grosseira do que a do baptistério. A cabeceira é decorada por uma cruz pátea cavada dentro do *opus signinum*⁴⁰³, hoje parcialmente destruída uma vez que um terço da tampa desabou para dentro da sepultura. Por baixo da tampa de *opus* segue uma camada de terra com uns 10/15 cm de espessura. Várias lajes de xisto cobrem uma caixa rectangular realizada por pedras de tamanho médio e tijolos juntos com terra e argamassa, alguns fragmentos de ossos ainda são visíveis.

Não foi encontrado qualquer elemento de datação para esta sepultura, porém a sua construção em *opus* (apesar de um pouco mais grosseiro do que o do baptistério) e a uma cota ligeiramente acima do piso (6 cm) mas perfeitamente integrado nele, assim como a decoração com a cruz pátea, permitem-nos considerá-la contemporânea ao baptistério. O facto desta sepultura se encontrar do lado de fora do espaço baptismal está conforme a proibição de sepultar dentro dos baptistérios (Concílio de Braga I em 561, cânone 19). No entanto, a presença de uma sepultura neste sítio específico e com as características construtivas que vimos permite alvitrar o seu carácter privilegiado.

As três outras sepulturas encontram-se no compartimento mais ocidental do conjunto construtivo romano. Estão orientadas a W-E, as duas primeiras (V8 e V9), a sul, estão ligadas entre elas com uma parede de argamassa enquanto que a sepultura a norte (V10), paralela a estas, encontra-se isolada. O espaço do compartimento não foi totalmente preenchido, havendo o espaço para mais sepulturas a norte e a sul.

⁴⁰¹ Apesar da soleira ser mais facilmente apreensível na planta do que propriamente no terreno onde pode ser só uma parte do pavimento de *opus signinum* que se tenha conservado melhor.

⁴⁰² O estudo antropológico das sepulturas não foi realizado nesta campanha mas está previsto ser efectuado numa segunda fase de escavações.

⁴⁰³ Apesar de não serem visíveis vestígios de incrustações, não podemos de parte o facto do interior da cruz pátea poder ter sido decorado por uma cruz em madeira ou noutro material perecível.

As sepulturas V8 e V9 são de forma rectangular e têm as seguintes dimensões globais: 2m50 de comprimento por 2m10 de largura. A parede que têm em comum mede 56 cm de largura. O espaço interno de cada sepultura mede: 2m02 x 52 cm (V8) e 1m72 x 48 cm (V9). Estas sepulturas não conservaram a sua cobertura, pelo que se desconhece se foram cobertas por argamassa/*opus* ou por lajes. As suas paredes são construídas com pedras de tamanhos variados, fragmentos de tijolos, unido com argamassa, dando um conjunto bastante homogéneo. O interior das duas sepulturas está repleto de terra e deverá conservar ainda os restos osteológicos. O carácter familiar destas duas sepulturas parece claro devido à sua construção simultânea.

A sepultura V10 dista da V9 de 32 cm, apresenta uma forma rectangular com os cantos ligeiramente arredondados, mede 2m28 de comprimento externo e entre 80 e 88 cm de largura externa. O espaço interno mede 1m92 x 50 cm. A construção das paredes é mais irregular, compõe-se de pedras de tamanhos variados e fragmentos de tijolos, mas não estão ligadas com argamassa conferindo um aspecto mais irregular ao conjunto sepulcral.

É difícil datar estas sepulturas uma vez que as suas características diferem da sepultura V7. As suas características construtivas são parecidas com as sepulturas de inumação do período tardo-romano, como as de Silveirona (Cunha, 2008). O aspecto geral destas três sepulturas dentro de um recinto assemelha-se aos mausoléus tardo-romanos (cf. mausoléus de Torre de Palma), no entanto, as suas cotas superiores estão ao nível do pavimento de *opus* do baptistério (entre as cotas -1,34 e -1,19), pelo que podem ter sido construídas aquando do funcionamento da igreja paleocristã.

Conclusão

As ilações que podemos tirar são infelizmente poucas para esta primeira fase de re-escavação. Encontramo-nos face a uma construção dividida em vários compartimentos cuja orientação NNE-SSW segue a orientação dos muros do sector B, correspondendo a um período provavelmente romano ou tardo-romano. No meio destas estruturas foi construída uma piscina baptismal reaproveitando o espaço pré-existente de um compartimento, cujo pavimento a *opus signinum* parece estender-se para lá da sala em questão. Infelizmente não se consegue entender se todos os muros actualmente visíveis foram utilizados durante o período visigótico: parece que parte do muro 4 foi aberto para criar uma passagem entre a igreja a sul e a sala do baptistério, criando o fecho mais tarde com o muro 8. Do lado Este, o espaço da piscina terá fechado pelo muro 5, sendo que outra sala mais a Este é rematada pelo muro 6. Teríamos assim um baptistério composto por um corredor de acesso para o clero a partir da igreja a sul, fechado por um sistema de porta (?) cujos alicerces seriam representados pelo muro 8.

O problema reside no acesso dos *competentes*: os muros 2 e 7 têm zonas de abertura a norte deste complexo (ao nível de qA5 para o muro 2 e ao nível de qB5 para o muro 7) mas que podem também ser aberturas muito posteriores. Se considerarmos estas passagens como funcionando no período visigótico, poderíamos sugerir que os *competentes* entrariam a norte e após um primeiro pequeno espaço tipo átrio⁴⁰⁴, entrariam para um compartimento maior (onde se despiriam) entre o muro 3 e 4, com uma porta ao nível qE6, onde o muro 4 desaparece e é substituído por um pavimento em *opus*. Seguiriam para a piscina onde o acesso se faria pelo lado sul ou norte. A presença de uma pequena bacia lateral é difícil de analisar, poderá ter a ver com o sítio onde se posicionaria o membro do clero enquanto procedia ao sacramento do baptismo?

⁴⁰⁴ O único elemento que parece apontar para uma contemporaneidade deste pequeno compartimento com o resto das salas é o vestígio de *opus* no pavimento, contra o muro 3 ao nível de qB5.

O caminho que os neófitos faziam depois de sair da piscina também não é claro: ou passariam pela sala do fundo, entre os muros 5 e 6 para receber o crisma e depois passariam de novo pela sala baptismal a fim de entrar para a igreja a sul, onde tinha entrado o clero, uma vez que baptizados, os neófitos tinham direito de entrar na parte sagrada da igreja para recitar a oração dominical e participar pela primeira vez na Eucaristia. Estas ilações só poderão ser confirmadas com novas escavações para se tentar perceber se existia outra passagem para a igreja.

Para melhor entender o sector A é imprescindível olhar para o sector B. Uma vez que várias plantas de estruturas acompanham os relatórios deste sector, é possível ter uma noção da sobreposição e sucessão de muros. Vemos assim que a maioria das estruturas (compartimentos a sul da igreja de S. Jorge assim como os tanques, estes com uma inclinação um pouco mais acentuada para Este) mantêm a orientação NNE-SSW, com a mesma morfologia e características construtivas do que no sector A. Estas estruturas formam dois grandes compartimentos ligados por uma passagem a sul. Nestes encontram-se uma sepultura romana e seis visigóticas. Notamos no entanto que dois muros de pior construção têm uma orientação E-W: são os alicerces sob a igreja de S. Jorge e um muro de pedra solta denominado a3. Este parece ser posterior ao período em questão, mas o muro por baixo da igreja de S. Jorge será o remanescente da igreja paleocristã.

A única sepultura considerada romana é a R2, orientada a N-S, a Este do muro d1 (que parece ser o seguimento do muro 3 do sector A). As restantes sepulturas (V1 a V6) são todas orientadas a E-W, as três primeiras (V1, V2 e V3) encontram-se no compartimento mais a sul da igreja paleocristã, por baixo de um piso em argamassa (talvez um átrio coberto?), e as três últimas (V4, V5 e V6) encontram-se no compartimento a norte deste (talvez a nave sul da igreja?), igualmente sob o piso de argamassa.

Podemos assim afirmar que as estruturas romanas do sector A continuam até ao sector B. Salvo a zona dos tanques e depósitos que não entram no presente estudo, estas estruturas foram igualmente reaproveitadas para a igreja paleocristã. Aqui no entanto não parece ter havido uma reorientação dos muros (o muro de pedra solta a3 parece muito posterior) mas uma pavimentação em *opus* e uma utilização do espaço para várias inumações do período visigótico. A única sepultura datada (ano 626) é a de *Martinus* e encontra-se no compartimento mais a Sul. Contrariamente às sepulturas do sector A, todas as do período visigótico do sector B encontravam-se abaixo do piso de argamassa (30 cm para a sepultura de *Martinus*) deixando só à vista as placas de mármore, epigrafadas ou não (Antunes-Ferreira e Soares, 2009). É assim difícil fazer a relação entre as sepulturas do sector A e as do sector B, uma vez que são todas distintas: a sepultura V7 é coberta por um leito de argamassa e ligeiramente acima do piso, incorporando-o na sua construção, e as sepulturas V8, V9 e V10 deveriam estar igualmente ao nível do piso (ou um pouco elevadas), se bem que este não deveria ser de *opus*.

Esta diferença de tratamento entre as sepulturas do sector A e as do sector B não é fácil de entender. Talvez possa ser um indício acerca da tipologia dos espaços em questão: i) um espaço de passagem no sector B, em que as sepulturas estariam na nave Sul e no átrio, provável entrada da igreja, e onde haveria unicamente uma sinalização da sepultura à superfície para não estorvar a passagem; 2) um espaço menos acessível ou de acesso mais restrito como seria o caso das três sepulturas no anexo a oeste do baptistério e na sala a norte do mesmo. Estas sepulturas poderiam estar mais visíveis ao nível do solo uma vez que não estavam num sítio de passagem. Não nos esqueçamos que o baptistério era um edifício onde só se entrava algumas vezes por ano⁴⁰⁵ e por tanto poderíamos ter aqui casos de

⁴⁰⁵ Teoricamente só se baptizava uma vez por ano, no momento da Páscoa, mas havia sempre excepções em momentos de epidemias ou de morte iminente, em que os catecúmenos podiam recorrer ao baptismo.

sepulturas mais privilegiadas. A localização da sepultura V7 junto ao baptistério, assim com a sua construção e decoração, acentua este lado privilegiado.

O estudo tipológico do baptistério de Ficalho insere-o claramente na tipologia própria de grande parte dos baptistérios das províncias da *Lusitania* e da *Baetica*, assim como alguns do Norte de África. No caso de Ficalho, poder-se-ia por a hipótese de ter havido uma bacia do lado oriental (destruída pelo ossário), tratando-se assim de uma piscina em forma de cruz. No entanto, os muros orientais da bacia 1 são lisos, não comportam a mesma torre para a condução de água a oeste, pelo que pensamos que a sua forma geral deveria ser a actual: uma bacia central rectangular com degraus a sul e a norte e uma pequena a oeste, numa cota mais elevada.

Piscinas baptismais com bacias rectangulares e degraus nelas integrados encontram-se sobretudo na província da *Lusitania*: em Milreu (Estói), Torre de Palma⁴⁰⁶ (Monforte), La Cocosa (Badajoz), Valdecebadar (Olivenza), Alconétar (Cáceres), San Pedro de Mérida e Casa Herrera (Badajoz). Para o resto da *Hispania*, encontram-se piscinas deste tipo em Tarragona (necrópole del Francolí) e na *villa Fortunatus* em Fraga (Huesca) (Ripoll e Velázquez, 1999: 124, fig. 2). No mundo romano oriental encontra-se um em Sidé (act. Turquia) (Khatchatryan, 1962: 16, n.º120), no Norte de África em Sabratha (Tunísia)⁴⁰⁷ (*op. cit.*: 35, n.º 257) e em Iunca (Tunísia) (*ibidem*: 36, n.º 263). Notamos assim que esta forma é mais comum na Península Ibérica.

A especificidade de uma (ou várias) bacia lateral encontra-se, no entanto, além de Ficalho, unicamente em Torre de Palma (Monforte), Alconétar (Cáceres), Casa Herrera (Badajoz) e Iunca (Tunísia). Em S. Pedro de Alcântara (Málaga), apesar de a bacia principal ser de forma diferente, existe uma pequena bacia lateral. Desconhecemos como chegaria a água nestas piscinas porque só temos conhecimento de uma canalização de chumbo a meio das duas bacias para Ficalho, pensamos porém que estas laterais deveriam ser construídas para poderem ser enchidas com água, tal como acontece em Ficalho. Permanece contudo incerta a razão para a existência de tal piscina lateral.

O baptistério de Vila Verde de Ficalho insere-se assim no mundo arquitectónico rural típico do sul da Península Ibérica, uma vez que não temos informação no que se refere à forma da igreja. Tal como em La Cocosa, Casa Herrera, Monte da Cegonha ou na *villa Fortunatus* (Huesca), estamos aqui no caso de uma igreja visigótica reutilizando estruturas residenciais de época romana.

O sítio de Ficalho, em época romana, deverá ter tido já um culto pagão uma vez que se encontrou, reutilizado no sector B, uma grande ara de mármore consagrada à deusa *Ataegina*. Seria demasiado arriscado acreditar que este culto terá sido praticado neste mesmo sítio, mas não deixa de ser interessante notar a continuidade de culto entre o período romano (aqui ou nas imediações), o período visigótico e por fim o período medieval.

Este sítio encontra-se no eixo viário entre Serpa e Aroche, o que pode justificar a presença de uma igreja onde se praticavam todos sacramentos (eucarístico, baptismal e funerário), tendo-se provavelmente tornado numa igreja paroquial ainda durante o período visigótico.

Bibliografia DIAS e SOARES (1986); DIAS e SOARES (1987); ANTUNES-FERREIRA e SOARES (2009); WOLFRAM e SOARES (*no prelo*).

⁴⁰⁶ No caso de Torre de Palma é mais difícil ver a forma rectangular com bacia lateral de origem por causa do acrescento de uma segunda piscina a Sul.

⁴⁰⁷ O segundo baptistério desta igreja é rectangular, contrariamente ao primeiro que é só uma bacia simples.

2. FICHAS DE PEÇAS ARQUITECTÓNICAS INÉDITAS

Uma vez que a totalidade das peças estudadas no capítulo II foram inventariadas no *Corpus* de Licínia N. C. Wrench (2008), apresentamos aqui somente as peças que não se encontram nesta obra. Das 15 peças aqui descritas, 12 foram por nós vistas e fotografadas, restando três que não puderam ser vistas por terem hoje um paradeiro desconhecido. Estas últimas foram assim estudadas de um ponto de vista estilístico (desconhecendo as medidas exactas) através das fotografias.

N.º1. Fragmento de coluna

Lugar de achamento: Cacela? (*vide infra*)

Paradeiro actual: Museu Nacional de Arqueologia. N.º inv.: 995.10.4.

Medidas: comp. 27,8 x diâm.: 36,5

Matéria: mármore branco com veios cinzentos (Estremoz/Vila Viçosa?)

Descrição: Fragmento de coluna⁴⁰⁸ representando provavelmente a parte final do fuste, rematado por um registo de parras percorrendo um caule horizontal, simetricamente dispostas dos dois lados do caule. Em frente a este foi esculpida uma máscara ou cara masculina com barba e cabelos vista de perfil, virada para a esquerda, muito similar nas suas feições - apesar do trabalho escultórico ser mais tosco - às figuras masculinas do colunelo de Vale de Aguiro perto de Beja (colunelo Wrench: 561). Em frente ao perfil, avista-se a dupla linha cruzada ladeada por cachos de uva. As uvas são esculpidas igualmente em forma de “gota”, como na peça acima referida.

Já no final da escrita deste texto, descobriu-se no M.N.A.⁴⁰⁹ que esta peça foi encontrada em Cacela por Estácio da Veiga, mudando assim o número de inventário para 995.10.4 (anteriormente era o número 2004.356.40). Apresentam-se assim duas hipóteses: os dois fragmentos (do Vale de Aguiro e de Cacela(?)) 1- foram esculpidos segundo um mesmo cartão ou/e no mesmo atelier por mãos diferentes; 2 - uma peça (do M.N.A.) será a cópia mais tosca da primeira (de Beja). Acreditamos assim que deverão ter uma origem de criação comum (um mesmo atelier ou um mesmo cartão), não descartando a hipótese provir de locais diferentes. A análise feita dos dois fragmentos revelou que não se trata da mesma peça (apesar dos mesmos diâmetros, o mármore é distinto).

Paralelos: colunelo encontrado em Vale de Aguiro a Norte de Beja (Wrench: 561), com parras, cachos e figura masculina com barba. Ver também Vidal Álvarez (2005: 78-82, peça B20).

Observações: a cronologia proposta por Sérgio Vidal Álvarez é dos finais do séc. IV – séc. V. Não podemos deixar de notar que duas peças conservadas no M.N.A. têm as mesmas características escultóricas, com bagos de uva em forma de lágrima, com perfil muito arredondado: a pia de Torre de Palma⁴¹⁰ e um fragmento provindo de Santa Vitória do Ameixial, ainda inédito.

Bibliografia: inédito.

⁴⁰⁸ Anexo II, 5, fig.1.

⁴⁰⁹ Um especial agradecimento a Luísa Guerreiro pelo fornecimento destes novos dados.

⁴¹⁰ Anexo II, 1, fig.14.

N.º2. Peça de encaixe para cancela**Lugar de achamento:** São Leonardo, concelho de Mourão.**Paradeiro actual:** Câmara Municipal de Mourão**Medidas:** comp.: +/- 120 cm.; larg.: +/- 40 cm**Matéria:** ?

Descrição: Placa rectangular⁴¹¹ provavelmente uma peça de encaixe pertencendo a uma cancela. A decoração ocupa quase toda a superfície de uma das faces maiores. É circunscrita por um arco decorado pelo motivo do cordão. A parte interior do arco é preenchida por uma vieira com 6 canos. A parte do corpo da peça é decorada por três quadrifólios resultantes da junção de círculos secantes. As folhas são de forma elíptica e têm um sulco a marcar o bordo. No espaço residual entre os quadrifólios e no interior dos círculos secantes foram esculpidas folhas em forma de gota que ocupam quase todo o espaço livre. A parte final da peça foi deixada livre, sem decoração: será a parte que estaria embutida num suporte horizontal, colocado no pavimento. Na fotografia não é possível ver se esta peça era decorada na face posterior e nas laterais.

Paralelos: Não se encontra paralelo nos grupos escultóricos de Beja, Sines ou Évora/Elvas. Os paralelos encontram-se no Algarve ou na *Baetica*: o canto de uma placa de mármore provinda próximo de monte Clarines (Giões, Alcoutim) e conservada no M.N.A. (E 6638) tem exactamente a mesma decoração de quadrifólio com folhas em forma de gota nos interstícios. Esta decoração é circunscrita pelo motivo das volutas com cachos e palmetas. O trabalho escultórico destas volutas é semelhante à peça de São Leonardo, com um relevo aplanado. No entanto, as gotas dos quadrifólios foram cavadas no interior e os bordos dos quadrifólios foram esculpidos com um relevo biselado. O outro paralelo encontra-se no Museu Arqueológico de Córdoba (Sánchez Velasco, 2007: n.º3), de proveniência desconhecida, com dimensões parecidas às de Mourão. Foi esculpido o mesmo quadrifólio com gotas encimado por uma cruz pátea.

Observações: O trabalho escultórico parece pouco profundo e aplanado. Difere assim do trabalho escultórico do Grupo de Beja, aproximando-o mais ao grupo de Mértola/Bética ou de Évora - Elvas. A peça de Córdoba é datada do século VI.

Bibliografia: inédito.**N.º3. Fragmento de pé de altar?****Lugar de achamento:** S. Bento de Ana Loura, Estremoz. Junto à igreja, em recolha à superfície (prospecção de André Carneiro no âmbito da sua tese de doutoramento em 2009)**Paradeiro actual:** Reserva arqueológica da Câmara de Fronteira**Medidas:** comp.: 27,5 x larg.: 18,2 x 3,4**Matéria:** mármore branco com veios cinzentos de tipo Estremoz/Vila Viçosa (peça por limpar).

Descrição: Placa fragmentada⁴¹². Apresenta na parte superior um motivo encordado rebaixado formando provavelmente um círculo. Num registo inferior, foram esculpidos em relevo biselado rebaixado uma série de três folhas em ponta de lança estilizadas. Entre estes dois motivos terá sido

⁴¹¹ Anexo II, 5, fig. 2.⁴¹² Anexo II, 5, fig. 3.

esculpido, em fase posterior, um motivo em meia-lua, acompanhando o círculo encordado. O trabalho escultórico sendo só inciso, esta decoração não parece datar do mesmo momento.

Paralelos: o motivo das folhas em ponta de lança estilizadas encontra-se num pé de altar de Mérida (Cruz Villalón, 1985: n.º 190) ou no pé de altar em São Brás dos Matos no Alandroal (Correia, 1995: 493-498).

Observações: as folhas em ponta de lança são uma decoração exclusiva aos pés de altar, pelo que consideramos que esta placa, na sua origem, deverá ter pertencido a um pé de altar que foi posteriormente talhado e inclusive redecorado.

Bibliografia: inédito.

Para o concelho de Estremoz, remetemos par o material visigótico de Silveirón⁴¹³.

N.º4. Peça de encaixe para cancela?

Lugar de achamento: Sítio da Horta Nova na pedreira de Bencatel.

Paradeiro actual: Desconhecido.

Medidas: compr. +/- 100 x larg. +/- 45

Matéria: mármore de Bencatel.

Descrição: Peça quadrangular⁴¹⁴ com uma face alisada e as restantes inacabadas. A face alisada tem uma decoração organizada em três registos definidos por quadrados sobrepostos: no superior foi esculpida uma cruz pátea com botão central; os quatro campos residuais são preenchidos por um alfa e um ómega maiúsculos que não se encontram no mesmo patamar, mas em eixo diagonal (o alfa no canto inferior esquerdo, o ómega no canto superior direito); nos espaços restantes foi esculpida um tipo de palmeira com quatro ramos. No quadrado central é possível haver duas leituras: ou uma cruz/ quadrifólio com as folhas côncavas e pouco talhadas ou uma rosácea de tipo d inacabada, vendo-se so as pétalas elípticas maiores, faltando esculpir as quatro menores. O último quadrado representa uma rosácea de tipo Beja com 4 folhas largas e 4 mais estreitas e botão central anelado, com um resultado visual curioso: como se tivesse havido uma vontade de esculpir uma rosácea de tipo b mas cujo resultado visual não “funcionou”. O registo inferior foi deixado liso, sendo provavelmente a parte que ficava embutida num suporte térreo.

Paralelos: esta peça é do mesmo estilo escultórico da peça de encaixe n.º 2 de Mourão, da peça n.º 5 de Vila Viçosa e da peça de proveniência desconhecida do museu de Córdoba (Velasco, 2007: n.º 3). Não encontramos paralelos para este tipo de alfa e ómega colocados em eixo diagonal, contudo o tipo de cruz pátea com extremidades côncavas e delimitada por um sulco encontra-se no grupo de peças n.º 9 (M.N.A.) e n.º10 de Fronteira, como também nas duas peças de Elvas (imposta Wrench: 372 e pilastra Wrench: 364) e um pilar conservado no museu de Badajoz. A rosácea de tipo Beja esculpida de forma muito similar encontra-se no entanto numa imposta da ermida de *Finis Terrae* de Almendral (Sastre de Diego, 2010: 20). Esta também tem uma decoração organizada por quadrados preenchidos com um motivo de grandes dimensões.

Observações: A particularidade desta peça é o facto de ter sido encontrada inacabada numa pedreira já vigente no período romano. A decoração encontra-se pouco aprofundada por estar ainda em fase

⁴¹³ Anexo I, Caso de Estudo 2.

⁴¹⁴ Anexo II, 5, fig. 4.

preliminar. Também foi encontrado um colunelo neste sítio. Temos assim a prova de que as peças eram já esboçadas na pedreira, sendo acabadas num atelier que estaria provavelmente nas imediações.

Bibliografia: inédito.

N.º5. Peça de encaixe de cancela

Lugar de achamento: junto ao portal da capela de S. Tiago, Vila Viçosa. Foi encontrada juntamente com algumas ossadas humanas e sepulturas revoltas, nos anos 1960.

Paradeiro actual: embutida no muro do lado direito do portal da capela de S. Tiago.

Medidas: comp.: 72 x larg. 25

Matéria: mármore branco com veios pretos de Estremoz/Vila Viçosa

Descrição: Provável peça de encaixe de cancela⁴¹⁵ partida na parte superior. A face visível é decorada por três registos definidos por quadrados, a parte final estando só alisada. Os três motivos são a variação do tema da cruz: o primeiro registo é decorado por uma cruz pátea cujos braços se compõem de 5 folhas (?), dando um aspecto “vegetal” à cruz; o seu centro é quadrado. O segundo registo representa uma cruz/quadrifólio dentro um círculo encordoadado. O quadrifólio e os espaços residuais entre as extremidades da cruz e o círculo são rebaixados, a cruz define-se por um sulco profundo em toda a sua volta. O último registo é composto por uma cruz/crismón com oito braços páteos e centro circular, de relevo alisado e fundo rebaixado.

Paralelos: Os paralelos mais próximos serão as peças n.º2 de Mourão, n.º4 de Bencatel, a peça de proveniência desconhecida do Museu Arqueológico de Córdoba (Sánchez Velasco, 2007: n.º3), mas sobretudo a inscrição CIL II, 7° 649 datada do ano 607 conservada neste mesmo Museu (*ibidem*: 101). De facto, esta inscrição tem uma cruz idêntica à cruz em círculo da peça de V. Viçosa, o que nos permite datar esta peça no mínimo do século VII. Uma datação posterior é no entanto autorizada uma vez que a cruz/quadrifólio de V. Viçosa está mais bem realizada.

Observações: O mármore e a técnica escultórica desta peça remete-a para um atelier de grande calibre, situado provavelmente nas imediações das pedreiras de Estremoz.

Bibliografia: pequena notícia em: Caeiro (1983) – Três elementos arquitectónicos medievais do Alentejo. *Al-Madan*. Iª série, n.º1, Almada: 14-15.

N.º6 Par de impostas

Lugar de achamento: a ladear o portão principal (ocidental) da ermida de S. Salvador do Mundo, Castelo de Vide.

Paradeiro actual: colocadas *in situ* (?), suportando o arco do portão principal da ermida.

Medidas: 40 x 35 x 26

Matéria: granito

Descrição: impostas troncopiramidais⁴¹⁶ decoradas da mesma forma: série de círculos secantes (ou volutas entrelaçadas?) contendo no centro uma cruz pátea simples. Os motivos foram esculpidos a bisel em baixo-relevo, com fundo rebaixado.

⁴¹⁵ Anexo II, 5, fig. 5.

⁴¹⁶ Anexo II, 5, fig. 6.

Paralelos: imposta conservada do Museu de Mérida (Cruz Villalón, 1985: n.º 257); imposta provinda de Casa Herrera e imposta encontrada no mausoléu de Mértola, estas duas datadas pelo contexto arqueológico do século VI.

Observações: Uma vez que a decoração destas impostas foi truncada (encontrando-se um fragmento numa terceira imposta, visível na fotografia que segue), é possível que estas peças não se encontrem no seu contexto primário mas que foram reutilizadas. Não deixamos de referir que esta ermida é considerada a mais antiga da vila de Castelo de Vide, “a primeira ermida desta paroquial” segundo o testemunho do prior São Tiago, em 1758 (*apud* Trindade, 1979: 123). Durante várias décadas o portão ocidental ficou tapado, fazendo-se a entrada a Sul, decorada por impostas do século XIII. Ao descobrir-se estas impostas do séc. VI, Diamantino Trindade considera esta ermida como datando deste período.

Bibliografia: referência da Ermida com fotografias das impostas em Rodrigues (1975: 190-191) e em Trindade, Diamantino (1979) – *Castelo de Vide. Subsídios para o estudo da Arqueologia Medieval*. Castelo de Vide: Assembleia Distrital de Portalegre, p. 123-124, pr. LIV, fig. 1.

N.º7. Fragmento de capitel

Lugar de achamento: Recolha à superfície (efectuado no âmbito do projecto PRATA por André Carneiro em 2008) em Mosteiros, Crato

Paradeiro actual: Reserva Arqueológica da Câmara de Fronteira.

Medidas: alt.: 11,7 x larg.: 14,5 x esp.: 12,6

Matéria: Calcário marmóreo branco de grão fino pouco consolidado.

Descrição: Capitel fragmentado⁴¹⁷. Elementos vegetais decoram as suas faces do capitel: uma flor de lótus estilizada e uma folha de acanto estilizada na face oposta.

Paralelos: Não encontramos paralelos estilísticos para esta peça mas as suas características formais remetem-nos provavelmente para o período visigótico. O topónimo do sítio “Mosteiros” será só mais um indício para entender talvez a evolução que terão tido as estruturas romanas⁴¹⁸.

Bibliografia: inédito

N.º8. Pilastra

Lugar de achamento: Localizada com suporte a uma janela do Museu Militar de Elvas por José Ribeiro na década de 1990.

Paradeiro actual: ainda hoje embutida, em sentido inverso, na parede servindo de suporte a uma janela do museu.

Medidas: alt.: 123,5 x larg.: 23,5 x esp.: 16

Matéria: Mármore branco de Estremoz/Vila Viçosa

Descrição: pilastra quadrangular⁴¹⁹ decorada numa das faces: na parte superior, a superfície já está muito desgastada (e tem uma perfuração num dos cantos) devido a uma reutilização posterior. Representa duas aves afrontadas em torno talvez de um cântaro. Um elemento esférico encontra-se entre os dois bicos. Uma flor estilizada? O fuste é delicadamente decorado por três registos separados

⁴¹⁷ Anexo II, 5, fig. 7.

⁴¹⁸ Anexo I, 1. Catálogo de sítios, Portalegre.

⁴¹⁹ Anexo II, 5, fig. 8.

por linhas verticais em relevo: o centro é ornamentado por uma série de nove círculos tangentes delimitados por um sulco a bisel, ornados por quatro folhas elípticas cujo espaço central residual forma um quadrado de paredes côncavas delimitadas por um sulco. O centro é preenchido por um botão convexo. Os dois registos externos são idênticos: série de pequenos círculos tangentes (19 de um lado, 16 do outro) preenchidos por uma flor de oito pétalas. Os espaços residuais entre os círculos e as pétalas foram rebaixados, conferindo um jogo de sombras. Os últimos 20 centímetros do fuste foram só grosseiramente desbastados.

Paralelos: O motivo das aves afrontadas é recorrente na arte visigótica, visível em peças de Mérida, Beja, Sines e Mértola; a decoração está aqui no entanto demasiada apagada para se poder analisar o estilo do motivo; os círculos tangentes decorados por quatro folhas elípticas encontram-se em todos os grupos escultóricos, sobretudo em cancelas. O grupo de Beja (pilastras de Beja e algumas de Badajoz) apresenta no entanto a maior parte das vezes círculos inseridos em quadrados ou flores de oito pétalas em quadrado. Existem no entanto uma pilastra conservada no Museu de Badajoz e outra em Mérida (Cruz Villalón, 1985: n.º 31) cuja face principal é decorada por uma coluna com capitel e as partes externas são decoradas pelos mesmíssimos pequenos círculos com flores de oito pétalas.

Observações: Esta pilastra é especialmente bem trabalhada e apresenta a particularidade de ser inacabada: os pequenos círculos laterais acabam desalinhados, denotando que faltava rematar o fim com uma linha perpendicular, como se verifica as peças n.º 2, n.º 4 e n.º 5. Esta parte final encontra-se desbastada mas não foi alisada.

Bibliografia: inédito. Apresentada num trabalho final do Master de Património Cultural em Sevilha por José Albino Galheta Ribeiro (2009).

N.º9. Imposta

Lugar de achamento: Desconhecido.

Paradeiro actual: Museu Nacional de Arqueologia. N.º Inv. 2004.238.2

Medidas: larg. : 102 x alt.: 31 x esp. 58

Matéria: mármore branco (peça por limpar)

Descrição: imposta⁴²⁰ de grandes dimensões partida a meio. É de forma irregular: parcialmente tronco-piramidal, pois uma metade das faces principais tem a parede oblíqua quando a outra é vertical. Estas partes são de dimensões desiguais nas duas faces principais. A peça é decorada nas quatro faces. A face A, na zona oblíqua, é decorada por vários motivos inseridos em quadrados: arcos com duplo sulco (motivo 10c) enquadrando rosáceas de 8 pétalas de tipo 2d (quatro grandes pétalas elípticas e quatro menores). Ao lado, um trifólio sobre pequeno arco duplo (motivo 1c). Na zona vertical: mesma decoração de registos quadrados com arcos e rosáceas, mas com quartos de círculos duplos na parte lateral externa. A faixa externa, delimitada verticalmente, encontra-se lisa e tem uma perfuração (reutilização posterior, provavelmente). A face B tem a parte vertical maior do que a oblíqua, a superfície está muito gasta sendo difícil entender a decoração: pelos vestígios visíveis é perceptível uma decoração idêntica à outra face com a diferença que a zona oblíqua é de tamanho reduzido. A parte externa encontra-se sem decoração, como na face oposta. A face C é decorada por motivos inseridos em quadrado: uma cruz pátea com extremidades côncavas encimando uma rosácea de tipo 2b. Estes motivos são ladeados por duas folhas elípticas verticais inseridas em rectângulo. Por sua vez, estes motivos são ladeados por um trifólio sobre arquinho duplo igualmente inserido em rectângulo. A face D foi desbastada mas não decorada por ser a parte que ficaria embutida na parede.

⁴²⁰ Anexo II, 5, fig. 9.

Paralelos: O pilar de Elvas que serviu de degrau a uma casa da Rua João de Olivença (pilar Wrench: 364), a imposta do Museu de Elvas (imposta Wrench: 372) e a cancela conservada em Fronteira (cancela n.º 10), têm os mesmíssimos motivos com o mesmo trabalho escultórico: rosácea 2d, quartos de círculos duplos (10c), trifólios sobre arquinho (1c), cruces páteas com extremidades côncavas (6d). A cruz pátea deste tipo também se encontra na pilastra n.º 4 de Bencatel e num pilar conservado no museu de Badajoz. Os trifólios de folha alongada e delimitados por sulcos externos encontram-se igualmente na cancela n.º 12 de S. Pedro de Almuro (Monforte), no fragmento n.º 13 de Fortios (Portalegre) e na imposta n.º 14 de S. Pedro de Sousel.

Observações: A decoração desta peça é realizada a bisel, delimitando todos os motivos com sulcos profundos. O relevo das pétalas das rosáceas e dos trifólios é aplanado e o fundo rebaixado. Este trabalho escultórico é o mesmo que os paralelos de Elvas e Fronteira, pelo que podemos supor que estas peças provêm de um mesmo atelier ou que foram realizadas segundo um mesmo cartão, pelo que propomos uma proveniência desta peça do Alto Alentejo.

Bibliografia: Inédito

N.º 10 - Placa de cancela

Lugar de achamento: Desconhecido, algures no distrito de Portalegre (o proprietário tinha terrenos perto de Torre de Palma), identificada no âmbito da Carta Arqueológica de Fronteira em 2002.

Paradeiro actual: Colecção Particular em Fronteira.

Medidas: -

Matéria: calcário marmóreo de grão médio pouco consolidado.

Descrição: Parte inferior de uma placa de cancela⁴²¹, de forma rectangular, decorada numa das faces. Num dos lados nota-se o encaixe que servia para a juntar a outra placa. A decoração na parte superior foi entroncada, provavelmente para ser reutilizada como material de construção. A parte inferior de uma cruz pátea com oito braços é visível. As extremidades são côncavas, os braços são delimitados por sulcos e o fundo foi rebaixado. Esta cruz ou crísmon encontra-se inserida num quadrado. A ladear a cruz foram esculpidas duas colunas - igualmente inseridas num rectângulo - de que se vê só a parte da base quadrangular e do fuste cilíndrico. O registo inferior é composto por quatro quadrados: os dois centrais são decorados por rosáceas de tipo Beja variante 2d, ladeadas por duas rosáceas de doze pétalas realizadas a bisel e inseridas num círculo. Os espaços residuais entre as rosáceas, os quadrados e os círculos foram rebaixados, conferindo assim um maior contraste de claro-escuro ao conjunto escultural. O último registo é composto por uma representação arquitectónica de quatro arcos duplos, ligeiramente ultrapassados, sobre fustes lisos. O espaço interno destas “portas” foi rebaixado e deixado liso.

Paralelos: O pilar de Elvas que serviu de degrau a uma casa da Rua João de Olivença (pilar Wrench: 364), a imposta do Museu de Elvas (imposta Wrench: 372) e a imposta conservada no M.N.A. (imposta n.º 9) têm os mesmíssimos motivos com o mesmo trabalho escultórico: rosácea 2d, arcos duplos e cruces páteas com extremidades côncavas. A cruz pátea com 8 braços da peça n.º 5 é semelhante, mas não delimitada por sulco em toda a volta como aqui. A cruz pátea de quatro braços da pilastra n.º 4 de Bencatel e de um pilar conservado no museu de Badajoz são do mesmo tipo escultórico do que esta cancela. As colunas cilíndricas com base rectangular encontram-se na cancela de S. Pedro de Almuro (Monforte).

Observações: A decoração desta peça é realizada bisel, delimitando todos os motivos com sulcos profundos. O relevo das pétalas das rosáceas é aplanado e o fundo rebaixado. Este trabalho escultórico

⁴²¹ Anexo II, 5, fig. 10..

é o mesmo que o dos paralelos, pelo que podemos supor que estas peças provêm de um mesmo atelier ou que foram realizadas segundo um mesmo cartão, pelo que propomos uma proveniência desta peça do Alto Alentejo.

Bibliografia: Inédito.

N.º11 – Cimácio

Lugar de achamento: Burraz 2, Fronteira. Recolha de superfície (por A. Carneiro, no âmbito da Carta Arqueológica de Fronteira em 2002). Micro-topónimo do terreno contíguo é o da “Courela da Capelinha”:

Paradeiro actual: Reserva arqueológica da Câmara de Fronteira.

Medidas: alt.: 10,8 x larg.: 30,5 x esp. 14. Largura da base: 7 x 7

Matéria: mármore cinzento de grão grosso (de Trigaches?)

Descrição: cimácio de forma troncopiramidal completo⁴²². A superfície está bastante danificada (provavelmente por causa de trabalhos agrícolas, visto serem danos recentes). A parte superior das faces principais é decorada por estrias oblíquas simplesmente incisas na pedra, decoração delimitada por um rebordo horizontal. As faces menores são decoradas por um trifólio sobre arquinho duplo. O trifólio e o arquinho são de forma achatada, trabalhados a bisel.

Paralelos: um cimácio idêntico (mesma decoração, mesma matéria, mesmo trabalho escultórico) de proveniência desconhecida conserva-se no Museu de Beja (imposta Wrench: 421).

Observações: O trabalho escultórico é tosco, sobretudo devido à grossura do grão que não permite um trabalho mais fino. Os trifólios, apesar de serem o mesmo motivo do que os trifólios das outras peças aqui apresentadas, são achatados e largos, afastando-se assim das características escultóricas do grupo de Évora/Elvas. Este cimácio poderá ter sido esculpido nas proximidades de Beja. O sítio do Burraz 2 é interpretado como casal agrícola por A. Carneiro (2011) mas a presença deste cimácio e do micro-topónimo “Courela da Capelinha” apontam para um possível local de culto medieval, ou quiçá mesmo visigótico.

Bibliografia: Inédito

N.º12. Placa de cancela

Lugar de achamento: Peça reutilizada como material de construção na ombreira de uma das janelas da Igreja de S. Pedro de Almuro, Monforte (no âmbito do projecto LACOM).

Paradeiro actual: Reserva Arqueológica da Câmara de Monforte.

Medidas: alt.: 35,5 x larg.: 48,5 x esp. 7.

Matéria: Mármore branco de grão fino.

Descrição: Canto inferior esquerdo de placa de cancela⁴²³. A parte inferior da placa foi grosseiramente desbastada deixando uma banda de 5cm alisada logo sob a zona esculpida. A decoração começa com uma banda de fundo rebaixado composta por uma haste sinusoidal simples com cachos de uva. Os bagos de uva são pequenas esferas circunscritas num cacho de forma sub-triangular. Do lado direito segue um rectângulo de fundo rebaixado preenchido por dois trifólios sobre arquinho, cujas folhas compridas são delimitadas por um sulco mediano; estes trifólios ladeiam um motivo arquitectónico:

⁴²² Anexo II, 5, fig. 11.

⁴²³ Anexo II, 5, fig. 12.

duas colunas de fuste cilíndrico e base delimitada por um toro simples sobre bases quadrangulares de tamanhos distintos.

Paralelos: As peças n.º 9 (M.N.A.), n.º 10 de Fronteira, n.º 13 de Fortios (Portalegre) e n.º 14 de S. Pedro de Sousel têm o mesmo tipo de trifólios alongados e delimitados por sulco externo. As colunas sobre base quadrangular encontram um paralelo na cancela n.º 10 de Fronteira, imitando os elementos arquitectónicos visíveis nas cancelas e nichos de Mérida (Cruz Villalón, 1985: n.º 117 a n.º 121). As hastes com cachos deste tipo encontram-se numa pilastra conservada no Museu de Badajoz.

Observações: a qualidade do mármore e do trabalho escultórico desta peça denota uma proveniência similar às peças referidas nos paralelos, sendo assim proposta uma realização num mesmo atelier na zona de Évora/Elvas.

Além desta cancela, foram encontradas peças visigóticas referidas e desenhadas por António Cunha⁴²⁴ (1985: 253). Uma placa de cancela (?) composta na parte superior por um crísmo com alfa e ómega, por baixo, inserido num rectângulo, um motivo de arcadas sobre colunas torsas, seguido por uma Vieira de 6 canas. O último motivo não é reconhecível, são representados cinco folhas oblongas e paralelas. Ladeando estes motivos foi esculpida uma série de quadrados preenchidos de maneira alternada por cruces e quadrifólios. A segunda peça parece uma placa decorada por uma coluna torsa e capitel.

Bibliografia: inédito.

N.º13. Fragmento com trifólio

Lugar de achamento: Desconhecido.

Paradeiro actual: Embutido na parede exterior da igreja S. Domingos de Fortios (Portalegre).

Medidas: comp. máx.. 26 larg. máx.: 12,5

Matéria: mármore branco de grão fino.

Descrição: pequeno fragmento⁴²⁵ representando o motivo do trifólio alongado sobre arquinho, delimitado num rectângulo de fundo rebaixado.

Paralelos: As peças n.º 9 (M.N.A.), n.º 10 de Fronteira, n.º 12 de S. Pedro de Almuro (Monforte) e n.º 14 de S. Pedro de Sousel têm o mesmo tipo de trifólios alongados e delimitados por sulco externo

Observações: esta peça terá provavelmente sido esculpida num mesmo atelier do grupo escultórico Évora/Elvas.

Bibliografia: Inédito

N.º14. Cimácio

Lugar de achamento: Horta de S. Pedro, Sousel. Recolha de superfície no âmbito da tese de doutoramento de A. Carneiro (2009).

Paradeiro actual: Reserva Arqueológica de Fronteira.

Medidas: larg. 34,6 x alt. 11,5 x esp. 19 largura da base: 7 x 7

⁴²⁴ Anexo II, 4, fig. 36 e 37.

⁴²⁵ Anexo II, 5, fig. 13.

Matéria: calcário marmóreo branco de grão médio.

Descrição: Cimácio troncopiramidal⁴²⁶. As faces principais são somente decoradas, na parte superior, por uma banda alisada em baixo-relevo rematada por dois sulcos incisos paralelos. As faces menores foram decoradas pelo motivo do trifólio de folhas alongadas delimitadas por sulco externo, inserido num rectângulo. O espaço residual entre o rectângulo e a forma trapezoidal da superfície é delimitada pelos mesmos sulcos incisos. Esta delimitação encontra-se igualmente enquadrando a parte inferior do cimácio, na base onde assentaria um colunelo, conferindo assim um aspecto muito coeso a esta peça.

Paralelos: A imposta n.º 9 (M.N.A.), a cancela n.º 10 de Fronteira e n.º 12 de S. Pedro de Almuro (Monforte) e o fragmento n.º 13 de Fortios (Portalegre) têm o mesmo tipo de trifólios alongados e delimitados por sulco externo.

Observações: tal como para as peças acima referidas, este cimácio deverá ter esculpido num atelier no Alto Alentejo. Para a caracterização do local remeto para a ficha de sítio.

Bibliografia: Inédito

N.º15. Fragmento arquitectónico

Lugar de achamento: Torre do Álamo, Sousel (prospecção de André Carneiro, no âmbito da sua tese de doutoramento, 2011)

Paradeiro actual: Reserva Arqueológica da Câmara de Fronteira

Medidas: comp. 14,3 x larg. 7,3 x esp. 3,3

Matéria: mármore branco com veios cinzentos, de grão fino.

Descrição: pequeno fragmento⁴²⁷ representando a extremidade de uma peça, decorado com o motivo da dupla trança. O espaço central das tranças foi somente rebaixado.

Paralelos: o motivo da trança é recorrente em vários grupos escultórico, destacando-se o de Beja. O espaço central é no entanto maior e decorado por motivos diversos. Aqui, a pequenez do motivo não permitiu este pormenor.

Bibliografia: inédito.

⁴²⁶ Anexo II, 5, fig. 14.

⁴²⁷ Anexo II, 5, fig. 15.

3. FICHAS DAS PEÇAS EPIGRÁFICAS

N.º1 – Epitáfio de *Taumastus*

Alvito.

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º2).

⊂ *alpha crux omega* ⊃

Taumast –

us famul(us) D(e)i

v(i)x(i)t ann(os) pl(us) minu(s) L

requievit in pa –

ce sub d(i)e

XVIII K(a)l(endas) Iannuarias

Era DCLX

Tradução: *Taumastus*, servidor de Deus, viveu mais ou menos cinquenta anos e descansou em paz no dia 18 (antes) das Calendas de Janeiro da era de 660 (=15 de Dezembro de 622).

N.º2 – Epitáfio métrico de *Maura*

Vale de Aguilhão (Beja).

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º3).

Dimensões: alt.: 62 x larg.: 33 x esp. 7 cm

⊂ *crux* ⊃ *Circundate vos omnes* ⊂ *punctum* ⊃ *pariter*

plorate mecum quia hoc novum

non est mori ⊂ *punctum* ⊃ *flete mecum om-*

nes quos valde tangit causa dolo-

ris et adflictio mortis ⊂ *punctum* ⊃ *promi-*

te luctibus et meritis almīs Mau-

ra(m) fuit mīci subrina ⊂ *punctum* ⊃ *pulcra*

illa nimis aspectibus decora et

facie pulcra quem (!) mater castam

generavit et terra virginem sus-

cepit et sine iniquitate sepulcro

restituit ⊂ *punctum* ⊃ *eu me miseram (!) qui ta-*

lem etatis florem a XV^m anno

perdidi ⊂ *punctum* ⊃ *eu me desolatum*

*qui dum cepi gaudere tunc de-
solabor et multis dolo-
rib(us) pro te adfligo hoc ego
Calandronius oro D(eu)m ut ti-
bi det requiem sempiterna(m)
requievit in pace D(omi)ni
quarto Kal(endas) Agustas era*

DCCIII

Tradução:

Formai círculo, vós todos;
Em uníssonos chorai comigo,
Porque boa nova
não é esta: morrer...
Chorai comigo todos
quantos atinge profundamente
a causa da (minha) dor
e a aflição da morte.
Trazei a público em lamentações
e em reconhecimento de altos méritos
Maura!

Era minha sobrinha;
de beleza invulgar
e formosa de feições.
A ela criou-a a mãe em castidade,
virgem a recebeu a terra
e, sem inquinamento,
a restituiu à sepultura.

Ai de mim, na desolação,
que a esta na flor da idade,
nos seus quinze anos, perdi!

Ai de mim, abandonado,
que, quando começava a minha alegria,
aí começou a minha desolação!

Por tudo isto, eu, *Calandronius*,
peço a Deus
que a ti te dê repouso
sempiterno.

Descansou na paz do Senhor
no dia quatro (antes) das Calendas de Agosto da Era de 703 (= 29 de Julho de 665)

N.º 3 – Epitáfio de *Martinus*

Vila Verde de Ficalho (Serpa).

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º6).

Dimensões: alt.: 56 x larg. 36 x esp.: 4,4 cm

⊂ *crux* ⊃ *Martinus* ⊂ *signacula* ⊃

famulus ⊂ *Christ* ⊃ *i*

*hvi*xit annos

numero LXIII

hobiit in pace

sub die X K(a) l(en)d(as)

Martias

hera DCLXIII

Tradução: *Martinus*, servidor de Cristo, viveu sessenta e quatro anos completos e morreu em paz no décimo dia (antes) das Calendas de Março a era de 664 (= 20 de Fevereiro de 626)

N.º 4 – Epitáfio de *Domitia*

(Desaparecida).

Herdade de Galharda (Vila Viçosa).

Na parte superior havia um *chrismon* com *alpha* e *omega* dentro de um círculo.

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 110).

Dimensões: alt.: 84 x larg. 45 cm (espessura não avaliável).

⊂ *alpha chrismon in circulo omega* ⊃

Domitia

p(uell)a vixit

annum

m(enses) IIII *d(ies)* XIII

Tradução: A menina *Domitia* viveu um ano, quatro meses e catorze dias.

N.º 5 – Epitáfio métrico de *Venantia*

Monte da Azinheira (Reguengos de Monsaraz)

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 111).

Dimensões: alt. 175 x larg. 59 (espessura desconhecida)

Dum simul d<u>lce

⊂ *crux* ⊃ *m cum viro carpe* –

re vitam ⊂ *signum* ⊃

ilico [m]e fortunatu-
na (!) tulit semper nox
sea (!) cuntis (!) ⊂ signum ⊃
vita dum vix<i> Venantia
nomen in seculo (!) gesi ⊂ signum ⊃
ter deciens quater in pa
ce quietos pertin (!) annos <⊂ signum ⊃>
ultimum iam solvi de
vitum comunem omni-
bus unum ⊂ signum ⊃ hoc
loco erga meos elegi
quiescere proles ⊂ signum ⊃
[no]ndum quos Dominus
[vo]cavit purgatos un
[da] labacri ⊂ signum ⊃ requi-
[er]it in pace sub d(ie) XI
[Kal(endas)] Februar(ias) er<a> DCXXXI

Tradução:

Quando em companhia do meu marido gozada as doçuras da vida,
de improviso me levou uma sorte para todos sempre adversa.
Enquanto vivi, o nome de *Venantia* tive no século,
trinta e quatro anos passei tranquilos em harmonia.
O último tributo que a todos é comum, já satisfiz.
Neste lugar, frente aos meus filhos, escolhi para descansar.
A eles o Senhor ainda não os chamou, mas estão purificados pela água do baptismo.
Repousou em paz, no dia 11 (antes) das Calendas de Fevereiro da era de 631 (22 de Janeiro de 593).

N.º 6 – Epitáfio de [Pe]rus

A proveniência desta inscrição é desconhecida, porém M. M. Alves Dias propõe vir do cemitério paleocristão de Silveirona. Esta peça não é no entanto referida nos cadernos de Campo de Manuel Heleno. Se fosse de Silveirona, seria o epitáfio mais antigo do cemitério, visto que as inscrições daquele sítio datam todas da primeira metade do século VI d.C..

Dimensões: alt. 70 x larg. 44 x esp. 2,5 a 3.

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 112)

[Pe]rus ser-
[v]us D(e)i reces-
[s]it [i]n pace

X [K]a[l(endas)]

I[n]l[as]

[era] DX [— —]

Tradução: *Petrus*, servo de Deus, partiu em paz, no dia 10 (antes) das Calendas de Julho da era de 5(10?) (= 22 de Junho de 472?).

N.º 7 – Epitáfio de [P]edanus

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 15,5 x larg. 18 x esp. 2,7 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 113)

[P]edanus vixit [— —]

[— — — requievi]t in pace s[ub d(i)e] — — —]

[— — — era] D L I

Tradução: [P]edanus viveu (um número desconhecido de) anos; descansou em paz pelo dia... (da era de) 551 (= ano 513 d.C.)

N.º 8 – Epitáfio de Sabinus

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 154 x larg. 53 x esp. 10

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 114)

Sabinus v(i)r b(onestu)s

vixit annos

LXXV requit in

pace d(i)e III Idus

Martias

era DLV

Tradução: *Sabinus*, homem de condição social superior, viveu 75 anos, repousou em paz no dia 3 dos Idos de Março da era 555 (= 13 de Março do ano de 517 d.C.?)

N.º 9 – Epitáfio sem nome

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 30 x larg. 35,5 x esp. 2 a 2,5 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 115)

[--- *i*] *n*

[*p**a*] *ce d(ie) I I?* [--- *I*] *dus*

[*Iu*] *lias era DLX*

Tradução: ...em paz no dia [indeterminado] dos Idos de Julho da era de 560 (= a. 522).

N.º 10 – Fragmento de epitáfio

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 27,5 x larg. 11,5 x esp. 2

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 116)

I [-----] I

[---] *v*[*ixit*]

[*an(nos)*] *XI re[quievit]*

[*in*] *pace* [---]

[*pr*] *die Ka*[*l(endas)*]

[*De*] *cem*[*bres*]

[*era*] *D ? L X* [---?]

Tradução: ...[alguém viveu] onze anos descansou em paz... um dia antes das Calendas de Dezembro... [do ano de] 5(?)60 (= 30 de Novembro de 522).

N.º 11 – Epitáfio de *Veran[ia]nus*

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 40 x 46 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 117)

⊂ *crux* ⊃

Veran[*i*] *annus*

famulu[*s Dei vi* -]

xit ann[*os* - - -]

reque[*vit in pa* -]

ce *IIII Kal*(*endas*)

Innias er[*a*]

DLXVIII

Tradução: *Veranianus*, servidor de Deus, viveu... anos; descansou em paz no dia 4 (antes) das Calendas de Junho da era de 569 (= 29 de Maio de 531).

N.º 12 – Epitáfio de *Savinianus*

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 40 x 46 cm (mesma peça que a precedente)

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 118)

⊂ *crux* ⊃

Saviniānus

famulus Dei vi –

xix ānnos XVIII

requievit in p(a)ce

XV Cal(e)n(das) Austas (!)

era D L X X X I

Tradução: *Savinianus*, servidor de Deus, viveu dezoito anos e descansou em paz no (dia) 15 (antes) das Calendas de Agosto da era de 581 (= 18 de Julho de 543).

N.º 13 – Epitáfio de *Talassa*

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 104 x 51,1 x esp. 9,5 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 119)

⊂ *crux* ⊃ *Talāssa famo –*

la Dei vixsit

annos XLIII

et requiet

in pace XV

Cale(ndas) Septembres

era D L X X X II

Tradução: *Talassa*, servidora de Deus, viveu quarenta e quatro anos e descansou em paz no dia 15 (antes) das Calendas de Setembro, da era de 582. (= 18 de Agosto de 544)

N.º 14 – Fragmento de epitáfio

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 46 x 19 x esp. 2 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 120)

⊂ *corona* ⊃

[— — —] *n*

[— — —] *s*

[— — —] *b*

[— — — *kal*] *en*—

[*das Sept (em)*] *bres*

[— — —] *se*

N.º 15 – Fragmento de epitáfio

Silveirona (Estremoz)

Dimensões: alt. 28 x 26,5 x esp. 3,3 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 121)

[— — — *vixit a*] *nnos LX requiet*

[*in pace d(i)e*] *XV K(alendas) [Sep]t[em]b[re]s era* [— — —]

Tradução: ...viveu sessenta anos, descansou em paz no dia 15 (antes) das Calendas de Setembro na era de... (= 18 de Agosto de...).

N.º 16 – Fragmento de epitáfio, decorado com coroa de traços oblíquos

Silveirona (Estremoz)

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 122)

N.º 17 – Epitáfio de *Optatus*

(Desaparecida).

S. Salvador de Aramenha (Marvão)

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 155)

⊂ *crux* ⊃ *Optatus famulus*

Dei vixit annos L I I

requievit in pace d(i)e

VIII <Kal(endas)> Augustas era

DLI

Tradução: *Optatus*, servidor de Deus, viveu cinquenta e dois anos; descansou em paz no dia 8 (antes) das Calendas de Agosto da era de 551 (= 25 de Julho de 513).

N.º 18 – Epitáfio de *Petra*

Monte da Palhinha (Fronteira)

Dimensões: alt. 135 x 50 x esp. 10 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 156)

⊂ *omega chrismon alpha in corona* ⊃

Depositio in –

fantis Petre

Lancie mon(a)st(erio)

tempuus vixit

ann(o)s VIII

⊂ *alpha chrismon omega in circulo* ⊃

Tradução: Sepultura da menina *Petra*, viveu o tempo de 8 anos no mosteiro de *Lancia*.

N.º 19 – Inscrição monumental

Campo Maior, Portalegre

Dimensões: alt. 32 x 50 x esp. 5 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 157)

M S T E

S T

O ⊂ circulo ⊃

I V E

N A R I

L R

Transcrição: *Monasterio Silve(s)ter*

Tradução: Mosteiro (círculo) *Silvester* (?).

N.º 20 – Inscrição da Igreja dedicada aos mártires *Iustus e Pastor*

S. João dos Azinhais (Alcácer do Sal)

Dimensões: alt. 36 x 71 x esp. 43 cm

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 161)

⊂ *frontão hédere sobre monograma ladeado por elementos vegetais e volutas com hexafólio* ⊃

⊂ *crux* ⊃ *hunc denique edificiu(m) s(an)c(t)ór(um)*

n(om)ne ceptum : Iusti et Pastôris

martirûm q(u)or(um) cōnstât esse sacra –

tum cōsummatu(m) est ôc opuûs (!) era ○ *D C C*

XX

Tradução: (Eis) finalmente este edifício iniciado em nome dos santos mártires *Justus* e *Pastor* aos quais consta estar dedicado. Terminou-se esta obra na era de 720 (= era de 682).

N.º 21 – Inscrição de *Sintício*

(Desaparecida)

Alcácer do Sal

Bibliografia completa em Dias e Gaspar (2006: n.º 162)

⊂ *alpha crux omega* ⊃ *Sinticio* ⊂ *hedera* ⊃ *famulus D(e)i*

cognomento D(e)idomum

paterno traens lineam Getarum

huic rudi tumulo iacens ⊂ *hedera* ⊃

qui hoc seculo XII

compleverat lustris

dignum deo in pace ⊂ *hedera* ⊃

comendavit ispiritum

sub d(ie) VI Id(us) Agustas ⊂ *hedera* ⊃

er(a) DCLXX ⊂ *hedera* ⊃ *tibi detûr pax a D(o min)o*

Tradução:

Sinticio, servidor de Deus, por nome paterno *Deidomus*, continuador da linhagem dos *Geta*, neste rude túmulo jazente, que neste mundo completara doze lustris, entregou santamente em paz a Deus o seu espírito, no dia 6 dos Idos de Agosto da era de 670 (= 8 de Agosto de 632). Que te seja dada a paz pelo senhor.